

A
ALVORADA
DE
ONYX

AS PEDRAS SAGRADAS

KATE GOLDEN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A
ALVORADA
DE
ONYX

AS PEDRAS SAGRADAS

KATE GOLDEN

KATE GOLDEN

A ALVORADA DE ONYX

Tradução de
Ivo Traga



Ficha Técnica

Título: A Alvorada de Ónix
Título original: A Dawn of Onyx
Autor: Kate Golden
Editora: Rita Fazenda
Tradução: Inês Fraga
Revisão: Susana Ladeiro
Capa original: Jack Johnson
Adaptação: Maria Manuel Lacerda
ISBN: 9789892361017

© 2024, edições ASA II, S.A.
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37

Autora: © 2022, Natalie Sellers; Epílogo © 2023, Natalie Sellers;
Excerto de A Promessa de Peridot, por Kate Golden, 2023,
© Natalie Sellers

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com

Ficha Técnica

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

Kane

Agradecimentos

A PROMESSA DE PERIDOT

ARWEN

Ao Jack.
Obrigada por teres sido o meu MMC da vida real.
Ensinaste-me como é o verdadeiro amor.



O Ryder e o Halden estariam provavelmente mortos.

Não tinha a certeza do que me deixava mais maldisposta, se o ato de finalmente assumir essa verdade a mim mesma, se o ardor e a dor que sentia nos pulmões. A segunda infelicidade era, notoriamente, autoinfligida — aquele segmento da corrida matinal era sempre o mais brutal —, mas aquele dia marcava um ano desde que as cartas haviam parado de chegar e, embora eu tivesse jurado não pensar no pior até que houvesse razão para tal, o silêncio epistolar era algo difícil de contestar.

O meu coração fez um baque infeliz.

Na tentativa de varrer os pensamentos desagradáveis para baixo das tábuas da minha mente, foquei-me em chegar à orla da clareira sem vomitar. Agitei as pernas, puxei os ombros para trás e senti a trança cair-me entre as omoplatas tão ritmadamente como se fosse ao som de um tambor. Só mais uns passos...

Alcançando por fim a extensão de relva fresca, estaquei, pousando as mãos nos joelhos e inspirando fundo. No ar pairava a fragrância que o Reino de Amber sempre tivera — orvalho matinal, madeira de uma fogueira próxima e as notas terrosas e frescas de folhas a apodrecer lentamente.

Porém, as inspirações profundas não bastavam para impedir que a minha visão se desfocasse, pelo que tombei de costas no chão, o peso do corpo a esmagar as folhas em baixo de mim com um rangido seco e satisfatório. A clareira estava repleta delas — os derradeiros vestígios do inverno.

Dezoito meses antes, na noite da véspera de todos os homens da nossa vila serem mobilizados para lutarem pelo nosso reino, a minha família reunira-se no monte relvado mesmo por detrás de nossa casa. Juntos, contemplámos uma última vez o pôr do sol rosado, a desvanecer como uma pisadura por detrás da nossa vila de Abbington. De seguida, o Halden e eu esquivámo-nos para aquela mesma clareira e fingimos que ele e o meu irmão, Ryder, não estavam de partida.

Que voltariam um dia.

Os sinos tocaram no largo da vila, distantes, ainda assim suficientemente nítidos para me sacudirem da memória melancólica. Sentei-me, o cabelo emaranhado agora repleto de folhas e galhos. Ia chegar atrasada. De novo.

Malditas pedras.

Grrr... *Merda.* Estremeci ao levantar-me. Andava a tentar praguejar menos com as nove Pedras Preciosas Sagradas que compunham o núcleo do continente. Não me preocupava tanto com amaldiçoar a divindade da criação de Evendell, mas detestava a força do hábito que se impunha pelo facto de ter crescido em Amber, o reino que venerava de forma mais devota as Pedras.

Corri de novo pela clareira, pelo trilho por detrás do nosso chalé e rumo à vila que começava a despertar. Enquanto corria por caminhos que mal conseguiam acomodar duas pessoas que seguissem em direções opostas, um pensamento deprimente inundou-me. *Abbington costumava mesmo ser mais encantadora.*

Pelo menos, era encantadora nas minhas memórias. Ruas de calçada outrora limpíssimas e pontilhadas de músicos e mercadores ambulantes encontravam-se agora juncadas de lixo e abandonadas. Os edifícios de tijolos dissonantes, cobertos de vinhas e aquecidos por lanternas tremeluzentes, haviam sido reduzidos a escombros — abandonados, incendiados ou arrasados, quando não as três coisas em simultâneo. Era como contemplar o interior de uma maçã a apodrecer com lentidão, a tornar-se cada vez menos vibrante até que um dia pura e simplesmente desaparecia.

Estremeci, fruto quer dos pensamentos quer do tempo. Com sorte, o ar frio secara-me alguma da humidade da cabeça; a Nora não gostava de uma aprendiz transpirada. Mal abri a porta rangente, etanol e menta adstringente assaltaram-me as narinas. O meu aroma predileto.

— Arwen, és tu? — perguntou a Norah, a voz ecoando pelo corredor da enfermaria. — Estás atrasada. A gangrena de Mr. Doyle está a piorar. Pode perder o dedo.

— Perder o meu *quê*? — grasnou uma voz masculina por detrás da cortina. Lancei à Nora um olhar fulminante e entrei no quarto improvisado, dividido por cortinas de algodão.

Malditas pedras.

Mr. Doyle, um idoso calvo, que era só testa e lobos de orelhas, estava na cama, agarrando a mão magoada como se fora uma sobremesa roubada que alguém lhe quisesse tirar.

— A Nora está só a brincar — anunciei, puxando uma cadeira. — Tem um humor muito engraçado e profissional. Vou certificar-me de que todos os dedos continuam no devido sítio. Prometo.

O dom formigava-me na ponta dos dedos, ansioso por ajudar. Não tinha a certeza de precisar dele naquele dia; gostava do trabalho meticuloso, e a gangrena era rotina.

Porém, nunca me perdoaria se não cumprisse a promessa que fizera ao

rabugento Mr. Doyle.

Cobri uma mão com a outra, como se não quisesse que ele visse até que ponto a sua ferida era terrível — tornara-me muito boa a encontrar maneiras de utilizar sorrateiramente os meus poderes nos pacientes. Mr. Doyle fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, e eu permiti que uma centelha de luz pura me escorresse dos dedos como sumo de limão.

A carne a apodrecer aqueceu e ficou num tom rosado de novo, curando-se ante os meus olhos.

Era uma boa curandeira. Tinha uma mão firme, mantinha-me calma sob pressão e nunca me sentia nauseada perante as entranhas de alguém. Porém, também conseguia curar em moldes que não podiam ser ensinados. O meu poder era uma luz vibrante e errática que me escorria das mãos e mergulhava nos outros, espalhando-se-lhes pelas veias e artérias. Consequia unir um osso partido, devolver as cores a um rosto devastado pela gripe ou coser um golpe fundo sem agulha.

No entanto, não se tratava de uma feitiçaria qualquer. Não existiam bruxas ou feiticeiros na minha família e, mesmo que os houvesse, quando usava os meus poderes, não se tratava de um feitiço proferido, a que se sucedia um pé de vento e estática. Ao invés disso, o meu dom escapava-se-me do corpo, drenando-me sempre a energia e a mente. Desde que providas dos livros certos e sob tutela de outrem, as bruxas podiam fazer magia sem fim. O meu dom desvanecer-se-ia se o usasse demasiado, deixando-me exausta. Por vezes, eram mesmo necessários vários dias para que o meu poder regressasse por completo.

Da primeira vez que me exaurira numa vítima com queimaduras particularmente brutais, julgara que o meu dom desaparecera de vez, deixando-me com um misto inexplicável de alívio e horror. Quando finalmente regressou, disse de mim para comigo que estava grata. Grata pelo facto de em miúda, quando dava por mim coberta de vergões ou com um membro partido, poder curar-me antes que a minha mãe ou os meus irmãos reparassem no que o meu padraсто me fizera. Grata por poder ajudar os que me rodeavam e estavam a sofrer. Grata por poder fazer um dinheiro decente em tempos difíceis como este.

— Muito bem, Mr. Doyle, está como novo.

O idoso lançou-me um sorriso totalmente desdentado.

— Obrigado — disse, antes de se inclinar, conspiratório. — Não julguei que fosse capaz de o salvar.

— Essa falta de fé em mim magoou-me — brinquei.

Ele saiu cautelosamente da sala, e eu segui-o até ao átrio. Mal o idoso transpôs as portas, a Nora abanou-me a cabeça.

— O que é?

— Demasiado animada — disse ela, a boca rasgada num sorriso.

— É um alívio ter um paciente que não está às portas da morte. — Encolhi-me. Mr. Doyle era, na verdade, bastante idoso.

A Nora limitou-se a bufar e atentou novamente na gaze que tinha nas mãos. Esgueirei-me para o interior e tratei de higienizar alguns dos instrumentos cirúrgicos. Deveria sentir-me encantada com o facto de naquele dia termos poucos pacientes, mas a quietude estava a dar-me a volta ao estômago.

Curar distraía-me do meu irmão e do Halden. Ajudava-me a mitigar a infelicidade que me agitava as entranhas ante a sua ausência. Tal como acontecia com a corrida, havia algo de meditativo no ato de curar as pessoas que me acalmava a mente hiperativa.

O silêncio tinha um efeito oposto.

Nunca imaginara ficar encantada com um caso de gangrena, no entanto parecia-me que nos tempos que corriam algo que não fosse a morte certa já era uma vitória. A maior parte dos nossos pacientes eram soldados — ensanguentados, feridos e quebrados pela guerra — ou vizinhos que eu conhecera toda a vida, a murchar fruto dos parasitas encontrados nos esqueléticos restos de comida a que podiam deitar a mão. Esse, pelo menos, era um destino melhor do que a fome. Dos parasitas poderiam ser curados numa enfermaria. Da fome infundável, nem por isso.

E por entre toda aquela dor e sofrimento, a perda de entes queridos, as casas destruídas... continuava a ser um mistério o motivo pelo qual o Reino de Onyx entrara em guerra connosco. O nosso rei Gareth não iria entrar nos grandes volumes da história e a terra de Amber só era conhecida pelas suas colheitas. Entretanto, reinos como Garnet eram ricos em moedas e joias. As Montanhas Pearl tinham os seus pergaminhos antigos e os estudiosos mais procurados. Até os Territórios Opal, com as suas refinarias e terra virgem, ou as Províncias Peridot, com as suas enseadas brilhantes cobertas de tesouros escondidos, teriam sido melhores locais para começar a lenta escalada rumo ao poder sobre todo o Evendell. Porém, até agora, todos os outros reinos permaneciam incólumes e a solitária Amber estava a tentar que isso se mantivesse.

Ainda assim, nenhum outro reino lutava ao nosso lado.

Entretanto, Onyx estava pejado de riquezas, joias e ouro. Tinham a maior parte da terra, as cidades mais espantosas — ou assim ouvira dizer — e o exército mais poderoso. Mas nada disso era suficiente para eles. O rei de Onyx, Kane Ravenwood, destacava-se não só como imperialista, mas também como insaciável. Pior do que isso, era estupidamente cruel. Os nossos generais eram frequentemente encontrados enforcados nos seus próprios membros, por vezes esfolados ou crucificados. Ele tirava, tirava e tirava até que o nosso pobre reino pouco tinha com o que lutar. Pior, infligia dor por mero prazer, humilháva-nos cada vez mais, só por diversão.

A única opção passava por continuar a olhar para o lado positivo das coisas. Mesmo que se tratasse de um lado positivo muito ínfimo quase só visível através de uma tática de suborno e persuasão. Esse, explicara-me a Nora, era o motivo pelo qual ela me mantinha. *Tens jeito para isto, és otimista*

ao extremo e as tuas mamas incitam os rapazes locais a doarem sangue.

Obrigada, Nora. És um amor.

Espreitei-a, pousando o cesto cheio de ligadura e unguentos.

Nora não era a companheira mais calorosa, mas era uma das amigas mais chegadas da minha mãe e, apesar de aparentemente melindrosa, fora atenciosa o suficiente para me oferecer aquele emprego, para que eu pudesse prover a minha família quando o Ryder partiu. Até ajudava a minha irmã, Leigh, quando a minha mãe se sentia demasiado doente para a levar à escola.

O sorriso que estava a esboçar à Nora desvaneceu-se mal pensei na minha mãe — despertara demasiado frágil para sequer abrir os olhos nessa manhã. Apercebia-me bem da ironia de eu ser uma curandeira e a minha mãe estar a morrer lentamente de um padecimento que nenhum de nós conseguia identificar.

Pior do que isso — e talvez mais irónico — os meus dons nunca haviam funcionado com ela. Nem sequer quando se tratava apenas de um corte de papel. Mais um sinal de que os meus poderes não eram os de uma bruxa comum, antes, isso, sim, algo mais estranho.

A minha mãe estava doente desde que eu começara a falar, mas piorara naqueles últimos anos. As únicas coisas que a ajudavam eram os pequenos remédios que a Nora e eu criávamos — cocções feitas de lírios brancos e margaridas, nativas de Amber, misturadas com óleo de ravensara e sândalo. No entanto, o alívio era temporário e as dores pioravam a cada dia que passava.

Abanei a cabeça para expulsar os pensamentos desagradáveis.

Não me podia focar naquilo de momento. A única coisa que importava era tomar conta dela e da minha irmã o melhor que pudesse, agora que o Ryder partira.

E poderia nunca mais voltar.

*

— Não, não me ouviste bem! Não disse que ele era giro; disse que era *astuto*. O que quer dizer inteligente ou vivido — ripostou a Leigh, lançando um toro de madeira na lareira a esmorecer. Engoli uma gargalhada e tirei as pequenas taças do armário.

— Hum, certo. Só acho que tens uma paixoneta, nada mais.

A Leigh revirou os olhos azuis-claros enquanto percorria a cozinha minúscula recolhendo os talheres e as canecas. A nossa casa era pequena e frágil, mas eu adorava-a do fundo do coração. Cheirava ao tabaco do Ryder, à baunilha que usávamos para cozinhar e aos fragrantes lírios brancos. Os desenhos da Leigh pendiam de quase todas as paredes. Sempre que abria a porta, um sorriso aflorava-me aos lábios. Encavalitada numa pequena colina com vista para grande parte de Abbington e com três quartos acolhedores e

soalheiros, era uma das melhores casas da nossa vila. O meu padraсто, Powell, construíra-a para mim e para a minha mãe antes de os meus irmãos nascerem. A cozinha era a divisão onde preferia sentar-me, a mesa de madeira montada pelo Powell e pelo Ryder certo verão, quando éramos novos e a mãe, mais saudável.

Que estranhas me pareciam aquelas memórias calorosas associadas aos caboclos da nossa casa tão em contraste com as que me enxameavam a cabeça, o estômago, quando pensava no rosto consternado do Powell e nos seus maxilares cerrados, nas cicatrizes nas minhas costas feitas pelo seu cinto.

Estremeci.

A Leigh sentou-se ao meu lado, arrancando-me daquelas memórias confusas e passando-me uma série de raízes e ervas para a medicação da nossa mãe.

— Toma. Já não temos rosmaninho.

Espreitei-lhe a cabeça loira e senti um afeto apoderar-se de mim — ela era sempre tão resplandecente, mesmo com a infelicidade da guerra que nos rodeava. Alegre, divertida, loira.

— O que é? — perguntou, semicerrando os olhos.

— Nada — ripostei, controlando um sorriso. Ela começara a ver-se como crescida e já não tolerava ser tratada como miúda. Olhares de adoração por parte da irmã mais velha não eram claramente permitidos. Gostava ainda menos de que a tentasse proteger.

Engoli em seco, lançando as ervas para o tacho borbulhante sobre a lareira.

Recentemente, rumores andavam a redemoinhar nas tabernas, nas escolas e mercados. Os homens tinham partido todos — o Ryder e o Halden haviam provavelmente dado as vidas — e continuávamos a perder para o malvado reino do Norte.

As mulheres teriam de se seguir.

Não é que não conseguíssemos fazer o que os homens faziam. Ouvira dizer que o exército do Reino de Onyx estava repleto de mulheres fortes e implacáveis, que lutavam ao lado dos homens. Eu é que não o conseguiria fazer. Não seria capaz de tirar a vida a outrem em nome do meu reino, não era capaz de lutar pela minha própria vida. A ideia de deixar Abbington arrepiava-me.

Preocupava-me, isso, sim, pela Leigh. Era demasiado destemida.

A sua juventude levava-a a julgar-se invencível e a sua sede de atenção fazia dela vistosa, arriscada e corajosa ao ponto da imprudência. A ideia dos seus caracóis loiros a saltitarem nas linhas da frente dava-me a volta à barriga.

Como se só isso não fosse já suficientemente mau, o facto de as duas sermos levadas para lutar contra Onyx significava que a nossa mãe ficaria sozinha. Demasiado velha e frágil para lutar, poderia não ser recrutada, mas não conseguiria tomar conta de si sozinha. Com todos os seus três filhos longe, não duraria uma semana.

Como é que eu conseguiria proteger qualquer das duas?

— Não podias estar mais enganada acerca do Jace — disse a Leigh, apontando-me o garfo com uma falsa confiança. — Nunca tive uma paixoneta na vida. Muito menos, por ele.

— Tudo bem — respondi, procurando as cenouras no armário. Questionava-me se a Leigh me distraía de propósito, se conseguia perceber que eu estava preocupada.

— Honestamente — prosseguiu, deixando-se cair à mesa da cozinha e enfiando os pés debaixo do rabo —, não me interessa o que pensas. Olha para o teu gosto! Estás apaixonada pelo Halden Brownfield. — A Leigh esboçou uma expressão de nojo.

O meu coração acelerou ao escutar aquele nome, lembrando-me da data e da ansiedade que sentira naquela manhã. Abanei a cabeça ante a acusação da Leigh.

— Não estou *apaixonada* por ele. Gosto dele. Como pessoa. Na verdade, somos só amigos.

— Hum, certo — replicou ela, escarnecendo do que eu achara dela e do Jace.

Coloquei as cenouras num tacho à parte para o jantar, ao lado da medicação da mãe. Fazer diversas tarefas em simultâneo tornara-se um dos meus pontos fortes desde que o Ryder partira. Abri a janela por cima da lareira, deixando que algum do calor de ambos os tachos se evadisse. A brisa fresca da noite percorreu-me o rosto pegajoso.

— Afinal de contas, qual é o problema do Halden? — perguntei, a curiosidade lançando-me as garras.

— Nenhum, para ser honesta. Era só chato. E picuinhas. E não era nada tonto.

— Para de dizer «era» — disse, de forma mais amargurada do que pretendia. — Ele está bem. Estão os dois.

Não se tratava de uma mentira. Apenas aquele lado esperançoso de mim a falar, que podia por vezes roçar a negação. A Leigh levantou-se para pôr a mesa, agarrando em canecas desirmanadas para a cidra.

— E o Halden é tonto, interessante... e picuinhas — concedi. — Essa última até aceito. É um pouco nervoso. — A Leigh sorriu, sabendo que me apanhara.

Escrutinei a minha irmã. Crescera tanto em tão pouco tempo que eu já não estava certa de que informação a estaria a proteger.

— Está bem — confessei, agitando a mistura nas duas panelas ao mesmo tempo. — Andávamos a ver-nos.

A Leigh ergueu as sobrancelhas sugestivamente.

— Mas, para te ser honesta, não havia nenhum «apaixonamento». Juro pelas Pedras.

— Porque não? Porque vocês sabiam que ele iria ter de partir?

Pousei o olhar na lareira, contemplando o tremeluzir das chamas débeis

enquanto pensava com seriedade na pergunta que me endereçara.

Era superficial, mas a primeira coisa que me veio à mente quando ouvi o nome do Halden foi o seu cabelo. Por vezes, sobretudo ao luar, os seus caracóis loiros pareciam tão claros que quase brilhavam. Foi, na verdade, a primeira coisa de que me apercebi — ele era o único rapaz na nossa vila com cabelo claro. Amber produzia maioritariamente gente de cabelo castanho da cor do chocolate ou loiros-escuros, como a Leigh e o Ryder.

Apaixonara-me por aquele cabelo loiro-claro com sete anos certos. Ele e o Ryder haviam-se tornado inseparáveis por volta dessa altura. Certa de que iria casar com ele, não me importava de lhes seguir o rasto em cada aventura e de me colar aos jogos de ambos, que terminavam invariavelmente com joelhos esfolados. O sorriso do Halden fazia-me sentir segura. Tê-lo-ia seguido para onde quer que fosse. A única vez que lhe vi o sorriso esmorecer foi o dia em que chegou a ordem de mobilização a Abbington.

Nesse, e no dia em que viu pela primeira vez as minhas cicatrizes.

Porém, se estava enamorada do Halden desde que era pequena, porque é que não me pareceu amor quando ele, por fim, viu em mim o que eu via nele há tanto tempo?

Não tinha uma boa resposta para isso; certamente, nenhuma adequada para uma criança de dez anos. Será que não o amara porque nunca vira o amor correr bem para ninguém, nomeadamente para a minha mãe? Ou porque, por vezes, lhe perguntava o que pensava ele do alargamento da terra já extensa de Onyx e as suas respostas pouco preocupadas deixavam-me melindrada por algum motivo que não conseguia perceber bem? Talvez a resposta fosse bem pior. A que esperava que não fosse verdade, mas temia mais — a de que eu não era capaz de semelhante sentimento.

Não havia ninguém mais merecedor disso do que o Halden. Outra pessoa que a minha mãe, o Ryder ou Powell desejassem para mim.

— Não sei, Leigh.

Voltei de novo a atenção para o jantar e cortei os vegetais em silêncio. A Leigh, sentindo que eu terminara aquela linha de diálogo, continuou a pôr a mesa. Quando o remédio da mãe acabou de ferver, transportei-o para a bancada para ficar em repouso. Quando arrefecesse, encheria um novo frasco e colocá-lo-ia na bolsa junto do armário, como sempre.

Talvez conseguisse fazer aquilo — tomar conta delas sozinha.

Pairava pela casa a fragrância apetitosa dos vegetais a cozer mesclada com as notas medicinais do unguento da mãe. Tratava-se de um aroma familiar. Confortável. Amber estava rodeada de montanhas, o que significava que o vale onde nos encontrávamos aninhadas tinha sempre manhãs gélidas, dias frescos e noites frias. Todas as árvores perdiam folhas amareladas ao longo do ano. As refeições assentavam sempre em alimentos como o milho, a abóbora e as cenouras. Mesmo os invernos mais agrestes acarretavam apenas chuva e ramos despidos, sendo que o verão mais quente de que tinha lembrança tivera umas meras três árvores verdes. Durante grande parte do

tempo, todos os dias do ano eram pardos e ventosos.

Ao cabo de vinte anos disso, havia dias em que parecia que tinha comido milho e abóbora para uma vida inteira. Tentei imaginar a minha vida repleta de outros sabores, paisagens e pessoas... Mas conhecera tão pouco, as fantasias surgiam-me enevoadas e vagas — uma constelação desordenada de livros que lera e de histórias que ouvira ao longo dos anos.

— Cheira divinalmente aqui.

Os meus olhos toparam com a minha mãe que manquejava até à cozinha. Em mau estado naquele dia, trazia o cabelo atado numa trança húmida na base do pescoço. Tinha apenas quarenta anos, mas o seu corpo magro e os malarres salientes envelheciam-na.

— Espera, deixa-me ajudar-te — disse, acercando-me dela.

A Leigh saltou da mesa, deixando uma vela por acender, para a amparar do outro lado.

— Estou ótima, juro — cacarejou, mas ignorámo-la. Por aquela altura, já se tornara uma dança bem coreografada.

— Rosas e espinhos? — perguntou, mal a sentámos à mesa.

Assim era a minha querida mãe, que, apesar da sua fadiga crónica, dor e sofrimento, sempre se preocupara genuinamente com o que acontecera nos nossos dias, e cujo amor por flores entrara nas nossas rotinas noturnas.

A minha mãe viera para Abbingdon comigo quando eu tinha perto de um ano. Nunca conheci o meu pai, mas o Powell estava disposto a casar com ela e a criar-me como sua. Tiveram o Ryder menos de um ano depois e a Leigh sete anos mais tarde. Era raro na nossa vila tradicional que uma mulher tivesse três filhos, uma dessas crianças de um pai diferente. Porém, ela nunca deixara que palavras desagradáveis lhe toldassem o brilho que irradiava a diário. Trabalhara incansavelmente toda a vida para nos oferecer um teto, comida no estômago e mais riso e amor num dia do que a maior parte das crianças conseguem numa vida.

— A minha rosa foi conseguir que o dedo do Mr. Doyle não fosse amputado — lancei. A Leigh fingiu vomitar. Deixei o espinho de fora. Caso elas não se houvessem ainda apercebido disso, não iria ser eu a partilhar que o meu irmão não nos escrevia há um ano.

— A minha foi quando o Jace me contou...

— O Jace é o rapaz que a Leigh acha giro — interrompi, esboçando um aceno conspirativo de cabeça à minha mãe, que me piscou o olho de forma dramática. Os olhos da Leigh reduziram-se a fendas apontadas para ambas.

— O primo dele é um mensageiro do exército, que entrega planos diretamente do rei Gareth aos seus generais em locais aonde nem os corvos os conseguem alcançar — explicou a Leigh. — O primo disse-lhe que viu um homem com asas na capital de Onyx. — Os olhos esbugalharam-se-lhe e puseram-se tão azuis como o mar.

Ante aquele absurdo, olhei para a minha mãe, mas ela limitou-se a esboçar um gesto de cabeça à Leigh. Tentei imitá-la. Não deveríamos fazer

pouco dela tantas vezes.

— Que curioso. Acreditas nele? — perguntou a minha mãe, pousando a cabeça na mão enquanto ponderava naquelas palavras.

A Leigh pensou na pergunta que lhe faziam enquanto eu provava o estufado.

— Não, não acredito — disse, depois de ponderar. — Acho que é possível que ainda possam existir Fae, mas julgo que o mais provável é tratar-se de algum tipo de bruxaria. Não acham?

— Sim, acho — concordei, embora não concordasse. As Fae haviam sido completamente extintas há anos, se é que alguma vez haviam existido. Mas não queria dar-lhe cabo da ficção.

Sorri à Leigh.

— Percebo porque é que estás tão apaixonada pelo Jace. Tem os melhores contactos.

A minha mãe controlou um sorriso que lhe aflorava aos lábios. Lá se ia a intenção de não gozar com ela. Força de hábito.

A Leigh franziu o sobrolho e lançou-se numa tirada acerca de como *obviamente* não nutria *quaisquer* sentimentos românticos por aquele rapaz. Sorri, conhecendo demasiado bem aquele esquema.

Histórias como as que contara o primo do Jace andavam sempre a pairar. Especialmente em relação a Willowridge, a misteriosa capital de Onyx. Na noite antes de partir, o Halden contara-me que corria o rumor de que estaria repleta de todo o tipo de criaturas monstruosas. Dragões, duendes, ogres — apercebia-me de que estava a tentar assustar-me, na esperança de que me aninhasse na segurança do seu abraço e lhe permitisse proteger-me do que quer que estivesse para lá das fronteiras do nosso reino.

No entanto, aquilo não me assustava nem um pouco. Sabia como eram fabricadas aquelas narrativas. Homens, adulterados a cada reconto da história, acabavam distorcidos em animais terríveis, com poderes desconhecidos e capazes de tormentos inomináveis. Na realidade, eram apenas... homens. Malvados, sedentos de poder, corruptos e debochados. Nada mais, nada menos, e nenhum deles pior do que o que vivera na minha casa. O meu padrasto era mais feroz e cruel do que qualquer monstro de uma história.

Não sei se essa verdade teria deixado o Halden mais assustado ou menos no dia em que ele e o Ryder partiram para a guerra. Definitivamente, não me iria ajudar se eu e a Leigh fôssemos obrigadas a combater.

A verdade é que o nosso rei Gareth estava a fazer o melhor que podia, mas Onyx tinha um exército de longe muito superior, melhores armas, aliados mais fortes e tenho a certeza de que dispunha de inúmeras outras vantagens que eu desconhecia. Podia jurar que Onyx não estava a vencer esta guerra graças a algum elemento maligno e fantasmagórico.

O suspiro da minha mãe afastou-me os pensamentos de criaturas perversas e malvadas e fê-los regressar à quente cozinha de madeira. Os últimos fiapos da luz do dia penetravam na divisão, deixando que as chamas

dançantes da lareira lançassem a sua face pálida na sombra.

— A minha rosa é este estufado e as minhas filhas lindas sentadas diante de mim. A minha bondosa e responsável Arwen. — Voltou-se para a Leigh. — A minha destemida e corajosa Leigh.

Senti algo gelado percorrer-me as veias. Sabia o que viria a seguir.

— E o meu espinho é o meu filho, de quem sinto tanta saudade. Mas passou um ano desde que tivemos notícias dele. Julgo... — Respirou. — Julgo que é tempo de aceitarmos que ele...

— Está ótimo — interrompi-a. — O Ryder está ótimo. Não imagino quão difícil será enviar uma carta nas condições em que ele possa estar.

— Arwen — começou a minha mãe, a voz calorosa, reconfortante e a deixar-me cheia de pruridos na pele com toda aquela gentileza.

Balbuciei, não a deixando terminar.

— Imaginas o que será enviar uma carta da selva para uma vila pequena como a nossa? Ou, ou... de uma floresta? Do meio do oceano? Quem sabe onde ele estará? — Começava a parecer histérica.

— Também me deixa triste, Arwen. — A vozinha da Leigh era ainda mais difícil de tolerar. — Mas acho que a mãe tem razão.

— É saudável falarmos sobre isso — prosseguiu a mãe, tomando a minha mão na sua. — Falarmos de quanto sentimos saudades dele, quão difícil será continuarmos sem ele.

Mordi o lábio; as suas expressões sérias rasgavam-me em dois. Sabia que tinham razão, mas dizê-lo em voz alta...

Por muito calmante que o seu toque fosse, retirei a mão e volvei a cara para a janela, deixando que a brisa da noite me murmurasse no rosto, e fechei os olhos ante a sensação de frescura.

Os pulmões encheram-se-me de ar crepuscular.

Não lhes podia dificultar a vida.

Envolvendo a tigela com as mãos para que estas parassem de tremer, volvei-me, para encarar a única família que me restava.

— Têm razão. É pouco provável que ele...

O som ensurdecador da porta de casa a abrir-se fez com que a tigela que estava a agarrar me saltasse das mãos e se escaqueirassem no chão. Um laranja-vivo espalhou-se por todo o lado como sangue fresco. Girei sobre mim e vi o rosto da minha mãe a alterar-se com o choque. Diante de nós, arfante, a cara ensanguentada e apoiado no caixilho para suportar um braço torcido, encontrava-se o meu irmão Ryder.

Por instantes, ninguém se mexeu e, depois, todas acorremos no mesmo momento.

Levantei-me de um salto, o coração nas mãos, sentindo as pulsações nos ouvidos. A dor do Ryder atravessava-lhe nitidamente o rosto, e a minha mãe lançou-se a ele, com as lágrimas a marejarem-lhe os olhos. A Leigh fechou a porta com rapidez, enquanto eu os ajudava a instalar-se à mesa.

Um alívio, profundo e avassalador, percorreu-me. Quase não me aguentava de pé tal fora a investida da emoção.

Ele estava vivo.

Inspirei fundo e estudei o meu irmão. O seu cabelo loiro-escuro curtinho; os olhos azuis-claros como estrelas; a sua compleição seca e esgalgada. Parecia agora tão estranho na nossa casinha — demasiado sujo e magro.

A Leigh afastou as tigelas para um lado da mesa e trepou para o tampo, sentando-se mesmo diante dele. Os olhos do Ryder emanavam alegria, mas tremeluziam também com algo mais. Algo mais negro.

Aguardei que a poeira do choque assentasse, no entanto o meu coração continuou a bater tão depressa que sentia a caixa torácica a abanar.

— Vejam bem como crescestes! — exclamou o Ryder à Leigh, uma mão ainda sobre o outro braço.

Ligaduras. Precisava de ligaduras.

Abri as gavetas todas até as encontrar, pegando logo de seguida num cobertor e em água.

— Toma — ofereci, envolvendo-o com o tecido de malha e beijando-lhe o cocuruto, com cuidado para não lhe tocar no ombro.

— O que é que se passa contigo? Porque é que voltaste tão cedo? — perguntou a Leigh, agitada. — Arwen, o que é que se passa com ele? O que é que está a acontecer? Mãe?

A nossa mãe nada disse enquanto lágrimas silenciosas lhe corriam pelo

rosto. O Ryder tomou as mãos dela nas suas.

Porém, a Leigh estava certa. Por muito maravilhoso que fosse tê-lo de volta, algo de errado se passava para que estivesse em casa tão cedo e sem batalhão, sem cortejo...

Para não mencionar a ferida gotejante.

O mais certo era que tivesse desertado.

— Calma — respondeu o Ryder, com aspereza. — E baixa a voz.

— A Leigh tem razão — pronunciei a custo. — Como é que voltaste? O que é que te aconteceu?

Quando ele não respondeu, arranquei-lhe o tecido manchado pelo sangue da túnica e usei-o como torniquete acima da ferida no braço. Tratava-se de um golpe profundo, denteado — carmesim ressumando num arroio. Mal as minhas mãos lhe tocaram na pele, um formigueiro familiar espalhou-se-me pelas palmas e escorreu, selando-lhe a pele rasgada.

Fechar a ferida ajudou-nos a ambos. Abrandou-me a batida cardíaca e acalmou-me. Depois de lhe envolver bem o braço em ligaduras, pus-me a colocar o ombro deslocado no lugar certo.

O Ryder fechou os olhos, estremecendo.

— Estou ótimo. Estou de novo junto da minha família. Isso é o mais importante.

Inclinou-se para beijar a Leigh e a nossa mãe na testa. A Leigh, pelo menos, teve a capacidade de se fingir enojada e limpar o beijo.

A mãe continuava a agarrar-lhe a mão boa na sua, mas os nós dos dedos haviam perdido a cor com a força exercida.

— Ry — disse eu, perdendo a paciência. — Não é nada o mais importante. Onde estão os outros soldados? E porque é que estás a sangrar?

O Ryder engoliu em seco, os olhos a fixarem-se nos meus.

— Há umas semanas — explicou, a voz baixa —, a nossa hoste deu de caras com um batalhão de Onyx em território de Amber. Ouvimos que tinham perdido homens e presumimos que seriam uma conquista fácil. Acercámo-nos do acampamento deles com todo o cuidado, ainda assim... — Calou-se, a voz áspera. — Era uma cilada. Sabiam que estávamos ali. Todos os meus amigos foram mortos e eu só por pouco escapei com vida.

Apercebi-me nesse instante de algo horrível e nauseou-me o facto de ter levado tanto tempo a juntar um mais um.

— O Halden? — perguntei, num tom quase inaudível.

— Não! Não, Arwen. — Os olhos dele estavam aflitos. — Ele não estava na nossa hoste. Para te ser franco, não o vejo nem sei dele há meses. — O Ryder olhou para baixo, o sobrolho franzido. — Não pensei que me salvasse...

Com um estalido, coloquei-lhe o ombro no sítio.

— Au! Merda! — gritou ele, agarrando no ombro.

— Tento na língua — exclamou a mãe, por força de hábito, apesar de estar ainda demasiado em choque para se zangar verdadeiramente.

O Ryder moveu o braço em círculos hesitantes, experimentando-o. Desfrutando da sensação de um ombro a funcionar de novo, levantou-se desengonçado e alto na nossa casa pequena e caminhou diante de nós. Deixei-me cair numa cadeira, ligeiramente enfraquecida.

— Escondi-me atrás de um carvalho. Julguei que aqueles fossem os últimos instantes da minha vida, que, dali a segundos, dariam comigo e me arrancariam os membros. tinha perdido os meus homens. Estava ferido. Era o fim... Foi então que me percebi, enquanto cantava o meu canto do cisne, que o batalhão de Onyx tinha partido. Não me tinham visto.

Estudei-o com atenção. Havia demasiado regozijo nos seus olhos. Não se tratava apenas de alegria por ter conseguido chegar a casa, era algo mais. Um aperto no peito chegou-me às entranhas.

— Por isso, comecei a afastar-me e quase tropecei num saco de moedas maior do que a minha cabeça. Moedas de Onyx. — Fez uma pausa para nos observar, mas não me parece que nenhuma de nós estivesse sequer a respirar. O meu irmão temerário e imprudente.

Rezei para que ele não tivesse feito o que eu tanto temia.

— Devem tê-lo perdido depois da batalha. Portanto, peguei naquilo e corri até aqui. Tenho andado em fuga há um dia e meio.

Malditas Pedras.

— Ryder, não me digas que fizeste isso — exalei. As chamas da lareira, agora meras brasas, cobriam a sala de sombras dançantes.

— O rei vai mandar-te matar — sussurrou a minha mãe. — Por teres abandonado o teu batalhão.

— Bem, isso não importa.

— Como assim? — Quase nem conseguia proferir as palavras.

Ele suspirou.

— Estava a meras horas de Abbington quando topei com outro grupo de homens de Onyx. Eles devem ter visto as cores de Onyx, ou acharam-me suspeito, mas a verdade é que me seguiram. E...

— Trouxeste-os até nós? — perguntou a Leigh, a voz subindo uma oitava.

— Shh — murmurou ele. — Baixem a voz, está bem? Não nos vão encontrar, se vocês fizerem o que eu vos pedir, e depressa.

Girei para espreitar pela janela. Não estava sequer certa de quem — ou do que — estaria à procura.

— Porque não? — perguntei. — Onde vamos estar?

Os olhos do Ryder iluminaram-se.

— No Reino de Garnet.

Afundi-me ainda mais na cadeira. Sentia-me maldispota.

O Ryder deve ter contemplado o horror nos nossos rostos, porque se recostou e tentou novamente, com seriedade:

— Vi o que se passa lá fora. É pior do que pensávamos. O nosso reino está a desmoronar-se nesta batalha. Não vamos vencer. — Cerrou o maxilar

enquanto inalava. — Os rumores são verdadeiros. Somos muito menos do que eles. As mulheres irão ser recrutadas em breve. Arwen... tu e a Leigh... não vão conseguir escapar. — Voltou-se para a nossa mãe e pegou-lhe na mão novamente. — E, mãe, vais ser deixada aqui. Não quero sequer pensar como ficará Abbington nessa altura. Entre os desordeiros e a tua saúde... — Silenciou-se enquanto olhava para mim. Sabia o que estava ele a sugerir.

Controlei o mal-estar que sentia na boca do estômago.

— O território de Garnet é longe o suficiente para não estar envolvido em quaisquer desacordos e perto o bastante para que o alcancemos por barco. Podemos começar uma vida lá. — Olhou de forma penetrante primeiro para a nossa mãe e depois para a Leigh e para mim. — Juntos, nalgum lugar a salvo de uma guerra que só vai piorar.

— Mas não temos um barco. — A voz hesitante da mãe surpreendeu-me. Teria jurado que responderia algo como: *Estás completamente louco!*

— Temos moedas de Onyx suficientes para comprarmos uma passagem para os quatro em algum navio que parta esta noite. Temos de seguir agora mesmo para o porto. Chegaremos a Garnet apenas daqui a alguns dias. Mas, mãe, temos de ser velozes.

— Porquê? — murmurou a Leigh.

— Porque os homens de Onyx não andarão muito longe. Já não estamos a salvo aqui.

Dito isto, a divisão caiu em silêncio, exceto pelo vento a agitar os ramos das árvores no lado de fora da janela atrás de mim. Não conseguia olhar para a minha mãe ou para a Leigh enquanto os meus pensamentos revolteavam dentro de mim em uníssono com o meu estômago.

As opções eram muito claras: permanecermos quietas e vermos o Ryder ser espancado e morto na nossa própria casa por soldados encolerizados, que depois provavelmente nos matariam a nós, ou pegar em tudo o que nos pertencia e viajarmos por mar rumo a uma terra desconhecida, onde começaríamos de novo. Fosse qual fosse a opção, não havia garantia de segurança ou de sobrevivência.

Porém, a esperança era uma coisa complicada.

Uma mera centelha da ideia de que as nossas vidas poderiam ser mais do que ali em Abbington — que a Leigh e eu poderíamos evitar o recrutamento e continuar a tomar conta da mãe, talvez até conseguir mais ajuda, melhores medicamentos — bastou para me fazer levantar.

Não queria deixar Abbington. O mundo para lá daquela vila era tão desconhecido... tão vasto.

Mas não podia deixar que vissem o terror que rodopiava dentro de mim.

Tomar conta deles... era tudo por que me esforçara. Ser forte o suficiente para os proteger. Aquela era a minha oportunidade.

— Temos de ir.

A Leigh, o Ryder e a minha mãe olharam-me todos com a mesma expressão surpreendida, como se a houvessem coreografado.

O Ryder foi o primeiro a recompor-se.

— Obrigado, Arwen. — De seguida, voltou-se para a Leigh e para a mãe. — Ela tem razão; precisamos de sair daqui agora mesmo.

— Tens a certeza? — perguntou a nossa mãe ao Ryder, num fio de voz.

— Sim — respondi por ele, embora não tivesse.

Foi o suficiente para que a mãe e a Leigh se pusessem a atirar ao acaso túnica e livros para dentro de malas demasiado pequenas. O Ryder acompanhou-as, o braço ferido impedindo-o de agarrar em tudo a que pudesse deitar a mão.

Era um luxo, disse a mim mesma, uma bênção. Se alguém que ainda estivesse em Abbington pudesse pagar a viagem, ou tivesse para onde ir, teria partido anos antes.

Corri até ao exterior para colher alguns alimentos da nossa pequena horta e despedir-me dos animais. A Leigh já ali estava, a chorar agarrada à nossa vaca, *Bells*, e ao cavalo, *Hooves*, ambos com nomes que ela lhes dera aos três anos. Gostava muitíssimo deles e alimentava-os todas as manhãs e todas as noites. Era particularmente próxima da *Bells*, que tinha uma ligação tão especial com a rapariga que nem nos passara pela cabeça destruí-la, nem sequer em tempos de fome desesperada.

Os soluços abafados da Leigh ecoaram no estábulo e o meu coração ficou mesmo apertado. Senti um peso surpreendente no peito quando me acerquei da vaca malhada e do corcel cor de caramelo — os seus rostos amorosos também haviam sido uma vigorosa presença na minha vida, de tal forma que não conseguia imaginar acordar sem eles por perto. Encostei a cara ao focinho de ambos, sentindo-lhes a respiração quente em contraste com o ar frio da noite.

— Temos de ir — anunciei à Leigh, afastando o rosto do dorso quente do *Hoover*. — Não te esqueças da bolsa com o remédio da mãe. Eu vou atar os animais. A Nora tomará conta deles. Prometo.

A Leigh anuiu com um sinal de cabeça e limpou o nariz à manga de algodão claro.

Pensei na Nora. Será que precisaria de mim na enfermaria? Era uma mulher ríspida, mas iria sentir saudades suas. De certa forma, fora a minha única amiga.

Lágrimas arderam-nos nos olhos, pelos animais, pelo meu trabalho, pela vida modesta que havíamos tido em Abbington. Pese embora todos os meus pensamentos repentinos em relação a novas experiências, agora que tinha a oportunidade de fazer algo novo, só sentia medo.

Apercebi-me com outro espasmo de profunda tristeza de que provavelmente nunca mais iria ver o Halden. Caso regressasse a casa a salvo, como é que nos iria encontrar no Reino de Garnet?

Nem sequer lhe poderia deixar uma nota a alertar para a nossa escolha, visto que os soldados de Onyx a poderiam encontrar.

Nunca saberia o que poderia ter acontecido connosco ou se teria vindo a

amá-lo. Semelhante pensamento estilhou-me de novo o coração. Sentia-me profundamente grata por o Ryder ter regressado a casa e estar vivo, mas não fazia ideia de que me despediria de tantas coisas naquela noite em virtude disso.

Não queria partir. Não conseguia deixar de me sentir assim... eram demasiadas mudanças.

Mal nos perfilámos no exterior, relancei um último olhar ao nosso chalé. Parecia extremamente despido. Que loucura pensar que apenas duas horas antes estávamos ali, a comer guisado ao jantar como em tantas outras noites. Agora, fugíamos para um reino desconhecido.

Fechei a porta atrás de mim enquanto a Leigh ajudava a mãe a descer pelo trilho de terra. A doca era numa vila depois da nossa e iria ser uma longa caminhada para ela. Segui ao lado do Ryder, que ainda mancava. Sabia que não valeria a pena oferecer-lhe ajuda.

— Não consigo acreditar em ti — sussurrei.

— Eu sei. — Olhou para trás. Imitei-o no gesto, o coração a saltar-me no peito, mas ninguém nos seguia.

O sol punha-se nesse momento atrás das montanhas, um céu rosa e púrpura, pontilhado de nuvens. Um único pio de coruja ecoou pelas árvores rumorejantes.

— Quero dizer — prossegui —, foste para a guerra, deixaste-nos durante quase dois anos. Honestamente, pensei que estivesse morto. Depois, voltas a casa, todo desconjuntado como uma boneca partida, com bens roubados em quantidade suficiente para refazermos a vida num sítio novo. Quem és tu? Um herói de um conto popular?

— Arwen. — Ele estacou e voltou o rosto na minha direção. — Sei que estás assustada. — Fiz menção de proferir um protesto débil, mas ele continuou. — Eu também estou, mas vi uma oportunidade e agarrei-a. Não quero passar o resto da vida a lutar pelo Reino de Amber, assim como tu não queres passar o que te resta da vida a viver nele. Isto pode mudar as nossas vidas. E ser uma possibilidade de cura para a mãe. Ou uma hipótese de a Leigh ter uma infância melhor. É a coisa certa a fazer. — Pegou-me na mão e apertou-a. — Agora, estou aqui para tomar conta de nós. Não tens de te preocupar.

Anuí com um sinal da cabeça, apesar de me dar conta do quão pouco o meu próprio irmão sabia acerca de mim. Passaria de bom grado os meus dias ali. Talvez «de bom grado» fosse uma expressão ingrata, mas, pelo menos, estaria viva.

Continuámos a caminhada, a luz do pôr do sol a desvanecer-se por detrás das montanhas, deixando-nos mergulhados num azul-acinzentado. As sombras estendiam-se pela estrada de terra, eu encolhia-me e girava a cada som, a cada movimento atrás de mim, apesar de ninguém ali estar.

Espreitava para alguns arbustos, procurando a fonte daquilo que podia jurar serem passos quando a Leigh ficou tensa e se voltou para nós, alarmada.

— O que é? — exalei, protegendo-a com o meu corpo.

— Não, a bolsa — murmurou ela, as mãos escrutinando aterrorizadas o pequeno saco de pano.

— O quê? — perguntei, embora o meu coração tivesse parado.

Ela olhou para a nossa mãe.

— Os frascos estão vazios. — Lágrimas corriam-lhe pelo rosto no momento em que fez menção de regressar a casa. — Os medicamentos dela... temos de voltar.

Um arrepio violento percorreu-me.

Não vertera os remédios para os frascos na bolsa. Deixara arrefecer, preparara o jantar, o Ryder chegara a casa...

No meio da agitação, pedira à Leigh para trazer a bolsa, mas não a aprovisionara.

De repente, o meu coração pôs-se a bater tão depressa que o conseguia ouvir.

— A culpa é minha — afirmei. — Preciso de voltar rapidamente a casa. Serei rápida.

— Não. — A voz da minha mãe era mais ríspida do que alguma vez lhe ouvira. — Não sejas ridícula, já estamos a correr muitos riscos. Quem sabe até onde seguiram o teu irmão. Eu fico bem.

— Mãe, tu precisas deles. A Arwen é rápida. — O Ryder voltou-se para mim. — Corre depressa ou ainda perdes o barco. — No entanto, eu sabia o que ele estava a sugerir: que podia dar de caras com os soldados no seu encalço. A Leigh chorava agora copiosamente, embora tentasse encobrir de forma resoluta os soluços.

— Só demoro uns instantes e vou ter convosco às docas. Prometo. — Disparei numa corrida, sem esperar para lhes ouvir os protestos.

Não podia acreditar no quão estúpida havia sido.

Depois de toda a pressão a que me sujeitara para prover pela minha família, para seguir as pisadas do Ryder. Para não ter tanto medo.

Corri pela estrada de terra acima, passando por casas cheias de famílias a desejarem as boas-noites uns aos outros e a apagarem as lareiras. A lua erguia-se agora no céu, a pálida luz do entardecer a ser substituída pelo azul-escuro. A corrida permitiu-me um imprescindível momento de pausa. Uma sensação de calma inundou-me a mente ansiosa. A batida cardíaca tornou-se ritmada. As minhas passadas também. *Pum, pum, pum*. Quando cheguei a casa, já me sentia melhor.

Escondi-me por momentos por detrás da macieira, mas não havia soldados, cavalos ou carroças perto de nossa casa. Nada de luzes ou sons vindos do interior.

A *Bells* e o *Hooves* estavam calmos, ambos mastigando preguiçosamente o feno.

Soltei uma expiração, e o suor da corrida esfriou-me na cara.

Talvez o Ryder se tivesse enganado, e nunca o tivessem sequer seguido.

Ou, o que me parecia ainda mais provável, tivessem desistido de perseguir um ladrão solitário.

Conseguia agora ver que tudo iria correr bem.

Desde que nos mantivéssemos juntos, seríamos capazes de enfrentar aquela viagem. Eu, pelo menos, sim.

Abri a porta com um suave rangido e dei de caras com onze soldados de Onyx, banhados pelas sombras, sentados em volta da mesa da cozinha.

— Alguém saiu com muita pressa.

Uma voz áspera raspou-me as costas como uma faca romba.

Vinha do homem ameaçador postado diante de mim, as botas enlameadas apoiadas na mesa que o Ryder esculpira meticulosamente tantos verões antes.

Assaltou-me um pavor tão esmagador que mal conseguia pensar noutra coisa. Tinha a boca demasiado seca para engolir. Não perdi um momento a avaliar o resto da cena diante de mim — girei sobre os calcanhares e preparei-me para correr pela vida. Porém, um jovem soldado com o rosto picado pelas bexigas puxou-me pelos cabelos com facilidade.

Gritei de dor.

A porta bateu atrás de mim enquanto o soldado me arrastava para dentro e o cheiro metálico a sangue me entrava pelas narinas. Os meus olhos percorreram a casa — no canto, a sangrar no chão de madeira, jazia um soldado calvo com um uniforme de Onyx que não lhe caía bem, claramente demasiado pequeno para a sua estrutura larga. Arvorava uma ferida aberta que praticamente lhe dividia o tronco, e dois soldados estoicos a seu lado tapavam-na com um pano, sem grande sucesso. O soldado corpulento gemia de dores, e o poder nos meus dedos contorceu-se com a vontade de o ajudar, apesar do seu credo e da sua cor.

Tentei não pensar no tipo de exército que quase perde um homem e continua a invadir casas, agarrando raparigas pelo cabelo como se nada fosse, tudo para recuperar moedas perdidas.

Cada soldado de Onyx trajava uma armadura de couro preto, algumas delas com adornos de prata cravejados. Uns quantos usavam elmos escuros que se assemelhavam a crânios ocos e ameaçadores e que brilhavam à luz das velas ainda fracas da cozinha. Outros não tinham qualquer elmo, o que me pareceu ainda mais assustador quando lhes olhei para os rostos ensanguentados e frios.

Nenhum dos soldados parecia incomodado com a cena macabra que se desenrolava no canto. Nada semelhantes aos nossos homens de Amber, faziam com que os nossos soldados parecessem meninos — o que, para ser justa, muitos eram. Aqueles tipos eram guerreiros ameaçadores e brutais que não haviam sido convocados para lutar, antes treinados toda a sua vida para matar e apenas para matar.

E que outra coisa seria de esperar? O malvado rei de Onyx era conhecido pela sua crueldade, sendo que o seu exército fora construído à sua imagem e semelhança.

— Como te chamas, rapariga? — perguntou o soldado que se me dirigira de início. Era um dos homens cuja armadura de couro estava adornada com pequenas tachas de prata. Não usava elmo, tinha um rosto quadrado, olhos pequenos e não se lhe discerniam quaisquer rugas de sorriso.

Reconheci de imediato o tipo de homem que era.

Não pela aparência, mas pelo seu rugido, pela sua confiança fria. A raiva que lhe fervilhava por detrás dos olhos.

Crescera com um indivíduo assim.

Um suspiro trémulo esvaiu-se dos meus lábios.

— Arwen Valondale. E o senhor?

Os homens soltaram um risinho abafado, o rancor e uma piedade cruel libertando-se deles em ondas. Encolhi-me mesmo sem querer.

— Podes chamar-me tenente Bert — disse ele, com os lábios a curvarem-se. — Como é que estás?

Alguns riram-se mais alto, encorajados pelo líder. Outros permaneceram em silêncio. Aborrecida, mordi a língua. Havia algo neles que eu não conseguia pôr em palavras. O poder parecia emanar dos seus corpos. Tremi, os joelhos embatendo um no outro num ritmo dissonante. Não era surpresa alguma que aqueles monstros tivessem matado a companhia do Ryder facilmente. Agradei de mim para comigo às Pedras por ele ter conseguido sobreviver.

— Deixa-me ser rápido contigo, o que é mais do que te seria oferecido por alguns dos meus camaradas. Seguimos um jovem até esta casa. Ele roubou-nos uma grande quantidade de dinheiro e gostaríamos de o ter de volta. Se nos disseres onde está, matamos-te rapidamente. Parece-te justo?

Uni os joelhos e contive um arquejo.

— Não conheço o homem que vive aqui. — Engoli com força, procurando mentalmente qualquer prova condenatória na casa que me pudesse ligar ao Ryder. — Vim só pedir leite emprestado. Vi que tinham uma vaca.

A boca do Bert fez-se uma linha fina. Os segundos passavam enquanto ele ponderava o seu próximo passo. Eu tinha consciência de que ele sabia que eu estava a mentir. Era uma péssima mentirosa. O meu coração acelerava dentro do peito.

Ele esboçou um sorriso apático, após o que acenou com a cabeça para o homem picado pelas bexigas, que ainda mantinha a minha trança enrolada no

punho.

— Mata-a, então. Não nos serve de nada.

O soldado atrás de mim hesitou um pouco, mas arrastou-me de volta para a porta.

— Espere! — supliquei.

O soldado estacou e olhou para mim. Nos seus olhos castanhos-escuros só brilhava gelo.

Tive de pensar muito, muito depressa.

— O vosso homem — disse diretamente ao Bert — vai morrer dentro de minutos, se não for ajudado.

O Bert soltou uma gargalhada húmida.

— O que é que te deu essa ideia? Talvez os intestinos pendurados?

— Sou curandeira — expliquei, reunindo uma falsa coragem. — Eles estão a fechar a ferida de forma errada. Ele vai ficar com septicemia. — Era verdade. O homem estava a ter convulsões, rios vermelhos escorriam-lhe do abdómen e encharcavam a madeira da minha casa.

O Bert abanou a cabeça.

— Acho que ele não pode ser salvo, nem por gente como tu.

Mas estava errado.

— Deixe-me curá-lo em troca da minha vida.

O Bert mastigou o interior da bochecha. Rezei a todas as pedras para que aquele homem largo, pastoso e moribundo tivesse algum valor.

Os minutos passaram.

Vidas.

— Todos para fora — ladrou finalmente o Bert aos restantes homens.

Soltei um longo e lento suspiro, e o meu cabelo foi libertado. Esfreguei a parte de trás da cabeça, magoada e sensível. Era a menor das minhas preocupações.

Os soldados foram saindo um a um. Mesmo os dois que estavam a tratar do homem ferido se levantaram sem questionar e saíram, com os rostos apáticos, deixando-me a mim, ao Bert e ao doente no chão, sozinhos. O tenente tirou os pés da mesa e levantou-se com um suspiro. Estalou o pescoço, parecendo exausto com aquela reviravolta nos acontecimentos, assinalando de seguida o moribundo.

As minhas pernas moveram-se como chumbo na água até me ajoelhar ao lado dele. O odor do remédio da minha mãe troçava de mim, ainda em infusão a poucos metros de distância. O Bert acerçou-se.

— De qualquer das formas, teria sido uma pena — disse o Bert, ajoelhando-se mais perto do meu rosto do que me agradaria. — Uma rapariga tão doce e suave. Morrer tão depressa. Antes que alguém a tivesse usado bem. — Cheirava a cerveja, e eu recuei, o que só agradou ainda mais ao Bert. — Trata-o, e veremos se me sinto generoso.

Virei-me para o homem ferido, o seu rosto uma máscara de pavor.

Compreendia-o.

— Está tudo bem, senhor.

Duas das suas costelas haviam sido partidas num ângulo estranho e a carne da cavidade torácica estava em farrapos e polpuda, como se algo a tivesse atravessado. Não era um ferimento de espada nem de flecha, e não havia queimaduras que indicassem um canhão ou uma explosão.

— O que é que aconteceu? — indaguei, sem pensar muito.

O Homem Corpulento tentou falar — um coaxar horrível —, mas o Bert cortou-lhe a palavra. — Lá fora, há coisas mais horríveis do que eu, rapariga. Coisas que não podes imaginar.

Odiava a voz dele, semelhante ao chocalhar de uma garrafa de gin vazia, e a forma como os seus olhos me rastejavam pelo corpo, fixando-se no meu peito sem qualquer vergonha.

— Preciso de álcool e de tecido limpo. Posso dar uma volta pela casa? Ver o que consigo encontrar?

O Bert abanou a cabeça com um brilho nos olhos.

— Achas que sou parvo? — Tirou um frasco da bota e passou-mo. — Aqui está o teu álcool. Podes usar a tua túnica. Parece-me muito limpa.

Com uma falsa frieza, tirei-lhe o frasco das mãos, os nós dos dedos cobertos de terra, e cuidei do soldado ferido.

Passara toda a vida a esconder o meu poder. Nunca deixando ninguém ver exatamente do que eu era capaz. A minha mãe dissera-me anos antes que haveria sempre pessoas que tentariam aproveitar-se do meu dom, e isso foi antes da guerra. Agora toda a gente estava a sofrer constantemente, e a minha capacidade era ainda mais valiosa.

Não havia maneira de curar aquele homem sem usar as minhas capacidades. Estaria morto dentro de uma hora, se não antes. Mas não podia usar o meu poder sem que o Bert visse. Mesmo que fingisse um encantamento, o meu poder não se assemelharia a magia de bruxa. Não havia vento terroso, nem estática. Apenas me escorria dos dedos.

Mesmo que o Bert *não* me estivesse a espreitar de soslaio, caso aquele soldado largo se levantasse e saísse dali depois de um ferimento como aquele, não me seria possível atribuí-lo às minhas excelentes capacidades cirúrgicas.

Um arrepio furioso percorreu-me a espinha ante a escolha que se me impunha.

Mas não era bem uma escolha — não podia deixar aquele homem morrer nem deixar que me matassem.

Preparei-me.

— Isto vai doer — anunciei ao Homem Corpulento.

Ele acenou estoicamente com a cabeça e verti-lhe o álcool na ferida ensanguentada e nas minhas mãos. Ele gemeu de dor, mas manteve-se imóvel.

Então, postei as minhas mãos sobre o seu peito e respirei fundo.

Zumbindo enquanto os meus sentidos pulsavam pelo soldado, senti os seus órgãos fundirem-se novamente, o sangue a bombear mais devagar, o ritmo cardíaco a baixar. O tecido da sua pele teceu-se em carne fresca e nova

que floresceu sob as minhas palmas.

O meu ritmo cardíaco também abrandou, a adrenalina arrefecendo-me as veias e a tensão esvaindo-se-me no estômago. Os meus olhos abriram-se e fixaram-se nos do Homem Corpulento. Estavam atônitos, a ver o seu corpo recompor-se como um brinquedo partido. A respiração do homem regressou a um ritmo menos assustador e o corte transformou-se numa feia cicatriz cor-de-rosa no seu abdómen.

Suspirei enquanto fechava os olhos, apenas o tempo suficiente para ganhar coragem. Agora, só lhe faltava uma ligadura, e eu não ia deixar que aquele tenente porco me humilhasse. Num movimento rápido, puxei a túnica por cima da cabeça, ficando apenas com uma camisola fina e sem mangas. Tentei ignorar o olhar ardente do Bert fixo nos meus seios.

Enrolei a blusa em volta do ferimento do Homem Corpulento e amarrei-a com força.

O Bert levantou-se atrás de mim e passeou contemplativamente pela cozinha. Ponderava o meu destino.

Eu mal conseguia respirar. Nunca sentira um medo assim. Um medo que me abalava o maxilar, as mãos, os ossos.

— Obrigado, tenente — disse o Homem Corpulento, mas o Bert ainda estava perdido em pensamentos. O Homem Corpulento dirigiu-me um olhar fraco. — E obrigado, rapariga.

Acenei impercetivelmente com a cabeça.

— Como é que fizeste isso? És uma bruxa?

Abanei a cabeça.

— Como se sente? — As minhas palavras saíram-me tão inaudíveis que não tinha a certeza se as havia mesmo proferido.

— Muito menos próximo da morte.

— Muito bem — disse rudemente o Bert. — Vamos procurar o miúdo. Levamos a rapariga connosco.

Não, não, não, não...

Mas eu não conseguia falar, não conseguia respirar — estava a ser percorrida pelo terror; o coração batia-me tão depressa que me senti prestes a vomitar para cima do soldado corpulento junto a mim.

Não os podia deixar encontrar a minha família. O Bert não poderia estar nem a um metro da Leigh. Lancei um olhar suplicante ao Homem Corpulento, que teve a decência de parecer ainda mais angustiado do que quando estava a morrer.

Mas dois soldados já estavam de volta para ajudar a carregá-lo.

Olhei para a cozinha. O Bert saía.

A fugir, aquela era provavelmente a minha única hipótese.

Com o pulso a latejar-me nos ouvidos, levantei-me e corri para os quartos. Tinha mais hipóteses se saltasse por uma janela do que saindo pela porta da frente, com todos os homens armados à espera lá fora. Os dois soldados gritaram-me para parar, as suas vozes profundas ressoando-me nos

ossos, nos dentes — mas eu continuei, esquivando-me de uma mão estendida atrás da outra. Contornei a lareira, passei pela mesa da cozinha, até que abri a porta do quarto da minha mãe.

Ali estava a janela.

Mesmo por cima da cama, com os lençóis e cobertores ainda amarrotados. Cheirava a ela — salva, suor e gengibre.

Eu estava tão perto.

Tão perto...

Mas também me sentia tão cansada. Entre curar Mr. Doyle, o ombro do Ryder e todo o abdómen do Homem Corpulento, ficara tonta e cansada, os membros fracos, a respiração irregular. Obriguei as pernas a moverem-se com toda a força que pude, a visão a ficar turva, e os meus dedos finalmente, finalmente, por pouco não roçaram as cortinas de tecido axadrezado que emolduravam a janela...

Até que uma mão calejada me envolveu o ombro e me puxou para trás com uma força incomensurável, atirando-me contra o seu peito.

Não. *Não*.

— Ela é muito rápida, não é? — disse ele ao soldado ofegante de quem eu me desviara por pouco junto da lareira.

— Pedras, sim. — Ele foi-se embora, com as mãos nos joelhos.

Um grito voou-me da garganta — furioso e selvagem e a pingar de medo.

— Já chega — gritou o soldado, pousando-me uma mão suja de terra em cima da boca e do nariz.

Eu não conseguia *respirar*.

Os meus braços batiam loucamente, e ele afastou a palma da minha cara a fim de me agarrar nos braços com ambas as mãos.

— Não me obrigues a deixar-te sem sentidos, rapariga. Não quero fazê-lo, mas fá-lo-ei para te calar.

Mordi a língua, com força o bastante para me magoar.

Tinha de me controlar. Tinha de...

Os dois soldados guiaram-me até à rua, aonde os restantes homens de Onyx haviam agora chegado com os seus cavalos. *Malditas pedras*, até os animais eram aterrorizantes. Completamente negros, com crinas selvagens e indomadas, e olhos sem pupilas.

Não conseguia reunir a coragem para olhar para o local onde guardávamos a *Bells* e o *Hooves*. Não queria saber se aqueles homens cruéis os haviam deixado vivos. Pensei na Leigh e na minha mãe. No que poderiam ver, caso ali voltassem para me buscar. O sangue no chão...

Tentei libertar-me do soldado atrás de mim... pontapeando e ofegando.

— Vá lá, rapariga. Já te divertiste, agora chega. — O soldado prendeu-me contra si até me sentir nauseada. Era tão grande, tão mais forte...

E eu sentia-me tão exausta, com tanto medo, tanto frio...

Não os podia deixar seguirem o Ryder, a minha mãe, a Leigh...

Afastei a cara do soldado e gritei pelo Bert, agora montado num dos cavalos negros.

— Deixa a minha família em paz e eu irei contigo de bom grado.

O Bert soltou uma gargalhada e um som terrível percorreu a noite.

— Achas que tenho medo de ti? Espera até que o rei te veja. — O seu sorriso malvado brilhava nos fiapos de luz da lua que trespassavam as árvores, revelando-lhe todos os dentes amarelos. — Além disso, julgava que não conhecias o miúdo.

O meu estômago ameaçou vaziar para o chão.

— Ele é o meu irmão. Mas vocês têm muito dinheiro... Quantos curandeiros? De bom grado significa que vos vou ajudar. Curá-lo a si e aos seus homens. Será que as moedas roubadas conseguem fazer isso?

O Bert não respondeu, e os soldados encararam-no expectantes. O seu silêncio reforçou-me a coragem.

— Se for atrás deles, nunca trabalharei para si. Pode matar-me, torturar-me... Não farei nada se eles forem feridos.

Não estava certa de aquilo ser um *bluff*.

— Está bem.

Eis o que ele se limitou a dizer.

Tão abruptamente que quase me esqueci de sentir alívio.

Antes que percebesse o que ele estava a fazer, o soldado atrás de mim atou-me os pulsos junto do colo. A corda era áspera e fazia-me comichão, e comecei a respirar em haustos estranhos e agudos.

Não gostava de me sentir aprisionada.

Com o coração e a cabeça a rodopiar, estava num estado de choque tal que nem sequer conseguia chorar. Preparava-me para deixar Abbington. Mas não rumo a Garnet com a minha família.

Não, para ir para Onyx.

Sozinha.

O reino mais perigoso do nosso continente. Com uma horda dos homens mais mortais com que alguma vez me deparara.

Perguntei-me distraidamente se o rei saberia sequer do seu dinheiro perdido. Aquilo parecia uma missão pessoal orquestrada por um tenente ganancioso, que iria regressar agora com uma nova curandeira e gabar-se da sua descoberta.

Uma vaga de ácido subiu-me à garganta.

O soldado puxou-me para trás de si enquanto a nossa caravana letal se perfilava na noite, alguns montados a cavalo, outros a pé. A única coisa a que me podia agarrar era ao facto de saber que a minha família estaria a salvo. Tinham moedas suficientes para construir uma nova vida, bela e segura. Ora, isso era tudo o que poderia desejar. Mereciam-no.

Tremi novamente ante a enormidade daquilo a que me rendera. Os horrores a que o Bert aludira. O mais provável era vir a ser violada, torturada e morta, se não as três coisas. Pelas Pedras, o que fizera eu?

O ar fresco da noite assaltava-me, lembrando-me de quão desagasalhada estava. Corei, mas, com as mãos atadas diante de mim, não me podia tapar.

Caminhávamos em silêncio há horas. A cada sacão na respiração de alguém ou comentário isolado entre os homens, sentia o estômago revirar-se — certa de que, afinal, haviam decidido matar-me. De quando em quando, um dos soldados dizia algo a outro, eu esforçava-me por ouvi-los, mas grande parte do tempo aqueles homens não faziam qualquer ruído e focavam-se na tarefa em mãos, como animais bem treinados.

Deixei de reconhecer o que quer que fosse, e todas as árvores e ramos me começaram a parecer iguais. Também deixei de me perguntar se os homens iriam montar acampamento algures para a noite. Vira uma mão-cheia de mapas em toda a minha vida, especialmente quando era criança e andava na escola, e, do que me lembrava, Onyx era o mais distante possível no continente sem atravessar o mar Mineral. Imaginava que viajássemos durante meses e os meus pés protestaram ante o pensamento.

Aqueles homens não tinham equipamento, acampamento ou viaturas. Como é que iriam sobreviver? Como iria eu fazê-lo?

Nenhum deles parecia sequer cansado. Eram mesmo de uma raça diferente.

O soldado que me atara começara a gostar de me arrastar atrás de si à medida que o meu cansaço se instalava. Mentalmente, sentia-me exausta e, a nível físico, não andava longe disso. Quando tropecei nuns quantos ramos secos, olhou-me com uma expressão que tanto poderia ser de pena como de nojo. Era difícil perceber através do seu elmo de osso e aço.

— Em breve — foi tudo o que disse.

Só me fez sentir pior.

No momento em que tive a certeza de que o meu corpo estava a meros minutos de desistir, chegámos a uma clareira. Deveria já passar bem da meia-noite. O pedaço de terra e palha estava coberto por uma ténue neblina de noite, e foi-me necessário semicerrar os olhos para ver por onde andava. Os meus pés, tornozelos e calcanhares protestavam a cada passo, tão magoados que até o facto de permanecer de pé me doía. Antes que eu o ouvisse, os homens estacaram e olharam uns para os outros expectantes.

Qual pancada de um tambor poderoso ou o embate das ondas num mar irado, um som trovejante fendeu a noite. Assustei-me e estudei a clareira em busca de um qualquer monstro que houvesse soltado semelhante som, mas nada vi nas árvores circundantes. Os baques soaram mais alto, um som ensurdecedor, que me reverberava no crânio.

O vento rodopiava em nosso redor, lançando-me poeira para o cabelo e para o rosto. Com as mãos atadas, só me restava fechar bem os olhos e ouvir com um medo desenfreado aquele som cada vez mais alto. Sentia-me quase

grata por me encontrar rodeada por aqueles homens que mais pareciam armas. Não que o primeiro movimento de algum deles fosse o de me salvar, mas com eles por perto tinha mais probabilidades de sobreviver ao que quer que aquela coisa fosse.

O chão tremeu quando a criatura pousou na erva diante de nós, libertando nuvens de pó ao meu redor. Tossi, o borborismo da terra a reverberar-me nos joelhos e nos tornozelos enfraquecidos. Uma mescla arborizada de abeto e cedro fresco picou-me o nariz. Quando a poeira assentou, abri os olhos.

Diante de mim, postava-se o animal mais assustador que alguma vez vira.

Não um animal, mas um monstro. Um monstro...

Um dragão adulto, negro como breu, coberto de escamas pontiagudas e brilhantes. Mais atemorizador, antigo e poderoso do que o que quer que eu pudesse ter conjurado de um conto de fadas infantil. Estendeu as suas imensas asas de morcego, rematadas com garras douradas, expondo um ventre de um prateado brilhante. Uma cauda farpada e negra agitava-se suavemente para trás e para a frente na terra.

O tenente acercou-se do monstro e, para meu grande choque, pareceu falar à gigantesca criatura.

Fiquei boquiaberta.

Não era, portanto, um monstro, antes... um animal de estimação. O reino de Onyx tinha dragões como animais de estimação?

Contemplei os outros homens, mas nenhum parecia assustado. Nem sequer estavam surpreendidos. Ao invés disso, instalaram-se com à-vontade nas costas da criatura, que era grande o bastante para ali caber o dobro do grupo, se necessário.

No momento em que o soldado me empurrou para a frente, soltei um pequeno gemido e finquei os pés no chão. Nem sequer me apercebi de que o estava a fazer... Queria ser corajosa, uma rapariga capaz de saltar para os costados de um dragão, mas, infelizmente, os acontecimentos daquela noite devem ter-me drenado as reservas de coragem. Ele aproximou-me, apesar dos meus protestos, posicionando-me junto da sua garra direita aberta. As quatro unhas afiadas encontravam-se manchadas de um vermelho oxidado que eu iria fingir não se tratar de sangue.

Obriguei os meus olhos a focarem-se em qualquer outra coisa.

— Está tudo bem. O monstro não te vai magoar — informou-me o Homem Corpulento, montado nas costas do dragão, uma mão a pressionar a ferida.

Anuí, mas a boca sabia-me a ácido.

O soldado finalmente desamarrou-me os pulsos, para que me pudesse içar.

— Nada de ideias, rapariga.

De qualquer das formas, estava demasiado exausta para fugir.

— Não tenho para onde ir.

Enquanto me içava, olhando melhor para os olhos reptilianos da criatura, em tons de laranja e rodeados de cinza, as escamas do dragão pareciam-me frescas e suaves ao toque. O olhar do dragão desviou-se para mim e tive a sensação de que se suavizava de forma quase impercetível. Piscou uma vez os olhos e inclinou suavemente a cabeça. O mero ato era tão inócuo, tão desarmante, que relaxei um pouco.

Uma vez instalada, esfreguei os pulsos doridos, os quais estavam rasgados e a sangrar nos pontos onde a corda estivera em contacto com eles. Os meus olhos pousaram nas costas da criatura, perto da cauda, onde um alto estava embrulhado em serapilheira, tingida de manchas escarlates. Uma bota de Onyx saía de baixo dele.

Um mal-estar remordeu-me o estômago.

Estava um cadáver ali connosco.

Olhei de novo para o Homem Corpulento. Algo terrível deveria ter acontecido naquela noite. Algures entre a ferida do Homem Encorpado, o sangue nas garras do dragão e o cadáver a bordo havia uma história que eu não queria montar.

Tentei sentir-me grata por, pelo menos, nada me ter perfurado o tronco. Por ora.

Quando todos os soldados embarcaram, quase nem tive tempo para olhar para a minha vila — toda a minha vida — antes que o animal levantasse voo. Todo o ar me foi arrancado dos pulmões enquanto ganhávamos altitude. O ar ficara rarefeito e frio, e os meus olhos encheram-se de água enquanto a noite fria me chicoteava o rosto. Agarrei-me às escamas da criatura, esperando não a estar a ferir.

O vento picava-me nos olhos; desviei o olhar dos céus, pousando-o de novo nos soldados. Agora, pareciam à vontade, alguns deitados na asa estendida do dragão, outros com um braço descontraído em volta de uma presa. O meu olhar pousou no Bert, apenas para o apanhar a fixar-me atentamente. Não se tratava tão-só de algo sexual, embora houvesse lascívia nos seus olhos. Pareceu-me que tentava penetrar-me a alma. Como se estivesse pasmado. Um arrepio furioso percorreu-me a espinha — ele vira os meus poderes. Aquilo deixava-me ainda mais exposta do que a camisa interior.

Encolhi-me e desviei o olhar do seu rosto desagradável.

Navegámos cada vez mais alto, erguendo-nos acima das nuvens. Dali do alto, o meu mundo parecia ainda mais pequeno do que julgara possível. Deveria ser assim que os soldados de Onyx se moviam com tanta facilidade pelo continente. Perguntei-me como não haviam apanhado o meu irmão mais cedo. Pensar nele, e no resto da minha família, fez com que o coração me parasse.

Nunca mais os iria ver.

Cerrei os dentes... Não me podia ir abaixo agora.

Tinha de me aguentar até que surgisse a oportunidade certa e só então me permitiria desmoronar.

Aquele era o momento ideal para o tal otimismo que me diziam que tinha para dar e vender.

Porém, a sensação de não haver nada de positivo a colher do facto de estar a voar num enorme dragão, na qualidade de prisioneira, rumo a um território inimigo, era algo que não podia ignorar. Olhei para a terra abaixo de mim, envolta em escuridão, e contemplei a única vida que tinha conhecido a desaparecer de vista.

Um cinto estalou-me nas costas, rapidamente substituído pelas minhas mãos, mergulhadas numa ferida sangrenta e aberta no peito. Um olho laranja e brilhante escrutinou-me... penetrando-me na alma. Um poder que não conseguia descrever formigava-me nas pontas dos dedos, nos ossos, nos recantos da memória...

Acordei sobressaltada.

A escuridão em meu redor era desorientadora. Quase conseguia discernir as formas orgânicas das folhas, dos troncos e das videiras, mas tudo estava coberto em sombras de azuis e pretos, quase nada iluminado pelo luar. Os corpos moviam-se à minha volta, e de repente, lembrei-me de onde estava e do que me acontecera. A desorientação transformou-se num ataque de pânico crescente. O pavor agitou-se nas minhas entranhas e cerrou-me os maxilares. Sacudiu os meus ossos...

O Homem Corpulento, que agora se movia numa passada firme e lenta, para grande choque dos companheiros, fez-me sinal para que avançasse e eu desmontei do animal, os membros movendo-se antes que a minha mente os instruisse a fazê-lo.

Sem perceber, toquei no longo pescoço da criatura, procurando estabilizar-me nas pernas bambas. O seu estranho olho dardejou na minha direção, e eu esbocei um sorriso pálido. *Não me comas*, foi o que me veio à mente. Tinha uma ideia vaga e diluída de estar em choque.

Só nesse momento me apercebi do frio insuportável. Fazia muito mais frio ali, no Norte, e toda eu me encontrava arrepiada, os lábios e o nariz a ficarem dormentes.

Os restantes soldados haviam-se adentrado na escuridão, pouco interessados na rapariga recém-capturada. Uma pequena misericórdia, talvez. O Homem Corpulento enrolou-me de novo uma corda em volta dos pulsos e eu esbocei uma careta ao olhar para a pele em ferida a ser uma vez mais massacrada no mesmo local.

Um som semelhante ao de um relâmpago sobressaltou-me e voltei-me mesmo a tempo de ver a criatura lançar-se aos céus, o pó voando-me para os olhos. No momento em que os abri de novo, já não conseguia discernir o dragão no céu escuro. Desaparecido tão depressa como aparecera, lembrava uma invenção da minha cabeça.

Acontece que nunca teria sido capaz de imaginar algo tão perturbador.

Procurei o animal na escuridão texturada da noite, da floresta e das árvores.

O meu único meio de regressar a casa tinha desaparecido.

O Homem Corpulento puxou-me bruscamente para a frente e os meus pulsos lamentaram-se em resposta. Porém, arrastei-me, um pé diante do outro. O Bert e o Homem Corpulento encontravam-se diante de mim, dois dos soldados carregavam o corpo amortalhado atrás de nós.

Nos feixes de luar só conseguia ver árvores retorcidas e folhagem luxuriante que me batia nos calcanhares enquanto a atravessava.

Claramente, não nos encontrávamos em Willowridge, a capital do reino de Onyx. Não havia cidade, vida, som. Apenas uma espécie de floresta. A fragrância a musgo húmido, lilás e gardénias que florescem à noite encheu-me as narinas. Distinto do de qualquer floresta onde eu estivera: nenhum odor a especiarias, abóboras ou à decomposição familiar das folhas secas. Só estivera em florestas de um interminável tom de castanho e dourado, ou sem quaisquer folhas. Aquele enclave molhado e nebuloso era distinto de tudo o que alguma vez vira. Todo feito de carvalhos e pinheiros, frio, floral e fresco. Por um instante absurdo quase me conseguia esquecer de onde estava e de como ali fora parar.

Os meus olhos começavam lentamente a ajustar-se à noite. Contornámos um enorme salgueiro repleto de nós e ao longe agigantava-se um imponente castelo de pedra, com centenas de tendas iluminadas no campo que o rodeava. Havia uma cacofonia de cores de guerra, lembrando uma mancha de joias desirmanadas. Cada qual de seu tamanho e forma, lado a lado e umas em cima das outras quais mantas de piquenique num dia estival, ao acaso ou umas sobrepondo-se às outras.

O que... o que era aquilo?

Avançámos e finalmente ouvi outra coisa que não as nossas passadas na terra: o som de gente e de música.

Uma vaga de pânico atravessou-me.

Era mais do que um mero castelo ou fortaleza, antes, isso, sim, todo um forte. Quase como uma cidade fechada.

O forte era rodeado pelas florestas retorcidas que havíamos percorrido: não havia maneira de sair ou entrar sem passar por aquelas árvores assombradas, pelas videiras e raízes. Não havia sinal de vida em quaisquer direções para lá da floresta. Amaldiçoei-me, de mim para comigo, por ter adormecido na viagem até ali. Uma vista de cima ter-me-ia sido útil. Mas a quebra da adrenalina e da ansiedade em simultâneo, conjugada com a

exaustão por ter utilizado os meus poderes no Ryder e no Homem Corpulento, fora um sedativo ao qual não pudera resistir.

Por entre o labirinto de árvores, surgiram uns enormes portões de ferro, abrindo-se para nós mal nos aproximámos. Deixei que o Homem Corpulento me puxasse, obrigando-me a transpô-lo, os olhos colados ao terreno ondulado e ao castelo diante de mim.

— Bem-vinda a Shadowhold, rapariga — disse o Bert, antes de se afastar do grupo.

Estremeci.

Enquanto percorríamos a estrada que bissetava o ajuntamento de tendas dentro dos portões da cidade, apercebi-me... aquele deveria ser o posto avançado do exército de Onyx, conforme se poderia ver pelas mesas dos serralheiros, pelos tachos e pelas armaduras complexas que avistava pelo acampamento. À medida que nos aproximámos, vi uns quantos chalés e cabanas à nossa esquerda e estábulos à direita.

A maior parte dos soldados estaria a dormir, mas alguns tocavam alaúde e bebiam junto de fogueiras crepitantes. Uns quantos de entre esses olhavam para o corpo a ser carregado na nossa esteira ou para a minha silhueta semidespida, mas todos desviavam os olhos do tenente.

Estremeci na noite gélida e tentei envolver os braços em meu redor antes de me lembrar de que estavam atados.

O desejo de estar junto da minha família era uma dor maior do que qualquer uma que sentira, de longe pior do que a das tarefas do Powell. Brotava de mim, ameaçando vergar-me a qualquer momento.

Que fariam eles nesse momento? Arrastar-me-iam pela terra aos soluços?

Sim. Seria precisamente isso que aconteceria.

Quase me sentia sufocar de desespero... queria estar em qualquer lugar menos ali. Em qualquer lugar.

Os meus pés arrastaram-se na gravilha e na terra, formando-me uma fina camada de pó nos tornozelos à medida que o Homem Corpulento me obrigava a avançar, os meus olhos fixos no castelo diante de mim.

Nunca vira nada de semelhante.

Aquela era a fortaleza mais gélida, perversa e, de certa forma, impressionante que poderia alguma vez ter imaginado.

O baluarte todo em pedra era uma proeza da arquitetura gótica com enormes torreões e fortes colunas de pedra. Janelas com vitrais brilhavam na escuridão, fantasmagóricas nas suas pinturas vítreas da guerra e da brutalidade, um contraste estranho com o calor que irradiava de dentro delas. No interior, a luz lançava sombras que se moviam fluidamente nos caixilhos lembrando espectros. O exterior, pontilhado de grandes archotes negros e umas quantas bandeiras heráldicas com o crescente de Onyx, limitou-se a reforçar a minha presunção de que a fortaleza era uma base do exército daquele reino.

Alcançámos as enormes portas de madeira; cerrei os dentes e finquei posição. O Homem Corpulento voltou a puxar-me, e os meus pulsos incendiaram-se de dor, arrancando-me um lamento estranho dos lábios.

O Bert lançou-me um olhar de viés, deliciado.

— Anda, rapariga, podes ficar comigo hoje à noite.

O pânico toldou-me a visão.

Não me lembrava de nada que pudesse proferir para me salvar.

— Tenente, julgo que o comandante Griffin queria ver-nos mal chegássemos. Posso enfiar a rapariga nas masmorras por agora? — lançou o Homem Corpulento.

O Bert estudou o seu soldado, anuindo de seguida de forma áspera e irritada.

Soltei um curto suspiro de alívio. Não sabia se o Homem Corpulento estaria a tentar ajudar-me ou se fora pura sorte, mas fiquei mais do que grata quando o Bert se encaminhou na direção do castelo. O Homem Corpulento afastou-me das portas e passámos por mais guardas, transpondo um portão que conduzia a umas escadas de pedra em espiral.

O terror despertou-me novamente no peito e a boca secou-se-me por completo.

— Não, não... — supliquei, afastando-me da cave ensombrecida, mas o Homem Corpulento parecia não me ouvir.

Nem se preocupar.

Lá dentro, a masmorra estava escura e fedia a água salobra e dejetos humanos. O pingar incessante de líquido ecoava pela escadaria. Lanternas iluminavam um corredor repleto de celas em ferro abaixo de nós e o coração parecia querer saltar-me da garganta.

— Não, espere — supliquei de novo. — Não posso ficar aí.

O Homem Corpulento lançou-me um olhar curioso.

— Não te vou magoar. É só um sítio onde podes descansar até que o tenente decida o que fazer contigo.

Tentei controlar a respiração.

— Só não posso ficar trancada. Por favor. Onde é que ficam os curandeiros?

O Homem Corpulento irritou-se e arrastou-me pela escadaria vertiginosa. Os meus pulmões estavam a sucumbir, pelo que, quando chegámos ao fim, mal conseguia respirar.

Ele puxou-me atrás de si e ao longo do labirinto de celas. Os assobios e gritos dos prisioneiros desbragados em uníssonos com a batida do meu coração tornaram-se uma sinfonia vulgar. Tentei cobrir-me novamente em vão.

O Homem Corpulento abriu a porta da cela e atirou-me lá para dentro, libertando-me das cordas que me atavam. Tropecei, caindo de mãos no chão empedrado áspero e sujo. Lá dentro, era ainda mais pequeno do que parecia. Girei sobre os calcanhares, correndo na direção das barras de ferro.

— Espere — gritei, mas ele já estava longe no corredor e a cela

trancada.

Soltei um suspiro e encostei-me a um canto, deixando-me cair com os joelhos junto ao peito. Sentia a cabeça num torvelinho, a respiração irregular, em arquejos. Tentei lembrar-me do que a minha mãe me ensinara tantos anos antes, quando eu entrava em pânico, mas tinha a mente demasiado confusa.

Talvez aquele fosse o supramencionado momento para me ir abaixo.

Como é que aquilo tinha acontecido? Tentei rever mentalmente os acontecimentos da noite e só custava mais. Por fim, entreguei-me às lágrimas que estivera a conter todo aquele tempo. Irromperam e correram-me pelo rosto, caindo no chão. Soltei gemidos altos e abafados, como os de uma criança.

Quis ser mais parecida com o Ryder. Não o vira chorar mais de duas vezes em toda a nossa vida. Uma, quando tinha quinze anos e caiu do telhado, partindo o joelho. Outra, quando o pai morreu, há sete anos.

O meu padrasto teve uma apoplexia e, quando a mãe nos contou, o Ryder soluçou dias a fio. O pai fora o seu melhor amigo, e Powell venerava o único filho. Já eu e ele nunca havíamos tido esse tipo de relação. Não tinha a certeza se o seu ódio por mim advinha do facto de saber que não era sua, se por não ser forte como o Ryder. De qualquer das formas, nutria um violento desdém por mim, o qual, para meu grande choque, mais ninguém conseguia ver.

Ao contrário do Ryder, eu chorava constantemente. Chorava quando a Leigh me fazia rir até mais não. Chorava quando via a minha mãe com dores. Chorava no final de um livro muito bom ou quando escutava uma melodia bonita. Chorava quando perdia um paciente na enfermaria. Chorava quando me sentia assoberbada. Era a qualidade menos corajosa: ser-se sensível, temerosa e cheia de lágrimas.

Porém, naquele momento, deixava-as fluir livremente.

Chorei por toda a minha família, com quem nunca mais voltaria a estar. Pela decisão estúpida e precipitada de trocar a minha vida pela deles. Não me arrependia disso, mas detestava o facto de ter tido de acontecer. De não ter conseguido pensar em nada mais inteligente. Chorei pelo meu futuro ali, o qual sabia que, na melhor das hipóteses, viria a ser doloroso e, na pior, breve. Tentei insensibilizar-me em relação a uma série de tormentos, o que só fez com que a minha mente se descontrolasse. E se eles pura e simplesmente nunca mais me deixassem sair daquela cela e eu ficasse ali presa para sempre?

O inconfundível grito de um homem em profunda dor ressoou pelas paredes da masmorra. Escrutinei as celas pelas quais passara. Mas quase todos os restantes prisioneiros estavam a dormir.

O grito por ajuda — por *alguém, por favor* — ecoou outra vez. Deveria haver um anexo ali perto para tortura.

Levei as mãos aos ouvidos e apertei firmemente, mas não conseguia afogar os soluços e as súplicas. Dava a sensação de estar a ser cortado ao meio.

Sorvi o ar e engasguei-me, o pânico regressando em grande força.

Estava a sufocar.

Talvez estivesse a morrer. Na minha mente digladiavam um terror rastejante e uma energia frenética, os pensamentos esvoaçavam sem que eu tivesse tempo de os apanhar. Sentia-me zozza e arquejante, amparando-me no chão bolorento.

Definitivamente a morrer.

Precisava de sair dali. *Agora*.

O que é que a minha mãe me dissera para fazer? Porque é que não me conseguia lembrar? Eram...

Três coisas.

Fora isso que lhes chamara. Descobre e foca-te em três coisas que possas nomear... conseguia fazer isso.

Uma: Teias de aranha. Procurei teias de aranha e mofo no teto baixo da cela. Cheirava a bolor e humidade, ar bafiento.

Inspirei profundamente.

Duas: lanternas. Umas poucas lanternas tremeluzentes e fracas pendiam do lado de fora da minha cela. Não conseguia sentir o calor das chamas, mas os feixes ténues de luz lançavam sombras no chão baço e molhado.

Três... Olhei em volta do espaço reduzido e vi dois baldes, um vazio e outro cheio de água. *Três:* baldes. Duvidei de que qualquer um deles estivesse limpo, mesmo assim aproximei-me e salpiquei a cara. A água gelada deixou-me sem ar, mas o choque ajudou-me. Acocorei-me e respirei com um pouco mais de facilidade.

— *Malditas Pedras.* — Baixe a cabeça.

— Que língua essa.

Uma voz, simultaneamente semelhante a um trovão e a uma carícia, ronronou pelas grades de ferro ao meu lado.

Levantei a cabeça. Aterrorizada com o facto de ser atirada para uma cela, não me apercebera de que um outro prisioneiro se encontrava na outra mesmo ao lado; só nos separavam as grades de metal enferrujadas.

Corei. Tivera audiência para um dos momentos mais terrivelmente desagradáveis da minha vida. E, tendo em conta os gritos da pessoa a ser torturada numa outra ala daquela masmorra, seria provavelmente uma das últimas a ali estar.

— Desculpa — murmurei.

— É só... um pouco dramático, não achas? — disse a voz sombria.

Senti a pele eriçar-se.

Semicerrei os olhos nas sombras tremeluzentes, mas só conseguia discernir a silhueta de alguém curvado junto da parede.

— Já disse que lamentava. Que mais queres? — Continuava a tentar controlar a respiração.

Arrependi-me imediatamente do tom de voz desagradável que empregara. Não podia criar uma inimizade com aquele homem aprisionado ao

meu lado durante sabe-se lá quanto tempo. Provavelmente, era um ladrão. Ou um assassino.

Ou algo de longe muito, muito pior.

Porém, o prisioneiro limitou-se a soltar uma gargalhada, e o som lembrou-me o estrondo de rochas a tombarem por uma montanha, reverberando-me no peito.

— Seria bom descansar um bocadinho do teu choro.

Era expectável, mas ainda assim... que idiota.

Dessa vez não me preocupei com disfarçar o olhar furioso. Não sabia se ele conseguiria sequer ver-me na escuridão.

— Já acabei — admiti, inspirando fundo. — Não são todos os dias que se é feito prisioneiro. Ou... talvez para ti seja, mas... não para mim.

Por favor, deixa-me em paz, por favor deixa-me em paz.

— Só queria dizer que há quem esteja a tentar dormir aqui. O teu teatro e peito palpitante não vão mudar a situação. — Fez uma pausa. — Embora o segundo seja agradável à vista.

O meu estômago apertou-se ante aquelas palavras.

Disse «idiota»? Queria dizer «filho da mãe».

Não tinha razão alguma para discutir com ele e não deveria zangar-me — tinha instintos de sobrevivência suficientemente apurados para não o fazer. Mas passara por demasiado naquela noite.

Já não queria saber.

— És nojento — atirei.

— Alguém se sente corajoso quando há grades entre nós.

— Nem por isso — admiti. — Apenas honesta.

A conversa foi uma distração estranha, mas bem-vinda, para a minha ansiedade. Estar sozinha com os meus pensamentos parecia-me pior do que qualquer outra coisa.

Os gritos do homem torturado haviam-se finalmente convertido em queixumes. Esperava, por bem dele, que desmaiasse em breve. Agora, só ouvia o restolhar de algo enquanto contemplava a silhueta na cela ao meu lado a levantar-se e espreguiçar-se.

Só a sombra era imponente — pelo menos cinquenta centímetros mais alto do que eu —, mas a luz ténue escondia-lhe o resto das feições. Ele aproximou-se das grades que nos separavam. Combati o instinto de me afastar dele, lembrando-me de que não me poderia alcançar. Tinha de ter alguma coragem. Principalmente, se aquele iria ser o meu futuro.

— Estás a tentar assustar-me? — Tentei uma abordagem ousada, mas as palavras saíram-me baixas e brandas.

— Algo parecido — murmurou-me ele pelas grades. O coração quase me saiu pela boca ante as suas palavras, a sua voz suave e, contudo, tão mortal que os dedos dos pés se me encolheram de medo. Continuava a não conseguir discernir-lhe o rosto entre as sombras, mas via-lhe os dentes brancos e afiados a brilharem à luz amarelada da lanterna.

— Mas não conseguiu. Assustar-me, quero dizer.

Ele soltou uma gargalhada, mas pareceu-me cruel.

— Que passarinho corajoso. É bom saber. Talvez agora possa ir dormir. O quê?

Mas... os pensamentos fluíam-me agora num ritmo calmo e equilibrado comparado com a confusão frenética em que haviam estado mergulhados.

O pânico acalmara.

Inspirei fundo o ar húmido da masmorra e encarei o prisioneiro coberto pela sombra a meu lado.

Será que saberia o que estava a fazer enquanto me acicatava? Definitivamente, não, mas a distração ajudara-me a não me ir abaixo por completo.

Ainda assim, não conseguia deixar de o olhar fixamente.

— A tua crueldade é um bocado *cliché*.

Ele soltou um suspiro que lembrava uma gargalhada e agachou-se. Finalmente, a lanterna do lado de fora da sua cela iluminou-lhe o rosto.

De início, só consegui ver-lhe os olhos. Penetrantes, cinzentos e tão brilhantes que quase pareciam prata. Brilhavam sob umas sobranceiras espessas e proeminentes e umas pestanas obscenamente longas. O cabelo escuro caiu-lhe ao acaso sobre a testa e ele afastou-o com uma mão forte e larga. Um maxilar cinzelado na perfeição. Lábios grossos. A sua beleza era francamente indecente.

Lindo, indecente e mortal.

Um arrepio percorreu-me todo o corpo.

Sentia mais medo agora do que em toda a noite, e isso incluía uma viagem pelos céus nas costas de um dragão. Porém, apesar de todos os alarmes que disparavam em cada célula do meu corpo, não conseguia desviar o olhar.

Ele observou-me a examiná-lo. Havia um brilho no seu olhar que eu não conseguia deixar de estudar. Esboçou um sorrisinho e eu refugiei-me em mim mesma, um calor a avermelhar-me o rosto.

— Porquê? Porque estou preso?

— Como? — Tentei afastar o que quer que estivesse a toldar-me a mente.

— O *cliché*, conforme referiste.

— Sim. — Ergui o queixo. Lera demasiados livros. — Prisioneiro cruel e sinistro. Já foi repetido à exaustão.

Ele levou a mão ao peito, fingindo-se insultado.

— Feres-me. Não poderia dizer o mesmo de ti?

Contraí os lábios e ele sorriu ligeiramente.

Tinha razão, como é óbvio. Mas não queria partilhar o meu dramalhão — que, na verdade, não era uma criminosa como ele — com aquele estranho letal, aterrorizador e irreverentemente belo.

Quando percebeu que eu nada lhe diria sobre a minha situação, suspirou.

— Tens de ter ânimo, passarinho. Estás em Onyx agora. Não é só gente de cabelo cor de lama, bochechas rosadas e agricultores de abóboras. Filhos da mãe como eu são o que menos te preocupará.

Havia na sua voz uma intensidade que despojava as suas palavras de jovialidade, e não consegui deixar de sentir um arrepio percorrer-me a espinha.

— Como é que sabes que sou de Amber?

Ele olhou-me por entre as grades. Por uns breves instantes estúpidos, perguntei-me como deveria ver-me. Presa numa cela suja, a tremer, os pés e as pernas despidas cobertos de pó, o cabelo emaranhado, os lábios azulados. *Ugh*. Cruzei os braços quando me lembrei de quão pouco vestida estava — uma camisa de alças quase transparente — e do que o frio me havia feito ao peito.

O seu maxilar pôs-se um pouco tenso.

— O que é que aconteceu ao resto da roupa?

Contorci-me sob o seu olhar implacável, corando.

— É uma longa história.

A expressão dele era calma, mas os olhos haviam escurecido.

— Tenho tempo.

A última coisa de que precisava era que aquele idiota perigoso ficasse a par da minha humilhação às mãos do tenente de Onyx.

— Tive de usar a camisola para ajudar uma pessoa. Só isso.

Ele anuiu, cético, mas a intensidade tinha-lhe desaparecido do olhar. Estremeci, uma convulsão estranha contra o frio no ar.

— Estás com frio?

— Sim — admiti. — Tu não?

— Já devo estar habituado.

Queria perguntar-lhe há quanto tempo ali estava e o que fizera para que isso acontecesse, mas sentia-me desconfiada em relação àquele homem estranho e imponente. A sua mera presença era quase intolerável.

— Toma — ofereceu ele, despindo a capa de pele e passando-a pelas grades. — Não te consigo ouvir a tiritar nem mais um minuto. Está a mexer-me com os nervos.

Hesitei, contudo, os instintos de sobrevivência sobrepuseram-se ao orgulho. Agarrei nela, passando-a em volta de mim num movimento veloz. A capa exalava uma fragrância a cedro, uísque e a pele aveludada. Era quente. *Tão* quente. Quase choraminguei enquanto o calor me envolvia os braços e as pernas geladas.

— Obrigada.

Ele contemplou-me a fechar os olhos, tranquilizada pelo calor e o peso da sua capa. Mesmo então conseguia sentir o olhar dele pousado em mim, e a minha pele formigava.

Por alguma estranha razão, não suportava o silêncio.

— Bem, já não estou a chorar. Vou tentar ficar silenciosa.

Porém, ele não rastejou de volta para o seu canto para dormir. Ao invés disso, esticou uma perna diante de si e passou uma mão pelo cabelo, afastando-o do rosto.

— Estás a tentar ver-te livre de mim?

— Sim — admiti.

— Serve-se da minha capa para se aquecer e depois dá-me um chuto.

Mulheres...

Revirei os olhos, mas conhecia bem a cantiga do sedutor. Fosse ele de uma beleza obscena ou não, aquele homem estava trancado numa masmorra num forte do reino de Onyx. Eu precisava apenas de me equilibrar no fio da navalha entre irritá-lo e baixar a guarda.

— Estou apenas a praticar alguma autopreservação. Podes ser perigoso.

— Verdade — brincou ele. — Posso ser. Se quiseses saber, não me importaria se fosses perigosa.

Ergui uma sobranceira cética e estreitei-me ainda mais na capa.

— O que é que supostamente queres dizer com isso?

Ele esboçou um sorrisinho e encolheu os ombros.

— És demasiado atraente. Tenho de correr o risco e, se me matasses — inclinou-se ligeiramente —, seria uma boa morte.

Tapei a boca com o ombro para abafar uma gargalhada.

— Acho que és um sedutor inveterado que está aqui sozinho há demasiado tempo. Como uma fera que gosta de brincar com a presa.

Ele abanou a cabeça num gesto autodepreciativo, mas a alegria desaparecera-lhe dos olhos. A ideia de ter tocado num ponto fraco deixou-me gelada e afastei-me da sua silhueta ensombrecida.

— Se eu sou uma fera, tu também és. — Apontou com as mãos largas para as celas que nos prendiam a ambos.

Por algum motivo, senti lágrimas aflorarem-me aos olhos. A mera lembrança foi quanto bastou.

Pedras, estava tão fraca.

— A única coisa que poderemos ter em comum é um ódio partilhado pelo perverso rei de Onyx que nos acorrentou a ambos aqui.

— O que é que o nosso rei tem de errado?

O facto de ter usado o termo «nosso» respondia já a uma das minhas perguntas. Portanto, ele era de Onyx. Talvez isso explicasse a aura de escuridão que emanava.

Tentei impedir-me de falar, tentei mesmo. Porém, era um tema delicado.

— Além de dizimar um reino inocente para o extirpar da sua parca riqueza e fazer com que se perdessem milhares e milhares de vidas? — perguntei. — Ou treinar os seus soldados para serem mais brutais, sedentos de sangue e violentos do que os de qualquer outro exército de Evendell? Ou que tal o seu reputado amor pela alegre tortura, a morte disparatada e o sangue implacável?

Ao que parecia, a cela onde me encontrava em nada ajudava os meus

bons modos.

A boca dele esboçou um sorriso.

— Até parece que tens medo dele.

— E tenho. Tu também deverias ter. — Abanei a cabeça. — Defender o rei que te prendeu... Os soldados do rei Ravenwood massacraram todos os homens da companhia do meu irmão. Ele teve sorte em sair de lá vivo.

— Sim, passarinho. Ouvi dizer que esse tipo de coisas acontece durante a guerra.

— Não sejas parvo.

— Não sejas inocente.

Um gemido abafado — outro tema delicado. Fechei a boca antes que dela esvoaçassem insultos. Talvez houvesse chegado a hora de pôr fim àquela conversa mortal na corda bamba. Afastei-me mais, encarando a cela vazia do outro lado.

Ele, contudo, suspirou atrás de mim, resignado.

— Não deveria esperar que compreendesses, passarinho.

Malditas pedras.

Girei na direção das grades de novo, pronta para perguntar por que motivo estava ele tão empenhado em falar comigo toda a noite se o que quisera desde início fora dormir, mas fui apanhada desprevenida pelo modo como os seus olhos me atravessavam.

Olhos como piscinas infundas de prata líquida que tremeluziam com algo, de longe, mais intenso do que eu estava à espera.

— Porque é que me tratas assim?

Não era o que planeava dizer, mas saíra.

Pela primeira vez, hesitou, e a intensidade nos seus olhos desapareceu tão depressa quanto a vira.

— Na verdade, não tenho a certeza — disse ele, rindo de si para consigo. Olhou para as botas. — Parece-me apropriado. — Olhou-me nos olhos. — Talvez por estarmos presos.

Lancei-lhe um olhar que dizia: *Muito bem, então*, e voltei a fechar os olhos.

— Bem, isto tem sido divertido, mas a menos que conheças uma forma de sairmos daqui, vou tentar dormir. Tenho a certeza de que poderemos continuar amanhã e no dia seguinte e na eternidade depois disso.

Tentei ser mordaz, mas todas as réplicas fogosas e toda a energia para gracejos tinha-se dissolvido. A realidade era pior do que sombria. Estava sozinha, exausta e tão assustada que não conseguiria aguentar muito tempo. Naquela noite, já não restava nada dentro de mim. Talvez no dia seguinte descobrisse como sair daquele forte, daquele reino, de toda a confusão em que me metera.

Porém, naquela noite, só me restava encostar-me à parede e fechar os olhos. Enquanto adormecia, julguei ouvir o desconhecido a sussurrar a outra pessoa. Tentei permanecer acordada e ouvir, porém, a minha mente e o meu

corpo estavam demasiado drenados. O sono chegou, veloz e obstinado, contra os sons abafados de homens a discutir.

A cordei dorida e rígida, ainda assim, incólume. Uns fiapos de luz coavam pela janela acima de mim, mas desapareceram em poucos instantes, quando a nebulosidade adquiriu tons de negro e deixou a cela na escuridão. Tentei imaginar o sol a bater-me na cara.

Os acontecimentos da véspera tinham-me parecido uma espécie de sonho febril — mas acordar na pedra húmida que tinha ao meu redor trazia-me tão de volta ao momento presente como um estalo na cara. Tinha de encontrar uma maneira de fugir dali. Acabara-se a choradeira. Nada de lágrimas de espécie alguma. Preparei-me para o dia que teria pela frente.

Tomada por uma curiosidade indisfarçável, espreitei a cela à minha esquerda. Esbugalhei os olhos e fiquei hirta quando a descobri... vazia. O homem da noite anterior tinha desaparecido.

Como é que não o ouvira a ser libertado? Nada de grades a abrir-se ou soldados a escoltá-lo.

Será que a discussão na véspera fora entre o desconhecido e o soldado? Não ouvira passos na nossa direção. Tentei espreitar o canto oposto da cela ao meu lado. Estaria lá mais alguém, a pessoa com quem ele tivera a discussão? Não conseguia perceber.

Será que ele tinha escapado? Ou...

O sangue gelou-me nas veias ante um novo pensamento. Era possível que uma execução fosse silenciosa. Senti um baque no coração ao pensar na sua silhueta forte e alta pendendo de uma forca dentro dos portões do castelo. Ou pior, na sua cabeça cortada e posta num pico.

Seguiu-se a imagem da minha cabeça ao lado da sua. Se isso lhe havia acontecido, poderia muito bem acontecer-me a mim... Abanei a cabeça na tentativa de expulsar as imagens terríveis.

Contemplei o teto cinzento e rachado, preparando-me para um dia dentro de uma cela húmida, tentando manter afastados os pensamentos terríveis e um pânico rastejante.

O som de passos no corredor da masmorra chamou-me a atenção. Tratava-se do Homem Corpulento e dirigia-se no meu sentido. Tirei a capa de pele e enfiiei-a, com mãos trêmulas, por debaixo de um banco à minha esquerda. Quando olhei para cima, ele estava a abrir a porta da cela. A fechadura era velha e enferrujada, pelo que precisou de um esforço adicional para abrir.

— Bom dia — cumprimentou. O rosto ganhara alguma cor durante a noite. Parecia muito mais... vivo do que quando me trouxera para ali.

Encostei-me o mais depressa que pude à parede atrás de mim.

— O que é que se está a passar?

— Precisam de ti.

Rezei às Pedras para que fosse necessária para curar alguém e não que se tratasse de um pedido do tenente. Tentei manter-me positiva. Pelo menos, estava a sair da cela.

Ele deu-me um vestido preto, simples, e um pão de centeio. O meu estômago gemeu ante a fragrância. Surpreendentemente, o Homem Corpulento voltou-se, a fim de me dar privacidade. Dei uma dentada no pão antes de me libertar a grande velocidade das roupas de Amber e enfiar o vestido preto. Cheirava a sabonete de lilás.

— Obrigada — disse eu quando já me encontrava decente. O Homem Corpulento voltou-se, os olhos gentis enquanto me estudava. Engoli o medo e apontei-lhe para o abdómen. — Como é que se está a sentir?

— Melhor do que imaginava vir a ser possível, graças a ti. — Sorriu de forma estranha. — Sou o Barney. Desculpa por ontem à noite. Para que saibas, não queria levar-te de tua casa.

Não sei como a frase *Não tem mal, não se preocupe com isso, Barney. São coisas que acontecem* não encontrou o caminho para a minha boca.

— Mas afinal de contas o que é que lhe aconteceu? — optei por perguntar.

Ele abanou a cabeça.

— Tu primeiro. Que magia era aquela?

Se eu ao menos soubesse.

Havia, no entanto, algo de caloroso no olhar do Barney. Uma nesga de sorriso colou-se-me aos lábios.

— Acho que se calhar ambos temos de nos agarrar aos nossos segredos.

O caminho de saída da masmorra pareceu mais curto do que o da entrada na véspera. Segui o Barney rumo ao pátio e aspirei uma golfada do ar fresco matinal, tingido com a fragrância de chuva.

O dia estava nebulado e gélido e, uma vez mais, lembrei-me de como o Norte era muito mais frio. A capa forrada com pele de raposa, cortesia do desconhecido da masmorra, era muito mais quente do que o meu novo vestido de lã preta, com o seu corpete de pele e mangas em balão. A percepção obscura de que o desconhecido provavelmente nunca mais iria precisar daquela peça de roupa fez-me estremecer.

Ainda era cedo e os recintos do castelo estavam tranquilos. Presumi que toda a gente estivesse a dormir, exceto as sentinelas que vigiavam as instalações. Segui o Barney pelas largas portas de ferro forjado e fui cumprimentada pelos aromas e sons de uma fortaleza a acordar. Pão fresco a cozer algures nas cozinhas, chãos a serem esfregados com diversos sabões de lavanda e baunilha. Para uma hora tão matutina, os habitantes da fortaleza estavam a trabalhar no duro para se certificarem de que todas as superfícies brilhavam e todos os vidros resplandeciam.

O castelo era avassalador na sua beleza inquietante. Visto que nunca estivera dentro de um, não conseguia deixar de me maravilhar. Shadowhold era, ainda assim, aterrorizadora — fantasmagórica e gótica, como se fantasmas habitassem cada canto ensombrecido e espreitassem por detrás de cada alçapão —, mas não se poderia negar a sua majestosidade. Um trabalho de pedra complexo e vasto contrastava com a luz suave que entrava pelas janelas empenadas e com vitrais. O Barney deve ter reparado no meu pasmo porque pareceu abrandar o passo intencionalmente, para que eu pudesse absorver tudo.

Tapeçarias em tons de azul-acinzentado e violeta; cortinas verdes de veludo; mesas de madeira escura e cadeiras com marcas de anos de uso. Jarras de mármore repletas de estranhas flores que eu nunca vira adornavam o grande vestíbulo pelo qual passámos. Coisas pouco robustas e com um aspeto triste. Videiras retorcidas e cores escuras que as distinguiam do que crescia em Amber. A minha mãe iria adorá-las.

Se alguma vez a voltasse a ver para lhe contar.

Subimos uma escadaria de pedra esculpida, que contornava a fortaleza criando inúmeras alcovas iluminadas por velas e terminava à frente de uma porta no segundo andar diante da galeria. Uma tabuleta velha, de madeira, onde se podia ler Boticário e Enfermaria, pendia torta.

Um alívio efémero enfiou-me de novo o coração no peito.

Não era tortura, nem morte instantânea. Nem o tenente perverso.

Aquilo eu conseguia fazer.

— É aqui que vais trabalhar. Eu fico cá fora para te deitar um olho. Portanto, não faças nada que me obrigue a chamar o tenente — disse ele em jeito de aviso, mas li-lhe também uma súplica na expressão. — Levo-te para a masmorra quando o dia terminar.

Anuí, embora a ideia das grades de ferro da cela a fecharem-se sobre mim me provocasse um arrepio na espinha.

Teria de guardar o pânico para mais tarde.

O Barney pensou por mais alguns segundos e acrescentou:

— O nosso rei é um homem justo. Se não pode perseguir o teu irmão pelo que ele lhe roubou, vai cobrar-to a ti. Não lhe dêes razões para te tirar mais do que combinaste.

— Obrigada, Barney.

O Barney fechou a porta atrás de mim, e eu inspirei fundo enquanto

avaliava o boticário.

A divisão com soalho de madeira tinha janelas enormes por detrás de um balcão com vista para a vertiginosa quantidade de carvalhos e olmos que rodeavam a fortaleza. Faixas de luz entravam preguiçosamente, destacando as manchas de poeira que pairavam no ar almiscarado.

Cheirava a araruta, erva-príncipe e outros unguentos — uma mescla doce, aromática e medicinal que considerava estranhamente reconfortante. Filas e filas de prateleiras repletas de diversas ervas e pomadas ocupavam grande parte do espaço, com alguns recantos e vãos para mais objetos bizarros oriundos de todo o continente, muito poucos dos quais vira antes.

É claro que não planeava contar isso a quem quer que fosse. Teria de testar as minhas catastróficas apetências para a mentira, caso me perguntassem sobre alguma coisa ali, sob pena de ser considerada inútil para o castelo. Que fariam eles então? Duvidava de que os soldados de Onyx conseguissem encontrar a minha família agora, especialmente caso tivessem chegado ao reino de Garnet. Estremeci ante a ironia. Se os homens do rei Ravenwood não conseguiam encontrar a minha família, era pouco provável que eu fosse capaz.

— Olá? Aqui! — bramiu uma voz masculina.

Franzi o sobrolho e a tensão fechou-me as mãos em punhos. Arregacei as mangas antes de seguir o som, contornando a bancada e seguindo para a direita. Lá dentro, estava uma divisão mais pequena que deveria ter sido a enfermaria. Sentado num pequeno divã encontrava-se um homem corpulento com um bigode ruivo de pontas reviradas. Apesar da sua perna roxa e bolbosa, arvorava um sorriso alegre.

— Bom dia — disse ele, estremecendo. — Lindo dia para uma lesão, não achas?

Uma ligeira onda de alívio gotejou sobre mim. Antecipara um general ameaçador ou um soldado. Alguém como o Bert, que teria de curar depressa sob risco de eu própria morrer.

Ver a perna mosqueada daquele homem foi um tónico para o meu coração acelerado e os meus dentes cerrados. Curar, fosse de que forma fosse, acalmava-me. Era estranhamente aquilo de que precisava.

— O que é isso? — Inclinei-me para espreitar. As veias da zona inferior da perna empolavam de encontro à pele.

— Estava lá fora a recolher lenha para os soldados que se instalaram dentro dos portões do castelo. Vê-se logo pelas nuvens de manhã que a noite vai ser muito fria. Atravessei o que deveria ser um silvado e de um momento para o outro a perna parecia uma beringela. — Esboçou uma careta enquanto lhe erguia a perna e a colocava no meu colo.

A boa notícia é que se tratava de um mero caso de reacção ao espinheiro. Completamente tratável e bastante fácil de o fazer. A má notícia tinha que ver com o facto de que retirar o veneno era muitíssimo doloroso, e temia que a dita experiência não fosse ser sequer do agrado daquele homem robusto.

Sorri-lhe.

— Posso ajudá-lo, senhor, mas tenho de o avisar de que é bastante doloroso.

— Trata-me por Owen. És a nova curandeira? A última morreu no campo de batalha a apenas algumas milhas daqui. Ouvi dizer que levou com uma seta mesmo no olho. — O Owen lançou-me um sorriso, o que me deu a entender que achava aquilo um facto divertido.

— Bem — repliquei, retraindo-me ante a imagem mental. — Eu sou a Arwen.

— Um nome lindo!

Sorri, apesar de tudo.

Sentia-me cansada. Exausta, na verdade. E nenhuma quantidade de homens amorosos e de bigode conseguiriam desmoronar a montanha de medo que me irrompera na mente por estar ali. Mas não podia voltar atrás no tempo. Só me restava tomar conta de mim e, para o fazer, precisava de cuidar do Owen e da sua perna púrpura. Talvez, se fizesse um trabalho suficientemente bom, alguém me deixasse dormir numa cama de verdade.

— Muito bem, Owen. Agarre-se bem.

— Força — disse ele, as bochechas a arredondarem-se de satisfação. O Owen era um tipo estranho, ainda assim, parecia-me que tinha conhecido a única pessoa decente na fortaleza.

O Owen deitou-se e eu pus-me a trabalhar com os meus emplastros e pinças. Quando ele fechou os olhos, para se defender da dor, retirei o veneno com as pontas dos dedos, observando as suas veias a ficarem cada vez menos inchadas. Enquanto se debatia com o desconforto, o rosto ficou de um vermelho que rivalizava com o bigode. Agi rapidamente e terminei antes que ele conseguisse pedir-me para parar.

— Aconselho-o a ficar sentado ou deitado nas próximas horas e a beber muita água hoje.

O Owen olhou-me incrédulo.

— Isso foi muito rápido, Arwen. Temos sorte em ter-te.

Sorri e ajudei-o a levantar-se, acenando ao Barney pela porta aberta.

De novo a sós, espreitei os livros, os pergaminhos, as poções e as estranhas criaturas engarrafadas que adornavam as paredes da botica. Devorei toda a informação nova — tantas maneiras de tratar, melhorar e curar que nunca aprendera com a Nora. Talvez algo servisse de gatilho a uma ideia de como fugir daquele lugar. Tinha mais liberdade do que imaginava enquanto prisioneira e, com isso, vinha a oportunidade; só precisava de um dia ou dois para planear algo capaz de funcionar.

No entanto, ao fim de algumas horas, o dia começou a rastejar rumo ao pôr do sol. Os minutos pareciam horas, as horas vidas.

Apercebera-me da realidade da minha situação ao cabo da terceira hora e ficara a matutar sobre isso o resto do tempo passado na botica. Não tinha encontrado nada passível de ser usado para ajudar à minha fuga, e todas as

janelas e portas ao meu alcance estavam ou trancadas ou guardadas. Para nem mencionar a minha sombra com a silhueta do Barney, da qual parecia que não me afastaria tão cedo.

Mas, ainda mais difícil do que sair do castelo, seria sobreviver nas florestas em volta. Mesmo que, de alguma forma o conseguisse, continuava a não fazer a menor ideia de como me orientar na enormidade que era Onyx. Não tinha aptidões, era fraca e sem qualquer informação acerca daquele reino. Completamente impreparada para uma vida sem a segurança da minha família. E onde estariam eles? Teriam chegado a Garnet? Se sim, a que cidade? Que vila?

Deixei-me cair atrás do balcão. Será que valia sequer a pena lutar contra o meu destino?

Lembrei-me do Ryder. Da sua força.

Ele era tudo o que eu não era. Criativo onde eu era pragmática, extrovertido quando eu era tímida. Corajoso, carismático, popular e adorado por toda a gente. Estava certa de que metade das pessoas com quem eu tinha crescido nem sequer seriam capazes de distinguir a minha cara da de outra rapariga com cabelo castanho-escuro de Amber. Ele era o sol, e toda a gente o rodeava, encantada com a sua luz. O que significava que eu seria um planeta distante, amortalhado numa grande extensão de espaço. Ou talvez um meteoro solitário, a tentar com toda a sua força entrar em órbita.

Mas, acima de tudo, ele era incrivelmente corajoso.

E eu não era. Toda a vida o medo me tolhera.

Talvez conseguisse fingir. Fingir que tinha a coragem dele, o seu heroísmo e confiança, e ver até onde me levava. Não era tão naturalmente ousada como o Ryder, mas não estava ainda disposta a deixar-me ficar e admitir a derrota.

Levantei-me e procurei com afincio por algo que me pudesse ser útil na longa e possivelmente perigosa viagem. Ungentos e produtos médicos das gavetas e armários em meu redor, um par de pinças afiadas e algumas plantas comestíveis. Enfiei tudo o que pude nos bolsos da saia. De seguida, procurei por algo que me desse uma noção de como ou quando deixar aquele lugar sem ser apanhada pelos guardas, porém, nada me saltava à vista.

À medida que o sol se pôs, preparei-me para dar o dia por findo e pensei em como perguntar ao Barney se poderia passear pelo castelo, a fim de procurar por entradas menos usadas, caminhos ou portões. Quando parei para arranjar um frasco torto, quase não vi uma massa de cabelo ruivo que avançou abruptamente e chocou contra mim. Sobressaltei-me enquanto me agarrava à prateleira atrás de mim, e ambas apanhámos umas quantas bugigangas que eu tirara do lugar.

— Desculpe! Desculpe! *Ugh*, que dia — disse ela, freneticamente. O cabelo ondulado em tons de ruivo claro emoldurava um rosto com traços delicados e um nariz sardento. Cheirava a canela e cravo-da-índia, e algo nisso me pareceu familiar e acolhedor.

— Está tudo bem, eu... — Antes que eu pudesse terminar, a rapariga alegre largou sem cerimónias a mochila no chão e deixou-se cair numa das cadeiras de pele de cordeiro no centro da sala. Atou o cabelo rebelde com uma pena — feito único que eu nunca vira — e descalçou os chinelos, sentando-se em cima dos pés.

— O meu pai esteve aqui há pouco e deixou a meia para trás. Disse-lhe que não éramos assim tão necessitados para precisarmos de buscar uma meia, mas tu sabes como são os pais — explicou ela.

Olhei-a com uma expressão neutra. Na verdade, não sabia.

— É sempre assim: *não desperdiçar, não querer* e tal, por isso disse-lhe que a vinha buscar quando saísse da biblioteca. Mas depois fiquei lá presa até quase ao anoitecer. Acho que todas as pessoas da fortaleza decidiram que hoje seria o dia em que iriam enriquecer as suas mentes ou simplesmente estragar o meu dia ou algo do género, por isso aqui estou, horas depois do previsto, prestes a perder a primeira peça de teatro da primavera, por causa de uma maldita meia.

Devo ter arvorado uma expressão perplexa porque os olhos dela arregalaram-se antes de soltar um leve suspiro e rir.

— Desculpa. Chamo-me Mari. O meu pai diz que a minha velocidade vem do meu cabelo ruivo. Acho que isso me torna mais impetuosa. Tu deves ser a Arwen. Ele disse que eras mesmo espetacular. Que o curaste rapidamente e sem muita dor. Obrigada por isso. — Sorrii gentilmente.

— Oh, sim. Claro que sim. Ele foi adorável. — Inclinei-me sobre o balcão e mostrei-lhe a meia em causa. — Aqui está. — Julgava que a Mari se iria embora, mas ela limitou-se a pegar na meia e a acomodar-se na cadeira.

Mudei desajeitadamente a perna de apoio. Ela não me parecia ameaçadora, mas eu ainda me sentia ansiosa. Espreitei em volta dela e para o Barney, que parecia ter adormecido contra uma coluna de granito escuro na galeria com vista para o pátio.

Que belo guarda-costas.

— Com que então, uma nova curandeira — disse a Mari. — Como é que acabaste aqui em Shadowhold?

Tal pai, tal filha. Tanto a Mari como o Owen tinham um sorriso contagiante, mas no da Mari havia um saber aguçado que faltava ao do Owen. Parecia ter mais ou menos a minha idade, e era chocantemente bonita, de uma forma um pouco selvagem e ofegante. Era intimidante. Parecia capaz de comer homens ao pequeno-almoço. Talvez houvesse homens que gostassem disso.

Não tinha a certeza se deveria dizer-lhe que era prisioneira. Alguém confiaria em mim para os curar sabendo que eu era de um reino inimigo? Ponderei mentir-lhe, mas lembrei-me de como corraera da última vez. Cerrei as mãos em punhos nas saias grossas do vestido e optei por uma meia-verdade.

— Só cheguei ontem para preencher a vaga, e não sei muito sobre o lugar.

Esperava que a ansiedade da Mari me pudesse ajudar na presente situação. Talvez falasse um pouco demais, e eu conseguisse alguma informação que me pudesse ser útil na fuga. Desde que ela não me perguntasse de onde eu era. Sabia que não lhe deveria dizer que era de Amber, no entanto, a minha falta de experiência mundana não me permitia inventar o que quer que fosse.

— Bem, posso dizer-te tudo o que precisas de saber. Para ser honesta, a maioria das pessoas aqui é bastante aborrecida e não muito instruída. A fortaleza alberga soldados e as respetivas famílias, o comandante e os generais do exército, alguns dignitários e nobres, e pessoas como o papá e eu, que mantêm o sítio a funcionar. Seja como for — continuou, puxando os joelhos para baixo — vivi aqui toda a minha vida, só fui a Willowridge uma vez, de férias, e foi fantástico. Tanta história e montes de livros antigos. Mas Shadowhold é adorável, se não fores muito lá para fora. Tenho a certeza de que já sabes, mas os Bosques das Sombras não são seguros para ninguém, mesmo para gente como eu que os conhece por dentro e por fora. Há demasiadas criaturas nesses bosques para o meu gosto, e eu sou bastante corajosa. Não é para me gabar, mas também não sou muito humilde.

Pareceu alhear-se por instantes, como se estivesse a debater se era realmente humilde.

— O que é que eu estava a dizer? Desculpa. Tem sido um dia e tanto.

Esbocei um sorriso caloroso. Ela era encantadora.

— Que viveste aqui toda a tua vida?

— Exato. O salão serve um jantar decente quase todas as noites. O guisado de coelho é o meu prato preferido, mas também não há como errar com o peito de vaca. As pessoas são reservadas, mas simpáticas, se conhecermos as pessoas certas, como eu. Eu evitaria os comandantes e os soldados. Não eram muito amigáveis antes da guerra e agora estão piores do que nunca. Manter-me-ia especialmente afastada do tenente Bert. É um bruto nojento. O meu pai acha que lhe deve ter acontecido algo horrível em criança, porque é tão perverso. Mas isso é só um trauma básico. Tenho muitos livros sobre isso, se sentires curiosidade. Ultimamente, tem estado ainda pior. Desde que o rei Ravenwood chegou, andam todos mais nervosos.

De repente, o meu estômago parecia chumbo.

O rei malvado estava ali? No mesmo castelo que eu?

— Sabes o que está ele a fazer aqui? — Tentei manter a minha pergunta descontraída. Tenho a certeza de que era comum os reis deixarem as suas capitais e visitarem os postos avançados do seu exército, mas temia o que isso significava para a posição do nosso reino.

A Mari franziu o sobrolho.

— Imagino que esteja a planear com o exército o próximo ataque a Amber. É um brilhante general de guerra, o nosso rei. Não achas? Amber é um reino interessante para conquistar. Sem dúvida que tem as suas vantagens logísticas. Só gostava que ele fosse mais forte em termos de diplomacia.

Nenhum rei pode ter sucesso com uma reputação de sádico e mulherengo.

Os meus olhos quase me saltaram das órbitas — nunca falaria tão mal do meu próprio rei Gareth, mesmo sendo o filho meio idiota do nosso outrora grande rei Tyden, que as Pedras deem descanso à sua alma.

— O que queres dizer com isso? — Quando a Mari me lançou um olhar estranho, rapidamente acrescentei: — Cresci num lugarejo muito pequeno. Não sei muito sobre política.

Era verdade, de facto. Um rápido olhar de desilusão toldou os olhos escuros e da cor do caramelo da Mari, como se esperasse que aquela nova conhecida fosse mais brilhante, mas pareceu repensar, quando percebeu que me poderia educar.

— Bem, para começar, ele é uma espécie de prostituta.

Desta vez bufei, e ela soltou uma gargalhada animada.

— É verdade! Ouvi dizer que já dormiu com metade do reino, mas não tenciona casar. Acho que é porque não quer partilhar o seu poder. O que me parece inteligente, politicamente falando, mas muito frio, a meu ver. Mas o que é que podíamos esperar? Está disposto a fazer qualquer coisa para conseguir o que quer em batalha. Os livros de história já o descrevem como um dos governantes mais ferozes que agraciaram o continente. Muda de tenentes como de roupa interior. Ninguém parece ser capaz de manter uma posição no seu exército por muito tempo, exceto o comandante Griffin. Nem sequer teve grande relação com os nobres ou senhores do reino. É apenas frio e impiedoso, como te disse.

Aquilo batia certo com tudo o que eu ouvira ao longo da vida sobre o rei Ravenwood. Não era ingénua a ponto de pensar que as histórias de Amber sobre o rei e os soldados de Onyx não eram um pouco exageradas, porém, ouvi-lo de um súbdito do próprio reino só provava que tinham um fundo de verdade.

Saber que ele estava agora ali, na fortaleza, apenas alimentou a minha necessidade de escapar.

A Mari olhava-me especada, claramente a perguntar-se em que estaria eu a pensar.

— Desculpa, é que — hesitei — é horrível ouvir estas coisas sobre o nosso rei. Tudo é novidade para mim! — A falsa surpresa na minha voz deixou-me incomodada. Porque é que era tão má naquilo? — Ouvi dizer que o rei Ravenwood tem dragões, é verdade? — Não queria dar de caras com outro daqueles bichos à saída dali.

Ela, porém, limitou-se a rir.

— Só um. Vi-o a circular por cima da fortaleza uma ou duas vezes. Coisa horrível. — A Mari estremeceu. — Mas há todo o tipo de feras na floresta. Quimeras, ogros, goblins.

Estremeci num pavor silencioso.

Nunca ponderara que tais criaturas pudessem ser reais, não dera um pinga de crédito aos rumores e mexericos que circulavam na minha aldeia

natal. Vira certa vez uma presa de basilisco quando um mercador ambulante que vendia coisas estranhas passara por lá, e julgara tratar-se de uma farsa.

— Essas coisas são verdadeiras?

— Tu vens mesmo de um lugarejo. — A Mari levantou uma sobrancelha cética. — A seguir vais dizer-me que as salamandras de Garnet ou os fantasmas da neve de Pearl também são mitos.

Tentei evitar ficar demasiado boquiaberta.

— Já passa da hora do jantar. — A Mari estendeu o cotovelo para que cruzasse o braço no seu. — Que tal vermos o final da peça juntas?

Eu, porém, abanei a cabeça. Tendo em conta o temor que ela acalentava pelo rei Ravenwood, não me pareceu que quisesse travar amizade comigo, caso soubesse a verdade: que eu era uma prisioneira ali e tinha de voltar para a minha cela. Além disso, não me queria aventurar mais no castelo — se aquelas criaturas andavam a rondar os bosques, o que haveria dentro das muralhas?

Olhei para o Barney, que acordara e se postara mesmo à porta da botica.

— Desculpa, estou exausta do meu primeiro dia e preciso de dormir.

— Está bem. — Na expressão transpareceu um pouco o descontentamento, mas ela recuperou rapidamente. — Tenho a certeza de que nos veremos por aí. De qualquer forma, amanhã tenho de vir perguntar uma coisa ao Dagan. Fica bem! — Dito isto, foi-se embora.

— Espera, quem é o Dagan? — gritei, mas ela já tinha descido o corredor da galeria em direção à grande escadaria de pedra.

O tom com que falei fez com que os olhos de um soldado de ombros largos, com um elmo de osso, e os de uma nobre vestida com um vestido de renda escura, com espartilho e joias violetas e de ébano, se voltassem para mim.

Merda, merda, merda.

Estremeci antes de reentrar na botica para recuperar o fôlego.

Toda a gente ali me assustava. Todos eles transbordavam de poder violento e sombrio e de intenções cruéis. Como se eu fosse carne, e eles estivessem famintos.

Exceto talvez o Owen. E a filha ruiva. E talvez o Barney — ainda não tinha certeza sobre ele. Mas, independentemente das exceções, o povo de Onyx deveria ser evitado a todo o custo.

Esperei até que não houvesse ninguém na galeria para sair da botica. O Barney estava à espera lá fora, como estivera todo o dia, e cumprimentou-me com um sorriso cansado. Segui-o pelas escadas em silêncio. Retratos sombrios da realeza de Onyx, com rostos pálidos e melancólicos, fixavam-me junto de candelabros e lustres de ferro forjado.

Tentei evitar os olhares ameaçadores dos soldados que entravam no salão nobre e impedir-me de ver com saudade como as suas famílias se lhes juntavam ao fim de um longo dia para partilharem uma refeição juntos. Sentia uma saudade desesperada do Ryder, da Leigh e da minha mãe. Perguntava-me

onde andariam e se estariam tão preocupados comigo como eu estava com eles.

Os corredores escureciam à medida que a noite caía sobre o castelo, e eu precisava de encontrar uma saída que não fosse pelas portas principais, fortemente guardadas. Antes de dobrarmos a esquina envolta em sombras de regresso às masmorras, sons abafados vindos de uma porta fechada ao fundo do corredor chamaram-me a atenção.

Consegui ver um brilho ténue de luz de vela a emanar por baixo dos painéis de madeira, e a pequena abertura na moldura permitiu que o som me chegasse. A porta não tinha guardas — poderia aquela ser outra saída?

Olhei para o Barney.

— Posso ver este quadro por um momento? — perguntei, acenando com a cabeça para o que estava mais próximo da sala misteriosa. Quando o vi de facto, estremeci. A tela era de um homem nu, bastante bem-dotado, segurando o seu... dote.

O Barney ficou pálido de vergonha.

— Uh... claro.

Senti-me corar, mas agradei a sorte. O seu desconforto face ao que ele deve ter presumido ser o meu interesse sexual pelo quadro a óleo foi provavelmente o que o impediu de me dizer não.

Aproximei-me mais da porta enquanto olhava para a pintura menos fascinante de um homem nu que alguma vez vira, não fosse o Barney estar a olhar para mim. Estava prestes a rodar a maçaneta quando uma voz áspera, em tom baixo, se fez ouvir.

— *Com todo o respeito, Vossa Majestade, isso foi o que disse da última vez, e agora estamos a perder homens a um ritmo alarmante. Não consigo treinar homens à velocidade a que eles estão a desaparecer.*

Vossa Majestade? Estaria ele a falar com...

Outra voz interveio.

— *E sem qualquer respeito... terá de o fazer. Não me obrigue a fazer de mais um dos seus tenentes um exemplo. Sabe o quanto eu gosto disso.*

Fiquei hirta, com o coração a bater-me descompassado no peito.

As palavras foram proferidas com toda a calma. Suaves como seda, embora abafadas pela parede de pedra.

Rei Ravenwood.

Só podia ser.

— *Podem brutalizar quem quiserem. Isso não nos vai ajudar a encontrar o que precisamos a tempo. Só significa que tenho de procurar novos tenentes.*

— *Não é para isso que vos pago tão bem?*

— *Que tal fazer uma pausa na busca por uma semana, só o tempo suficiente para...*

— *Não... tu conheces as palavras do vidente tão bem como eu. O tempo está a esgotar-se, comandante. Temos menos de um ano.*

Um vidente? O que poderia...

A mão áspera do Barney envolveu-me o braço, e eu saltei quase um metro devido ao contato.

— Já chega. O quadro ainda estará aqui amanhã — disse ele, com uma expressão dura e fria. Mas os olhos brilhavam-lhe de preocupação mais do que qualquer outra coisa. Será que também ele ouvira a conversa furtiva? Quando me afastou, o outro homem — aquele a quem o rei chamara comandante — suspirou e eu ouvi uma cadeira a ser arrastada.

— *Costumavas ser mais divertido.*

O Barney e eu saímos para a noite fria e afastámo-nos da discussão abafada. A última coisa que ouvi foi uma gargalhada sombria que parecia uma onda a estalar-me no peito.

Fiquei surpreendida ao encontrar mais alguém na botica na manhã seguinte, quando o Barney me escoltou. Estudei o homem a ler por detrás do balcão; tinha cabelo grisalho com algumas mechas de preto ainda entrelaçadas, uma barba irregular e uma estrutura esguia. Olhou-me de forma austera, e reparei nas olheiras escuras.

— Deves ser a Arwen.

— Dagan? — perguntei.

Ele esboçou um breve aceno, antes de voltar novamente a atenção para o seu livro.

— Também trabalha aqui?

Contemplou-me como se o estivesse a incomodar, coisa que provavelmente estaria a fazer.

Corei ante a ideia de ser um estorvo.

— Por vezes — murmurou ele, antes de perder novamente o interesse em mim.

Encantador. Afadiguei-me a separar algumas ervas secas e a ler um novo texto sobre cura.

Na noite anterior só conseguira pensar na conversa que ouvira. Não fora capaz de me livrar da sensação de que, se fosse mais inteligente, poderia utilizar alguma informação da discussão privada do rei em meu proveito — para me ajudar no plano de fuga. O meu plano tão mal esboçado e, na verdade, ainda inexistente.

Tudo o que conseguira reunir era que o rei estava claramente à procura de algo e que o tempo começava a escassear...

Não sabia o que pensar relativamente à menção de um vidente. Mais uma coisa que sempre julgara ser apenas fábula. O poder de ver o futuro, de nos decretar a vontade das Pedras a nós, meros mortais. Era mais do que conseguia abarcar.

Os meus olhos adejaram na direção do Dagan. Tendo em conta o seu

semblante carregado e ameaçador e o conforto com que se postava atrás do balcão, dava a sensação de que vivera em Onyx toda a vida. Talvez lhe pudesse perguntar, de forma muito subtil...

— O senhor... — Engoli em seco. — O senhor conhece...

— Volto daqui a pouco — replicou ele, antes de se encaminhar para a porta.

Oh. Ótimo.

— Está bem — suspirei, confusa. Lembrando-me da véspera, acrescentei: — Julgo que a Mari estava a contar vê-lo hoje. Se ela por aqui passar enquanto estiver fora, devo dizer-lhe que já volta?

Parecia que anos haviam sido tirados à já longa vida de Dagan. Tinha a sensação de que só a muito custo tolerava a energia caótica da Mari.

— Não. — Dito isto, partiu.

Cerca de uma hora depois, as minhas ervas tinham sido já separadas, não só por cor e local de origem, mas também pela beleza que achei que teriam se fossem rapazes — o cardamomo ganhava de longe — e começara a sentir-me aborrecida de morte.

Levantei-me e uni as mãos, levando-as acima da cabeça e inclinando-me para esticar as costas, depois de ter estado tanto tempo inclinada sobre as ervas secas.

O murmúrio de prazer ante o alongamento muscular foi abruptamente interrompido por um som de alguém a aclarar a voz.

— Detesto queixar-me da vista, passarinho, mas temo precisar de assistência.

O meu estômago pareceu ter caído de uma falésia. Conhecia aquela voz.

Despertei.

Diante de mim, postava-se o meu companheiro de cela assustadoramente bonito. Afinal de contas, não estava morto, mas não andava muito longe disso. Trazia tão-só um par de calças que haviam sido rasgadas numa barriga da perna e se encontravam repletas de lama. Tinha o cabelo colado à testa, fruto da transpiração e da fuligem, e amparava-se a uma prateleira com um braço.

Tratava-se de uma altura péssima para reparar naquilo, mas o peito e o abdómen eram lindamente esculpidos, brilhantes de suor e polvilhados de uma fina camada de caracóis negros. Os seus braços cortados fletiram enquanto rangia os dentes e se mantinha direito. Apesar da dor nítida, lançou-me um sorriso seguro de si, o que era encantador e exasperante em simultâneo. Apanhara-me definitivamente boquiaberta.

Tentei desviar o olhar — como uma *senhora* — quando o vi. Com a outra mão pressionava firmemente o seu lado direito. Sangue pegajoso passava-lhe por entre os dedos e descia-lhe pela caixa torácica, caindo-lhe sobre a anca e na cintura.

Apressei-me a correr para junto dele, mas pensei duas vezes em amparar aquela sua figura imponente — mesmo ferido, parecia capaz de me esmagar com uma mão, se assim o desejasse — e optei por guiá-lo com cuidado até à

cama da enfermaria, fechando a porta atrás de nós. O corpo dele parecia aço gelado em contacto com as minhas mãos. A falta de calor preocupou-me. Demasiado frio e viscoso.

Perdera muito sangue.

O desconhecido fechou os olhos com um gemido angustiado.

— O que é que aconteceu? — perguntei, enquanto enchia uma taça com água quente e antisséptico. Por que diabo estava ele fora da cela e a deambular pelo castelo? Com guardas a cada esquina, em cada recanto e corredor?

— Foi só uma rixa. De certeza que está tudo bem.

A ansiedade trepou-me pela nuca como aranhas.

— Podes mostrar-me?

Ele afastou a mão da ferida com cuidado, e fiquei imediatamente grata pelos horrores de guerra que testemunhara naqueles últimos anos em Abbington — não tanto pela experiência médica, mas porque me permitiam não arquejar ante sangue, assustando o meu paciente.

Mantê-lo calmo era tão importante quanto cosê-lo.

Um grande pedaço de carne havia-lhe sido arrancado entre as costelas. Quase conseguia ver-lhe o osso por detrás do músculo.

— É a pior coisa que viste, passarinho?

— Nem por sombras. Como disseste, apenas uma rixa. Vou coser-te em menos de nada. — Mantive o tom de voz relaxado enquanto ele abria os olhos e me observava a reunir aquilo de que necessitava.

Encolheu-se um pouco quando o pano tocou na ferida. Consequia ver pelas dezenas de cicatrizes nos braços e tronco que aquela não era a sua primeira rixa. Ainda assim, quando se encolheu uma vez mais, senti necessidade de o distrair, tal qual ele fizera comigo naquela primeira noite na masmorra.

— Como é que saíste? — perguntei, enquanto limpava o golpe. — Pensei que te tivesse acontecido alguma coisa...

— Oh, passarinho. Estavas preocupada comigo? Com medo de encontrares a minha cabeça num pico?

A boca torceu-se-me, mas não conseguia lembrar-me rapidamente de uma réplica espirituosa. Estivera, na verdade, preocupada com ele ou, pelo menos, com o que o seu destino poderia vir a significar para o meu. Ergueu as sobrancelhas e desviou o olhar do meu. Porém, a centelha de descrença que vira nele surpreendeu-me.

Apesar disso, fugira à minha pergunta, claramente sem qualquer interesse em partilhar a sua rota de fuga.

Parvalhão egoísta.

— Eles sabem que escapaste do castelo... ou que voltaste a entrar? Porque é que ainda aqui estás? — perguntei.

— Quando fiz esta coisa desagradável, não havia muito mais sítios para onde ir. — Estremeceu enquanto eu retirava terra de uma zona particularmente ferida.

— Então, voltaste para a fortaleza de que tinhas acabado de fugir? Pensei que alguém como tu se limitaria a seguir em frente.

— Então, alguém muito estúpido?

— Foste tu quem o disse, não eu.

Ele franziu o sobrolho.

— Caso não o tenhas percebido, passarinho, não há cidades ou vilas por perto. Que hipóteses me darias se continuasse a correr durante dias com este tipo de ferimento?

Mas eu não o estava a ouvir com atenção. Não conseguia parar de olhar para a porta da enfermaria. Será que o Barney, o Bert ou qualquer outro soldado entrariam por ali a qualquer momento para o matar? Ou a mim, por ajudá-lo?

— Não tens medo de que te apanhem aqui?

Ele esboçou uma careta enquanto eu trabalhava, encolhendo o ombro esquerdo.

— Não sou a prioridade dos soldados. Estamos em guerra, como sabes.

Engoli em seco, esperando que ele tivesse razão.

Ele ergueu uma sobranceira curiosa na minha direção.

— Não tens de te preocupar. Não te vão castigar por me coseres.

— Não podes ter a certeza disso — sibilei, os olhos dardejando de novo na direção da porta.

— Então, porque é que me ajudas, se achas que pode ser uma sentença de morte para ti?

Corei. Ele tinha razão. Aquela era uma péssima ideia.

— Porque sim. Estás ferido. E eu sou uma curandeira.

O seu olhar esquadrinhou-me o rosto.

— És muito honrada, passarinho. O que é que alguém como tu está a fazer numa masmorra de Onyx?

A relutância puxou-me o lábio inferior para dentro da boca enquanto ponderava. Ele escapara com sucesso da sua cela. Eu andava à procura de uma saída, e ei-la diante de mim. Talvez ele trocasse um segredo por um segredo. Parecia uma moeda digna de um reino como aquele.

— O meu irmão roubou uma coisa ao rei e eu fiz um acordo para lhe salvar a vida — expliquei, os olhos ainda fitos na ferida.

Depois de um silêncio demasiado longo, olhei para cima e vi que o rosto do homem endurecera.

— Porquê?

Adotei uma postura defensiva

— O que queres dizer com porquê? Ele é meu irmão. Não podia deixar que os filhos da mãe de Onyx o matassem.

Os seus olhos fixaram-se nos meus. Um misto de frieza e curiosidade.

— Porque é que achaste que a tua vida valia menos do que a dele?

As palavras que proferiu não eram de todo aquilo que esperava.

— Eu... eu não... não é nada disso. — Por alguma razão, corei.

Enquanto crescia, sempre invejara o Ryder. Os rapazes queriam ser amigos dele, as raparigas queriam estar com ele. O Powell e a minha mãe adoravam-no. Aos seus olhos, ele nunca falhava. Com isso, veio um incrível sentido de autoconfiança, que, por sua vez, só o tornava mais bem-sucedido em tudo o que tentava.

Talvez eu tenha sentido que, a ser necessário um sacrifício, era melhor ser eu do que ele. A vergonha cobriu-me a língua, ecoou-me nos ouvidos. Sentia as bochechas quentes. Olhei para a ferida que estava a limpar. Quanto mais depressa o conseguisse tirar dali, melhor. O prisioneiro observava-me com atenção, e eu escondi-me dos seus olhos curiosos e acabei o trabalho.

Depois de a ferida estar limpa e tratada com unguentos, comecei a cosê-la. Ele ficou quieto, mal se mexendo enquanto lhe costurava a pele.

Era agora ou nunca. Estava quase a acabar...

Pensei no tenente, no facto de o rei Ravenwood estar algures naquele castelo, e pesei cuidadosamente as palavras que iria proferir. Só tinha uma hipótese.

— Dava-me jeito a tua ajuda.

As suas sobrançelas ergueram-se, mas ele esperou que eu continuasse. Dei voltas à verdade na minha mente. É claro que não podia confiar naquele homem, mas o tempo estava a esgotar-se. Mal estivesse curado, partiria, e, com ele, a minha única hipótese de liberdade.

Como se se soubesse que me debatia entre confiar nele ou não, disse-me:

— Ajudaste-me bastante... deixa-me retribuir-te o favor.

Engoli, tentando combater a bÍlis que me ardia na garganta.

— Ajuda-me a fugir. É evidente que conseguiste fazê-lo. Leva-me contigo, por favor.

Franziu o sobrolho de tal forma que as sobrançelas se uniram, contudo, não disse nada. Terminei o último ponto e comecei a envolver a ferida com ligaduras.

— Não posso. Não posso, desculpa. Ainda tenho uns assuntos a tratar aqui.

Assuntos?

— Tu és um fugitivo — disse eu, com uma gargalhada que era mais de choque do que de qualquer outra coisa. — Que assuntos tens a tratar, para além de saÍres vivo deste lugar esquecido pelas Pedras?

Talvez fosse uma questão de ego — talvez ele precisasse de que eu lhe implorasse por ajuda. Não me incomodava. Faria o que tivesse de fazer. Ele sorriu e sentou-se, tirando-me as últimas ligaduras das mãos e terminando ele próprio o trabalho.

— Um ponto de vista justo de uma mulher sábia, mas infelizmente não te posso dizer muito mais, exceto que os bosques em redor de Shadowhold são ferozes e cheios de criaturas que eu não te aconselharia a enfrentar sozinha.

— Já ouvi dizer. Foi assim que ficaste com este ferimento? Alguma

coisa te mordeu quando estavas a sair?

Ele soltou uma gargalhada e estremeceu.

— Não estás assim tão longe da verdade.

Rodou as pernas e levantou-se com dificuldade.

— Espera. — Fiz-lhe sinal para que voltasse para o divã. — Ainda não acabei. Falta uma última pomada.

Ele franziu o sobrolho, mas gesticulou na sua direção como quem diz: Está bem, despacha-te então.

Peguei numa pomada curativa e atravessei a divisão para me postar a seu lado. Pedras, ele era alto. Elevava-se bem acima de mim. Mesmo envolto em suor e pálido devido à perda de sangue, a sua beleza era dolorosa. De partir o coração.

E precisava mesmo de vestir uma camisa. Respirei fundo e enfiei as mãos por baixo das ligaduras, com o pretexto de aplicar a pomada. Ele ficou sem ar ante o meu toque, e eu deixei que gotículas do meu poder se derramassem na sua pele e lhe unissem a carne rasgada, reforçando os pontos e acalmando o inchaço.

— Porque é que não me ajudas? Não serei um fardo para ti. Prometo.

Olhei para ele.

Os seus olhos eram suaves, mas feridos. Talvez estivesse apenas com muitas dores.

— Sinto muito, passarinho. Receio que precisem de ti aqui.

Afastei as mãos e o seu olhar arrastou-se sobre mim, lento, saboroso e chocantemente íntimo. O ar entre nós crepitava.

Usar os meus poderes sempre me esgotara um pouco, e já estava a sentir um leve cansaço a instalar-se. Os olhos dele semicerraram-se e deu um passo na minha direção, aquele odor sedutor com notas de madeira enchendo-me os sentidos.

— Estás bem?

— Só estou cansada.

Ele acenou com a cabeça.

— Também me acontece a mim.

Franzi o sobrolho.

— Tu... ficas cansado?

Tive quase a sensação de que ele estaria a corar, mas antes que pudesse responder, o barulho da porta da botica a abrir-se na sala ao lado afastou o seu olhar do meu. Sem perder tempo, esboçou-me um sorriso de desculpas e saiu pela janela.

— Merda! — gritei num sussurro, contornando a mesa e correndo para o parapeito da janela, mas ele já saíra com um grunhido antes que eu o pudesse impedir. Olhei para o chão poeirento lá em baixo e soltei um verdadeiro suspiro.

Ele tinha desaparecido.

Como?

Voltei-me para trás no preciso momento em que um homem bonito, com cabelo cor de mel e olhos verdes-claros como vidro marinho, entrou a correr na sala.

O meu peito dilatou-se enquanto tentava lembrar-me de respirar. A adrenalina ainda me fervilhava nas veias.

— Onde é que ele está? — O homem de ombros largos era quase tão alto quanto o prisioneiro, e possivelmente mais forte. Trajava um uniforme de Onyx com tachas brilhantes ao longo do arnês de couro preto. Girando sobre si, inspecionou a pequena sala. Depois, o seu olhar ameaçador e cruel pousou sobre mim.

Engoli com força, encolhendo-me sob os seus olhos inabaláveis.

— Eu sou a Arwen, a nova curandeira. De quem anda à procura?

Ele lançou-me um olhar demolidor e eu encolhi-me. Sem dizer mais nada, deu meia-volta e bateu a porta atrás de si.

Apenas um dia depois da ridícula fuga pela janela, aconteceu um milagre: descobri uma maneira de fugir.

E chamava-se Jaem.

O Jaem era o filho do talhante. Viera com dois dedos retalhados. Enquanto tentava bater num corte de carne de porco, deitou olho a uma bela jovem chamada Lucinda. Com o seu longo cabelo claro e o nariz fino, a rapariga deixara o Jaem sem fôlego. Em virtude disso, ele batera na própria mão. Coitado do miúdo. Enquanto lhe enfiava os dedos que mais pareciam carne moída numa tala, ele contou-me que no dia seguinte tencionava trazer algo da cidade para a Lucinda. Ia à capital uma vez por semana vender as carnes e as peles que sobravam na fortaleza, não contando nada ao pai, de modo a fazer um dinheiro extra. Saía todas as semanas à meia-noite.

Nessa noite, ia esgueirar-me na sua carroça.

Na primeira manhã que ali passara, apercebera-me de que a fechadura da minha cela se encontrava enferrujada, mas não descobrira uma forma de usar isso em meu proveito — até agora. Mal chegasse à capital de Onyx, poderia alcançar uma cidade portuária e obter uma passagem num navio. Ainda tinha algumas moedas comigo da noite em que tentáramos partir de Abbington, escondidas nos bolsos da saia, e esperava que fossem suficientes para pagar a viagem da costa de Onyx até Garnet. Desde que me conseguisse orientar na capital e lidar com as criaturas ou com os habitantes dentro de muros... Porém, o meu desconforto por estar em Willowridge não era nada quando comparado com o meu medo do Bosque das Sombras. Se conseguisse passar pela floresta em segurança, na carroça do Jaem, saberia lidar com o que quer que encontrasse na cidade.

O medo de que o Barney ou o Bert — ou, pedras o proibissem, o próprio rei — pudessem perceber que eu tinha ajudado o prisioneiro a fugir uns tempos antes não parava de me retinir na mente. Cada dia havia uma razão nova e mais premente para sair daquela fortaleza o mais cedo possível.

Ainda assim, descobri que revira mentalmente a conversa com o desconhecido mais de cem vezes. O que raio o poderia ter mantido em Shadowhold depois de ter descoberto uma forma de fugir da cela? Porque é que desaparecera antes de tocar no chão? De certeza que os olhos me teriam pregado alguma partida.

Isso e a conversa que ouvira entre o rei e o seu comandante giravam-me incessantemente na cabeça todas as noites, quando me encontrava trancada na cela — eram a única coisa que me distraía do medo afiado e gotejante.

— A folha de mirto é para aqui? — perguntei ao Dagan, olhando, de novo, para as ervas que tinha à minha frente.

Um ligeiro aceno de cabeça.

Já deveria saber. Aquela era a única resposta que obtinha do velho homem. Parecia desprezar-me, por algum motivo, pelo que tentava manter-me o mais possível de boca fechada quando o tinha por perto. Trabalhávamos em silêncio quando as derradeiras horas do dia rastejavam por nós.

Agora que sabia que a meia-noite significava que poderia fugir, o dia parecia não querer alcançar o crepúsculo.

— Olá, aos dois! Que festa está por aqui!

O sarcasmo animado da Mari no momento em que saltitou pela porta da botica era uma suspensão bem-vinda da monotonia.

— O que é isso? — perguntei em jeito de saudação, apontando para o livro encadernado a couro nas suas mãos.

— Um livro de feitiços. Julgo que tem mais de cem anos. Traduzi o que consegui, mas, Dagan, pensei que talvez me pudesses ajudar com o resto.

O Dagan soltou um arquejo, mas percebi que o pedido lhe agradava. Talvez estivesse apenas tão enfasiado como eu. A ideia arrancou-me um sorriso. Ele pegou no livro e dirigiu-se para o armário, presumivelmente em busca de algo que o ajudasse a traduzir.

Quando se afastou o suficiente para não conseguir ouvir, sussurrei à Mari:

— Acho que hoje só me dirigiu umas seis palavras. Não é um tipo muito falador. Quem é ele ao certo?

A Mari soltou umas risadinhas.

— Costumava ser um conselheiro ou qualquer coisa assim do rei que precedeu o Kane Ravenwood. Antes disso, acho que serviu no exército de Onyx, mas agora só trabalha na botica. Alguns dos miúdos mais novos acham que é um feiticeiro e que é por isso que o rei Ravenwood o mantém aqui, mas nunca o vi usar magia. — Bateu com os dedos no balcão, pensativo. — Ele finge que eu o chateio, mas vejo bem que não é verdade. Sei que adora ajudar-me com os textos antigos e com a minha investigação acerca de Fae e bruxas. É só um homem solitário. Nem sequer tenho a certeza se alguma vez teve família e isso.

Senti uma pontada de pena do Dagan.

— Tenho de voltar para a biblioteca, mas talvez possamos jantar hoje à

noite? É o tal prato de que te falei.

Não sei ao certo porque me sentia culpada por recusar o convite da Mari de novo. Nem sequer a conhecia assim tão bem. Mas a verdade é que já há muito tempo que não me acontecia alguém querer ser meu amigo. Além disso, evitara o salão nobre ao longo da semana que ali passara. Evitara tudo exceto aquele espaço, a enfermaria contígua e a minha cela.

Mesmo que fosse temerária e decidisse afrontar o resto do castelo repleto de sombras, não estava a ver o Barney a aprovar que eu jantasse com uma nova amiga.

— Amanhã? — Por essa altura, já ali não estaria, se as Pedras quisessem.

Se fosse bem-sucedida naquela noite, provavelmente nunca mais a veria. O pensamento melancólico surpreendeu-me. Esperava que ela não pensasse que teria alguma coisa que ver consigo.

A expressão que arvorou deixou claro que sabia que eu lhe estaria a esconder algo.

— O que é que se passa?

— Apenas saudades de casa. Só isso.

Mais uma meia-verdade.

— Está bem. Veremos como te sentes amanhã. — A Mari apertou-me o braço antes de girar sobre os calcanhares e sair.

Eu e o Dagan continuámos a trabalhar, com apenas alguns pacientes — todos soldados — a chegar ao longo do dia. Ele deixava-me fazer tudo o que tivesse que ver com cura, espreitando-me de quando em quando para se certificar de que eu não cometia erros óbvios. Tentei não levar aquilo a peito.

Estava a limpar a enfermaria na sequência de uma ferida particularmente sangrenta feita com uma azagaia quando ouvi uma voz rude que me deu a volta ao estômago.

— Dagan, bem-vindo de volta — disse o Bert. — O comandante contou-me que as Ilhas Jade foram um fiasco. — O som das botas arranhando na minha direção era lento e persistente, como o pavor que me irradiava no peito. — Onde é que está a rapariga?

Merda. Não podia estar tão perto da liberdade e cair nas mãos do Bert agora.

Silenciosa e cuidadosamente, com tanto cuidado que as mãos me tremiam, fechei a porta da enfermaria e empurrei o divã de encontro à fechadura.

Tinha de sair dali antes que o Dagan trouxesse o Bert para me levar. No entanto, o coração batia-me tão alto que não conseguia pensar.

A janela.

Se o desconhecido o conseguira fazer com a ferida que tinha, eu também o conseguiria.

Os meus dedos tocaram no vidro antes que tivesse total consciência disso e empurrei, empurrei, empurrei.

O trinco não abria. *O trinco não abria* e eu estava presa ali, como um rato numa ratoeira.

Estaria selada desde o dia em que o prisioneiro se escapara? Atirei-me de encontro ao caixilho uma e outra vez, a dor perfurando-me os músculos e ossos no ombro e no antebraço.

O suor escorria-me pelo sobrolho, na linha do cabelo.

Lambi os lábios e retesei-me com o esforço, os dentes cerrados, os ouvidos a zunir.

Vá lá, vá lá, *vá lá*.

Por fim, a janela cedeu com um estampido.

Graças às Pedras.

Ergui-a e uma brisa fresca beijou-me o rosto. Semicerrei os olhos à vista abaixo de mim. Os soldados afadigando-se de um lado para o outro. O ferreiro a bater com o malho qual carrasco. As palmas das mãos formigaram-me perante aquela visão — nunca chegaria aos estábulos. Aliás, nem sequer sobreviveria. Era uma queda mais íngreme do que estava à espera, mesmo para um segundo andar. Continuava sem fazer ideia de como o prisioneiro conseguira.

A maçaneta da enfermaria agitou-se e icei-me.

— Arwen? Porque é que isto está trancado?

Inspirei fundo.

Era o Dagan.

Tentei detetar a voz do Bert, um pé pairando do lado de fora da janela, o vento a agitar-me o tornozelo, mas não ouvi nada.

— Arwen?

Não ouvira a voz do Bert novamente. As pancadas continuavam; rezei em silêncio às Pedras, esperando ter tomado a decisão certa antes de voltar a entrar.

Quando afastei o divã e abri a porta, o Dagan estava vermelho.

— O que é que estavas a fazer aí dentro?

Agarrei o braço magoado.

— Fiquei... fiquei presa.

O Dagan abanou a cabeça e regressou para a botica. Segui-o, perguntando:

— Terei ouvido o tenente? — Tentei parecer descontraída, mas saiu-me duas oitavas acima do normal.

O Dagan soltou um som descontente.

— Infelizmente.

— Não é fã dele?

— Será que alguém o é?

Um sorriso tremeu-me nos lábios.

— Como é que conseguiu que ele se fosse embora?

O Dagan lançou-me um olhar aguçado.

— Não tinha aquilo de que ele andava à procura.

Um enorme suspiro encontrou maneira de me sair dos pulmões. Nem sequer me apercebera de que estava a sustentar a respiração.

O alívio levou-me os olhos ao relógio — por aquela altura, teria de ser meia-noite, certo? Precisava de sair de Shadowhold mais do que precisava de que o meu coração batesse ou os meus pulmões respirassem.

Mas ainda agora começara a entardecer.

— Dagan... não me estou a sentir muito bem. Julgo que as papas de aveia que comi de manhã não estariam muito boas. Importa-se de que saia um pouco mais cedo? — Levei a mão ao estômago ligeiramente tarde de mais para que a história fosse convincente.

Ele olhou-me, a suspeita pairando-lhe nos olhos.

— Se não tens outra hipótese.

— Obrigada. — Por pouco não lhe disse que o veria no dia seguinte, mas senti que já mentira o suficiente para uma vida.

O Barney acompanhou-me de volta às celas num silêncio desconfortável. Estaria claramente a pensar em algo, mas não quis saber em quê. Naquela noite, tinha uma única missão. Havia-a planeado durante o dia enquanto cosia e tratava, e agora chegara a altura de ver se aprendera alguma coisa com o Ryder. Era a única coisa que podia fazer para não me ir abaixo face à enormidade do perigo diante de mim, caso fosse bem-sucedida.

Chegámos à minha cela e o Barney fechou a porta, levando a chave de ferro à fechadura.

— Barney — disse, tocando-lhe na mão por entre as grades. Ele estremeceu ligeiramente, mas olhou-me nos olhos enquanto esperava que eu prosseguisse. — Só queria dizer que lhe estou muito grata. Pela sua bondade e coragem

Enquanto falava, o coração girou-me dentro do peito. Usando o pé, puxei a porta da cela para dentro, um centímetro de cada vez. Com todo o cuidado para que ele não reparasse que a fechadura enferrujada só trancaria em condições se a porta ficasse bem fechada. De forma tão subtil que quase nem se notava que ela se mexera. De forma tão ligeira que ele nunca repararia que o impasse não ficara alinhado com a tranca.

— É tão amável e acolheu-me tão bem, fez-me sentir em casa. Para ser honesta — olhei-o com um falso recato e ia jurar que vi o Barney corar —, tem sido a única coisa a ajudar-me neste momento delicado. Só queria agradecer-lhe.

O Barney olhou-me com um silêncio dolorosamente desconfortável e as faces rosadas.

— ... Está bem.

Abanou a cabeça, confuso, e deu a volta à chave antes de subir de novo os degraus de pedra da escada em caracol, mais depressa do que alguma vez o vira mover-se.

Mal ele desapareceu, soltei uma expiração que me pareceu estar a sustentar há cem anos. Esperara deixá-lo encantado, mas deixá-lo agressivamente

desconfortável também servia os meus propósitos. Envolvi as grades de ferro com cuidado e movi muito, muito devagar a porta da cela, que gemeu.

Aberta.

Estava aberta. Não trancara.

O Barney dera a volta à chave na fechadura enferrujada, e a tranca passara o impasse.

Estava livre.

Mas ainda não podia celebrar.

Tirei do bolso da saia a comida e o abastecimento que surripiara nos poucos dias na botica e encontrei dentro de um dos baldes vazios o papel com o mapa grosseiro que desenhara do pátio exterior. Tinha tudo aquilo de que precisava, incluindo um pequeno embrulho que furtara de uma mulher da nobreza que viera à enfermaria a queixar-se da garganta arranhada. Quem diria que eu era uma ladrazinha tão boa? Deveria ser de família.

Agora vinha a pior parte. Sentar-me na cela aberta, sabendo que poderia partir a qualquer momento, mas à espera da meia-noite, do Jaem, de que os sinos dobrassem.

*

Fui despertada de um sono solto por um gemido.

Um prisioneiro com a cara tão ferida que parecia uma ameixa foi arrastado diante de mim pelas pedras molhadas desde o anexo selado ao fundo do corredor e enfiado novamente na sua cela. Ao fim de noites atrás de noites a cobrir a cabeça debaixo da pele de raposa, para me proteger do choro, dos murmúrios e dos gemidos, sabia exatamente o que se passava ali.

Faltavam-lhe três dedos numa mão e no lugar onde a orelha estivera restava-lhe uma ferida em putrefação. Soltei um arquejo terrível.

Ele estava ensanguentado, com arranques, esquelético e quase incapaz de dar três passos em frente. Por fim, os soldados chegaram à sua cela e lançaram-no com um chape repugnante de carne contra pedra. Era a cela logo depois da contígua à minha, mesmo ao lado daquela onde o belo desconhecido ficara. Tinha a certeza de que fora com aquela polpa de homem que o desconhecido discutira na primeira noite.

O entardecer transformara-se em noite, e a minha mente nunca deixou de correr. Depois de um cenário extraordinariamente desagradável no qual eu só dera uns passos para fora da cela antes de um soldado me encontrar e me rasgar em dois por traição, voltei-me de lado e soltei um gemido para a capa.

— Dia difícil?

A voz fez-me algo ao coração que eu não queria analisar em pormenor — uma mescla estranha de alívio, excitação e medo genuíno. Quando girei, o desconhecido em que estava a pensar encontrava-se diante da minha cela, reclinando-se contra a pedra fresca da masmorra iluminada pela lanterna, o

rosto inundado pela luz azul. Um pé erguido contra a parede atrás de si, os braços cruzados — a imagem do ócio.

Passei as mãos em volta dos joelhos para que não tremessem.

— O que é que estás a fazer aqui? — perguntei, com voz áspera. Não havia prisioneiros nas celas contíguas às minhas, mas havia outros mais longe que provavelmente nos ouviriam.

— Que bela cela tens tu. Muito melhor do que a minha. Um banco, um balde. Como é que influenciaste o labrego careca para ele te instalar tão bem? — Esboçou um sorriso indolente e aproximou-se. — Subornaste-o com os teus belos lábios carnudos?

Não tentei disfarçar a minha aversão.

— Deixa de pensar que tudo tem que ver com sexo. Ele é um soldado amável. Um dos poucos aqui, ao que parece.

Os olhos iluminaram-se-lhe quando se acercou da minha cela e me espreitou.

Os meus instintos haviam claramente estado certos acerca dele — entrava e saía do castelo com tanta facilidade, com uma calma tão grande e desconcertante. Deveria ser mais astuto, mais perigoso do que eu sequer imaginara.

Não confiava nele.

Claramente, o sentimento era mútuo. Não tivera qualquer interesse em dizer-me o que quer que fosse acerca da sua fuga. A irritação formigava-me na pele. Aquele estranho não me podia ajudar, mas tinha amplo tempo para passear pelas masmorras e ser irritante?

— As tuas capacidades curativas são excelentes, passarinho — ronronou. — Sinto-me como novo. — Levantou a camisola, mostrando-me um pedaço do tronco deslumbrante, quase esculpido e em tons de um castanho-dourado com uma única linha cosida.

Esbocei uma careta.

— Deves desejar morrer. Porque é que voltaste?

Lembrando-me de que a minha cela se encontrava aberta, rastejei até à porta até ter os pés pressionados contra ela, mantendo-a fechada. Um sentimento de pavor trepou por mim por ele estar tão perto sem uma separação real entre nós. Era muito mais ameaçador agora do que na enfermaria. Perguntei-me se tal se deveria à palidez viscosa que acompanhara a sua ferida. A expressão nos seus olhos quando temeu pela sua vida.

— Já te disse que tenho algumas coisas para tratar. Algumas das quais são aqui nesta masmorra. — Desviou o olhar de mim e espreitou pelo corredor escuro. — Não te preocupes — continuou ele, fixando-me novamente. — Não te vou arranjar chatices.

O relógio da torre tocou lá fora, anunciando que só faltavam duas horas até que o Jaem partisse para Willowridge e eu tivesse de sair da cela.

— Certo — disse eu, mas já não o estava a ouvir. Medo e falta de autoconfiança assaltavam-me como sempre faziam. Não conseguiria fazer

aquilo. Não iria safar-me com vida. Eu...

— O que é que se passa? — A sua voz tinha perdido o ronronar brincalhão.

— O quê? Nada.

Tremi, a antecipação e a ansiedade agitavam-me o corpo. Os ossos. O sol estava a pôr-se, e eu não tinha um plano real para passar pelos guardas no cimo das escadas da masmorra. Onde é que tinha a cabeça quando pensara em tentar aquilo? Talvez também desejasse morrer.

— Ei — exclamou ele mais bruscamente, agachando-se e passando a manácula por entre as grades para me agarrar o braço. — Fala comigo.

Estremeci ante a pressão no meu antebraço. Não me curara, na tentativa de manter todo o meu poder, toda a minha energia, para aquela noite. Ele soltou-me de imediato, o seu rosto a contorcer-se de horror,

— Estás ferida. Porque é que não disseste nada?

— Não tem qualquer importância, é só uma nódoa negra.

Raiva brilhou-lhe nos olhos.

— Quem é que te fez isto?

— Fui eu quem estupidamente fez isto a si própria. Estava a tentar... — O quê? O que é que estaria eu a tentar? Não lhe ia dizer que estava a tentar atirar-me da janela, tal qual ele fizera.

Ele esperou que eu continuasse.

— Não importa. Porque é que estás sequer a falar comigo? Vais dizer-me alguma coisa sobre ti, sobre como fugiste? Ou só vais continuar a chatear-me em alturas inoportunas?

— Há alguma altura melhor? — perguntou ele, arqueando uma sobrancelha divertida. — Talvez a meio da noite? Quando estás sozinha aqui, a pensar em mim?

Abanei a cabeça em desespero.

Ele soltou uma gargalhada silenciosa.

— Para te ser honesto, a tua cela é o último lugar onde deveria estar, mas — suspirou — não consigo manter-me afastado de ti.

Um calafrio beijou-me a espinha.

— Bem. — Procurei as palavras certas. — É bom não me sentir completamente sozinha.

A sobrancelha arqueou-se-lhe ligeiramente.

— Não imagino que uma mulher como tu se sinta sozinha com frequência.

Lancei-lhe um olhar indignado.

— Desculpa?!

— Não me expressei bem — replicou ele, arrastando uma mão pela cara na tentativa de esconder o sorriso. Tive de me obrigar a desviar o olhar. As covinhas. Estavam a dar cabo de mim.

— Só queria dizer que és calorosa, divertida e uma companhia muito agradável. Seria de presumir que quer os homens quer as mulheres raramente

te deixassem em paz.

As suas palavras eram como um pedaço de pão a crescer-me no peito. Quentes, pegajosas e suaves.

Porém, depressa fermentaram.

— Presumes incorretamente. Não tive muitos amigos na minha vida. Certamente, nenhum homem. A minha vila era pequena com muito poucas crianças da minha idade. Toda a gente era próxima do meu irmão e eu acabei por... colar-me a ele.

— Então, eram todos meio tolos. Parece-me uma bênção sair desse aglomerado de casotas.

— Talvez. Por vezes... Não sei.

— Diz-me. Por vezes o quê?

Porque é que sentia as palavras borbulharem de mim para fora? Palavras que guardara tão fundo durante tanto tempo que quase conseguira esquecer-me de que existiam. Obriguei-me a inspirar fundo.

— Por vezes, sonhava com mais.

Os olhos tremeluziram-lhe, na expectativa de que eu continuasse.

— Enquanto crescia... Não aprendi muito, não conheci muita gente nem tentei muitas coisas. Francamente, é vergonhoso quão pouco sei sobre o mundo. — Pensei na Mari. No tanto que ela vira, aprendera e vivera nos seus vinte anos. Apostaria que era versada no que respeitava aos cantos mais distantes e misteriosos do continente. Reinos acerca dos quais eu nada sabia, como Jade ou Citrine. Abanei a cabeça. — Em apenas alguns dias, conheci gente aqui que viu e fez muito mais do que eu. Fico com a sensação de que mal vivi.

— Porque é que não te foste embora?

Medo. Um medo constante e enjoativo que me pingava todos os dias pelo pescoço abaixo como um xarope espesso.

— Tinha muitas responsabilidades. Não podia — optei por responder.

— Isso parece-me uma data de balelas.

Pus-me hirta.

— És sórdido.

— Sou honesto.

Belisquei a cana do nariz. Esqueçam o sórdido, aquele homem era exasperante.

— Esquece. Vou dormir.

Rastejei de volta para o canto, mas ele esticou o braço por entre as grades e agarrou-me o tornozelo. O seu toque era firme o bastante para que não me conseguisse mexer, mas suave em volta da pele sensível. Um calafrio subiu-me pela barriga da perna e instalou-se entre as pernas. Estremeci.

— Vá lá, passarinho. Não tens motivos para me mentir. Porque é que ficaste?

— Larga-me.

Ele fê-lo imediatamente e sem hesitação.

— Já te disse. A minha mãe estava doente. A minha irmã era nova. Mesmo antes de o meu irmão ter partido para combater na guerra do rei, alguém tinha de ajudar a tomar conta delas.

Ele abanou a cabeça e um silêncio desconfortável esticou-se entre nós como um longo e infundável mar.

— E havia uma pessoa lá de quem eu gostava.

As sobranceiras espessas do desconhecido alçaram-se com curiosidade.

— Pensei que tinhas dito que não querias nada dos homens.

O Halden não era um *homem*. Era... o Halden. Era...

Não precisava de me explicar àquele desconhecido. Abri a boca para dizer precisamente isso.

Mas ele limitou-se a abanar a cabeça.

— Nã.

Cruzei os braços.

— O que é que queres dizer com «nã»?

Ele encolheu os ombros.

— Ele não significava grande coisa para ti.

— O quê?

— Não brilhas ao falar dele. Claramente, nunca pensas nele. Tenta de novo.

— És tão desdenhoso. Como é que poderias saber sequer isso?

— Confia em mim, eu percebo destas coisas. — Os olhos dele pareciam perfurar-me. — Porque é que *ficaste*?

Ugh. Já chegava. Afinal de contas, que importância tinha isso?

— Tinha medo.

— De quê?

— De tudo! — Apontei ao acaso para as grades que me rodeavam no local onde me encontrava contra a minha vontade no reino mais perverso de Evendell. — Olha o que acontece quando dás um passo para fora da tua vidinha sufocantemente segura!

Porque é que me sentia tão culpada por dizer aquilo em voz alta?

— É uma boa questão, raposa. A prisão não é o desfecho ideal para uma aventura, nisso dou-te razão.

Soltei uma forte gargalhada — esgotada, frustrada e tão, tão cansada. Ouvi um gemido de uma cela mais distante e calei-me.

— Está bem, talvez tenha trocado uma prisão por outra. Pelo menos, aqui estou sempre a aprender. Na botica, há ervas e medicamentos de que nunca tinha ouvido falar, quanto mais ver ao vivo.

— O teu otimismo desconcerta-me.

Ergui uma sobrancelha inquisitiva.

— A forma como olhas para as coisas. É... — A mão desapareceu-lhe por entre as madeixas escuras. — Refrescante.

Estudei-o. Um cabelo escuro e perfeito a encaracolar-se sobre a testa e na base da nuca. Uma penugem finíssima ao longo do maxilar que rivalizava

com escarpas salientes. Aqueles olhos de ardósia clara. Sentia o coração palpitar.

— Que foi? — perguntou ele com um sorriso malandro. Não. Não eram apenas os dentes. Todo o seu sorriso era impressionante. Era estranho ver alguém tão deslumbrante, tão poderoso, tão perigoso a partilhar algo tão íntimo quanto um sorriso. Sabendo que qualquer tentativa de mentira seria catastrófica, tentei esconder com algo honesto.

— Estou só a tentar compreender-te.

O sorriso esmoreceu-lhe e ele ergueu os olhos para o teto, pensativo. De seguida, levantou-se abruptamente.

— Está na hora de ir. — Tentou assumir um tom bem-disposto. — Prometi que não te arranjaría problemas, não foi?

Anuí, debatendo-me para encontrar palavras.

Ele voltou-se para mim antes de partir.

— Queixo erguido, passarinho. Não estás sozinha aqui.

— Bem, vou estar, quando finalmente acabares o que quer que te esteja a manter em Shadowhold.

Soei tão patética que até me arrepiei.

Ele, porém, limitou-se a olhar-me com aqueles olhos brilhantes e um sorriso elegante.

— Não estou a ver isso a acontecer nos tempos mais breves.

E, dito isto, mergulhou no corredor como uma sombra, subindo as escadas rumo à noite. Quase me senti mal... Não lhe contara que, mesmo que ele planeasse continuar ali, eu não tencionava fazê-lo.

Encolhi-me num canto. A viagem que me aguardava iria ser mais perigosa e desagradável do que o que quer que eu tivesse vivido até então. E isso se conseguisse sobreviver àquela noite. Virei-me de lado e encolhi-me em posição fetal, desejando não sentir tanto medo.

Acordei sobressaltada com os sinos que assinalavam a meia-noite.

Era agora ou nunca.

A minha mente continuava banhada no nevoeiro de um sono agitado, mas a adrenalina corria-me de forma segura pelas veias, obrigando-me a levantar. Envolvendo-me na capa forrada com pele de raposa do desconhecido, atei o cabelo numa trança solta e certifiquei-me de que o pacote se encontrava firmemente preso à minha anca. Não queria que nada me atrapalhasse, caso me visse obrigada a fugir, a correr de algo ou alguém.

Abri a porta da cela com um rangido e atentei no corredor pontilhado de migalhas de luz vindas das lanternas bruxuleantes — misteriosamente silencioso e vazio, como sempre. Segui em bicos dos pés na direção das escadas em caracol. Quando alcancei a base, preparei-me com uma inspiração. Era um plano terrível. Não acalentava qualquer fé nele, mas era a única coisa que tinha.

Mais uma inspiração, depois...

— Socorro! — berrei para cima.

O estômago ameaçou subir-me à garganta. Fechei as mãos em punhos, abrindo-as de seguida.

O silêncio estendeu-se pela noite.

— Está alguém aí? Socorro! — gritei outra vez.

Ouviram-se alguns resmungos de outros prisioneiros, irritados com o facto de lhes estarem a perturbar o sono.

Mas nada mais.

Gritei uma última vez, subindo depois as escadas a correr até alcançar a porta com ripas de madeira da masmorra. Encostei-me à parede atrás dela e tentei não respirar.

Esperei e esperei, tanto tempo que me pareceu estarem a passar anos por mim.

Sentia os pulmões a arder.

O meu coração — batia como as asas de um colibri.

Aguardei até que a porta se abrisse, cosendo-me com a parede de pedra, e um guarda, ainda a dormir, passasse por mim e descesse as escadas.

Não entrava nem me saía ar dos pulmões. Nenhum.

— Cala-te, quem quer que sejas — gritou ele.

Depois de ter descido uma espiral completa, esgueirei-me dali para fora e apressei-me a entrar na noite, sem parar para recuperar o fôlego.

O castelo encontrava-se paralisado num sono profundo e silencioso. Apressei-me pelo mesmo caminho que tomara na primeira noite em que chegara, através do campo, junto dos aquartelamentos pintados dos soldados.

Quem me dera ter sabido do Jaem mais cedo — já fora da cela, aquilo não era tão difícil como eu julgara. Se o Jaem me conseguisse levar através do Bosque das Sombras até Willowridge, talvez eu conseguisse...

Vozes soaram na noite, e eu paralisei.

Mas eram apenas alguns soldados a contar histórias até altas horas da noite, junto de uma fogueira dançante e moribunda. O peito encheu-se-me de alívio, e continuei a andar, coberta pela escuridão e mantendo-me perto das tendas para não ser vista. Percorri cuidadosamente os labirintos de soldados adormecidos, as minhas costas a tocarem a lona, espreitando a cada esquina antes de me virar. Os chinelos enfiavam-se-me na lama fria e húmida. Estremeci quando a água gelada me encharcou os dedos dos pés.

Finalmente... vi a carroça do Jaem parar no fim do trilho de terra adiante. O cavalo gemeu baixinho e consegui discernir uma carroça cheia de carne seca e peles. Se corresse agora, chegaria à carroça mesmo antes de o Jaem alcançar os portões principais da fortaleza.

Dei um passo em frente e um copo de lata tiniu-me sob o pé. Praguejei silenciosamente contra os homens e a sua incapacidade de limparem a porcaria que fazem, olhando em volta em busca de algum sinal de que alguém tivesse ouvido. Quando ninguém veio atrás de mim, soltei um suspiro e girei sobre os calcanhares para correr em direção à carroça, dando de caras com um corpo grande e suado.

O Bert.

Tão surpreendido por me ver no seu acampamento como eu por o ver a ele.

O coração batia-me descompassado no peito e nos ouvidos enquanto a sua incredulidade se metamorfoseava num prazer sinistro.

— Olha o que eu encontrei. A menininha mágica aqui fora sozinha — sibilou ele. — Todas as moedas em Garnet dizem que não é suposto estares fora da tua cela a meio da noite.

A minha garganta contraiu-se num grito silencioso. Não conseguiria alcançar a tempo a tesoura que guardara na mochila. Mesmo que conseguisse, não tinha a certeza de ter a força — mental ou física — para lha cravar no coração, no pescoço. Mas podia correr mais do que ele, que estava embriagado e trazia uma armadura pesada. Ora, eu era rápida.

Ainda mais rápida com o medo do meu lado.

No entanto, se fugisse, será que ele chamaria por mim e alertaria todos os outros soldados adormecidos? Não gostava das probabilidades que me surgiam de correr mais depressa do que centenas de homens de Onyx.

— Está enganado — repliquei, reunindo uma falsa coragem. — O rei sabe que estou aqui.

O Bert soltou uma gargalhada baixa, mas o seu sorriso não lhe alcançou os olhos. Algo dentro de mim se remexeu, azedando-me o estômago. De repente, soube com uma certeza total que deveria fugir. Girei sobre os calcanhares no preciso momento em que senti a sua mão áspera agarrar-me o cotovelo.

— Então, vou levar-te diretamente a ele — anunciou, mais para si próprio, arrastando-me.

Todo o meu corpo tremeu tanto que pensei que ia vomitar.

Precisava de fugir dele. Antes que me levasse para a sua tenda. Tinha de...

— Largue-me! — Odiava o som estridente da minha voz, o medo que nela transparecia. Tentei arrancar-lhe os dedos do meu braço, mas ele só me agarrou com mais força, as unhas cravando-se-me na pele e a fazerem-na sangrar. — Sou uma prisioneira do rei!

Ele soltou uma gargalhada sinistra.

— Exatamente. Prisioneira. O que é que achas que isso significa?

— Largue-me imediatamente — exigi, mas as minhas palavras eram um chiado estrangulado, e as lágrimas picavam-me nos olhos. — Largue-me ou eu grito.

— Estás à vontade — sussurrou ele, de encontro ao meu ouvido, o seu hálito quente e bafiento. — Achas que serias a primeira?

Não deixei que o choque me mantivesse em silêncio durante muito tempo. Preferia ser apanhada e passar o resto da minha vida naquela masmorra a experimentar o que quer que fosse que o Bert planeara para mim. Inspirei fundo para pedir ajuda, mas ele tapou-me a boca com a manípula carnuda e apertou com firmeza. Tentei libertar-me, engasgando-me de medo, nojo e náusea — mas ele era muito mais forte do que eu. Debati-me e mordi-o, esforçando-me por respirar, todavia, fui arrastada para a sua tenda.

— Se a tua boca me sabe assim tão bem na palma, mal posso esperar até estares de joelhos. A rapariga mágica com a boca mágica.

As lágrimas começaram a correr-me pelas faces em catadupa.

Engasguei-me num soluço entrecortado.

Levou-me até à abertura da sua tenda, onde consegui ver a enxerga e as peles. O meu estômago revolveu-se.

Não, não, não.

Debati-me, fiz força e contorci-me, tudo para fugir dali...

Não podia entrar.

Ele não me podia obrigar a fazer isto. Não o deixaria. Eu...

— Que raio se está a passar aqui? — rosnou uma voz baixa atrás de nós. Fria como a morte e igualmente violenta.

O Bert girou sobre os calcanhares para encarar o homem, mas eu já sabia quem lá estava.

Por esta altura, já conhecia a voz dele como se fosse a minha.

— Não. — A palavra fugiu-me da boca. O Bert matá-lo-ia de certeza.

A silhueta familiar e imponente do prisioneiro, os seus olhos prateados e flamejantes, uma expressão mais mercenária do que qualquer uma que eu tinha visto, olhavam para nós. A ira fervilhava-lhe no olhar — a ira e a promessa de morte.

Porém, não esboçou qualquer movimento para desembainhar uma espada ou atacar o tenente.

Ao invés disso, sem qualquer razão, o Bert soltou-me, e eu caí sem cerimónias no chão.

A confusão ressoou-me no peito juntamente com alívio, o meu coração ainda a bater com a adrenalina residual.

O Bert tropeçou e fez uma vénia ao desconhecido.

O meu coração paralisou.

Porque é que...

— Meu rei — gaguejou o Bert, o rosto virado para a terra abaixo de si.

Senti a visão afunilar-se-me até só conseguir ver o prisioneiro diante de mim. O peso da tomada de consciência era como uma pedra no meu peito, esmagadora, horrível...

Faltava-me o ar.

Não havia ar. Não estava a respirar. Eu...

Os seus olhos cinzentos não se cruzaram com o meu olhar fixo. Estavam demasiado ocupados, demasiado concentrados, tremeluzindo uma raiva branca, como prata líquida em ebulição, voltados para o tenente curvado.

Conseguia sentir o Bert oscilar ao meu lado, tentando em vão manter-se em vénia.

Uma onda fria de humilhação inundou-me as veias quando inspirei um pouco.

— Tu? — A palavra saiu-me dos lábios demasiado rouca. Aclarei a voz. — Tu és... tu és o rei Kane Ravenwood? Como?

— As perguntas ficam para mais tarde — soltou o rei, contudo, o tom enervado não se dirigia a mim.

Observei através da lama o modo como ele avançou, qual morte obscura encarnada, e postou ambas as mãos nos ombros ainda curvados do Bert, desferindo-lhe uma joelhada no rosto com tanta força que reverberou pelo chão abaixo de mim.

Com um estalido húmido, o Bert voou para trás e aterrou com um baque repugnante. Gemeu de dor, o nariz claramente partido num ângulo horrível, o lábio reventado e um olho já a inchar. Pensei ter inclusivamente visto o luar a brilhar em alguns dentes na relva molhada.

Por uma vez, não senti qualquer vontade de curar.

O rei agachou-se junto dele e falou tão baixinho que era quase um sussurro — um suspiro sinistro no nevoeiro da noite.

— Seu pedaço nojento de imundície... uma mancha purulenta no meu exército e entre os homens. Arrepender-te-ás de cada um dos passos que te conduziram a este momento. Rezarás pela morte.

O Bert limitou-se a gemer, caindo de novo na relva, inconsciente. O rei levantou-se, limpou um pouco de lama dos joelhos e virou-se para mim. A sua expressão era uma cuidadosa máscara de calma, como se soubesse que, quer se enternecesse comigo quer revelasse as profundezas da sua raiva, eu poderia ficar histérica.

Tinha razão. Sentia-me mortificada e maldisposta de medo. Não conseguia formar um único pensamento coerente em volta do rugido retumbante da traição que me chegava aos ouvidos.

Um punhado de soldados ouvira a agitação. Saíram a correr das suas tendas, alguns com espadas de metal reluzentes em riste outros ensonados e ainda a puxar as calças — mas todos fizeram uma vénia quando viram o seu rei.

— Levem este saco de merda para as masmorras — ordenou-lhes ele. — E digam ao Comandante Griffin — o rei Ravenwood acenou com a cabeça para o rosto mutilado do Bert — que quero que ele sofra.

Os soldados não hesitaram, erguendo o Bert do chão lamacento e levando-o na direção do castelo, enquanto ele gemia.

Os restantes aguardaram, prontos para mais ordens do seu rei.

O seu rei.

— À vontade. — Aquelas palavras fizeram com que os homens dispersassem de volta para as suas tendas e nos deixassem sozinhos sob o céu brilhante da noite. O pavor revolveu-me as entranhas como sangue na água enquanto contemplava o rei Ravenwood.

Ele deu um passo hesitante em frente e ofereceu-me a sua mão. Os olhos ainda lhe ardiam como gelo.

Olhei-lhe para a palma da mão antes de me levantar da relva sem a sua ajuda.

Respirava agora de forma tão superficial, tremia com estertores estranhos e desconcertantes. Não queria ser tocada por ninguém naquele momento, muito menos por ele.

O rei fechou a mão estendida e meteu-a no bolso como se não soubesse o que fazer com o apêndice.

— Estás bem?

Se eu estava bem?

— Não. — Limpei as lágrimas frias que começavam a secar no meu rosto.

O rei Ravenwood parecia fisicamente angustiado quando os seus olhos seguiram o movimento das minhas mãos sobre as bochechas.

— Juro que ele não viverá para tocar noutra mulher.

Várias emoções digladiavam no meu coração. Vergonha por ter sido tão facilmente enganada, raiva pela sua traição e pelo seu tenente perverso — por ele ter estado tão perto de me magoar... e terror. Um terror tão grande do perverso rei lendário que estava diante de mim que pensei que ia desmaiar.

A raiva — a mais fácil de compreender e controlar na minha mente — venceu, e olhei para ele com intensidade.

Ele passou uma mão pelo rosto como um professor primário que há muito sofre.

— Arwen...

Soltei um som algures entre um arquejo de escárnio e um suspiro. Tinha de me ir embora dali.

Agora mesmo.

Mas o Jaem já há muito que partira, pelo que os meus pés começaram a levar-me de volta ao castelo. O vigarista deslumbrante seguia-me de perto.

Curvou-se à minha frente, e eu parei.

Os nossos peitos estavam a uma respiração de distância, e eu afastei-me da sua silhueta larga. Do poder perverso e predatório que emanava dele.

— Tencionava contar-te. — Examinou-me da cabeça aos pés, aparentemente a verificar se eu estava ferida.

O que é que ele me iria fazer agora? Agora que eu tentara fugir?

Deve ter visto o pavor na minha cara, porque um sorriso amargo substituiu a expressão severa.

— Não te vou torturar pela tua tentativa falhada de fugir, embora esse fosse o comportamento adequado ao rei impiedoso que pensas que sou.

— Obrigada — sussurrei estupidamente.

Os lábios do rei Ravenwood reduziram-se a uma linha fina.

— Preciso de saber se estás bem — pediu ele com firmeza. — Ele magoou-te?

Era como se as palavras fossem lâminas na sua boca.

— Porque estavas preso na tua própria masmorra? — perguntei. Foi tudo o que me obriguei a proferir.

Ele cerrou o maxilar.

— Precisava de falar com alguém lá em baixo. E não como sendo... eu mesmo.

Lembrei-me da discussão abafada daquela primeira noite. A sombra de homem que fora trazido de volta à sua cela naquela mesma noite.

— Estás ferida? — As palavras foram pronunciadas por entre dentes cerrados.

— Não — repliquei num fio de voz.

Ele acenou com a cabeça, os olhos suavizando-se de alívio.

— Porquê... continuar a mentir-me na enfermaria?

As sobranceiras franziram-se-lhe.

— Talvez não me tivesses curado se soubesses quem eu era. Tudo o que

eu te tinha tirado.

Tê-lo-ia feito na mesma, mas perguntei-me se ele o saberia. Se esta não seria mais uma das suas muitas mentiras.

Não sabia porque é que ainda me dava ao trabalho de perguntar — não é que pudesse confiar numa palavra do que ele dizia. Além do medo, sentia-me atravessada por uma humilhação abrasadora. Eu permitira que um monstro me mentisse, me enganasse e me arrancasse dos lábios algumas das minhas verdades mais profundas. Tinha sido tudo um truque sujo e desagradável. A névoa vermelha de raiva que me toldava a visão intensificou-se.

Era fraca e estúpida — primeiro com o Bert e agora com o rei Ravenwood.

— Vais mesmo matá-lo? — perguntei.

O maxilar do rei pôs-se tenso.

— Sim. Vou matá-lo.

— É claro. — Olhei para baixo, mas o tom que utilizara transmitira a minha repugnância.

— És incrível. Acabei de te salvar de um violador. Agora, julgas-me pela maneira como tenciono castigá-lo por te magoar?

— Ele era o teu tenente corrupto! — Mordí a língua. Estava demasiado zangada para continuar perto dele. Ainda lhe diria alguma coisa que seria a minha morte.

— Sim, e isso irá atormentar-me por muito tempo, Arwen. Não fazia ideia... de quem ele era. — Suspirou. — Eles deviam ter-me dito. Os meus homens. Deviam ter-me falado dele. Não sei porque é que não o fizeram.

— Talvez os outros reinos não sejam os únicos a temer o rei de Onyx.

As sobrancelhas uniram-se-lhe enquanto me olhava, e perguntei-me se aquilo que lhe transparecia no rosto não seria vergonha. Fosse o que fosse, transformou-se numa coisa cruel e a cintilar de intriga.

— E tu, passarinho?

Permaneci em silêncio. Ele era demasiado presunçoso... Sabia aonde pretendia chegar. Inclinou-se de encontro à parede ao nosso lado. As comissuras dos lábios ligeiramente subidas.

— Tens medo de mim?

Os dentes brilharam-lhe como os de um lobo à meia-noite.

— Sim. — Não seria capaz de lhe mentir de forma convincente. Sabia que o medo me estava na cara.

— Ótimo. Talvez assim me ouças quando te pedir para fazeres algo por mim.

O meu estômago deu voltas ante a ideia do que ele me pudesse pedir. Ele deve ter visto a repulsa súbita no meu rosto porque um músculo no seu maxilar se tendeu.

— Não, nada disso, passarinho. Não diria que és bem o meu tipo. — Corei com a mordacidade das suas palavras. — Tinha-te avisado de que fugir seria perigoso. Mas, ainda assim, tentaste. Sei que queres voltar para junto da

tua família, mas peço-te para ficares aqui, em Shadowhold, e continuares o teu trabalho como curandeira. Considera-o o pagamento pelo roubo do teu irmão.

Não estava à espera daquilo.

Apercebera-me, ao fim de um dia ou dois, de que havia muito menos pessoas a precisarem de tratamento do que aquilo que esperara. Se o rei estava tão desesperado pelas minhas capacidades curativas, não seria muito mais útil nas linhas da frente? Tinha mais pacientes em Abbington.

— Porque é que queres que fique aqui? Nem sequer tens muitos pacientes.

— Talvez esteja... intrigado com os teus dons peculiares.

Corei. Não queria ser o seu troféu — ser mantida ali como uma das criaturas engarrafadas na botica.

— Em recompensa pelo teu compromisso com Onyx, encontrarei a tua família e certificar-me-ei de que estão a salvo — acrescentou ele, como se a única coisa que tinha importância para mim neste mundo fosse uma mera reflexão posterior.

Sabia que não podia confiar nele, contudo, o alívio ao pensar na segurança deles era como um gole de água fresca. O rei teria recursos para os encontrar. Espiões e mensageiros, um dragão para atravessar os mares mais depressa do que milhares de navios. Provavelmente, conseguiria encontrá-los em meras semanas, ao passo que a mim me levaria anos. Uma vida, até.

Talvez ele soubesse que eu não deixaria de tentar fugir, a menos que me subornasse de outra maneira.

— Como é que eu sei que vais cumprir a tua palavra? — A minha voz adquirira um matiz semelhante ao da força.

Humor dançava-lhe nos olhos quando passou a mão pelo cabelo negro e desgrehado.

— Sei como te vai parecer isto, mas poderás ter de limitar-te a confiar em mim.

A mera ideia deixou-me gelada. Estúpida — eis o que fora só ao ponderar a ideia. Não conseguia encontrar palavras, pelo que prossegui a caminhada em passo estugado na direção das masmorras. O rei rapidamente me acompanhou, postando-se ao meu lado. Malditas pernas longas.

— Isso é um sim, então?

Estremeci.

— Não.

— Então, temo que estejas a seguir na direção errada.

Parei de imediato.

— O que é que queres dizer com isso?

Ele esboçou um sorriso selvagem que me gelou o sangue nas veias.

— Achas que te vou permitir o luxo da cela de que te esgueiraste quando não tens qualquer intenção de prestar atenção aos meus avisos acerca de fugires ou de aceitares a proposta que te fiz? Não, acho que te vou colocar num lugar um pouco menos... confortável.

Fiquei hirta que nem um cadáver.

O anexo. Onde nasciam todos os gritos e gemidos.

Sentia o sangue correr-me nos ouvidos enquanto a satisfação ante o meu tormento lhe dançava nos olhos.

— Disseste que não o farias. — Parecia uma criança petulante, e as palavras desapontaram-me.

Ele encolheu os ombros.

— Disse? Devo ter mudado de ideias. O cavalete consegue ser muito eficaz, sabias?

Estava demasiado satisfeito com a minha expressão horrorizada. Esperava que visse até que ponto o detestava. Mais do que alguma vez detestara alguém. Até mesmo o Powell.

— És tudo o que imaginei que fosses e muito pior.

Os seus olhos de ardósia tremeluziram.

— Talvez. Ainda assim, a escolha é tua.

A ideia de passar o resto da minha vida ali era o suficiente para me deixar fisicamente indisposta. Mas quais eram as minhas opções, na verdade? Passar pelo que quer que ele tivesse planeado para me forçar a submeter-me? Imagens de rodas e unhas arrancadas dançavam-me na mente. E depois? Ficaria mais fraca, mais traumatizada e com ainda menos probabilidades de conseguir uma fuga bem-sucedida. Não seria o ato de concordar com ficar e deixá-lo procurar a minha família o menor de entre os dois males? E aquele que mais poderia jogar em meu benefício?

— Tudo bem — repliquei, engolindo a náusea que me revolia as entranhas. — Mas tenho... — Engoli em seco. — Tenho um pedido a fazer.

O rei aproximou-se e olhou-me com curiosidade. Curiosidade... e algo mais. Algo... faminto. Paralisei. Quando não prossegui, ele murmurou:

— Vamos lá ouvir, passarinho.

— Que encontres a minha família já. Não num futuro longínquo. E que lhes entregues uma carta, dando-me uma prova de que eles a receberam — obriguei-me a dizer.

A expressão no rosto suavizou-se-lhe.

— Feito.

— E tens de jurar não magoar o meu irmão — acrescentei. — Estou a cumprir a sentença dele.

— Claro — ripostou ele, embora o tom tivesse sido amargo.

— E... quero sair das masmorras. Se vou viver aqui, não posso dormir numa cela para sempre. Preciso que me deixem passear pelo castelo livremente. Não quero que o Barney continue atrás de mim.

Ele olhou para mim, letal e inclemente.

— Está bem. Acederei a todos os teus pedidos, mas ouve, passarinho. Não vais fugir de novo. Se o fizeres, a tua família, mal a encontre, vai sofrer.

O sangue esvaiu-se-me do rosto, mas anuí em silêncio e sem mover um

músculo.

— É perigoso lá fora — acrescentou ele. — Não sei se acreditarás nisso, mas não quero ver-te ferida.

Apesar de tudo o que acontecera, exalei um longo e lento suspiro. Se ele mantivesse a sua palavra, eu iria conseguir enviar uma mensagem à minha família. Talvez até os voltasse a ver um dia, caso me portasse bem. Se ele estivesse a mentir, sabê-lo-ia em breve, quando não fosse capaz de me apresentar uma prova da segurança da minha família. Nessa altura, tentaria fugir de novo, mal tivesse conseguido que ele acreditasse que não acalentava quaisquer intenções de o fazer.

Ainda assim, a amargura cobria-me a língua. Não consegui impedir as palavras que me voaram dos lábios quando os nossos olhos se cruzaram sob a luz tremeluzente da lua.

— Só desejava que o que te atacou na floresta tivesse sido bem-sucedido.

Uns olhos ornados de um poder mortífero contemplaram-me de volta.

— Não desejavas nada.

— Hoje, estás mais amuada do que de costume.

O Dagan observou-me com atenção e eu voltei-me para contemplar o bosque do lado de fora da janela, pensando em tudo o que perdera em tão pouco tempo.

Os aposentos para onde fora levada na véspera à noite, nas instalações dos empregados, não eram nada de especial, ainda assim conseguiam ser maiores do que o quarto que eu e a Leigh havíamos partilhado em Abbington. A ideia deprimiu-me por diversas razões. Porém, os lençóis brancos tinham-me sabido bem de encontro à pele e uma lareira pequena emanava um calor baixo e moderado. Apesar do medo de que os pesadelos provocados pela ansiedade me deixassem acordada toda a noite, o sono chegara depressa. Pensamentos com escamas negras de dragão, unhas ensanguentadas e olhos cinzentos e descuidados haviam-me seguido para um sono sem sonhos.

Na véspera, pensara que aquela iria ser a minha última tarde na botica. Agora, seria uma vida. O estado de espírito tenso do Dagan rivalizava com o meu, e os dois só realçávamos a frieza do castelo. Embora me agradassem as imponentes torres da fortaleza, os candelabros delicados e o mobiliário trabalhado e caro, enquanto me encaminhava para a botica naquela manhã, só conseguia pensar numa existência inteira passada ali contra a minha vontade.

— Foi uma noite longa — repliquei.

O Dagan esperou que eu prosseguisse. Não me apetecia nada falar sobre aquilo, mas ele também nunca antes se preocupara em conhecer-me — se íamos continuar a trabalhar juntos, senti que deveria aproveitar o seu interesse.

— Descobri que alguém me andava a mentir. E fui atacada. Pelo tenente. Mas estou bem.

Talvez esperasse a mesma raiva protetora e furiosa que sentira da parte do rei, mas a verdade é que o Dagan se limitou a continuar a observar-me, sem qualquer expressão no rosto.

— Ele tentou atacar-me — expliquei, procurando uma reação ultrajada. Queria saber o que o Dagan pensava do Bert. Do rei Ravenwood. Não ficava enervado com aquilo? Será que ninguém naquele castelo esquecido pelas Pedras tinha uma consciência? — Mas o reio interveio... e condenou-o à morte.

Ainda nenhuma reação.

— Sob *tortura*. — Olhei intensamente para o homem idoso.

O Dagan arquejou e fechou o livro, estendendo a mão na direção de um armário.

— Obrigada pela preocupação — disse, entre dentes.

Ele pegou num pacote embrulhado em serapilheira e contornou o balcão, seguindo para a porta. Devo tê-lo mesmo incomodado nesse dia.

— Vens?

Olhei-o, especada.

Ir? Com ele?

— Aonde vai?

— Só há uma maneira de descobrires — disse ele, mais chateado do que nunca. Olhei para a botica. Nunca iria conhecer melhor aquele castelo, aquele reino, presa ali todos os dias. E, se aprendera alguma coisa na noite anterior, era que conhecimento equivalia a poder. Ora, eu estaria desprovida dele, a menos que metesse o medo de lado e afrontasse o resto daquela fortaleza.

Segui-o na direção da galeria, sem lhe dirigir mais perguntas.

Caminhámos em silêncio pelo castelo, dobrando esquinas envoltas em sombra e soldados a falar em tons abafados. Quando sentia os seus olhos inquisitivos pousarem em mim, estugava o passo, aproximando-me do velho homem.

Libertar-me do olhar atento do Barney pareceu-me estranho — quase demasiado bom para ser verdade. Mas permiti que uma centelha de esperança me perfurasse o coração. Talvez o rei tencionasse cumprir as suas promessas, sendo a minha independência no castelo a primeira.

Ao invés de seguirmos pelo caminho a que me habituara — descendo pelas escadas em caracol, passando pelo corredor com os quadros a óleo e saindo pela porta principal rumo às masmorras —, virámos inesperadamente à esquerda e seguimos por um corredor pontilhado de estátuas. Uma mulher num mármore ebúrneo, no auge do êxtase e envolvida num tecido muito fino, fez-me corar ao passo que um lobo em obsidiana, com os dentes à mostra, parecia quase demasiado verdadeiro para ser arte. A passagem terminava numa porta de madeira que um guarda isolado nos abriu.

Um ar enevoado encheu-me os pulmões.

Arrastámo-nos em silêncio por uma escada húmida e de pedra, até eu já não conseguir conter mais o mal-estar.

— Aonde é que vamos?

É claro que ele não me respondeu. Já deveria estar à espera disso.

Aquela escadaria levava a um grande relvado por detrás do castelo —

vasto e de um verde-esmeralda. Enquanto ali estava, no precipício daquela vastidão, contemplei o imenso espaço aberto e inspirei o pinheiro orvalhado e a relva recém-cortada. Lembrava-me as minhas corridas matinais em Abbington, embora ali tudo fosse muito mais verde e húmido. Os meus pés esmagavam a relva fria enquanto seguia o Dagan pela clareira e reparava na forma como as árvores e as flores silvestres orlavam o campo com muros de pedra.

Lembrava uma arena.

Perdida na contemplação das texturas e cores da clareira, quase nem reparei que o Dagan parara de súbito e deixara cair o embrulho diante de mim, que caiu com um som metálico. Ele apontou na sua direção, e a minha batida cardíaca saltitou ante o convite.

Ajoelhei-me devagar, a fim de inspecionar o que continha o embrulho e fiquei de queixo caído.

Lá dentro, encontravam-se duas enormes e resplandecentes espadas de prata. As lâminas brilhavam ao sol matinal, que coava pelo saco de serapilheira. A pega e o botão de punho de uma delas estavam cobertas de um metal trabalhado que lembrava as videiras de uma floresta densa.

Toda eu me ericei de terror.

— O que é que me vai fazer?

O sobrolho do Dagan franziu.

— Quando era miúdo, aquilo que ontem à noite por pouco te aconteceu acontecia a grande parte das raparigas, e não havia reis por perto para as salvar.

O sangue gelou-se-me nas veias enquanto pensava nas raparigas que não haviam tido a mesma sorte que eu. Será que ele iria retomar no ponto em que o Bert ficara?

— Ensinei as poucas que consegui com essa mesma espada.

Num instante, o medo desfez-se em alívio, que deu de seguida lugar à confusão.

Ele aproximou-se de mim e pegou em ambas as espadas, passando-me a mais pequena e trabalhada.

— Vamos começar com o primeiro golpe básico de cima. Distribui o teu peso por ambas as pernas, coloca o pé de apoio à frente, encarando o teu adversário.

Anuí, mas não esbocei qualquer movimento para erguer a espada.

— Quando quiseres.

Será que ele me ia ensinar? A empunhar uma espada?

Nem sequer tinha grande talento com a faca de trinchar.

Os seus olhos, porém, de uma expressão severa passaram à de irritação, e, tendo ele uma arma em punho, não queria que o velhote se zangasse. Tentei adotar a postura que me indicara, e ele ergueu-me ligeiramente o cotovelo.

— Agarra na espada ao nível do ombro. Boa. Primeiro, fecha o espaço entre ti e o teu adversário empunhando a arma em frente, assim. —

demonstrou-o, o movimento fluido como água que corre. — De seguida, dá um passo no sentido do teu oponente e ligeiramente para a direita, para evitares um contra-ataque. Depois, podes baixar a espada numa linha direita para atacar.

Estava a imitar-lhe os movimentos, atenta aos sítios onde pousava os pés e a pensar em centenas de maneiras de levar a espada e correr para o muro atrás de mim e que nos separava do bosque, quando ele gritou:

— Agora, mexe-te.

Antes que eu pudesse soltar um suspiro, ele atacou-me. O homem deveria ter uns setenta anos, mas movia-se como um gato selvagem. Devo ter guinchado quando deixei cair a espada como se me escaldasse e corri na direção oposta. Ouvi o Dagan soltar uma gargalhada genuína antes de me voltar e o contemplar, estupefacto.

— O que Pedras foi aquilo? — arquejei.

— Vamos tentar de novo.

O Dagan afastou-se e esperou que eu pegasse na espada. Desta vez, quando me atacou, desviei-me para a esquerda, ainda de espada na mão, mas arrastando-a como se fosse um peso-morto. Ele estava mesmo... a ensinar-me. E talvez a gozar um pouco comigo.

— Boa. Ergue a espada. É uma arma, não uma vassoura.

— Não dirias uma coisa dessas, se eu fosse um homem — irritei-me, erguendo a espada no ar. O peso magoava-me nos pulsos e antebraços. No dia seguinte, estaria dorida.

O Dagan repetiu o movimento, mas, desta vez, quando se baixou, apontou a espada na minha direção. Curvei-me e afastei-me, no entanto, ele não me largou. Continuei a desviar-me dos golpes, oscilando da forma como me ensinara, contudo, a dado momento, a espada entrou em contacto com o meu ombro. Preparei-me para sentir dor, mas limitei-me a ser alvo de uma pancadinha. Presumi que era necessária grande perícia para mover a espada com semelhante precisão e vigor, e ainda assim travar o golpe no momento certo.

— Boa — comentou ele. — De novo.

Assim prosseguimos durante cerca de quarenta minutos, passando para como bloquear e o básico de esquivar um golpe. Ele corrigiu-me a postura, os ombros, a direção para onde os meus pés apontavam. No fim, estava a transpirar em bica, a cara a escaldar e salgada.

A familiar dor nos músculos, nas articulações era mais bem-vinda do que imaginara. Há anos que não passava tanto tempo sem correr, e libertar alguma da energia acumulada era quase tão calmante como curar.

— Muito bem — concedeu o Dagan enquanto arrumava as espadas no saco. — Amanhã, de novo, à mesma hora e no mesmo lugar. Faremos isto todas as manhãs antes de a botica abrir.

— Está bem. — Não o iria contrariar quando ele me estava literalmente a ensinar a defender-me do homem que me mantinha cativa naquele castelo.

E o exercício trouxera-me... alegria. Não tinha jeito nenhum, mas havia algo de revigorante no ato de segurar uma espada. Imaginei-me a enfiá-la na cara arrepiante do rei Ravenwood e senti um arrepio satisfeito.

Tentei recobrar o fôlego enquanto caminhávamos de volta para o castelo num silêncio estranhamente confortável. O céu escuro acima de nós prometia um dia de agradável chuva, uma pela qual o meu corpo sobreaquecido ansiava.

— Dagan? — acabei por perguntar. — É um esgrimista dotado. Porque é que trata de uma botica?

Ele semicerrou os olhos na direção das nuvens acima de nós.

— Integrei o exército de Onyx. Há alguns anos.

Abanei a cabeça.

— Não, já vi soldados. Aquilo foi muito mais. O senhor é um perito.

— O meu pai foi um valoroso professor — replicou ele. Olhando para baixo.

— Bem, obrigada por tentar ensinar-me. Darei o meu melhor.

Ele subiu as escadas, um sorriso tremendo-lhe nos lábios.

Mais tarde, de volta à botica, apercebi-me de que fora a única vez que o vira sorrir.

*

Se não estivesse demasiado dorida depois de uma manhã a combater um espadachim experiente, a subida das escadas até à biblioteca garantir-me-ia esse efeito. Cumprindo o juramento que fizera de mim para comigo, nessa manhã, de descobrir mais o castelo de forma a construir um conhecimento defensivo, decidira começar por um local que me assustasse menos — visitando a Mari onde ela trabalhava. Contava que ela tivesse mais informações acerca do rei, do vidente e do próprio castelo. Mas também gostava da rapariga.

Quando cheguei ao topo das quase intermináveis escadas, deparei com livros e mais livros espalhados por espirais e filas de prateleiras. Nunca vira tanta quantidade de uma mesma coisa junta. A biblioteca era toda ela sombras brônzeas, com secretárias usadas e cadeiras de veludo antigas espalhadas por ali. Quando encontrei a Mari na secção de «Gnomos e Elfos», ainda mal tinha conseguido recobrar o fôlego.

— Olá — murmurei, com um temor irracional de incomodar a paz dos livros. O espaço parecia-me um templo... reverente no seu silêncio.

— Arwen. — Sorriu, aproximando-se. — Nem posso acreditar que vieste aqui. É uma subida e tanto, não é? O meu pai disse que nenhum trabalho merece subir aquela escadaria todos os dias, mas não me importo.

— A vista deve ser incrível aqui.

A Mari esboçou um sorriso sabedor e levou-me até junto de um vitral

com vista para a floresta em baixo. Os pinheiros e carvalhos pareciam ainda mais ominosos vistos de cima, filtrados pelo vidro colorido. Uma imensidão de acres de verdes-escuros e vivos e de um negro sombrio. Um trovão sobressaltou-me, e a Mari voltou-se, olhando-me com mais atenção.

— O que é que tens? Estás com péssimo ar!

Encostei-me à janela.

— Obrigada.

Ela acercou-se mais, estudando-me o rosto.

— Bhec, estás transpirada!

— Isto vai parecer estranho... — comecei, apercebendo-me, de seguida, que não estava certa de como terminar a frase. Se ia ali viver, pelo menos por ora, precisava de ter alguém com quem desabafar. A noite anterior fora...

Não conseguia gerir aqueles sentimentos sozinha por muito mais tempo.

— ... Sim? — instigou ela, recomeçando a arrumar os livros.

Afastando-me do vidro, segui-a e observei a biblioteca. Uma mulher idosa, de óculos, lia no canto à nossa esquerda e dois homens que pareciam generais examinavam cuidadosamente a secção de mapas.

Em voz baixa, comecei por algo pequeno, para a testar.

— Passei a manhã a aprender esgrima com o Dagan.

A Mari rodopiou para me encarar.

— O quê? Porquê?

Ali estava a parte difícil... Poderia eu confiar na Mari? Os meus instintos nunca haviam sido tão fortes, e estavam a incentivar-me a desabafar com ela. Sempre fora gentil comigo, procurara a minha amizade, tentara que a transição — embora não estivesse a par de toda a verdade — fosse mais fácil para mim.

Soltei um suspiro.

— Vim para aqui porque o meu irmão ia ser sentenciado à morte por roubo. Ofereci-me para trabalhar como curandeira como forma de pagar a sua dívida. Passei a primeira noite nas masmorras do castelo e o rei estava numa cela contígua à minha, a fingir ser prisioneiro na sua própria fortaleza. — Quando a sua expressão se contorceu num esgar, insisti. — Contar-te-ia o motivo, se o soubesse.

— Conheceste o rei Ravenwood? E falaste com ele? Como é que era?

— Horrível — respondi irritada. — E terrivelmente bonito. Uma péssima combinação.

A Mari soltou uma gargalhada.

— Isso parece ser consensual em todo o reino. Como é que isso acaba com o Dagan a ensinar-te esgrima?

Contei tudo à Mari. As mentiras do rei Ravenwood, o terrível tenente, a minha tentativa de fuga, o acordo malvado e a conversa que tivera com o Dagan naquela manhã. Falei-lhe da minha mãe, dos meus irmãos, da minha infância em Abbington. Tudo, exceto os maus-tratos do Powell.

A Mari deixou-se cair contra uma estante ao meu lado. Parecia, na

verdade, sem palavras pela primeira vez desde que a conhecesse.

— Lamento que estejas presa aqui — acabou por dizer. — Mas Shadowhold não é assim tão má. Vais acabar por gostar disto, tenho a certeza. Sinto ainda mais pelo padecimento da tua mãe. Nem imagino o que seria ver o meu pai a sofrer assim.

Doeu-me o coração ao pensar na minha mãe a viajar para terras mais seguras no seu estado e sem medicação, visto que eu nunca regressara naquela noite.

— Os curandeiros na minha vila nunca conseguiram descobrir o que era. Tentámos todas as poções, unguentos e terapias que conhecíamos. Acabaram por me dizer para parar de tentar curá-la e limitar-me a mantê-la confortável enquanto esperávamos o inevitável. — Lembrei-me do dia em que a Nora me dera uma ríspida reprimenda.

— Lamento, Arwen. Pelo menos, a tua vila tinha uma curandeira. Há muita gente que tem de viajar para obter ajuda médica. Na Nascente da Serpente, na fronteira de Peridot, não há curandeiras a milhas. Certa vez, um homem ficou com um braço cortado num moinho de vento e teve de voar num dragão alado até Willowridge. Porque estaria ele lá, não quis saber.

— Mari, como é que sabes sequer isso?

— Li-o num manual médico. — Encolheu os ombros.

Aquela rapariga era uma fonte de conhecimento. Ela...

Senti-me ficar sem ar.

Um manual médico.

Será que passaria por aí?

Procurei nas estantes em meu redor e cortei a direito até à secção assinalada como «Medicina». A nossa pequena vila não tinha nenhum dos recursos daquele castelo, nomeadamente uma biblioteca como aquela, que deveria ter sido trazida da capital efervescente e decerto também de outras cidades, ao longo das décadas.

— Como é que fui estúpida a ponto de só pensar nisso agora? — disse à Mari, que me seguiu. Deveria ter sido o meu primeiro pensamento num castelo assim.

— Pensar no quê? — gritou a Mari atrás de mim antes de a mulher de óculos nos dirigir um chiu bem audível.

Mas eu já tinha encontrado aquilo que procurava. Filas atrás de filas de livros acerca de várias doenças, padecimentos e as suas curas. Se alguma coisa houvesse capaz de ajudar a minha mãe, estaria naquelas páginas.

Nem sequer era um plano tão terrível como outros que tivera naquela semana — trabalhar ali, curar os soldados, aprender a lutar. E entretanto procurar uma cura para a minha mãe. Mal a descobrisse, poderia insistir junto do rei Ravenwood para lhe fazer chegar, caso contrário deixaria de trabalhar para ele.

— Mari. — Voltei-me para ela, uma verdadeira esperança acesa no peito pela primeira vez desde que saíra de Abbington. — Ajudas-me? Sei que é

muito, mas...

— Há três coisas que adoro no mundo. Ler, um desafio e provar a outros que estavam errados.

Soltei uma gargalhada alegre e sonora.

— E ajudar as pessoas?

— Claro. — Encolheu os ombros. — Isso também.

*

Aquela tarde esgueirara-se para a noite enquanto folheávamos metade dos livros da secção. Quando os meus olhos ficaram tão cansados do jargão médico que mal os conseguia manter semicerrados, e ainda não havíamos encontrado nada de útil, levantei-me nas pernas bambas e prometi à Mari voltar no dia seguinte de manhã, antes de entrar ao trabalho na botica. De seguida, desci pelas escadas traiçoeiras de pedra.

Quando alcancei o corredor com as telas pintadas a óleo, virei espontaneamente à direita, inspirada pela intenção de ficar a conhecer todos os cantos ao castelo. Explorá-lo ativamente na busca de qualquer conhecimento que me pudesse ajudar soubera-me muito melhor do que acovardar-me na botica.

O novo corredor escuro estava iluminado com castiçais de ferro e candelabros; obriguei-me a ser corajosa. As sombras não me podiam magoar. Nem a pedra trabalhada ou os sussurros abafados das alcovas escondidas.

Um pé diante do outro — eis o que precisava de fazer.

No fim de uma passagem sinuosa encontravam-se umas portas altas de um tom negro-escuro, flanqueadas por quatro sentinelas.

Um palavrão rugiu por entre elas e ecoou no corredor, pasmando-me e roubando-me o ar dos pulmões. Aquela voz era-me demasiado familiar e não consegui evitar o pavor puro que me revolveu as entranhas. Até os guardas nas suas armaduras e elmos que lembravam crânios estremeceram.

Todas as células do meu corpo me pediram para correr na direcção contrária. Para longe daquele rugido letal. Porém, se por ali ficasse, talvez conseguisse ouvir outro pedaço do diálogo do rei com o vidente.

Limitar-me-ia a dar mais uns passos...

As imensas portas de madeira abriram-se de rompante e uma confusão soluçante saiu e embateu em mim. Dei um passo atrás, o tornozelo dobrando-se.

— Maldito monstro vingativo, vai matar-nos a todos.

A força do homem lamuriento quase me atirou ao chão — era enorme. Pelo menos, um metro e oitenta e três, com um corpo maciço e a chorar como uma criança exausta. Não me apetecia continuar por ali para descobrir o que o rei Ravenwood fizera para reduzir aquele rochedo de homem a uma poça de lágrimas.

Girei sobre os calcanhares antes de ouvir a voz do rei ribombar no corredor.

— Ora bem, vejam quem aqui está.

Merda.

Apesar do ácido a queimar-me as veias, sabia que não deveria fugir dele. A ameaça vaga da masmorra era apenas uma parte daquilo de que era capaz.

Voltei-me, de queixo erguido.

Caminhar rumo à sala do trono do rei Ravenwood era como entrar numa nuvem negra. Pedra preta e cinzenta cinzelada faziam com que o espaço parecesse cavernoso, e o trono entrançado onde ele se sentava era um monólito de videiras negras entalhadas. Tochas iluminavam a sala em colunas de luz tremeluzente, mas nada escondia a aridez do espaço, que só era amplificada pela expressão sombria do monarca.

Obriguei-me a uma pequena vénia aos pés do rei Ravenwood, apesar de me dar a volta ao estômago.

Ele arqueou uma sobrancelha, os seus olhos, habitualmente brilhantes, cansados naquela noite.

— O que é que estavas a fazer ali fora? Já estás com saudades minhas?

— Bem, não é um rei muito perspicaz — murmurei.

Tinha mesmo de me livrar da raiva, mas não conseguia impedir o fogo que deflagrava dentro de mim sempre que ele falava. E aquele dia era especialmente doloroso. Ele estava numa posição evidente de poder — pernas estendidas, o maxilar relaxado, uma mão adornada com anéis de prata sobre o braço do trono.

O idiota, contente consigo mesmo, estava praticamente a pedi-las.

Porém, os guardas atrás dele permaneciam mortalmente imóveis, e reconheci o soldado louro que se irritara comigo na enfermaria. Ele avançava com uma resolução mortífera, os olhos verdes a prometerem-me a morte.

Engoli em seco, estudando o jovem soldado estoico. Naquele dia, perseguira o próprio rei, embora Ravenwood não fosse um prisioneiro evadido... Porque correrá atrás dele?

— Talvez seja melhor teres tento na língua — disse vagarosamente o rei Ravenwood. — O comandante Griffin é um pouco sensível no que respeita a insultos.

Comandante?

O homem parecia terrivelmente novo para ser o comandante do Exército de Onyx. Compreendia que um rei fosse novo, como o Ravenwood, que teria uns vinte e cinco ou vinte e seis anos. Um monarca não controlava a morte dos pais, que lhe deixavam a coroa.

Porém, o comandante Griffin parecia ter a idade do rei. Perguntei-me como teria escalado os postos tão depressa.

O homem em causa revirou os olhos, mas manteve a postura junto do rei, observando-me como se eu fosse uma ameaça. A ideia arrancou-me um sorrisinho.

— Alguma piada, passarinho?

— Nem por sombras — repliquei, disciplinando o rosto. — Quando muito, o ambiente parece bastante... sombrio.

O rei arregaçou as mangas ornadas da sua camisa negra e cruzou a perna à altura do joelho. Os seus antebraços dourados do sol ostentavam uns músculos esguios enquanto repousavam de cada lado dele.

— Se queres saber, tem sido um dia do catano.

— Trágico — brinquei. — Não é mal-educado, mas também não é... educado.

O sorriso que me devolveu era selvagem, e os braços de madeira do trono gemeram ante o seu toque. Quando é que me tornara tão corajosa?

— É tão fácil gozares, não é? Quando não sabes absolutamente nada acerca do que se está a passar à tua volta. Quando tens tão pouca noção dos sacrifícios que os reis e as rainhas têm de fazer pelos seus súbditos, as vidas perdidas, as escolhas que não podem ser revertidas.

Tentei não zombar enquanto a raiva se ia avolumando dentro de mim. Ele estava a declarar guerra a um dos reinos mais fracos em toda a Evendell. Era um arruaceiro, não um mártir.

— Custa-me encontrar empatia — admiti entre dentes. Precisava de sair daquela divisão antes que dissesse algo de que me viesse a arrepender.

Mas a expressão do rei só ficou mais intensa. Fervilhava sob as sobrancelhas espessas e franzidas.

— Não fazes ideia de quão perigosas as coisas estão a ficar. Quão precário é o destino de todas as pessoas que conheces. Com que alguma vez te cruzaste. De quem gostas.

Esbocei um esgar face às suas tentativas de me assustar, mas não consegui deixar de sentir um arrepio deslizar-me na espinha.

— Então, diga-me — pedi. — O que é que está mesmo em jogo para si, rei Ravenwood? Ou tem medo de que eu saiba a verdade? Que a única coisa que lhe importa é a sua ganância?

O rosto transfigurou-se-lhe numa máscara de calma cruel. Ergueu-se e aproximou-se de mim.

Lutei contra o instinto de me retrair à medida que a cara dele se aproximou da minha e ele me murmurou ao ouvido:

— Antes de mais, podes tratar-me por Kane. Rei Ravenwood é um pouco formal para alguém que fiz corar tantas vezes quanto tu.

Uma imensa vergonha queimava-me a face. Os guardas por detrás do rei moveram-se ligeiramente. Abri a boca para protestar contra aquela pretensão ultrajante, mas ele prosseguiu:

— Em segundo lugar, Arwen, tendo tu vivido «uma vidinha sufocante e segura» por vinte anos, sem teres visto nada, sem teres estado fosse onde fosse, sem teres sentido um só homem... o que poderás *saber*, sequer?

Sem pensar duas vezes, ganhei balanço e a palma da minha mão embateu-lhe no rosto convencido e masculino.

Aguardei em silêncio pela sua raiva. A sua fúria.

Mas o rei Ravenwood teve a audácia de parecer estranhamente agradado, um sorriso estranho alargando-se-lhe nos lábios.

Mal o som resolutivo ressoou pela divisão, o comandante Griffin postou-se atrás de mim, agarrando-me os braços com força.

Uma vaga de pânico desfez-se-me no peito e o meu coração palpitou descompassado na garganta.

Tentei libertar-me, contudo, o comandante era absurdamente forte e agarrou-me com mais força. As mãos bruscas enterravam-se-me na pele.

— Larga-a — disse bruscamente o rei. — Ela tem pouca importância.

As palavras feriram-me. Esperava que a chapada também o tivesse feito. Como é que ousava mandar-me à cara as minhas palavras? Palavras que partilhara com ele em confiança quando julgara que ele seria outra pessoa. Era um golpe baixo, com o fito de provocar uma resposta da minha parte.

O comandante fez o que lhe pediam e libertou-me sem proferir palavra.

— Posso ir-me embora? — perguntei ao rei, tentando não parecer a Leigh quando queria levantar-se da mesa.

— Esteja à vontade — replicou o monarca, fazendo sinal para a porta.

Corri de volta para o meu quarto na ala dos serviçais, a vergonha e a raiva digladiando-se dentro de mim. Não conseguia acreditar que descera ao nível dele. Enfiei-me debaixo de um cobertor, o colchão firme afundando-se ligeiramente sob os meus membros cansados. O dia começara de forma tão promissora, com o Dagan, a Mari e a minha nova perspectiva. O primeiro raio de luz num interminável abismo de escuridão que envolvia a minha vida.

E, agora, já só queria que tudo acabasse. De novo.

Por muito que tentasse combatê-lo, as palavras do rei haviam tocado num ponto de vergonha tão sensível, tão pessoal, que quase parecia invasivo. Como se conseguisse ver através de mim e me tivesse alcançado o interior da caixa torácica para pescar pelos pensamentos que eu escondera nos recantos mais fundo do meu coração.

Começara a ressentir-me com Abbington. Com todas as maneiras como a vida ali me fora injusta. Detestava ainda mais Shadowhold, agora que sabia que ali iria ficar para sempre. Aquilo não me deixava com grandes opções no tocante a um verdadeiro lugar de pertença. De algum modo, apesar dos muitos dias longos e vazios da minha infância ou das noites recentes passadas numa cela de pedra húmida, nunca me havia sentido tão sozinha como agora.

Querida mãe, Leigh e Ryder,

Se estão a receber esta carta, significa que se encontram finalmente num lugar seguro, e talvez quente? Rodeados de comidas e frutas exóticas? Ou talvez seja apenas o meu estômago rabugento a imaginá-lo? Gostava que pudéssemos estar juntos, mas fiquem a saber que estou a ser bem tratada em Onyx. É uma longa história que espero vir a contar-vos pessoalmente um dia. Entretanto, por favor, usem este dinheiro para ajudar a construir as vossas novas vidas. Conhecendo o Ryder, metade do saco que roubou já deve ter desaparecido. Leigh, não deixes que toda esta mudança te assuste. Sei que deixares Abbington foi difícil, mas, enquanto estiveres com o Ryder e com a Mãe, ainda estás em casa. Mãe, estou a procurar neste novo reino qualquer informação que possa encontrar sobre a tua doença. Não percas a esperança! E, Ryder, por favor, toma conta delas. Precisam de ti.

*Todo o meu amor,
Arwen*

Há dias que andava com a carta como uma criança com o seu cobertor preferido. Só não conseguia pedir ao filho da mãe que cumprisse a sua promessa, especialmente depois da última vez em que o vira, quando me comportara como uma louca. Ponderei dar a missiva ao Barney, com quem me cruzava de vez em quando no salão nobre ou na galeria, mas teria uma percepção mais certa sobre se o rei Ravenwood estava ou não a planear cumprir a promessa, se pudesse falar com ele a sós e, de alguma forma, compensar a minha explosão.

Nunca fora tão franca com ninguém na vida. Odiava-o, não o respeitava,

não confiava nele, e não conseguia parar de pensar nele e nas suas palavras presunçosas e cruéis. Contudo, para lhe pedir que entregasse a carta, precisava de controlar essa fúria e fazer uma cara agradável.

Cheguei à biblioteca mal iluminada depois de mais uma manhã a treinar com o Dagan. A Mari estava debruçada sobre três livros em vários estádios de conclusão, ressonando como um urso a hibernar.

— Mari?

— Ah! — arquejou ela, levantando-se de súbito, o cabelo ruivo a cair-lhe sobre a cara.

— Adormeceste aqui em cima?

— Hum, sim — crocitou ela. — Da última vez que isto me aconteceu foi antes de fazer o exame da Ordem de Advogados.

— Fizeste o exame da Ordem? Vais tornar-te advogada?

— Oh, Pedras, não. — Abanou a cabeça, ajeitando o cabelo.

— Então... Porquê?

— Só para ver como me corria. — Esboçou um sorriso que dizia claramente que fora excecional.

Abanei a cabeça.

— És doida. — O sorriso dela rasgou-se, arrancando-me um esgar. — E estou muito contente por o teu pai ter deixado uma meia na minha enfermaria.

— Eu também. Já não tenho uma nova amiga há algum tempo — disse ela, levantando-se e espreguiçando-se. — Acho que, às vezes, aborreço as pessoas.

Antes que eu pudesse discordar, ela prosseguiu.

— De qualquer forma, vê o que encontrei. — A Mari apontou para o livro à nossa frente, e eu segui-lhe os dedos pela página gasta, da cor da areia. — Fadiga, deterioração muscular, dores de cabeça, perda de peso...

A página descrevia em pormenor a doença da minha mãe, incluindo as dores nas articulações, as dores de cabeça e a sonolência.

Uma faísca acendeu-se dentro de mim — uma esperança prudente e uma ponta de pura alegria.

— O que é que é?

— O livro é das Montanhas Pearl; portanto, sabes que é exato — começou ela. — O reino era conhecido pela sua vasta riqueza de conhecimento e pelas bibliotecas imponentes construídas e a flutuar entre os cumes da cidade.

— Diz que a doença se chama Distúrbio da Trança e tem uma cura surpreendentemente simples. Uma mistela, tomada todos os dias, reduziu a maioria dos sintomas dos doentes e melhorou a qualidade e a esperança de vida.

O fiapo de esperança transfigurou-se num quinhão. Era demasiado bom para ser verdade.

— Mari! És um génio.

Ela sorriu, ainda com ar de quem precisava de uma boa escovadela.

— Sou apenas uma leitora veloz. A ideia de procurar na biblioteca foi tua.

Os ingredientes não eram muito comuns, mas felizmente a botica do castelo tinha todos, exceto um. Eu nunca ouvira falar de raiz de toca e, depois de organizar o inventário da botica cerca de três vezes por dia, todos os dias, sabia que não a tínhamos.

— Raios — murmurei enquanto lia. — Sabes alguma coisa sobre a raiz de toca?

A Mari acenou com a cabeça.

— É originária do reino de Onyx. Portanto, provavelmente cresce nos bosques por aqui. Mas só floresce durante o eclipse lunar, que é daqui a dois meses e que só dura cerca de oito minutos do início ao fim.

Esbocei uma careta de decepção. Tão perto, e no entanto...

— Como é que a posso encontrar durante o eclipse?

— Deixa um resíduo iridescente durante todo o ano onde quer que cresça; por isso, se tivesses alguma forma de ir à floresta, poderias procurá-la agora. Depois, terias de encontrar o caminho de volta ao local na noite do eclipse... — Como se visse as engrenagens da minha mente a girar, acrescentou: — Por favor, não faça nada de estúpido.

— Não faço — menti.

Estava a ficar boa nisso.

*

Se o primeiro passo para ser corajosa passava por reconhecer que tinha de voltar a ver o rei, tanto para lhe entregar a minha carta como para encontrar o resíduo de raiz de toca no Bosque das Sombras, então, o segundo passo residia em fazer alguma coisa.

Era o meu dia de folga da botica — achava que o Dagan precisava de uma pausa das conversas e risadas constantes que ocorriam agora que a Mari gostava de me visitar todos os dias — e dirigi-me para a sala do trono. Para pedir ajuda ao rei malvado. Como uma idiota.

O castelo estava silencioso e sonolento enquanto eu deambulava pelos corredores, observando as famílias e os soldados a tomarem o pequeno-almoço no salão nobre. O meu estômago resmungou. Em apenas duas semanas, habituara-me vergonhosamente ao pão de trevo do reino de Onyx. Os pães de um tom castanho-escuro eram feitos de trigo de obsidiana originário daquela terra, misturado com melão e cominho. Todas as manhãs barrava as fatias densas e levemente doces com uma quantidade abundante de manteiga derretida. Ver uma mãe e um filho a devorarem um pão bem quente enquanto se debruçavam sobre um livro ilustrado deixava-me o coração apertado.

Havia que admitir que, a avaliar por aquele castelo, talvez o Reino de Onyx não fosse a terra de horrores que toda a gente com quem eu crescera dizia ser. Nenhuma daquelas pessoas tinha chifres retorcidos ou garras grotescas, e definitivamente não havia quaisquer asas. Além do Bert, ninguém fora sequer demasiado antipático comigo. Apesar de todas as vezes em que a minha mãe me pedira para nunca julgar um livro pela capa, eu fizera-o. Perguntava-me se aquelas pessoas também desprezariam a guerra tanto quanto nós em Amber. Tinha a certeza de que também elas haviam perdido casas e familiares.

A ideia deixou-me novamente furiosa com o rei Ravenwood. Que tipo de homem, quanto mais um rei, podia fazer algo assim a tantos inocentes? E para quê? Mais terras? Mais riquezas?

Além da repulsa pelo rei, senti repulsa por mim própria. Como é que alguma vez pudera nutrir algum tipo de sentimento positivo por um homem tão egoísta, vil, arrogante e violento...

— Arwen?

Girei sobre os calcanhares, batendo com a cara num peito forte e quente.

— Au — murmurei, esfregando o nariz como uma criança.

O rei espreitava-me de cima, um divertimento no olhar, mas a boca ainda uma linha fina. Estava ladeado por quatro soldados, todos trajados com equipamento de caça.

— Bom dia, Kane — disse eu. O comandante Griffin limpou a garganta.
— Ou prefere Vossa Majestade?

Ele esboçou uma careta.

— Kane está bem. Não te preocupes com o comandante Griffin.

Griffin arqueou uma sobrancelha cética.

O cabelo escuro do rei estava penteado para trás, afastado do rosto. Usava um casaco de cabedal e uma túnica, botas de caça e uma espada na anca, ia claramente a caminho de algum tipo de expedição. Porém, o medo estampava-se em cada um dos rostos iluminados por lanternas dos homens que se postavam atrás dele no corredor. Ao que parecia, hoje não era uma saída jovial.

Agora que estava diante de mim, eu não estava certa quanto a como proceder. Talvez ele entregasse a carta, mas eu não tinha a certeza quanto à raiz de toca. Poderia tentar coagi-lo, dizer que me recusaria a curar quem quer que fosse até que ele me obtivesse, mas não havia como não dizer que seria para a minha mãe. Havia uma razão para a botica não a ter — normalmente não era usada para curar. Ele ver-se-ia obrigado a perguntar-me porque é que eu a queria, e eu não iria partilhar os meus desejos e fraquezas mais profundos com aquele sacana. Outra vez.

Ocorreu-me uma ideia.

Usei o meu sorriso mais charmoso e fiz uns olhinhos inocentes.

— Na verdade, estava mesmo à tua procura, meu rei. — Encolhi-me internamente. Provavelmente estaria a exagerar. Mas os olhos do Kane

brilharam e os lábios franziram-se-lhe de divertimento.

— A sério?

— Sim. Queria pedir desculpa pelo meu comportamento no outro dia. Foi ultrajante. Não dormi muito e acho que devia estar a chocar alguma coisa. Podes perdoar-me?

Ele limitou-se a erguer uma sobrancelha em sinal de interesse.

— A tua raiva não me pareceu fruto de um estado febril. Mas fico contente por te sentires melhor.

— Estava apenas muito grata pela bondade da outra noite, quando me permitiste ficar aqui na tua fortaleza. Pensei que talvez te pudesse dar a carta que queria enviar à minha família, para que lha passes quando os encontrares.

— Tirei a carta do bolso do vestido e entreguei-lha.

Ele pegou no envelope e virou-o nas mãos, confuso.

— Porque é que é tão pesado?

Corei.

— Pensei em enviar-lhes algumas moedas. Para o caso de estarem a precisar.

O rei sopesou a carta na sua grande palma da mão.

— Puseste aqui muita coisa. É tudo o que tens?

— Quase, sim.

— O teu irmão não tem moedas nossas suficientes para algumas vidas?

Odiava quando ele falava assim do meu irmão. Não teria precisado delas, se a nossa aldeia não tivesse sido arrasada nos últimos cinco anos. Mas contive-me.

— Só quero ajudá-los. Esta é a única maneira de o fazer.

As sobrancelhas uniram-se-lhe, as luzes tremeluzentes que pontilhavam o salão iluminando-lhe o rosto severo. Não disse mais nada.

— Vais entregar-lha? — insisti. — Quando os encontrares? Quando nos separámos, eles dirigiam-se para Garnet.

O rei observou-me, pensativo, com uma ponta de piedade nos olhos prateados.

Irritei-me.

— Dei-te a minha palavra, não dei?

Sim, mas dou tanto valor à tua palavra como a um saco de batatas.

Engoli com força. Se tudo o que ouvira sobre aquele rei fosse verdade, a lisonja e o poder imaginado sobre os seus súbditos eram as únicas formas de obter dele aquilo de que eu precisava.

— Sim, claro, meu rei.

Ele semicerrou os olhos, e um sorriso sedutor brincou-lhe nos lábios.

— Vais ter de parar com esse termo carinhoso, passarinho.

Fiquei sem ar e com as faces quentes. O comandante aclarou a voz uma segunda vez, e eu engoli de novo. Porque é que sentia a boca tão seca? O Kane passou uma mão pelo rosto para esconder o sorriso.

— Naquele dia... não tencionava ofender-te.

— Tencionavas, sim — repliquei, amaldiçoando-me logo de seguida. Os homens atrás do rei agitaram-se um pouco. Sê agradável, Arwen.

O rei Ravenwood coçou o queixo, pensativo.

— Talvez conheças as minhas intenções ainda melhor do que eu. Então, lamento ainda mais ardentemente — disse ele, num fio de voz. Nos olhos, uma nova expressão... uma que eu ainda nunca lhe vira.

Deixei-me ali ficar, estupefacta. Seria aquilo um pedido de desculpas verdadeiro? Da parte dele?

O rei e os seus homens passaram por mim, avançaram pelo corredor e dirigiram-se com segurança para os portões do castelo. Mas eu não podia desistir da segunda parte do plano. Precisava de encontrar o local onde a raiz de toca crescia.

— Na verdade, sei como podes compensar-me. — Ele virou-se, deixando-me continuar. Pondo de parte a confusa admissão de culpa, eu sabia que o filho da mãe estava a lutar contra a vontade de levantar uma sobrançelha.

— Posso ir contigo hoje?

— Não — soltou o Griffin.

— Mas...

— Claro. — O Kane sorriu. O Griffin murmurou qualquer coisa e dirigiu-se para o corredor.

Sorri ao rei, fazendo-lhe a minha melhor cara de *isto significa muito para mim*.

— Prometo não ser um incómodo — assegurei-lhe. — Sou muito pouco exigente.

— Pelas Pedras, nem pensar nisso. — Bati o pé com força para enfatizar.

O Kane revirou os olhos.

— Como queiras — replicou, e dirigiu-se para os estábulos.

Os seus homens estavam a montar os cavalos à nossa volta. Era um raro dia de sol que indiciava a chegada do verão. Uma brisa quente e bem-vinda soprava por entre os pinheiros do bosque, enchendo os estábulos com uma fragrância doce e refrescante que já me era familiar. Embora treinasse com o Dagan todas as manhãs, a natureza das lições deixava pouco espaço para apreciar o que me rodeava. Há semanas que não tinha tempo para desfrutar do ar livre e ansiava pela sensação da relva entre os dedos dos pés e do sol no rosto.

Isto para nem mencionar que, de alguma forma, conseguira convencer o Kane a levar-me para o bosque consigo, o que era a única forma de encontrar o resíduo da raiz de toca. Aquela era a minha oportunidade — não podia desperdiçá-la devido a um único e desagradável passeio a cavalo.

Esbocei uma careta para as Pedras acima, procurando ânimo, e segui o Kane.

— Está bem! — gritei. — Está bem. Mas quero que saibas que já montei muitos cavalos. Não sei porque é que me estás a tratar como uma criança.

Ele nada disse, mas aguardou pacientemente que eu montasse a criatura. Fi-lo com facilidade, quase dando um pontapé na cara do rei quando subi. Pareceu-me ouvi-lo soltar uma gargalhada antes de montar, mas todos os pensamentos me desapareceram do cérebro, mal ele se sentou atrás de mim.

A sua silhueta quente e imponente envolvia-me agora por trás, como uma mão larga em volta de uma pedrinha. Uma mescla inebriante de abeto, couro e menta encheu-me o nariz quando os seus braços fortes e muscudos me envolveram para agarrar as rédeas. Inclinei-me para trás, aproximando-me do abraço involuntário. Na verdade, não havia mais nenhum sítio para onde ir.

— Confortável, passarinho? — murmurou-me ao ouvido. Fechei os

olhos sem pensar.

— Não. — Mas a rouquidão sonolenta da minha voz fez-me abrir os olhos alarmada. O Kane riu-se, um som sensual que invocava lençóis e murmúrios suaves, e aproximou o cavalo dos outros homens.

Pedras, era sempre tão autoconfiante.

Odiava isso.

O Griffin estudou-nos com um ar carrancudo.

— Parecem confortáveis.

— Eu disse-lhe que podia montar sozinha. — Não sei porque é que senti a necessidade de me justificar àqueles homens; todos eles conheciam o meu ódio pelo rei. Havia assistido à minha explosão na sala do trono. Mas não queria que me vissem como fraca.

Era um pensamento que nunca tivera e que agora me passava múltiplas vezes pela cabeça.

— E eu disse-lhe que, se ela se conseguisse proteger, teria todo o gosto que tentasse. Vamos embora.

Perguntei-me se ele sabia das minhas aulas matinais com o Dagan. Mas, antes que pudesse perguntar, o Kane e eu arrancámos a grande velocidade, e os homens seguiram-nos em formação, transpondo os portões da Shadowhold.

Preparei-me para as criaturas horríveis e para as voltas e reviravoltas mortais do Bosque das Sombras — mas as árvores deformadas não eram tão assustadoras à luz do dia. Perguntei-me porque é que a floresta me parecera tão aterradora, e esperei que não tivesse nada que ver com as lendas que rodeavam o homem espantosamente letal encostado às minhas costas. De cada vez que me enraivecia contra ele, lembrava-me do plano — ser agradável, encontrar a raiz de toca, sobreviver àquele dia e depois ignorar o Kane para o resto da eternidade. Mantive-me atenta ao resíduo cintilante da raiz de toca enquanto tentava memorizar tudo à minha volta.

Teria de ir até ali na noite do eclipse, o que significava que eventualmente precisaria de contar o meu plano a alguém — mesmo que a floresta não fosse tão aterrorizante quanto imaginava, não poderia arriscar a segurança da minha família ao quebrar o acordo que fizera com o Kane, saindo sorrateiramente. Mas isso era um problema para dali a dois meses. Talvez por essa altura já alguém o tivesse matado. Uma rapariga pode sonhar...

Pinheiros altos e salgueiros, ulmeiros nodosos que formavam recantos escondidos e flores silvestres em tons de azul-bebé estavam todos eles enraizados na erva verdejante e nos tufo de musgo espalhados pelo chão da floresta. Pequenas criaturas fugiam enquanto cavalgávamos pelo bosque, e nesgas de sol esparramavam-se por entre as densas folhas das árvores.

Nada ali era semelhante à floresta que conhecia em Amber, dourada e de um escarlata ferrugento durante todo o ano. As nossas folhas caíam como chuva todas as manhãs e rangiam debaixo dos meus pés todas as noites. Nunca vira tanto verde — quase me doíam os olhos.

O Kane estivera calado durante o passeio, apesar da posição íntima. Eu contava com piadas lascivas e toques revoltantes, mas ele fora quase... desconfortavelmente reservado. Queria quebrar o silêncio tenso, mas não me lembrava de uma única coisa agradável para dizer. Era estranho estar tão perto de alguém por quem sentia tamanha aversão.

Especialmente porque os braços dele, apertados em volta da minha cintura, eram como faixas de ferro quente, e eu precisava desesperadamente de me distrair do seu toque.

— Costumas fazer passeios vespertinos pela floresta? — perguntei finalmente.

— Ando um pouco ocupado para essas distrações.

Revirei os olhos.

— Ocupado com o quê, ao certo? A dormir com mulheres e a matar gente por desporto?

A sua voz era como um ronronar profundo e satisfeito.

— Não me tentes, passarinho.

Engoli em seco, sentindo o coração que se me alojara na garganta. Não queria saber qual das duas opções era tentadora para ele.

Agradável, certo.

— Então, qual é o objetivo da excursão de hoje? — tentei.

— Porque pediste para vir se não sabias?

Uma pergunta justa. Tentei ser parcialmente honesta.

— Precisava de sair do castelo. Estava a sentir-me um pouco presa.

— Sentes-te assim muitas vezes, não é?

Com que então, o rei egocêntrico era observador.

— Tenho uma reação... desagradável a estar presa.

— Lembro-me da tua primeira noite na cela.

Tentei não ser assaltada por um espasmo, fruto do peso que me comprimia o peito e que acompanhava a memória. Ou do Kane quando fingiu ser outra pessoa. Era exasperante ainda não entender porque me havia ele mentido durante tanto tempo.

Agradável, agradável, agradável.

O Ryder fora encantador durante dezanove anos. Eu conseguia sê-lo durante uma tarde.

— Nunca te agradeci. Por me mudares para a ala dos criados e libertares o Barney da sua função.

— Pareceu-me um castigo inteligente por teres tentado fugir. — Consequia ouvir-lhe o sorriso irónico na voz.

— Para ser justa, avisei que andava a pensar nisso.

— Não — repreendeu-me ele. — Estavas à procura de ajuda. Disseste-mo como amiga.

Ser lembrada daquela tolice foi como ser mergulhada em água gelada. E mais uma outra coisa... uma dorzinha estranha apertou-me o coração. Pela proximidade que sentira com ele naquela última noite antes de fugir e saber a

verdade.

— Sim — admiti. — Éramos quase amigos, não éramos?

— Hum — murmurou ele. — Amigos.

— Porque voltaste à minha cela naquela noite, escondendo a tua identidade?

A sua voz assumiu um tom cortante.

— Talvez quisesse ver se ainda estavas a pensar fugir.

— Se não querias que eu fugisse, podias ter-me mantido mais bem guardada — respondi.

— Pois. É muito fácil impedir a fuga de alguém que tem um medo mortal de ser confinado.

Uma surpresa traiçoeira floresceu-me no peito ao lembrar-me dele a tentar manter a minha ansiedade à distância. Olhei para a floresta à nossa frente, os raios de sol filtrando-se por entre as folhas de esmeralda. Se havia um pouco de bondade naquele homem que me tivesse escapado, teria de encontrar uma forma de a usar em meu proveito.

— De qualquer modo, não importava — continuou ele. — Nem sequer chegaste às minhas sentinelas.

— Sentinelas?

— Tinha guardas à espera no perímetro do bosque todas as noites depois da tua confissão na enfermaria. Se tivesses alcançado a floresta, eles ter-te-iam detido. Mas, claro, não o fizeste. — Os nós dos dedos puseram-se-lhe brancos da tensão que estava a fazer nas rédeas, enquanto o corpo ficava hirtos atrás de mim.

— Certo.

Minutos de um silêncio penetrante estenderam-se enquanto cavalgávamos por entre as árvores imponentes, os ramos entrelaçados como se houvessem sido tecidos.

— Será que devo perguntar onde está o Bert agora?

— Eu não perguntaria — replicou ele, a sua voz baixa como a carícia de um punhal de encontro à minha bochecha. Mas ele aproximou-se ainda mais, a mão esticada sobre o meu estômago, prendendo-me a si.

A viagem foi longa, e eu estava a ficar cansada da nossa proximidade. Mas já não conseguia manter-me direita — as costas começavam a doer-me, os joelhos e as coxas estavam doridos de tanto me agarrar ao cavalo para me manter fixa. Inclinei-me cautelosamente de encontro ao Kane, só um pouco, e deixei a cabeça repousar no seu peito.

Ele estremeceu e eu quis dizer: *Gosto tanto disto quanto tu*, mas temi a sua reação, sem dúvida arrogante.

Finalmente, o cavalo do Griffin ultrapassou o nosso. O comandante lançou-me um olhar penetrante e eu endireitei-me inibida, as costas a protestar de dor.

Quando o Kane falou, a voz saiu-lhe um pouco rouca.

— Não lhe ligo.

— Acho que me odeia — brinqueei, mas a piada saiu sem humor.

— Não é contigo que ele está chateado, passarinho.

Queria perguntar o que queria ele dizer, mas havíamos chegado a uma clareira.

O espaço era mais brilhante do que tudo na viagem que tínhamos feito até lá — banhado de raios de sol que realçavam insetos e coisas esvoaçantes a vaguear preguiçosamente pela brisa.

Mas o Kane ficara rígido atrás de mim e, ao longe, vi porquê.

Parecia o rescaldo de algum tipo de ataque. Sujidade e pedras tinham sido arremessadas como se alguém houvesse sido arrastado para trás e para a frente. Aproximámo-nos e reparei que sangue cobria a relva. Rezei para que as massas lamacentas e carnudas no meio das folhas não fossem vísceras, mas já tinha trabalhado com ferimentos de guerra tempo suficiente para saber que a oração estava a ser desperdiçada.

O Kane refreou o nosso cavalo enquanto o Griffin desmontava. Os outros homens pararam atrás de nós.

— O que é que aconteceu aqui? — exalei.

— É isso que estamos a tentar descobrir — disse Griffin, aproximando-se do local por entre a erva alta e lamacenta.

O Kane e os restantes homens desmontaram para ver mais de perto. Eu segui o exemplo, ouvindo-os avaliar o local em voz baixa.

O meu estômago ia-se apertando mais à medida que me aproximava do sangue abaixo de nós.

A Mari não estava a brincar quando falara das criaturas à espreita naquela floresta. Eu não fazia ideia do que poderia ter atacado uma pessoa tão profundamente a ponto de deixar um cenário como este para trás.

Afastei o pensamento da mente.

Enquanto os outros estavam distraídos, precisava de procurar a raiz de toca na floresta. Não vira quaisquer resíduos durante a viagem até ali, mas provavelmente conseguiria localizá-la muito melhor agora que desmontara. Quão difícil poderia ser? Encontrar o resíduo, lembrar-me do local, descobrir um caminho de volta em segurança no dia do eclipse.

Fácil.

Esgueirei-me para trás de um punhado de árvores e inspecionei o chão da floresta. A relva estava alta e pouco cuidada, e era difícil ver entre todos os trevos, folhas caídas e pequenos insetos rastejantes que pareciam sementinhas.

Porém, na esquina de um carvalho espesso, algo refletiu um raio de sol. Voltei a olhar para o Kane, mas ele, o Griffin e os outros continuavam a observar a área do ataque, discutindo o que poderia ter acontecido.

Agachei-me atrás do carvalho e ajoelhei-me no chão. De facto, havia uma gosma viscosa e cintilante espalhada sobre as raízes da árvore. A não ser que naquele local tivesse ocorrido algum tipo de intimidade entre unicórnios que eu não queria conhecer, a raiz de toca cresceria ali na noite do eclipse. A adrenalina percorreu-me o sistema. Ao cabo de todos aqueles anos,

encontrara por fim algo que podia ajudar a curar a minha mãe.

Levantei-me e tentei memorizar o local. A cerca de vinte passos da clareira, por baixo do maior carvalho, sendo que a clareira ficava a trinta minutos a cavalo na floresta, a leste da fortaleza.

Era bem capaz de encontrar aquele lugar novamente.

— Acho que já acabámos aqui — ouvi o Kane dizer. — Arwen, o que estás a fazer?

Fiquei hirta e contornei o carvalho.

— Só estava a olhar para as flores.

Os soldados obedeceram às ordens e voltaram a montar os corcéis. Deixei escapar um suspiro quando percebi que iríamos regressar a Shadowhold. Estava um dia lindo, os bosques já não pareciam tão aterradores e eu teria dado quase tudo para não passar mais uma tarde de primavera no quarto.

O olhar do Kane fixou-se no meu.

— O que é que se passa?

Corei. Que coisa mais parva.

— Nada. — Aproximei-me do cavalo. Mas o Kane permaneceu parado.

— Conta lá.

Observei-o com cautela. Fora estranhamente gentil comigo nesse dia. Tinha a certeza de que era um estratagema qualquer, mas talvez, apenas talvez, a minha tentativa de o encantar tivesse funcionado melhor do que esperado.

Vamos a isto.

— Queria... ficar. Por um bocadinho.

— Ficar — repetiu ele. — No bosque?

Anuí alegremente com um gesto da cabeça.

— Está um dia lindo. Agradável e quente, finalmente. Achas que há um lago algures por aqui? — Girei sobre mim e escutei o gorgolejar de um riacho.

Os lábios do Kane contorceram-se nas comissuras. Estava a ponderar, a debater-se. Depois, limitou-se a dizer:

— Muito bem, vamos procurar uma lagoa. Griff, encontramo-nos na fortaleza.

O Griffin não se moveu.

— Não te preocupes, eu levo-o de volta inteiro — anunciei com um sorriso. Não consegui evitar a centelha de alegria por ter sido bem-sucedida.

— Espero bem que sim. Só temos um rei — replicou ele. Não havia um traço de humor. Nunca o havia no comandante.

Manteve-se firme, olhando para nós, até que o Kane anunciou incisivamente:

— Ouviram a mulher. Vou estar em boas mãos.

O rosto do Griffin era uma máscara de relutância, mas, mesmo assim, virou o cavalo e afastou-se num trote, deixando-me a mim e ao Kane sozinhos

na floresta.

O chilrear melódico dos pássaros sobrevoou-me, e uma brisa morna lançou-me os cabelos para a cara. Penteei-os para trás, envergonhada.

Os olhos do Kane fixaram-se em mim.

A clareira tornara-se de súbito demasiado pequena para os dois.

Eu agitava-me sob o seu olhar. Não sabia o que fazer com as mãos. Perguntei-me se ele notaria.

Aquela fora uma ideia verdadeiramente terrível. Em que é que estava a pensar?

— Vamos lá. — Ele quebrou a estranha energia com uma gargalhada e dirigiu-se para um trilho entre as árvores. Eu segui-o de perto, o coração ainda a palpitar no peito.

Voltei-me para trás para espreitar o cavalo a pastar na clareira onde o havíamos deixado.

— Será que ele vai ficar quieto, ali?

— Sim.

— E se uma das criaturas que aqui vivem o encontra?

O Kane pisou uma raiz protuberante de árvore e fez-me sinal para o imitar.

— Não lhe vai acontecer nada. É muito rápido.

— E se um deles nos encontra?

O rei estacou antes de girar sobre os calcanhares para me encarar.

— De repente, tens muitas perguntas. Estás nervosa?

Sim.

— Não, porque é que eu estaria nervosa?

— Pensei que tinhas medo de mim — disse ele, com os olhos a brilhar.

E tenho. Mas...

— Se tencionasses magoar-me, acho que já o terias feito. — A verdade daquelas palavras surpreendeu-me.

Ele esboçou um sorriso cúmplice antes de avançar.

Era demasiado bonito. Que desastre.

Chegara a altura de mudar de assunto.

— O que é que era aquilo lá atrás na clareira?

Senti a sua energia mudar como se uma nuvem densa passasse por cima de um sol estival. Abrandou o passo, mas não olhou para mim enquanto falava.

— Dois dos nossos homens não chegaram a regressar do local para onde os enviei. Um guarda encontrou os restos mortais esta manhã.

O medo enroscou-se-me nas entranhas, manhoso e escorregadio.

— Achas que foram mortos por algo que vive aqui? Um animal? Um monstro?

— É complicado.

Outra não resposta. Não sei do que estava à espera. Quem me dera ver-lhe a cara enquanto o seguia pelo trilho estreito. Para além do farfalhar das

folhas e do chilrear dos pássaros, a floresta estava coberta por uma calma tranquilizante. A tensão que me andava a revolver os nervos desde que o Griffin e os seus homens partiram intensificou-se.

Respirei fundo pelo nariz. Não podia pedir para voltar atrás agora; seria mostrar demasiada fraqueza.

— Lamento — disse. — Pelos teus homens.

Mas ele não me respondeu.

Caminhámos em silêncio até que o trilho íngreme e coberto de folhas deu finalmente lugar a uma clareira. Diante de nós, estendia-se um longo campo ondulado e salpicado de cardo cor-de-rosa e alfazema. Ao longe, aninhada numa parede rochosa e montanhosa, repousava uma piscina azul-turquesa cintilante.

Senti-me jubilante, a ansiedade momentaneamente esquecida. Era mais bonita do que tudo o que alguma vez vira em Abbington. Na minha vida, na verdade.

Olhei para o Kane, transpirado da caminhada. Queria, mais do que tudo, esquecer aquela atitude presunçosa.

— Uma corrida?

Os olhos do Kane arregalaram-se e ele riu-se — uma gargalhada real e estrondosa que até a ele pareceu surpreender.

— Que tal tornarmos isto interessante?

Embora o meu coração se tenha animado com as suas palavras, levei o dedo aos lábios num pensamento brincalhão. Os olhos dele seguiram atentamente o meu dedo.

— Se eu ganhar, tens de responder a qualquer pergunta que eu faça com total honestidade.

Ele tirou a camisola e depois as botas. O seu peito largo estava ainda mais magnífico do que naquele dia na enfermaria. Quando os nossos olhos se encontraram, o meu estômago revirou-se.

Mau, mau, mau.

Levei o olhar à minha roupa pesada e escura e abri o espartilho.

— Devo dizer que admiro a tua determinação — disse ele, semicerrando os olhos na direção do céu azul. — Está bem. Mas se eu ganhar... — Olhou-me. — Dizes-me porque é que quiseste vir para aqui.

Estaquei enquanto descalçava uma das botas e olhei-o pasmada.

— Não sou tão crédulo como pensas que sou — acrescentou com um sorrisinho.

Merda.

— Uma verdade por uma verdade — propus. — Parece justo.

O Kane pareceu encantado e eu deixei que a confiança me colorisse o olhar que lhe devolvi. Estar à altura da sua arrogância fez-me ser percorrida por uma vaga de regozijo. Deixámo-nos ficar a sorrir um para o outro como idiotas.

Ele foi o primeiro a falar.

— Partimos aos três. O primeiro a entrar na água ganha.

Anuí com um gesto da cabeça.

— Um. Dois. Tr...

— Espera — travei-o. Não conseguia correr bem com aquele vestido grosso de lã, e a aposta despertara em mim a ousadia. Queria vê-lo ceder ou falhar, de alguma forma. Despi o vestido pesado, passando-o pela cabeça e fiquei com uma camisa de alças e uma roupa interior fina.

Uma brisa suave beijou-me o corpo, e estiquei-me como um gato ao sol.

Senti o olhar do Kane em mim e espreitei-o. Os seus olhos sombrios viajaram-me pelos pés descalços, pelas barrigas das pernas, pelo ventre coberto por um tecido de seda e pelos seios, aterrando no meu rosto.

Parecia aflito.

— Estás bem?

Ele abanou a cabeça

— Rapariga atrevida.

Tentei esconder o sorriso.

Não tinha a certeza do que se estava a passar — ele sempre fora atraente. Enquanto prisioneiro, enquanto paciente e até na qualidade de rei perverso. Mas uma parte do meu ódio agudo começara-me a escapar por entre os dedos...

Ele aclarou a voz.

— Muito bem, antes que me mates. Um. Dois. Três.

Ambos partimos a toda a velocidade. Agitava os braços enquanto a parte dianteira do pé aterrava ao de leve na relva húmida. Tinha a sensação de estar a correr no ar. O vento puxava-me o cabelo para trás e arrefecia-me os membros aquecidos pelo sol. Já passara demasiado tempo — a corrida parecia-me um regresso a casa. Inspirei o ar fresco e fragrante a pinho.

Uma onda de euforia inundou-me e incentivou-me a ir mais depressa.

À minha direita, o Kane acompanhava-me o passo. Os seus músculos fletiam-se a cada oscilação dos braços poderosos, e ele parecia tão feliz quanto eu me sentia.

Mas estava a ganhar velocidade.

Acelerei, melhorando a passada e inclinando-me para a frente. Aquela era a única coisa em que sabia ser ótima. Sempre que me sentia encurralada, sozinha, patética... correr lembrava-me de que conseguia ser forte. Tudo aquilo de que precisava para ir aonde quer que fosse eram os meus pés. Ultrapassei o Kane com facilidade e vi uma expressão de choque surgir-lhe no rosto.

Era delicioso.

Estávamos a apenas algumas jardas da água e quase lado a lado. Esforcei-me mais até sentir os pulmões a arder, as canelas a doer, o meu coração acelerado nos ouvidos. Pensei na cara do Kane quando me viu despir e senti-me ainda mais forte. Saltei um segundo antes dele e aterrei na água fria com um chape.

— Ah! — gritei, vindo à superfície e escorrendo água da cara. — Ganhei.

O Kane abanou o cabelo como um cão e tentou tirar água da orelha.

— Sim, sim, eu vi — replicou, recobrando o fôlego.

Sorri e deitei-me no lago, deixando que a água gelada me cobrisse o escalpe.

Ele estudou-me, divertido.

— És veloz. Como uma gazela ou isso.

— Obrigada.

— Deve ser porque és baixa. É menos para as tuas pernas carregarem.

— Apontou para o meu torso largo.

Revirei os olhos.

— Estás a gabar-te, rei Ravenwood? Acerca da tua silhueta musculada?

— Soltei um estalido fingindo desapontamento.

— Sinto-me tocado pelo facto de teres reparado.

Sabia que estávamos a namoriscar. Mas estava a divertir-me. Já passara muito tempo desde que fizera algo daquele género.

Ele estudou-me, a água cintilante a cair-lhe sobre os olhos.

— Em que é que estás a pensar?

Estava farta de meias-verdades.

— Que me estou a divertir. Sabe-se lá como.

A expressão na cara do Kane disse-me que aquela era uma resposta melhor do que ele esperara.

Patinhei pelo lago, esticando os membros e evitando as rochas e os brilhantes peixes cor de laranja.

— Tenho a certeza de que te divertes, mas, para mim, já há algum tempo que isso não acontecia. Não é lá muito agradável no meu país, numa aldeia reduzida às dores da guerra. Ou presa numa cela num reino estrangeiro sem os entes queridos...

Não quisera soar tão amarga, mas, mal os portões da verdade se abriram, era difícil fechá-los.

O Kane estudou-me com um interesse circunspecto e algo similar a pena instalou-se-lhe no rosto.

— Nem consigo imaginar o que pensas das escolhas que fiz. — Nadou para mais perto de mim, uma intensidade a fermentar nos seus olhos prateados. — Na verdade, não preciso de imaginar... Tu contaste-me, não foi?

Engoli em seco e afastei-me dele.

— Fica sabendo apenas isto... Elas não são feitas sem compreender o sacrifício. A perda, tal qual te disse na sala do trono. Não me divirto tanto quanto tu pensas.

Deve ter sido a água fria a deixar-me arrepiada. Obriguei-me a desviar o olhar dele; a sinceridade também ali surgia crua. Demasiado íntima.

— Então, o que é que fazias para te divertires quando eras mais novo?

— Sentia falta da sensação que tomara conta de mim apenas uns meros

minutos antes. Da leveza e descontração da conversa.

— Gostava de tocar alaúde. A minha mãe ensinou-me. Era uma coisa que fazíamos juntos. — Parecia uma memória feliz, mas, quando ergui os olhos para o contemplar, a sua expressão era quase de fúria.

Lá se ia a leveza e a descontração.

— Era a pergunta por que te esforçaste tanto? — inquiriu ele, uma sobrancelha alçada. — Parece-me um pouco desperdiçada para alguém com a curiosidade insaciável que descobri teres.

O Kane avançou para mim, o peito largo a ondular a cada movimento, o cabelo a pingar-lhe no rosto gotas de água reluzentes. Recuou-o enquanto me olhava de cima.

— Não, eu...

Não podia estar tão próxima dele. Era demasiado bonito, magnético e assustador. Mas ele avançou na minha direção, o lago a ondular em volta do vê definido na base das ancas dele. Recuei, os pés escorregando-me no fundo musgoso do lago, até ter as costas pressionadas contra uma pedra atrás de mim. A água da cascata caía-me em cima como chuva. O Kane postou as mãos em ambos os lados da minha cabeça e inclinou-se para a frente, de modo a que a água lhe borrifasse as mãos e antebraços, gotículas brilhantes como estrelas cadentes tremeluzindo em nosso redor.

Os olhos eram só pupilas enquanto me olhava. Aquela sinceridade e pena iniciais haviam sido substituídas por uma atenção peculiar e ardente que pousava na minha boca. Tinha a certeza de que ele ouvia o bater do meu coração no pulsar das veias do pescoço. Estava quase a tremer. De medo, mas também...

Equilibrando-me, pus-me de pé, para ganhar algum terreno, para me acalmar...

Mas o lago era menos fundo junto das rochas. Senti a camisa colar-se-me ao peito, encharcada e marcando-me o corpo. Cobri os mamilos intumescidos com os braços cruzados, espreitando o Kane. Tinha os dentes cerrados, mas já desviara os olhos cinzentos e contemplava as cascatas acima de nós.

— Não te preocupes, passarinho. Não estou a olhar.

Uma vez mais, onde esperava insultos, provocações, crueldade, descobri consideração. Até bondade...

As palavras saíram-me da boca antes sequer de as poder apanhar.

— Liberta-me — implorei.

— O quê? — Os seus olhos pregaram-se aos meus.

Senti o meu rosto corar, mas já o proferira.

— Por favor — supliquei. — Não pertenço aqui. Quase nem precisas de mim. Deixa-me voltar para junto da minha família.

O maxilar do Kane ficou rígido, os seus olhos de ardósia em ebulição. Afastou-se das rochas e de mim.

— Não posso fazer isso — soltou.

— Porque não? — Segui-o. Nunca me sentira tão pequena. Tão vulnerável. Não desde criança.

Mas não me importava de suplicar pela minha vida. Ele mostrara-me bondade hoje. Talvez houvesse uma parte de si com empatia — capaz de ser influenciada.

— Por favor — pedi de novo.

Ele abriu a boca para falar, mas pensou duas vezes e fechou-a de novo.

As lágrimas começaram a picar-me os olhos.

Agora que a adrenalina da corrida, a minha súplica e... outras coisas estavam a acalmar, reparei no sol a esconder-se por detrás das árvores e senti a minha pele a arrepiar-se de encontro à água fria.

— Vamos voltar — disse ele, por fim, os olhos pousados nos meus ombros arrepiados. — Podes fazer-me a pergunta a caminho de casa.

A viagem de volta foi mil vezes pior do que a que havíamos feito para entrar no bosque. Depois de me emprestar a sua camisa para secar o cabelo, o Kane e eu vestimo-nos depressa e seguimos pela floresta, menos vestidos do que antes.

Ele era tão idiota. Brincalhão, encantador e surpreendentemente atencioso, quando escolhia sê-lo, mas do mais egoísta que existia. Repreendi-me de mim para comigo por gastar uma súplica pela minha liberdade com ele.

Para piorar infinitamente as coisas, não conseguia tirar da cabeça o peito macio do filho da mãe, colado naquele instante às minhas costas, enquanto o vestido repousava no meu colo, para que a camisa secasse. As suas mãos seguravam as rédeas diante de mim de forma bastante inocente, mas vê-lo agarrar as tiras de pele era tão sensual que até me arrepiei. Estava muitíssimo ciente da sua respiração regular junto da minha nuca e quase que podia jurar sentir-lhe o coração bater de encontro à minha omoplata. A forma como as nossas pernas estavam abertas em fila de cada lado da sela parecia-me perturbadoramente erótica, pelo que precisava de arrastar a mente delirante para longe de lugares inequivocamente imundos.

Estava furiosa com o homem. Tão, tão furiosa. Mas também lhe queria lamber o pescoço. Era complicado.

O nosso cavalo esquivou-se rapidamente para evitar um tronco caído, e a mão do Kane abriu-se de encontro à minha barriga para me manter encostada a ele. O dedo mínimo mal me roçou o baixo-ventre, mas senti algo no meu âmagô, e um desejo profundo cresceu dentro de mim. O peito do Kane expandiu-se, e ele soltou um arquejo trémulo antes de retirar as mãos como se a minha camisa fina e molhada estivesse em chamas.

Felizmente, chegámos ao palácio pouco depois, e o Kane desmontou mais depressa do que alguma vez o vira fazer fosse o que fosse, e havíamos feito literalmente uma corrida. Pensei que se tivesse recomposto enquanto eu desmontava, porém, ele evitou o meu olhar.

— Bem, obrigada — disse eu, girando sobre os calcanhares na direção da fortaleza.

— Arwen — gritou ele. — Espera!

Tentei livrar-me do rubor nas faces antes de espreitar atrás de mim, apenas para ver que ele me trazia as botas. Os olhos pousaram-me nos pés descalços.

— Não me parece que queiras entrar aí descalça, mas já sei muito bem que não me cabe a mim dizer-te o que fazer.

— Obrigada. — Um pensamento veio-me à mente, agora que tinha as ideias libertas do que quer que as toldara durante a viagem. — Não te fiz a minha pergunta.

Satisfação brilhava-lhe nos olhos prateados.

— Pensei que te pudesses ter esquecido. Força.

Poderia perguntar-lhe tantas coisas. *Porque é que declaraste guerra, para começar? Porque é que o Griffin estava chateado contigo hoje? Com quem é que estavas a falar na masmorra naquele primeiro dia? Para alguém que tem todo um reino de que cuidar, és supinamente egoísta.* Bem, aquela última não era uma pergunta.

Porém, aquilo que queria mesmo saber saiu-me da boca como uma rocha a descer uma encosta.

— Porque é que permites que toda a gente (os teus próprios súbditos por toda a Evendell) pense que és um monstro?

As sobrancelhas do Kane ergueram-se-lhe em jeito de surpresa.

— Já não pensas isso?

Respondi honestamente.

— Não sei, mas definitivamente desempenhas bem o papel.

Ele cerrou o maxilar, mas os olhos estavam pensativos, não zangados. Suspirou, contemplando o céu nublado. De seguida, os olhos tombaram em mim.

— A maior parte dos rumores que imagino que tenhas ouvido sobre mim é verdade. Não permito que a vulnerabilidade se intrometa nas minhas obrigações.

Por algum motivo, as suas palavras pareceram-me uma estalada.

— Então, vês as cedências, a misericórdia, o amor... como vulnerabilidade? Fraqueza?

Ele parecia estar a fazer um grande esforço para não revirar os olhos. O maxilar pôs-se-lhe tenso.

— Sim, com efeito. Os monarcas que são dominados pelas emoções tomam decisões que ferem o seu povo. A minha única função é manter o meu reino a salvo.

— O rei Gareth é bondoso e justo — declarei, erguendo o queixo. — Mantém o seu povo a salvo e é sempre misericordioso. Permite-lhes uma escolha.

O Kane cerrou os dentes.

— Nunca compeli o meu povo a integrar à força o Exército.

O protesto não me saiu da boca. Ele, porém, continuou, aproximando-se tanto de mim que só um fôlego nos separava.

— E mantém o seu povo a salvo? — Os olhos perfuraram os meus. — Estás aqui, não estás? Uma refém do seu maior inimigo. O Gareth é um *verme* desprezível.

Fechei as mãos em punhos junto do tronco.

— És desnecessariamente cruel.

Ele deu um passo atrás, uma gargalhada cruel escapando-lhe dos lábios.

— Há tanta coisa que desconheces.

— Então, conta-me.

Ele suspirou, mas, quando os seus olhos voltaram a cruzar-se com os meus pareciam quase feridos.

— Quantas vezes tenho de te dizer... *Não posso*.

Cerrei os dentes.

— Pelos vistos, a verdade é outra dessas desagradáveis fraquezas que não te agradam satisfazer.

O coração batia-me desabalado no peito. O que estava eu a fazer? Ali, a discutir com ele de novo? A levar o seu secretismo a peito? Ele não me devia nada.

Precisava seriamente de ajuda.

Disparei na direção da fortaleza e tentei não sentir nada quando ele não chamou por mim.

*

O meu estômago fez um som gorgolejante ao mesmo tempo que eu subia os degraus da escadaria a dois e dois para ir ter com a Mari ao salão nobre. O castelo era misteriosamente belo à noite, pairando pelos corredores uma música de fundo e o burburinho das conversas ao jantar. Não comera nada desde que voltara do Bosque das Sombras na véspera à noite, optando por me enfiar na cama e afogar os pensamentos num sono inquieto. Depois, viera a manhã atribulada. E a tarde ansiosa...

Agora, era noite, e sentia-me faminta.

— Descobri finalmente um livro sobre Faeries, mas eram só histórias infantis — irritou-se a Mari, afastando com um sopro um caracol ruivo da cara, mal a apanhei na fila para o jantar. Estava fascinada com o conhecimento popular acerca de Fae, mas havia muito pouco material de leitura sobre tais criaturas. Alguns livros declaravam que eram um mito. A Mari ainda não acalentava certezas.

— Porque é que não te voltas de novo para a investigação acerca das bruxas? Pensei que te estava a agradar. O Dagan deverá ter o livro de feitiços traduzido em breve, não é? — Talvez pudesse ajudar-me a conseguir a raiz de

toca na noite do eclipse. Parecia disposto a ajudar a Mari e era generoso o bastante para me ensinar esgrima.

Desviei-me, permitindo que um grupo de elegantes jovens soldados nos contornasse. A Mari estava encantadora com o seu vestido azul e laço preto de Onyx. Todos os homens a estudaram com atenção, mas ela não pareceu reparar nisso.

Limitou-se a revirar-me os olhos.

— As bruxas são de longe muito menos interessantes. Tudo aquilo que julgamos saber acerca das Fae (as asas, as orelhas pontiagudas, as garras) pode não ser correto. O facto de não conseguir encontrar um único texto definitivo está a deixar-me maluca. As bruxas são apenas mulheres que conseguem dominar uns quantos feitiços. Para ser franca, é chato. — Mordiscou o lábio.

Semicerrei os olhos.

— O que é que não me estás a dizer?

— Nada! — Mas o timbre ensurdecedor da sua voz dizia-me o contrário. Ficámos ali num silêncio raro até sermos finalmente servidas. A carne era tenra, caramelizada, libertando uma fragrância a especiarias... Estava ansiosa por atacar o prato. Sentámo-nos num canto iluminado quer pelas lamparinas quer pelos pirilampos que, por vezes, entravam no salão vindos do pátio. O seu brilho tremeluzente dançava nos olhos preocupados da Mari.

— Se não me disseres o que se está de facto a passar contigo, como é que é suposto que te conte o dia desastroso de ontem passado com o rei? — Fingi uma perplexidade genuína e dei uma enorme dentada.

— O quê? Quando?

Abanei a cabeça enquanto mastigava.

— Está bem — cedeu ela. — Estou a tentar alguns feitiços e não tenho tido... muita sorte.

Fiquei boquiaberta. A Mari era bruxa?

Dissera-o como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, mas só quem tivesse uma bruxa ou feitiçeiro como antepassado poderia praticar a feitiçaria. A magia não era algo incomum, mas eu só tinha conhecido um punhado de bruxas na vida, os seus feitiços eram usados para habilidades manuais ou cozinha, por vezes para fazer poções para dormir ou tónicos para boa sorte que só funcionavam metade das vezes. Conhecendo a Mari como conhecia, imaginava que ela não tencionaria fazer semelhante feitiçaria, antes, isso, sim, algo muito mais impressionante. De longe, muito mais poderoso.

— Descobri finalmente como resolver o assunto, mas é um bocado complexo. — Tive a sensação de que a admissão de derrota a magoava fisicamente.

Porém, ainda estava suspensa da parte da magia.

— Feitiços? Tens linhagem de bruxa?

Ela anuiu com um movimento de cabeça.

— A minha mãe era bruxa.

A Mari não falara muito da mãe e, para alguém que falava tanto quanto ela, deveria haver um motivo para que o tema fosse delicado. Eu queria saber porquê e o que estaria ela a esconder-me, mas engoli a curiosidade. Ainda não estava preparada para lhe falar do Powell, pelo que não me parecia justo intrometer-me.

— Como é que posso ajudar? — perguntei, ao invés do que me consumia.

A Mari abanou a cabeça.

— Não há nada que possas fazer.

— Vá lá. Fico feliz de ser uma cobaia. Queres experimentar um feitiço de insónia em mim? Estou exausta.

Ela soltou uma gargalhada, após a qual mordiscou o lábio. Sabia que, se esperasse, havia grande probabilidade de ela desabafar comigo. Suspeitava de que os segredos não ficavam muito tempo no cofre interno da Mari.

Finalmente, ela cedeu, como eu esperava.

— Está bem. Preciso do amuleto da Briar. É uma relíquia que pertenceu a uma das mais poderosas bruxas da história, a Briar Creighton. Viveu há centenas de anos, mas ainda continua viva, tão bela e jovem como sempre. Pelo menos, assim ouvi dizer. Depositou uma grande quantidade da sua magia naquele medalhão antes de o ter oferecido, segundo dizem os rumores, a... bem, podes imaginar.

Já temia a resposta.

— Ao rei Kane Ravenwood.

— Sim! Pelos vistos, foram amantes quando ele era mais novo.

— Claro que foram. — Belisquei a cana do nariz. Não estava a julgar o Kane por ter dormido com uma bruxa com mais de cem anos que provavelmente não parecia um dia mais velha do que eu, ainda assim. Senti uma súbita dor de cabeça. — Portanto, queres que lhe pergunte por ele.

Os olhos da Mari quase lhe saltaram das órbitas.

— Não! Pedras Sagradas, Arwen, claro que não. Ele nunca te daria isso a ti ou a mim.

Soltei um imenso suspiro de alívio. Graças às Pedras, porque estava farta de tudo o que tivesse que ver com...

— Quero roubá-lo do escritório dele.

Agora, eram os meus olhos que se esbugalhavam.

— Diz-me que não estás a falar a sério.

— Pediste-me para ser honesta contigo — replicou ela, encolhendo os ombros. Massajei as têmporas. A dor de cabeça transfigurara-se numa tremenda enxaqueca.

— É demasiado perigoso — disse eu. — O rei Ravenwood arrancar-te-ia a cabeça por muito menos.

— Ele nunca saberá. Está na floresta hoje... o ferreiro contou-me hoje de manhã. É o momento perfeito. — Mordeu o lábio antes de voltar os olhos suplicantes na minha direção. — O único possível.

A culpa encolheu-me o estômago. Obrigara a Mari a ser honesta. Só éramos amigas há algumas semanas, mas tinha a certeza de que ela iria levar a cabo aquele plano idiota comigo ou sem mim. E, para ser franca, sentia-me mais corajosa agora do que alguma vez na vida. Sobrevivera a coisas muito piores do que entrar à socapa num escritório.

— Vou fazê-lo, seja como for — anunciou a Mari, como se me conseguisse ler os pensamentos.

— Está bem, está bem — concedi. — Qual é o teu plano?

O sorriso que a Mari me devolveu era tão puro, tão alegre, que me arrancou um esgar também, apesar da exaustão e do medo que sentia de que aquilo viesse a ser um desastre completo.

— Vai ser fácil. — Sorriu de forma radiante. — E depois vais contar-me o teu dia com o rei. Segue-me.

— Agora? — perguntei, mas já ela se levantara e saltitava pelo salão. Praguejei entre dentes e enfiei uma última garfada na boca, antes de a seguir.

Subimos a irregular escada de pedra, atravessámos a galeria acima do pátio, passámos pela botica, fechada para a noite.

Tentei acalmar a respiração ofegante enquanto estugávamos o passo.

Íríamos entrar e sair, num piscar de olhos.

— Como é que sabes que o amuleto é sequer real, quanto mais que ele está no escritório?

— Vivi toda a vida aqui, Arwen. Conheço todos os segredos deste castelo, até alguns que o próprio rei desconhece.

Afastando o pânico e os nervos, dobrámos mais uma esquina e deparámo-nos com uma passagem que eu ainda não conhecia. Arvorava o mesmo trabalho sofisticado na pedra e escondia recantos e vãos como o resto da fortaleza, mas era mais estreita e com menos lanternas. Como se transmitisse aos visitantes: *Este corredor não é para vocês*.

No fim, encontravam-se duas portas ornamentadas, cobertas de filigrana em ferro escuro, guardadas por duas sentinelas estoicas. Mas a Mari fez-nos passar pelos homens muito depressa e dobrar uma última esquina na direção de um expositor isolado. Lá dentro, havia tesouros que eu nunca poderia ter imaginado, como uma armadura de guerra pertencente ao primeiro rei de Onyx, com diamantes e ametistas incrustados qual boca repleta de dentes. Abaixo disso, estava suspensa num qualquer conservante uma criatura anfíbia desengonçada com asas delicadas de renda. Mais abaixo ainda, uma enorme presa de harpia, mais alta e mais larga do que eu.

A cada dia naquele reino o meu entendimento daquele continente — daquele mundo — aumentava.

— Anda — murmurou a Mari, afastando-me dos artefactos encantadores.

Girei, olhando em volta.

— Não há nada aqui.

A Mari sussurrou uma frase e, com um ribombar que senti nos dedos dos

pés, a caixa que albergava os artefactos únicos moveu-se e gemeu, revelando uma pequena alcova.

— O que é que foi isso?

— Uma palavra-chave secreta — disse a Mari entre dentes. — A porta foi enfeitiçada para só abrir quando o feitiço é proferido.

Que sub-reptício da parte do Kane ter um gabinete secreto. Digno de um homem que preza os seus segredos acima de tudo.

A Mari esgueirou-se para dentro e eu segui-a, o coração a bater-me furiosamente no peito.

Era como entrar numa caixa de joias. Um tapete ornamentado — nitidamente de Garnet ou Rose Quartz devido aos seus detalhes elaborados — estendia-se debaixo dos meus pés, abarcando todo o chão, sob as estantes de livros, estátuas e um sofá de dois lugares em pele com almofadas todas trabalhadas. Uma lareira em pedra com toros ainda adornados com brasas frias como joias. Vasos repletos de lilases sinistros de Onyx e de violetas de que eu aprendera a gostar. O luar entrava por uma claraboia que parecia subir sem fim. Deveria ser a parte de dentro do cume espiralado do castelo, um pináculo alto e pontiagudo que trespassava as nuvens.

No meio do recanto deslumbrante, uma enorme secretária — de uma madeira da cor do cobre e quase tão brilhante quanto este, e uma deliciosa cadeira de pele com quatro pés com garras que suplicavam por se enterrar. A secretária encontrava-se a abarrotar de livros cintilantes, pergaminhos usados e penas, até uma taça ali deixada, ainda com uma pinga de vinho.

— Uau!

— Yap. Também disse o mesmo quando o vi pela primeira vez.

— Já aqui estiveste? — A Mari era mais rebelde do que imaginava.

— Só uma vez ou duas — replicou ela, espreitando gavetas e prateleiras. — Talvez umas quantas mais... Depois de uma das empregadas de cozinha ter dito a palavra-passe quando eu era miúda, de quando em quando esgueirava-me até aqui. Limitava-me a bisbilhotar para ver que tesouros o rei tinha reunido. Ou para me esconder de arruaceiros.

Proferiu aquela última parte de forma tão brusca que quase não a apanhei. Queria saber mais, mas ela dirigiu-se apressadamente para uma prateleira cheia de textos desbotados, começando a bisbilhotá-los.

— Se consegues entrar com tanta facilidade, porque é que precisas da minha ajuda?

— Ouvi rumores de que, nos últimos tempos, ele andaria a manter o seu animal de estimação aqui. Pensei que talvez viesse a precisar de mais um par de mãos. Mas parece que estamos sozinhas, pelo que vai ser canja.

Animal de estimação? A ideia de o Kane andar com um cachorrinho de olhos grandes e pelo desgrenhado deixava-me derretida. Afastei as imagens da cabeça e os meus olhos pousaram numa pequena porta de madeira banal aninhada num canto.

— Aonde achas que vai dar?

— Aos aposentos do rei, mas não sei como entrar.

Murmurei que compreendia, mas tinha a cabeça noutro lado. Havia algo de surpreendentemente erótico no ato de pensar no quarto do Kane. No que ele ali fazia quando estava completamente sozinho. Como dormia, em quem pensava. Tentei não estremecer.

Provavelmente parecer-se-ia com as masmorras ou com a sala do trono — todo de pedra e aço. Uma divisão sombria e fria para uma pessoa sombria e fria.

Conseguia ouvir no tom de voz da Mari os olhos a revirarem-se-lhe.

— Estás doida pelo rei.

Corei, apercebendo-me de que estava a olhar ardentemente para a porta de madeira.

— Muito bem. — Acercou-se da secretária. — Amuleto da Briar, onde andas tu?

Antes que pudesse juntar-me a ela, um guincho inquietante, lembrando o choro de uma viúva, atravessou a divisão.

Um grito alojou-se-me na garganta, sendo que tanto eu quanto a Mari girámos sobre nós, surpresas.

Uma criatura com penas saiu de trás do sofá, espreguiçando-se como se houvesse estado a dormir. Era uma coisa estranha e desengonçada que nos olhava especada. À primeira vista, parecia uma enorme coruja. Porém, após um olhar mais atento, recuei dos olhos pequenos e quase humanos e dos ombros ossudos que se dobravam sob umas asas com penas de corvo. Avançou na nossa direção com um deleite irreverente, as pernas esguias e um inclinar de cabeça convulso. Como se uma coruja tivesse acasalado com uma criança desnutrida e demoníaca.

Estacou, olhando-nos com curiosidade, após o que voltou a guinchar, revelando filas e filas de dentes aguçados.

— Mari. É este o animal de estimação do Kane? — A voz nem parecia minha.

— Sim, podes distraí-lo. Já estou a terminar. — Estava a abrir todas as gavetas da secretária, em busca do medalhão. A coisa que parecia uma coruja voltou a piar, esticando as patas com garras. Uns olhos que não piscavam estavam fitos em mim, a seguir cada movimento que eu fazia.

— Distraí-lo? Mari! — sibilei.

— É só uma estrige. Se tencionasse comer-nos, já o teria feito.

Relaxe um pouco os joelhos e o maxilar.

— Ah. Então, não comem humanos?

A voz dela era um eco, resultado de ter a cabeça dentro da cavidade de madeira.

— Não. Não. Comem, sem dúvida. Mas este ainda não o fez. Portanto... Estremeci.

Aquela mulher estava louca.

— Bela corujinha. Que magníficas presas tens. — Será que aquilo a iria

distrair? Tentei proferir as palavras num tom afetuoso, como faria com a *Bells* e o *Hooves* em casa. Saíram-me torturadas e perturbadas.

A criatura deu um ligeiro passo em frente. Os olhos haviam assumido algo de predatório, os três dedos fininhos de onde lhe brotavam as garras macabras estendidos. Respirava aos sacões.

— Mari, vá lá. *Agora*.

— Quase... a acabar... — grunhiu ela, a voz abafada.

A estrige, ainda a perfurar-me a alma, abriu as asas, as penas de um negro escuro e brilhantes como se houvessem sido mergulhadas em óleo. Dei um salto ante aquela visão.

— Ah! Descobri-o.

Perante a exclamação da Mari, a criatura semelhante a uma coruja mostrou de novo os dentes e lançou-se na minha direção.

Com o coração desembalado, corri rumo à entrada secreta, cosendo-me com a parede e ouvindo muito ao longe o murmúrio da Mari atrás de mim. A rajada de vento nas minhas costas deixou-me a rodopiar enquanto via a estrige subir no ar com um pio estrangulado, pairando ali e batendo as asas.

Malditas pedras.

Deixei-me cair aliviada, apoiando o peso do corpo contra a porta secreta e inspirando o ar bafiento do escritório.

— Estás a fazer isto? — Apontei para a estrige, que lutava por descer daquele lugar suspenso.

— Sim! — gritou a Mari. Uma pedra roxa pendia-lhe de um fio de couro que levava à volta do pescoço. — Nem posso acreditar.

— Que fixe. Estou felicíssima por ti. Mas. — Olhei para o monstro a pairar, voltado para nós como quem vai atacar, mas incapaz de se mover. — O que é que vamos fazer em relação a isto? Não o podemos deixar ali em cima.

— Claro que podemos.

Lancei-lhe um olhar furioso.

— Não, não podemos.

Não podia fazer isso ao Kane ou à criatura, por muito que me tivesse querido comer os olhos e fazer um festim da minha carne. Pelo menos, foi isso que me pareceu que estava a comunicar-me.

— Baixa-a e nós saímos daqui a correr antes que nos apanhe.

A Mari franziu o sobrolho, mas apertou o amuleto bem de encontro ao peito com determinação. Focou-se na coruja que batia as asas e piava, e começou a entoar um cântico perturbador entre dentes.

Ver alguém fazer magia era sempre impressionante, mesmo quando estava a tremer tanto que o maxilar me doía. O vento estático, o ligeiro zumbido no ar — o feitiço da nossa costureira para tirar a garrafa de tinta da prateleira mais alta; o breve encantamento de um taberneiro a um cliente ébrio para o ajudar a sair sem problemas.

Nunca nada me parecera tão cru ou visceral quanto o que a Mari estava a

fazer.

Ela continuou a entoar, mas a criatura não se movia.

Eu e a Mari entreolhámo-nos preocupadas. A estrige também o parecia estar, inclinando a cabeça plumada.

O som de passos ecoava pela porta de madeira — a que dava para o quarto do Kane. Girámos as três, escutando também as vozes abafadas de homens entrando no quarto ao lado.

— *E o Eryx parece agradado com a tua oferta.* — A voz profunda e inconfundível do Kane. — *Podemos ainda ter um aliado. Mesmo na hora H.*

— *Isso é um exagero.* — A voz do Griffin.

— Oh, por amor das Pedras, Mari! Tenta de novo! — sibilei. Não sei o que diria isso de mim, mas sentia muito mais medo de me cruzar com o Kane do que de morrer às garras de uma estrige.

— *Sempre tão animado, comandante. Será que não podemos ter um pequeno sucesso?*

Griffin escarneceu pela parede.

— *Tudo bem. E a Amelia?*

A gargalhada casual do Kane passou pela porta e entrou-me nos ossos.

Senti a cara aquecer.

Não queria continuar a ouvir aquela conversa. O rosto da Mari comprimiu-se enquanto ela continuava a entoar o feitiço, agarrando com firmeza o amuleto em volta do pescoço.

— Griff, achas honestamente que, com tudo o que está em jogo agora, que...

A estrige piou alto, batendo as suas espantosas plumas contra a cadeia mágica.

Oh, Pedras. Tinha o coração na boca. Quase me engasgava nele...

Precisávamos de sair de imediato.

— O quê? — O bater das botas dos guardas obedecia a um ritmo regular, movendo-se do quarto do rei na nossa direção.

— Mari! — silvei.

De súbito, o domínio da Mari sobre a criatura desvaneceu-se e esta perdeu altitude, segurando-se a meros centímetros do chão com as asas abertas e um olhar assassino. A Mari e eu esgueirámo-nos da alcova mesmo antes de os guardas entrarem e a criatura poder fazer de nós o seu próximo repasto.

Soltámos ambas um suspiro de alívio no corredor e estugámos o passo na direção oposta, mas de forma a que este ainda assim parecesse natural. Quando dobrámos a esquina, eu quase vibrava de raiva.

— Mari. Aquilo foi...

— Lamento tanto, Arwen — disse, antes de voltar os seus olhos cor de avelã na minha direção. — Foi tão perigoso e estúpido. Honestamente, nem acredito que concordaste em vir.

Conseguia sentir a tão familiar enxaqueca a voltar.

— Quase nos mataste — ripostei irritada. — Como é que pensaste...

Calei-me enquanto passávamos por duas sentinelas no corredor iluminado por tochas. A Mari e eu sorrimos — um sorriso caloroso, rasgado e falso como charlatãs.

Os homens passaram por nós e preparei-me para continuar o sermão, mas ela abrandou na galeria, olhando para as pessoas a deambularem no pátio abaixo de nós.

Parecia destroçada.

Será que a estrige a assustara assim tanto?

— Precisava de obter o amuleto — disse ela. — Não podia falhar. — Voltou-se para me encarar, os olhos sérios. — Ser boa nas coisas, saber tudo. Não sei. Acho que só valho por isso.

Uma irritação ainda me formigava na pele, mas as palavras dela também me feriram.

— Mari, isso não é verdade, e tu sabe-lo. Como podes dizer semelhante coisa?

— Enquanto crescia, não tinha amigos aqui. É um forte do Exército, por amor das Pedras. Havia muito poucos miúdos e, de entre esses, as raparigas iam ter aulas em Willowridge e os rapazes aprendiam a lutar. Julgo que o meu pai nunca me mandou para fora porque não queria estar sozinho.

A imagem de uma Mari pequenina e solitária, os caracóis ruivos a cobrir-lhe metade da cara, importunada pelos rapazinhos e a esconder-se no gabinete ornamentado do Kane, deu-me vontade de a abraçar.

— A minha mãe morreu ao dar-me à luz. Nunca a conheci, mas sabia, do que o pai me contava acerca dela, que era uma bruxa brilhante e boa em tudo o que fazia. Ele estava tão apaixonado e todos os dias me dizia quanto me parecia com ela. Eu adorava ler, tal como ela. Sabia-me tão bem ter algo digno de orgulho. Sentir que eu e ela éramos iguais. Então, não importava o que as outras pessoas pensavam de mim. Tinha a minha mente, tal qual a minha mãe, e não precisava de mais nada. Tinha tanto medo de falhar nestes feitiços, Arwen... de falhar em algo em que ela era ótima... que quase nos matei às duas. Lamento profundamente. Só não sabia que seria se tentasse bruxaria e não funcionasse.

Toda a raiva se desvaneceu em mim como uma vela soprada.

Sabia o que ela queria dizer.

Talvez não acerca da pressão terrível que ela colocava sobre si, mas a solidão na infância também me levava a más escolhas na idade adulta. Na verdade, se em nova tivesse descoberto algo em que era tão boa quanto a Mari academicamente, talvez tivesse crescido com alguma da consciência do eu e da confiança que ela possuía.

Voltei-a para que me encarasse.

— Mari, se nunca me tivesses falado de um facto aleatório, do nada, ou citado um texto de que nunca tinha ouvido falar, ou dominado um novo feitiço ou tradução, não te teria em diferente conta. O teu brilhantismo e a tua

determinação feroz são só duas das muitas, muitas qualidades que fazem de ti minha amiga.

Os olhos iluminaram-se-lhe.

— Obrigada por dizeres isso.

— É a verdade. Sou uma péssima mentirosa.

Retomámos a caminhada e desta vez o silêncio era agradável — uma bebida para acompanhar a noite balsâmica que de algum modo não acabara connosco mortas.

— Então — disse ela ao fim de alguns minutos —, vamos falar acerca do que ouvimos?

As minhas bochechas coraram. *Amelia*.

— O meu ego ainda está a recuperar do facto de o Kane parecer ter dormido com metade do reino, incluindo bruxas com centenas de anos, e não mostrar qualquer interesse em mim — repliquei. Era uma piada, mas não sou assim.

A Mari agarrou-me o braço com firmeza e empurrou-me para a sua linha de visão.

— Não vamos seguir essa linha de pensamento — disse, fazendo um esgar. — De qualquer das formas, não queres ser desejada por um homem assim. Detesta-lo, e com bons motivos. — A sua voz era calorosa, mas firme. — Tu és uma luz brilhante, Arwen. E ele não te merece.

Anuí mas o coração parara-me no peito.

É possível que, tal como a Mari, também eu não me visse com clareza.

Dei uma pancada na árvore com toda a força, mas quase nem a marquei. Mesmo quando imaginava que era a cara arrogante do Kane ou a de alguém chamado Amelia, os golpes resultavam em meros arranhões na madeira. Ao cabo de todas as manhãs passadas com uma espada de aço nas mãos, continuava a sentir que a minha força não melhorara nem um pouco.

Limpei o suor dos olhos e espreitei o Dagan.

— Isto não é treinar. É trabalho escravo. Se precisa de mais lenha, aposto que o Owen teria todo o gosto em auxiliar.

O Dagan soltou uma gargalhada, cuja novidade ainda não se desvanecera. Nada parecia alegrar tanto o rabugento como aquelas aulas matinais. Não conseguia perceber se ele estava secretamente encantado com a minha aprendizagem ou se era apenas sádico. Provavelmente, as duas coisas.

— Mais quatro golpes e ficamos por aqui.

Endireitei os ombros e desferi quatro golpes com o machado na árvore, deixando um corte superficial na madeira.

— Pronto — elogiou. — Já é alguma coisa. Um dia, havemos de conseguir derrubá-la.

— Ainda não percebo o que tem isto que ver com esgrima.

O Dagan ofereceu-me a sua espada em troca do machado que eu trazia na mão. Troquei um pela outra e senti instantaneamente o braço ser puxado para baixo.

— Dagan! — arquejei. — De que é feita a tua espada? De tijolos? Não conseguia segurá-la nem com ambas as mãos, quanto mais manejá-la habilmente com uma.

— A espada com que tens treinado é para crianças. De cinco ou seis anos, no máximo. — Fiquei de queixo caído. — Tens de ficar mais forte para poderes usar uma espada a sério em breve.

Respeitei a sua dedicação à minha autodefesa, mas a urgência era perturbadora. Será que achava que eu correria novamente perigo num futuro

próximo?

Apesar do arrepio que me percorreu, fiquei grata pelo lembrete de que não deveria sentir-me demasiado confortável ali — Onyx ainda era um reino perigoso.

— Desculpa, não queria queixar-me. Estou só um bocadinho cansada.

Na noite anterior, curara dois soldados que haviam regressado de uma missão com ferimentos provocados por punhaladas, e aquilo drenara-me quase por completo.

Deixei cair a espada e encostei-me à árvore desfigurada. O Dagan olhou-me, a empatia e a curiosidade envolvendo-lhe a expressão.

— Cansas-te a trabalhar na botica?

Sei que na minha cara se espelhava nitidamente a confusão.

— Por vezes as horas custam a passar... Porquê?

— Não é a isso que me refiro. — O Dagan pegou na espada, passando a lâmina pela palma da mão.

— Dagan! O que é que... — Fiz menção de agarrar a espada, mas ele enxotou-me

— Olha, cura isto.

Semicerrei os olhos, mas aquiesci ao seu pedido. Pegando-lhe na mão calejada, fechei os olhos e senti o formigueiro familiar nos dedos.

— Agora, quero que tentes algo novo. Não puxes o poder de dentro; tenta antes aceder àquele que te rodeia.

— Aquele que me rodeia? — Abri os olhos e estudei a zona.

— Por exemplo, tu? A espada?

— Não propriamente. Por vezes, é a água. Outras é a terra. O meu palpite é que para ti será a atmosfera. Por isso, se conseguires, tenta atrair o ar à tua volta e canalizá-lo para a palma da minha mão.

— Dagan. — Uma esperança circumspecta borbulhava-me no peito. — Sabe que poderes são estes? Toda a vida os quis compreender. Se sabe alguma coisa sobre isto, tem de me dizer.

Abbington não tinha bibliotecas ou académicos; portanto, depois de esgotar todas as formas de pesquisa, desistira de tentar perceber aquela parte de mim. Chegara inclusivamente a pesquisar na biblioteca de Shadowhold durante algumas semanas, mas fora em vão. Convencera-me então de que era melhor assim — que preferia não saber.

Porém, os olhos do Dagan limitaram-se a estudar o campo em nosso redor.

— Esta técnica ajudou outros com a sua magia. Só isso. Pensei que talvez valesse a pena tentar.

Sabia que ele me estava a esconder algo. Não era tão mau mentiroso quanto eu, mas não andava longe. Sabia que as bruxas nunca retiravam o seu poder do ar, da água ou da terra. Quando me explicou toda a sua investigação no que respeitava às suas novas faculdades, a Mari deixara bem claro que o poder de uma bruxa advinha da sua linhagem.

No entanto, quando ele nada mais me disse, acedi e tentei. Imaginei que estava a arrastar o ar que me rodeava para a palma da sua mão, selando o pequeno rio de sangue que emergira, os meus dedos estremeceram, e observei pasmada as margens unirem-se novamente, sem que isso me deixasse exausta ou zonha.

— Como...?

Os lábios do Dagan franziram-se num sorriso sabedor.

— Boa. Isso pode ajudar. Depois, diz-me.

De seguida, dirigiu-se para o castelo.

Estava tão dorida que mal conseguia caminhar até ao meu quarto. Tencionava preparar um banho bem quente com sais da botica para me aliviar os músculos. Outra faceta dos meus estranhos poderes residia na capacidade de me curar com rapidez. Nunca ficava doente durante muito tempo e os cortes que fazia tornavam-se cicatrizes por vezes de um dia para o outro. Um bom banho e no dia seguinte estaria como nova.

Estava um dia estranhamente nublado, apesar de o verão se aproximar, e a casa de banho privada encontrava-se sombria e silenciosa. Acendi duas lanternas e uma mão-cheia de velas para iluminar o espaço e comecei a ferver a água. A porcelana branca da banheira vitoriana estava rachada e arvorava alguma ferrugem aqui e ali, mas eu apaixonara-me por ela. Em Abbington, tínhamos uma casa de banho comunitária, quase exclusivamente utilizada por adolescentes que queriam um momento íntimo longe dos olhares intrusivos dos pais.

Tentei lembrar-me da sensação fugaz e agoirenta que tivera ao treinar com o Dagan naquele dia — um lembrete para não baixar completamente a guarda. Mas a minha vida ali, em Shadowhold, era muito mais agradável do que alguma vez imaginara que pudesse ser. Até já me havia esquecido de planejar uma forma de fugir, desfrutando antes da companhia da Mari, do Dagan e até da do Barney quando o via no salão nobre.

Reprimi a culpa que me arranhava o coração.

Estava a sobreviver.

Não podia fazer mais nada. A culpa também me inundava a mente desde que havíamos roubado o amuleto da Briar. Esperava que o Kane não notasse, que não perseguisse a Mari para o reaver.

Uma pequena parte de mim contava com que ele não se sentisse traído.

A ironia era tão ridícula que quase fiquei com dor de cabeça.

Quando a água estava prestes a ferver, despejei-a na banheira e despi as peças de cabedal manchadas de suor e sujas de terra. Mergulhei um dedo do pé repleto de bolhas na água escaldante. Não havia uma única parte de mim que não estivesse esfolada e dorida em virtude dos exercícios da manhã.

O Dagan era definitivamente um sádico.

Adicionei os sais, e a água límpida tornou-se branca e leitosa, libertando uma fragrância a eucalipto e lírios. Enquanto ia entrando na banheira, centímetro a centímetro, pelo menos metade da tensão abandonou-me o corpo

como o vapor de uma chávena de chá no ar de inverno. Submergi e levantei os pés, apoiando-os na borda da banheira, numa posição digna de uma rainha.

Também ficara assim depois da corrida que fizera contra o Kane. Já há algum tempo que não exercitava tanto os músculos, mas acolhera de muito melhor grado as dores nas pernas do que o que quer que fosse aquela amolgadela de corpo inteiro resultante do treino. Pensar no dia que passara com o Kane trazia-me à mente todo o tipo de sentimentos contraditórios. A sua arrogância irritante. A nossa discussão. A sua postura em relação ao amor e à confiança. Mas também a sua prontidão de me levar consigo para a floresta só porque eu precisava de sair. A nossa aposta divertida. O mergulho.

Aquela viagem de regresso ao castelo...

Pensar nele encostado a mim, a brilhar enquanto o sol se punha, talvez até a intumescer ante a sensação do meu corpo nos seus braços... Não queria sentir nada por ele, mas não conseguia evitá-lo. A recordação trouxe consigo uma dor intensa no meu âmago e os mamilos enrijeceram-se-me mesmo na água quente.

Sozinha, na privacidade da casa de banho, rodeada pela luz ténue das velas, permiti-me deslizar uma mão pelo ventre e entre as pernas. Era uma sensação completamente diferente pensar no Kane e não no Halden — um desejo tão puro e exigente que eu não suportava deixá-lo por satisfazer. Pensei no sorriso malicioso do Kane, na sua gargalhada profunda e rouca, e na forma como ele quase me pressionara contra as rochas no lago.

Perguntei-me o que poderia ter acontecido se eu não estivesse tão concentrada na fuga. E se tivesse decidido tirar a camisa transparente? Teria ele sido capaz de se conter? Ou ter-me-ia tomado, consumindo-me completamente até sermos um só?

Imaginei as mãos dele a agarrarem-me, arrancando-me um gemido dos lábios, ele a sussurrar-me ao ouvido o que os meus sons mais íntimos lhe estavam a provocar. Massagei em círculos entre as pernas, sentindo a pressão aumentar por todo o corpo, o desejo a acumular-se-me no fundo da barriga.

Ansiava por ele.

O desespero para que me tocasse consumia-me por inteiro. Levei a outra mão ao peito e massagei-o com suavidade, pensando nas mãos dele, na sua força e na sensação do seu toque violento. Ele era tão perigoso, tão letal. Era vergonhoso — mortificante — até que ponto isso começara a excitar-me.

Enquanto imaginava o Kane, o nome saiu-me dos lábios num suspiro suave. Mesmo dentro da água, senti a humidade a acumular-se e introduzi um dedo lentamente. Gemi, os olhos fechados de prazer, à medida que me aproximava do êxtase. Retirando o dedo quase todo antes de o voltar a mergulhar, imaginei que era a mão do Kane, a usar-me, a brincar comigo, a arrancar-me gritos da garganta e lágrimas de prazer dos olhos. Será que ele seria violento? O maxilar tenso, as mãos castigadoras, exigindo gemido após gemido, solução após solução... ou seria aquele rei perverso surpreendentemente gentil? Contendo-se, com medo de me penetrar com demasiada força,

tremendo ante a necessidade de se manter sob controlo... As minhas fantasias estavam descontroladas. Estava tão perto que quase podia sentir-lhe a língua no meu pescoço, os seus grunhidos contra mim, a forma como...

Fui despertada da fantasia imunda pelo som de passos pesados vindos do meu quarto.

O medo trespassou-me.

Levantei-me, encharcando o chão, preparada para o que quer que pudesse entrar pela porta da casa de banho. Olhei em volta à procura de alguma arma e agarrei no castiçal mais próximo.

— Arwen? Estás bem? — O Kane entrou de rompante, a mão na espada embainhada, mas estacou ao ver-me encharcada e nua. Soltou um ruído gutural que mais lembrava um gemido e virou-se rapidamente.

— Foda-se. — A voz falhou-lhe e ele limpou a garganta. — Desculpa.

Deixei-me cair na banheira com um salpico deselegante para esconder o corpo.

— O que é que estás a fazer aqui? Não sabes bater à porta? — perguntei, mas soou a gritos.

— Vinha perguntar-te uma coisa e depois ouvi... Pensei que estavas ferida — explicou ele voltado para a parede, ainda de costas para mim.

— Eu... Deixa lá.

Contorci-me. Ainda me sentia quente — do banho fumegante, da vergonha, de... Afastei da mente as imagens dos olhos repletos de luxúria do Kane e dos seus lábios entreabertos e ofegantes.

— Bom, estou bem. E podes voltar-te de novo.

O Kane encarou-me lentamente. Eu cruzara os braços em volta do peito, e a água cobria-me o resto do corpo. Os saís tinham-na deixado opaca, como um cobertor de um branco líquido. De alguma forma, ele parecia quase tão embaraçado quanto eu me sentia.

Um pensamento horrível entrou-me na mente, e todos os outros desapareceram.

— O que te fez pensar que eu estava magoada? — Tentei não parecer histérica.

— Julguei ter ouvido... — Agora o rosto pusera-se-lhe verdadeiramente corado. Não sabia dizer se de excitação ou se de vergonha. Talvez ambas.

Recuperei rapidamente.

— Não sejas rude, Kane. Estou só dorida. O Dagan anda a ensinar-me esgrima. Nunca te doeram os músculos? Ou já nasceste com esse aspeto esculpido pelas Pedras?

Bhec. Estava a exagerar.

Ele relaxou um pouco e o sorriso malandro regressou-lhe aos lábios. Encostou-se à parede.

— Alguém está muito animado esta manhã.

Abanei a cabeça e fechei os olhos, deitando-me de novo na banheira. Deixei que a água quente me subisse ao pescoço e me acalmasse antes de

voltar a olhar para ele.

— Cheira bem. — Ele aproximou-se, mantendo-se, porém, a uma distância respeitosa. Não sabia ao certo se apreciava isso ou se o odiava mais do que tudo.

— Os sais são perfumados com lírios brancos. A minha flor favorita.

Ele sorriu um sorriso novo, um olhar relaxado e agradável que raramente lhe via. Tirou-me o fôlego.

— Aqui em Onyx não há muitos.

— Eu sei — repliquei. — A minha mãe disse-me que só florescem em Amber. É por isso que é o meu segundo nome; contou-me que nasci rodeada deles.

— Arwen Lily Valondale — brincou ele. O meu nome naqueles lábios era como uma oração, se uma oração pudesse ser sensual. Quase o suficiente para me fazer gemer.

Aclarei a voz.

— Como é que sabes o meu apelido?

Ele emitiu um estalido com a língua, abanando a cabeça numa reprimenda brincalhona, e os meus seios puseram-se tensos em resposta. Maldito. Deveria ser proibido de fazer o que quer que fosse que me pusesse a olhar-lhe para a boca.

— Achas que deixo prisioneiros à solta na minha fortaleza sem os investigar?

Aproximou-se vagarosamente e o meu baixo-ventre comprimiu-se. Continuava tão nua.

Ele tinha de sair dali.

— Da última vez que verifiquei, a banheira ainda era um espaço privado, não uma sala comum. Porque é que estavas nos meus aposentos, já para começo de história?

O Kane aproximou-se uns centímetros de mim e ajoelhou-se para não ver para dentro da banheira. Quando os nossos olhos se encontravam ao mesmo nível, disse:

— Eu queria perguntar-te... — Coçou o maxilar.

Um pensamento terrível ocorreu-me demasiado tarde. Será que sabia que eu e a Mari havíamos estado no escritório? Era por isso que ali estava? Ter-se-ia apercebido de que o amuleto da Briar desaparecera? Tentei arvorar uma expressão indiferente.

Ele suspirou.

— Se puderes juntar-te a mim para uma coisa amanhã à noite. Acho que poderá ajudar-te a compreender um pouco mais este reino.

Dizer que fiquei «surpreendida» seria um eufemismo. Mergulhei ligeiramente na banheira para ganhar tempo.

— Porquê?

— Porque te estou a pedir que o faças?

Esbocei uma careta.

Ele soltou uma gargalhada calorosa e genuína, como se eu fosse hilariante.

— Sim, não pareceu que isso fosse muito importante para ti. Que tal porque te irá saciar a curiosidade ávida sobre mim e este reino, e sobre a guerra acerca da qual tens tantas opiniões.

— Está bem. — Quase sorri. Ele apanhara-me.

— Boa. — Sorriu. — Vou pedir ao Barney para que te acompanhe.

Virei-me, alcançando as roupas atrás de mim, quando o ouvi inspirar um hausto agudo. Encarei-o e esperei pelo que lhe estivesse na ponta da língua, mas já sabia o que era.

Ele parecia abatido.

— Tens cicatrizes. — Proferiu-o como se fosse capaz de partir ferro com os punhos.

Apesar da água quente, um arrepio percorreu-me a espinha.

Um «sim» era o mais que lhe conseguia responder. Aquela não era uma parte da minha vida que quisesse partilhar fosse com quem fosse, especialmente com ele.

— Quem é que te fez isso? — perguntou num tom tão baixo que eu mal consegui ouvir.

Imagens do Powell e do seu cinto assaltaram-me a mente.

Corei.

— Foi há muito tempo.

Como se conseguisse ver o que as memórias provocavam em mim, não insistiu mais, o que me deixou grata. Ao invés disso, engoliu em seco e olhou-me nos olhos.

Quando eu não desviei o olhar, ele inclinou-se ligeiramente, no rosto uma expressão que eu não conseguia ler. O seu maxilar continuava duro como granito.

O espaço entre nós pulsava com uma energia lenta e agonizante.

Ainda me doía o âmago.

Os nossos rostos estavam demasiado próximos para a minha nudez. E para a proximidade do êxtase que quase alcançara uns momentos antes. Conseguia sentir-lhe o odor com notas de couro e madeira, o que me toldava a mente.

Passei a língua pelo lábio inferior e vi-o seguir-me o movimento com o que me pareceu ser um estremecimento — como se aquilo o ferisse. Os seus olhos haviam ficado completamente negros, todos eles pupilas. Nem uma centelha do cinzento cor de ardósia que normalmente pousava em mim. Seguiram uma linha que me descia do pescoço à clavícula e depois ao sítio onde os meus seios se uniam sob os braços cruzados. Os seus lábios entreabriram-se ligeiramente.

Mas ele não olhou mais para baixo, e eu senti alívio e decepção.

Ergui o rosto na direção dele. Queria que me beijasse. Conseguia admiti-lo a mim própria — queria os lábios dele sobre os meus mais do que desejava

respirar.

Mas o sobrolho franziu-se-lhe e ele abanou a cabeça, aclarou a voz e levantou-se.

— Perdão — disse, antes de sair da casa de banho sem mais uma palavra, deixando-me ofegante.

Segui o Barney até ao mar de tendas. Uma enorme e brilhante lua cheia pendia do céu noturno e fresco, brilhando-lhe no rosto suave e familiar. Fiquei pasmada ao constatar que tinha sentido saudades daquele homem doce e corajoso.

Pedira à Mari um vestido emprestado e umas quantas fitas pretas que via com frequência nos cabelos das mulheres de Onyx. Não fazia ideia do que o Kane pretendia que eu visse, o mesmo lhe sucedendo a ela. Brincara com a possibilidade de ele me levar às linhas da frente e me mostrar as realidades da guerra, para que eu percebesse o motivo pelo qual governava com tamanha crueldade. Não conseguia imaginar algo mais terrível.

O Dagan fora ainda menos prestável nessa manhã. Só lhe revelei que o rei me havia pedido para ir ter com ele nessa noite, deixando de fora todo o desejo ardente e a troca de olhares agressiva que parecia subjugar-nos nos últimos dias. No entanto, tinha a sensação de que o Dagan sabia que algo mais se estava a passar. Eu corava sempre que falava no Kane. Quando lhe perguntara se sabia porque é que o rei poderia querer que me juntasse a ele nessa noite, o meu amigo limitara-se a revirar os olhos, deixando-me sozinha na botica durante o resto do dia. *Importante: não pedir conselhos amorosos ao Dagan.*

O Barney e eu passámos por homens a cozinhar tachos de estufado, o som do fogo a crepitar-me nos ouvidos, a jogar às cartas e a beber cerveja. Os soldados que me tinham parecido tão ameaçadores apenas algumas semanas antes lembravam-me agora o Ryder e os amigos — brincalhões, rapazolas e todos demasiado jovens.

Contornámos uma esquina ruidosa e demos de caras com uma tenda escura como breu. Parecia mais um pavilhão — adornado com uma filigrana prateada em volta da entrada e estandartes de ambos os lados do emblema de Onyx.

Reconheci a área, e uma vaga de náusea atravessou-me.

Atrás de nós, encontrava-se o preciso ponto onde o Bert tentara violar-me. O Kane deveria estar naquela mesma tenda na noite em que me ouvira a debater-me. Estremeci, pensando no que poderia ter acontecido, se ele não estivesse ali. Uma gratidão relutante florescera dentro de mim em relação ao meu treino. Acaso tivesse uma espada naquela noite e soubesse manejá-la, poderia ter sido ao menos capaz de dar luta.

A tenda não era nada do que eu esperava ao entrar. No meio da sala, repousava um grande mapa texturizado de Evendell, com várias peças espalhadas a representarem cada um dos muitos batalhões do rei. Cadeiras de couro e peles numa mescla de tons de areia e chocolate ocupavam o restante espaço, assim como lanternas góticas e velas cónicas, que banhavam o lugar em faixas de uma luz cor de manteiga.

Homens e mulheres seguravam em cálices de cobre e comiam pão de trevo, galinha e carne de vaca. A fragância a gengibre, citrino, rum e cravos-da-índia pairava no ar, mesclando-se com gardénias e lilases — as flores mais comuns em Onyx, conforme vim a descobrir. As luzes brilhantes contribuíam para um ambiente quente e agradável.

Apercebi-me, tardiamente, de que levava as mãos ao peito numa expressão de pasmo e... excitação.

O Barney conduziu-me até ao Kane, sentado num trono de veludo. A seu lado, encontrava-se um homem com pele escura e um maxilar forte, que não reconheci.

— A menina Arwen, Vossa Majestade.

O Kane levantou-se para me cumprimentar. Nessa noite, estava vestido como um verdadeiro rei — um manto negro, uns quantos anéis de prata, o cabelo puxado para trás e uma coroa delicada com ramos de Onyx rodeava-lhe a cabeça. Estava um assombro.

Engoli qualquer vergonha residual com o nosso quase beijo na casa de banho na véspera e cumprimentei-o com uma mera vénia. O Kane examinou-me com um olhar lento, das botas ao laço negro, uma centelha faiscando-lhe no olhar. Perguntei-me se teria reparado que eu me vestira como uma deles.

No entanto, a sua jocosidade e charme habituais encontravam-se ausentes naquela noite. Nenhum comentário atiradiço, nenhum gracejo espirituoso.

— Fico feliz que tenhas conseguido juntar-te a nós — disse ele. — É só um momento. Por favor, senta-te. — Fez um gesto na direção da cadeira de veludo cor de ameixa ao seu lado, antes de prosseguir uma conversa animada com o homem à sua direita.

Debati-me contra a vontade de espreitar para o mar de nobres que enchiam a tenda. Os seus olhos curiosos, mas também territoriais, a trespassar-me as costas quais pontas aguçadas de centenas de espadas. Em vez disso, olhei para o outro lado, onde se encontrava sentado o meu fã número um, o Griffin. Queria perguntar-lhe, a ele ou ao Kane, o que era aquilo ao certo, mas também ele estava envolvido numa conversa que eu temia

interromper. Dei comigo a desejar que o Barney ainda ali estivesse.

Olhando para as mãos, voltei os ouvidos para as conversas em meu redor. O Kane estava a discutir o tratado de paz dos Territórios Opal, mas só conseguia apanhar uma palavra aqui e ali. A divisão estava a ficar barulhenta e inquieta.

À minha esquerda, o Griffin estava envolvido numa discussão surpreendentemente jovial com uma bonita jovem loira. Era fascinante ver o Griffin a rir, tendo em conta que fora sempre tão estoico junto de mim. Até tinha um sorriso caloroso e amigável quando optava por mostrá-lo.

— Uma loucura, não é?

Voltei-me para o Kane.

— Acho que é a primeira vez que lhe vejo os dentes. Pelos menos, para lá de quando mos está a arreganhar.

O Kane esboçou um ligeiro sorriso, que não lhe alcançou os olhos. Estava claramente preocupado com alguma coisa naquela noite.

— Como já te disse, não és tu, sou eu.

Murmurei que compreendia, mas não proferi mais nada. O Griffin e o Kane podiam não ser irmãos, mas havia uma tensão muito enraizada, quase de cariz familiar, entre os dois, na qual não tinha quaisquer intenções de me envolver.

O comandante em causa levantou-se, e a multidão de dignitários conversadores silenciou-se, voltando a atenção para ele.

— O fórum desta noite diz respeito aos Territórios Opal — disse ele. — Amber tem estado a passar ilegalmente soldados através do Desfiladeiro da Meia-Noite de Opal. Estão a chegar mais rapidamente aos nossos homens por causa disso.

O meu coração estristeceu com um baque.

Oh, não.

Os meus olhos dispararam na direção do Kane, mas os dele encontravam-se apontados para o seu comandante.

Dei voltas à cabeça em busca do que sabia sobre o Desfiladeiro da Meia-Noite do tratado. Tratava-se de informação que aprendera em criança, nas aulas. A terra de Opal era livre de qualquer governador. Era um local selvagem e rochoso com muitos grupos e divisões. Se me lembrava bem, há décadas, os territórios haviam assinado coletivamente um tratado de paz com os restantes oito reinos, o qual o declarava neutral em qualquer situação de guerra.

Infelizmente, quer Opal quer Peridot encontravam-se no meio do conflito de Amber e Onyx. Os soldados de ambos os lados tinham de contorná-los através do mar Mineral e do Reino de Rose Quartz, o que os fazia perder muito mais tempo do que se cortassem a direito através de Opal.

O entusiasmo que a ideia de fazer parte do fórum me tinha causado, rapidamente azedou no meu estômago, metamorfoseando-se numa séria preocupação. O que é que eles iriam fazer aos soldados de Amber? Quão

implacáveis seriam?

Ou será que não se preocupavam? Talvez fosse um problema com o qual Opal tivesse de lidar.

— Obrigada a todos vós por virem — terminou o Griffin. — O fórum encontra-se aberto.

Quase de imediato, um homem corpulento e dono de uma barba impressionante levantou-se.

— Meu rei, já o disse antes, mas di-lo-ei novamente de bom grado. Se Amber pode quebrar as regras dos territórios sem que haja consequências, então, também nós o podemos fazer. Vamos levar os nossos homens até lá hoje à noite. Equilibrar o jogo. Não há tempo a perder a discutir alternativas.

A mulher loira sentada ao lado do Griffin escarneceu, levantando-se e encarando o Kane. Os seus olhos eram suplicantes.

— Vossa Majestade, com todo o respeito por sir Phylip, as ações de Amber não são inconsequentes. Os meus espiões ouviram que os territórios estão prestes a lançar um ataque ao rei Gareth em resposta ao facto de estarem a usar a sua terra como atalho e a quebrar o tratado. Isso ajudará a nossa causa. Há que não provocar também a raiva deles.

Sir Phylip passou uma mão pelo rosto. Era de crer que aqueles dois já houvessem tido aquela discussão antes.

— Se formos por aí — continuou ela —, só traremos perigo para este reino e causaremos mais derramamento de sangue em Opal.

O Kane falou pela primeira vez.

— A Lady Kleio tem razão: não atravessamos Opal por uma questão de respeito, não por medo. Os de Amber podem ser uns filhos da mãe, mas nós não somos.

Opal criara o tratado para manter as suas terras e povo a salvo — não acreditava que o Gareth fosse menosprezar isso em nome do seu próprio proveito. A ser de alguém, aquilo parecia muito mais uma atitude do Kane.

O homem ao lado do Kane levantou-se, a sua voz de barítono ribombando pelo fórum e ordenando atenção.

— Aconselhei o nosso rei a encontrar-se com os diversos líderes tribais, a fim de criar um outro tratado que permita apenas o salvo-conduto a Onyx. Se quisermos mandar uma vaga de tropas para Amber, precisamos da ajuda deles.

Tanto sir Phylip quanto lady Kleio reviraram os olhos quase em simultâneo. A Kleio foi a primeira a falar.

— Tenente Eardley, encontrar todos os líderes, mesmo com os nossos melhores espiões, levará meses. É tempo que não temos.

Mal-estar agitava-se-me no âmago. Não queria prejudicar o meu reino, mas queria evitar mais derramamento de sangue. Preocupava-me a falta de dignitários a erguer-se contra o plano de carnificina do Phylip. Se recorressem à sua proposta, perder-se-iam milhares de vidas de gente de Onyx, Opal e Amber nos próximos dias.

Porém, aquele apuro lembrou-me de algo...

Era arriscado, mas, quando não queria que determinada medicação atingisse o sistema nervoso demasiado depressa, acrescentava certas ervas ou elementos à mistela para agirem como bloqueadores, permitindo que a medicação encontrasse outros caminhos pelo corpo e os efeitos fossem mais duradouros para o paciente.

Era disso que Onyx precisava. Algo que bloqueasse os soldados de Amber, obrigando-os a abandonar o desfiladeiro. Se atravessar Opal lhes levasse o mesmo tempo que outros caminhos, deixariam de o ver como um atalho e abandonariam o território por completo.

Voltei os olhos para o Kane. Recostado, o tornozelo de uma perna em cima do joelho da outra, os dedos no colo, era o epítome da calma. Tinha de admitir que me enganara acerca da forma como liderava o seu reino. Estava a dar uma oportunidade a todos os nobres, tenentes e dignitários da sua corte para dizerem o que pensavam e chegarem a uma decisão juntos. Era surpreendentemente justo.

Como se sentisse os meus olhos pousados em si, ele voltou-se e encarou-me. Agitou os dedos na minha direção numa onda tímida. Sorri, mas abanei a cabeça — não estava a dizer olá. Apontei para o grupo e depois para mim. Ele ergueu uma sobrancelha, mas anuiu com um gesto da cabeça numa aprovação desconfiada.

O meu estômago deu uma reviravolta de ansiedade e enfiei as mãos em punhos no vestido para esconder o facto de estarem a tremer.

Quando uma mulher mais velha, de cabelo ondulado, terminou de falar acerca de colocar homens de Onyx na fronteira de Opal e Amber, e de o Griffin descartar a ideia, declarando ser um desperdício de tropas, inspirei fundo novamente e levantei-me.

— Boa noite — comecei. A divisão ficou em silêncio. Toda a gente parecia olhar para o Kane em busca de aval. Ele observou-me com a mesma expressão imparcial que mantivera ao longo de todo o fórum, mas não fez um único movimento para me travar. — Não tenho treino militar — disse, voltando-me para a pequena multidão. — Não sou aristocrata e só vi dois mapas do nosso continente na vida. — Ao meu lado, o Griffin enfiou a cabeça entre as mãos. O Kane reprimiu uma gargalhada para o comandante.

— Então, o que é que estás a fazer aqui? — perguntou uma voz grosseira vinda do outro lado da tenda. Ouviram-se risinhos divertidos, e eu fiquei hirta, mas não consegui ver quem tinha falado. Senti as bochechas aquecerem, o suor e descer-me dos cabelos.

O Kane lançou ao homem um olhar de veneno puro.

— Não me parece que a senhora tenha acabado de falar. Seria sensato ter tento na língua na presença dela.

Seguiu-se um silêncio sepulcral.

Porém, as suas palavras incentivaram-me, pelo que prossegui, a voz desta vez um pouco menos trémula.

— Seria frutuoso tornar o Desfiladeiro da Meia-Noite ineficaz.

Apesar de não haver uma ponta de humidade na minha boca ou garganta, tentei em vão engolir. Aguardei pelo burburinho de desacordo que sabia estar para breve, mas só conseguia sentir o olhar de toda a gente em mim, esperando que prosseguisse. Não havia modo de fixar o Kane em busca de aprovação sem mostrar fraqueza.

E não precisava disso.

Aquela era uma boa ideia. Sabia que sim.

— Não só isso impediria os soldados de Amber de chegarem às nossas fronteiras mais depressa do que nós às deles, mas seria estarmos a fazer um favor aos Territórios Opal. Estaríamos a manter a guerra afastada das terras deles de graça e, mais adiante, eles poderiam querer retribuir-nos o favor.

— Podemos usar o dragão e as nossas hidras — acrescentou um nobre à minha direita. — Seria mais rápido e mais furtivo do que ter um batalhão a transportar o bloqueio.

— Os nossos depósitos de minério servirão para bloquear o desfiladeiro. Nunca terão homens suficientes para os tirar do caminho — acrescentou o Griffin, mergulhado em pensamentos.

O orgulho aqueceu-me os ossos quando me sentei. Não consegui deixar de olhar para o Kane, que continuou a seguir a discussão, esboçando-me uma pequena anuência, um sorriso tremeluzindo-lhe nos olhos.

A Kleio levantou-se de seguida.

— Obrigada...?

— Arwen — indiquei.

— Obrigada, Arwen. — Sorriu. — Não é uma má ideia. Tenho neste preciso momento alguns espiões em Opal. Poderiam descobrir...

A Kleio foi interrompida por botas pesadas a marcharem na direção da tenda.

Murmúrios de preocupação dançaram pelo fórum e senti uma vaga de pavor estreitar-me o estômago.

Sete soldados de armadura completa de Onyx abriram as abas da entrada da tenda e marcharam pelo fórum a direito na direção do Kane.

O rei saltou da cadeira com algo que nunca lhe vira nos olhos — medo puro.

Sentia a garganta apertada e tentei engolir em seco.

O soldado cuja armadura se encontrava cravejada de prata dirigiu-se ao Kane numa voz abafada. Reconheci a armadura, mas não o homem, e apercebi-me de que deveria ter ficado com o cargo do tenente Bert.

Esperei, esperei e esperei.

A atmosfera crepitava de uma terrível expectativa.

Mas, mal trocaram umas palavras, os ombros do Kane relaxaram. E os meus imitaram-nos. O que quer que estivesse a acontecer, não era o que ele temia. O alívio fugaz veio e foi antes que o Kane encarasse o fórum.

— Por hoje, chega. Lady Kleio, certifique-se de que os seus espiões se

asseguram de que o desfiladeiro está liberto. Utilize o Eryx, se for caso disso. Os meus homens começarão a colher e a transportar o minério.

Dito isto, toda a tenda se esvaziou numa questão de minutos, ficando apenas o Kane, o Griffin, o tenente Eardley e os soldados.

E eu.

O Griffin ordenou aos homens que cobrissem a mesa de guerra. Esperei que alguém me dissesse o que fazer ou para onde ir, mas nenhuma instrução me foi dada. O Kane fez um sinal de cabeça ao tenente, que abandonou a tenda e regressou com mais três soldados de Onyx.

A imagem diante de mim encheu-me o estômago de um mal-estar perverso, e enterrei as unhas nos braços de madeira da cadeira. Cada soldado segurava um homem de braços e pernas agrilhoados e com um saco a tapar-lhes a cabeça.

Inspirei rapidamente — prisioneiros.

Eram prisioneiros de guerra.

O Kane voltou a atenção para os homens obrigados a ajoelhar-se diante de si.

O tenente aclarou a voz.

— Estes três soldados de Amber foram encontrados na nossa fortaleza, a tentar aceder à caixa-forte. Mataram seis dos nossos homens e três curiosos. Julgo tratar-se de uma equipa especial do rei Gareth. Como pretende proceder, meu rei?

O rosto do Kane era aço puro. Uma ira fria e calma. Nem um grama do homem que eu conhecera ali permanecia. Lembrava a morte e a violência personificadas, e uma vaga de medo atravessou-me. Não por mim, mas pelos homens ajoelhados diante dele.

— Tirem — comandou, e os soldados removeram os capuzes dos homens.

Quase desmaiei.

Diante de mim, sujo, o nariz a sangrar, e estremeando de dor, estava o Halden.

Sem pensar, avancei na direção dele, as mãos estendidas.

Não, não, não, não...

O Griffin agarrou-me pelo braço, puxando-me para trás.

— O que é que pensas que estás a fazer? — sussurrou.

Senti-me desesperada. A tenda estava de longe demasiado quente, as velas sufocantes.

— Eu conheço-o! — sussurrei de volta. — É meu amigo. Deve haver algum engano.

Não podia crer que estava vivo. E ali, em Onyx. E prisioneiro. E...

O Griffin apertou-me o braço com mais força.

— Tens de sair daqui, agora.

Postou-se à minha frente, protegendo-me, mas era tarde demais.

— Arwen? — crocitou o Halden. O cabelo lembrava um esfregão sujo, tingido de vermelho pelo sangue. Tinha o nariz inchado, a bochecha ferida... mas os seus olhos castanhos estavam tal qual no dia em que partira para a batalha. Redondos, sinceros e aflitos.

— Cala-te. — O soldado atrás dele desferiu-lhe uma palmada na nuca.

— Para com isso! — Não aguentava vê-lo assim. Avancei novamente.

O Kane encarou-me.

— Conheces este rapaz?

Antes que eu pudesse falar, o Halden respondeu.

— Ia ser a minha mulher.

Fiquei imóvel.

Toda a tenda ficou.

Halden, que idiota, pelas Pedras.

O Kane parecia lívido e até o Griffin tinha empalidecido.

— Não, isso não é... não é bem... — As palavras não me estavam a chegar ao cérebro atempadamente.

O Kane nem sequer esperou que eu terminasse. Aproximou-se do

Halden, estranhamente calmo.

— Amas esta mulher?

O Halden olhou-me fervorosamente.

— Mais do que qualquer outra coisa.

Malditas. Pedras.

O Kane anuiu bruscamente.

— Ótimo. — A seguir, olhou para os soldados atrás do Halden. —

Matem-no.

— Não! — gritei.

Será que mais alguém ouvira aquele zumbido nos ouvidos? O que é que estava a acontecer naquele momento?

— Estás doido? — supliquei.

Mas o Kane deixara de olhar para mim. Dirigiu-se para a sua cadeira de couro e pegou num copo de líquido escuro, beberricando-o lentamente. Com toda a calma, enquanto eu tentava respirar.

Os soldados começaram a arrastar o Halden e os outros dois jovens.

— Parem! — brami. — Imediatamente!

Mas o Griffin segurava-me o braço como se fosse uma algema de metal. Nem sequer precisava de se esforçar para me imobilizar.

O Kane estudou-me o rosto, frio e insensível, enquanto as lágrimas me marejavam os olhos. O rapaz à direita do Halden começou a suplicar e o da esquerda urinou pela perna abaixo enquanto tremia. O Kane nada disse enquanto eu gemia.

Não, não, não. Por favor, não...

Finalmente, o Griffin interveio.

— Meu rei. Posso sugerir que discutamos os benefícios de manter um destes roedores vivo? Podem ter alguma informação valiosa. Deixamo-los apodrecer na masmorra enquanto conversamos?

O Kane revirou os olhos e cerrou o maxilar, bebendo mais um gole, mas acabou por acenar com a cabeça ao tenente.

— Se o comandante assim o deseja. Levem-nos para as masmorras, por agora.

Os três prisioneiros soltaram um suspiro em conjunto. Os olhos do Halden nunca abandonaram os meus. Articulou algo em silêncio, dirigindo-se a mim antes de ser arrastado para fora da tenda, mas, por entre a névoa de água salgada que me toldava os olhos, não consegui perceber nada. No entanto, o Kane pareceu ter percebido do que se tratava e esboçou uma careta de nojo.

— Todos fora daqui — ordenou, vociferando. O espaço esvaziou-se rapidamente. Ficámos apenas eu, ele e o Griffin.

Só me apetecia enfiar um murro na cara cruel e aborrecida do Kane.

O Griffin soltou-me o braço e eu lancei-me a ele.

— És um monstro. O que é que se passa contigo? — gritei. — Ias matar aqueles rapazes? Nem homens são ainda! E sabias que eu o conhecia? Que me

preocupava com ele? Nem sequer consigo olhar para ti. — Foi muito a custo que me impedi de lhe bater com o punho no queixo. Não voltaria a descer ao nível dele.

O Kane estudou-me com indiferença. Os únicos indícios da sua raiva eram as mãos fechadas em punhos, a pele dos nós dos dedos branca com a pressão.

— Mataram os meus homens. Mataram inocentes. Isso não te incomoda? — perguntou com um veneno silencioso.

Abanei a cabeça.

— Não tens a certeza. Sentenciaste-os à morte sem pensares duas vezes. Como é que alguém que governa um reino pode ser tão impulsivo?

— Na verdade, a curandeira tem razão — interrompeu o Griffin. — Isso foi extremamente estúpido, meu amigo.

Não podia acreditar no que estava a ouvir.

— Obrigada! — Voltei-me para o rei, enfática. — Não podemos pura e simplesmente matar pessoas sempre que nos apetece, Kane.

O Griffin abanou a cabeça.

— Não, agora temos mesmo de os matar.

— Exatamente. Espera... O quê? — Encarei novamente o Griffin. — Porquê?

O Griffin suspirou e serviu-se de um copo de uísque.

— O Kane acabou de lhe mostrar a sua mão. O teu amante testou-o, e ele falhou. Agora, os três homens sabem que o rei de Onyx se preocupa com a sua curandeira, e isso revela uma fraqueza no Kane. Eles não podem viver sabendo dessa informação. Lamento.

A minha cabeça estava à roda. Era demasiada informação. Será que o Griffin tinha razão? Ter-se-ia a violência do Kane devido à insinuação do Halden de que eu e ele estávamos apaixonados em Abbington? E teria o Halden dito aquilo de propósito? Na esperança de salvar a pele? Será que percebera, de alguma forma, nos poucos minutos que ali estivera, que o Kane me valorizava?

Que idiota. Claro que sabia. Por que outro motivo estaria eu naquela tenda com o exército do rei, sentada ao lado do Kane, com um vestido de Onyx, fitas pretas no cabelo, a beber uísque de lavanda... a não ser que o Kane me valorizasse?

Era uma maldita traidora.

Deixei-me cair numa cadeira de couro, fixando o chão.

O Kane dirigiu-se ao Griffin.

— Independentemente disso, já andavam por aí com uma sentença de morte. Se tiverem conseguido abrir a caixa-forte, já sabiam demasiado para poderem voltar para o Gareth.

Comecei a chorar.

Não o consegui evitar. Há muito tempo que não pensava no Halden, mas isso não significava que o quisesse ver morto.

O fim da sua vida era algo demasiado horrível para imaginar. E, de alguma forma, seria culpa minha.

O Kane contemplou-me com uma raiva silenciosa.

— Sinto muito, Arwen. Pelo homem que amas.

Olhei-o por entre as lágrimas, furiosa.

— Nunca disse que estava apaixonada por ele. É um dos meus amigos de infância mais antigos. Um dos melhores amigos do meu irmão.

— Não admira que também ele seja ladrão — murmurou o Griffin na direção do copo que bebia. Ignorei-o.

— É como se fosse da *família* — continuei. — Não o vejo desde o dia em que partiu para combater os vossos soldados na vossa guerra inútil e sangrenta!

Estava a ficar histérica, a batida cardíaca aceleradíssima.

— Mas ele está apaixonado por ti e planeia casar contigo? — pressionou o Kane.

— Não é essa a questão!

— Estou curioso.

Temos pena, pensei. Mas respirei fundo. A haver um momento para fazer sobressair o melhor do Kane, a versão que tinha conhecido dele no dia em que estivemos na lagoa, era aquele preciso momento.

— Sim, está bem. Éramos... românticos. Mas depois ele foi-se embora, e eu pensei que nunca mais o veria. Julguei que era uma brincadeira, não que ele alguma vez pensasse em mim *desse maneira*.

O Kane relaxou ligeiramente.

— Como poderia ele não pensar em ti assim?

— Por favor — implorei —, não o mates.

O Griffin parecia nauseado.

— Acho que está na altura de a curandeira voltar para os seus aposentos, não achas?

*

Depois de uma noite de sono agitado, acordei antes do nascer do dia e desci as escadas. O meu manto lutava contra o frio da manhã e eu soprava para aquecer as mãos. Trouxera comigo algumas fatias de pão, carnes secas, uma agulha e ligaduras, e embrulhara-as no pelo que me cobria o corpo.

Precisava de encontrar uma maneira de ver o Halden, e pareceu-me que manter-me o mais próximo possível da verdade seria provavelmente a melhor forma de entrar.

— Bom dia — chilreei ao jovem guarda de serviço. — Vim só visitar o prisioneiro.

— Que prisioneiro?

Fingi-me confusa.

— O Mathis. O que tem uma ferida infetada. — Como já passara tempo suficiente num reino governado por um mentiroso, as mentiras saíam-me agora facilmente.

— Quem és tu, ao certo?

— Chamo-me Arwen. Sou a curandeira. O comandante Griffin mandou-me para coser o Mathis. — Mostrei o material médico ao guarda.

As sobrancelhas coseram-se-lhe uma à outra, os lábios franzidos numa expressão dubitativa.

— Muito bem, como queiras — repliquei com um suspiro. — Também não me apetece trabalhar tão cedo. — Girei sobre os calcanhares como quem faz menção de sair, dando depois uma meia-volta. — Se o Mathis se esvaír em sangue antes que eles consigam arrancar-lhe informações, diga só ao comandante Griffin que você não reconheceu a curandeira da prisão. Tenho a certeza de que ele irá compreender. É um homem tão caloroso e clemente.

Comecei a andar e sustive a respiração. Ao cabo de uma série de resmungos, o guarda gritou por fim.

— Está bem, está bem, mas despacha-te.

Fiquei encantada, mas coloquei uma máscara de aborrecimento no rosto antes de me virar.

— Obrigada, não devo demorar muito.

Lá dentro, as celas estavam tão empapadas e miseráveis como eu me lembrava. Senti pena do Halden — dentro daquelas paredes experimentara o maior desespero da minha vida.

Encontrei a cela dele mais depressa do que imaginara. O seu cabelo louro esbranquiçado destacava-se entre todo aquele cinzento. Dormia em cima de uma pilha, a tremer e coberto de sangue seco. Sussurrei o nome dele até o acordar de sobressalto.

— Arwen, o que é que estás a fazer aqui? — Estava com um aspeto pavoroso. Tinha um olho tão inchado que nem abria e uma nódoa negra do tamanho de uma abóbora florescia-lhe no queixo.

— Trouxe-te algumas coisas.

Peguei no contrabando e passei-o por entre as grades, à semelhança do que o Kane fizera por mim há tanto tempo. Afastei a memória da mente.

O Halden pegou no pacote e os nós dos seus dedos feridos roçaram nos meus dedos. As minhas mãos desejavam abraçá-lo, confortá-lo.

— Obrigada. — Estudou os objetos e escondeu-os atrás de um balde. — Mas não me estava a referir ao que estarias a fazer aqui em baixo nas celas. Como é que vieste parar ao posto avançado do Reino de Onyx?

— É uma longa história. Mas estou a salvo. Conto-te tudo quando tivermos mais tempo.

— Duvido de que me reste muito tempo.

— Não digas isso. Havemos de arranjar uma solução.

Ele estudou-me com curiosidade.

— Pareces diferente.

Senti-me corar.

— Como assim?

Ele parecia pouco à vontade.

— Não tenho a certeza. O que é que eles te fizeram?

Algo similar a uma atitude defensiva transbordou. De vez em quando, o Halden conseguia lembrar-me o Powell. Amesquinhando-me.

— Nada. Para ser fraca, têm sido surpreendentemente bondosos. — Era a verdade.

— Sim, constatei isso mesmo. — O Halden semicerrou os olhos. — Talvez possas chamar o rei à razão. Ele gosta de ti, sabias? Devias ter visto a cara dele quando te tratei como se fosses a minha futura mulher. Parecia que lhe tinha matado o animal de estimação.

Por qualquer razão, pensei na estrige. Os lábios contorceram-se-me ao pensar na relação do Kane com aquela sórdida criatura — ensinando-a a vir quando chamada e a fazer truques. *Malditas Pedras*, como é que ainda sentia algo quente e pegajoso pelo homem?

O Halden. Tinha de me concentrar no Halden.

— Porque disseste que estávamos comprometidos? Nunca falámos de tal assunto.

O Halden mordeu a unha, pensativo.

— Esperava que, quando regressasse, pudéssemos casar. — Aguardei que prosseguisse. — Porém, quando te vi ali, sem correntes, não na qualidade de serva, mas sentada diretamente ao lado do rei... soube que estavas numa espécie de posição de poder aqui. Pensei que, se me ligasse a ti, me poupariam.

Algo similar a mal-estar se espalhou por mim, oleoso e enjoativo. Então, o Griffin tinha razão. O Halden era mais manipulador do que imaginara. Nunca conhecera essa sua faceta. Julguei que estaria a fazer de tudo para sobreviver.

— Talvez. — Deixei o pensamento pairar, sem saber como o terminar. Não tinha a certeza se queria que o Halden tivesse razão. Se queria que o Kane continuasse a sentir aquilo em relação a mim.

— Confia em mim. Se ele não gostasse de ti, por esta altura já eu estaria morto.

Algo naquela afirmação me deixou lívida.

— Porquê? O que é que fizeste?

O Halden recuou como se eu lhe houvesse desferido uma bofetada.

— O que é que *eu* fiz? Estou a lutar pelo nosso país.

Ainda assim, o meu instinto dizia-me que as suas palavras haviam pretendido dizer mais do que aquilo que ele desejava partilhar.

— Ontem à noite. Disseram que mataste três inocentes. É verdade?

— Arwen. — Os seus olhos estavam tão feridos. — Claro que não. Como podes acreditar numa palavra do que eles dizem? E em mim?

A vergonha aqueceu-me o rosto.

— Não sei, não sei. Porque é que eles mentiriam?

O Halden voltou a roer a unha.

— Porquê? Porque são demónios, Arwen. É óbvio que já te apanharam. Não sei porque é que estás aqui, mas prometo que te vou salvar. Disse-te ontem à noite que te salvaria. — Olhou-me com seriedade e eu tentei sentir algo positivo: esperança, amor, alívio. Mas só senti náusea. — Temos um plano — prosseguiu ele, apontando com a cabeça para as celas à sua direita, onde dormiam os outros dois homens de Amber. — Só precisamos de algum elemento distrativo, um alvoroço. Consegues lembrar-te de alguma coisa que espalhe os guardas pelo terreno?

Dei a volta à cabeça, mas não me ocorreu nada.

— Isto aqui é muito isolado. Qual é o teu plano?

Ele abanou a cabeça como que para acalmar os pensamentos frenéticos.

— Assim que te lembrares de algo capaz de funcionar, arranjas maneira de me dizer, está bem? Nessa altura, logo explico. E tiro-nos aos dois daqui.

Passos ecoaram nas celas, vindos do cimo das escadas.

— Sim. Vou ficar com os olhos e ouvidos abertos. Entretanto, mantém-te vivo. — Virei-me, fazendo menção de correr.

— Arwen! — gritou ele. Girei sobre os calcanhares e olhei-lhe para as mãos enroladas nas grades da cela. — Senti mesmo a tua falta.

Esperei que o meu coração transbordasse com as suas palavras, mas nunca o fez.

Ao invés disso, esbocei um breve sorriso e apressei-me a sair, subindo as escadas bafientas e passando pelo jovem guarda.

— Já trataste? — perguntou ele.

— O quê? — Ainda estava a pensar no encontro que tivera com o Halden. Não fora nada daquilo que eu esperava... — Oh. Oh! Sim, o Martin está curado. Obrigada.

— O Martin?

Merda.

— O Mathis! Ups. Demasiado cedo para mim, vou voltar para a cama! — Afastei-me a correr antes que o olhar desconfiado dele se transformasse noutra coisa.

A meio caminho dos meus aposentos, abrandei para recuperar o fôlego.

O Halden não parecia o mesmo. Mas não dissera ele precisamente isso de mim? Como é que o poderia julgar? Quem sabia os horrores que vira no campo de batalha? Senti pena dele. De tudo aquilo por que passara.

Atravessando o pátio de pedra, reparei que o sol espreitava por cima dos pináculos do castelo. Um vento suave, com uma fragrância a lilás, afastou-me os cabelos do rosto. Apesar do horror das últimas horas, o amanhecer calmo enchia-me de uma estranha paz.

— É o momento do dia de que mais gosto — trauteou uma voz profunda atrás de mim. — O sol a nascer sobre o castelo lembra um começo. Um renascimento.

Fechei os olhos. Não tinha energia mental para aquele homem, não naquele momento.

— Por favor — sussurrei. — Deixa-me em paz.

— Comportei-me de forma abominável ontem à noite. Deixei que a minha raiva me consumisse. Não foi digno de um rei. Ou de um homem, para ser franco.

Hesitei, após o que me voltei para o Kane.

O meu coração quase não aguentou vê-lo.

Parecia que não tinha pregado olho a noite inteira, o cabelo despenteado, os olhos raiados.

E, ainda assim, era quase demasiado bonito para se contemplar.

A exaustão vincava-lhe o rosto enquanto me olhava.

— Lamento tanto — disse ele, a voz cansada. — E se vale de alguma coisa, foste incrível no fórum. Tão brilhante quanto bonita.

O meu coração traiçoeiro tentou disparar, mas eu apanhei-o a tempo. Hoje, não havia sentimentos calorosos para o rei das falinhas mansas. Nem um só.

— Seguiste-me esta manhã?

— Não. — Ele fez uma pausa. — Mas sei que foste ver o rapaz. Arwen, ele não é quem tu pensas.

Estava tão farta de haver tanta coisa que não sabia.

— A sério? Esclarece-me.

As sobrancelhas do Kane franziram-se, perturbadas. Pesou as palavras cautelosamente antes de responder.

— Não sei se posso confiar em ti, passarinho.

Se eu revirasse os olhos com mais força, eles alojar-se-iam no meu crânio.

— *Tu* não podes confiar em mim?

Ele riu-se amarguradamente.

— Estou ciente da nossa história. Mas nunca te menti.

— O quê? E toda a farsa de ser um prisioneiro também?

— Não mencionei a minha linhagem real, mas nunca menti.

— E eu não te menti, Kane.

Ele aproximou-se e eu recuei por reflexo. Ficou desapontado.

— Ontem à noite, chegaste ao fórum com as cores de Onyx, referiste-te ao meu povo como nosso e a este reino como nós.

Senti as entranhas revirarem-se. Ele tinha razão. Antes da captura do Halden, estava a começar a sentir-me parte daquela terra. Criara um lar inesperado ali. O Kane notou a mudança na minha atitude e continuou, a indignação a alterar-lhe o rosto.

— Depois, o teu amante aparece em minha casa, mata o meu povo e tenta ficar com o que é meu. Lutas por ele, roubas por ele e conspiras para o ajudar a fugir, e dizes-me que isso não é mentir?

O estômago subiu-me à garganta.

— Pensei que não me andavas a seguir.

— Tenho olhos por todo o castelo. Como poderias sequer crer que assim não fosse?

O Kane prosseguiu caminho, a fúria emanando dele em ondas.

Calor iluminou-me o rosto. Já deveria saber que ele nunca me deixaria sem vigilância. Cerrei os dentes contra a raiva.

— Já agora, não sou tua. — Nem sequer tinha a certeza do motivo pelo qual proferira aquelas palavras. Queria vê-lo ferido também.

Ele encarou-me, mas a sua expressão não denunciou fosse o que fosse.

— Claro que não.

— Acabaste de dizer: «Tenta ficar com o que é meu.»

O Kane esboçou um esgar cruel.

— Bem, bem, olha para ela tão arrogante. Não estava, na verdade, a referir-me a ti. Gostarias que assim fosse?

As palavras espicaçaram-me mais do que esperava.

— Não, claro que não — repliquei, abanando a cabeça enfaticamente para provar o meu ponto de vista. — Nem sequer te conheço.

As comissuras dos lábios arrebitaram-se-lhe num sorriso malicioso.

— Bem, quando me perdoares pela minha explosão, teremos de remediar isso.

Eu nunca o iria perdoar por ter condenado o Halden à morte.

— Então, não os vais matar, mesmo depois do que o Griffin disse?

— Ainda não.

*

A hora de jantar no salão nobre era exuberante e cheia de vida, mas eu mal conseguia levantar os olhos do guisado de beringela e pimentão. A Mari observava-me atentamente, como fizera ao longo de todo o dia, até que não aguentou mais.

— Muito bem, Arwen. Chega. O que é que se passa contigo?

Pousei a cabeça na madeira fria da mesa e soltei um ruído gutural.

— Desculpa, não domino essa língua, não falo deprimido. Conversa comigo.

Olhei para a Mari. O seu rosto polvilhado de sardas estava sombrio, mas sob aquela expressão só sentia empatia e afeto. Soltei um suspiro.

— É muita coisa.

A Mari parecia aliviada.

— Sou toda ouvidos.

Contei-lhe a saga por inteiro. O facto de talvez, e apesar de me ter apercebido disso, ter desenvolvido uma ligeira paixoneta pelo rei. Até que ponto apreciara o fórum de guerra e o respeito que sentia pelo seu processo igualitário. Como começara a encontrar o meu lugar de pertença ali, e ao lado

do Kane, quando o Halden foi capturado. Quanto desprezava agora o rei, mais do que nunca. Como ele concordara em poupar-lhe a vida, por enquanto. Como eu sabia que precisava de ajudar o Halden a fugir antes que ele mudasse de ideias.

— Não há outra maneira. Ele vai morrer aqui, se eu não o ajudar a sair de alguma forma.

A Mari mastigou a comida lentamente, processando a informação.

— O rei não é visto com nenhuma mulher há semanas. A notícia corre por todo o castelo. Pergunto-me se isso se deverá a ti.

— Sim, claro — repreendi. — Não ouvi nada disso.

— Sim, porque não falas com mais ninguém a não ser comigo. Estou a dizer-te: não faltam por aqui mulheres bonitas que adorariam ser a rainha de Onyx. Ou só dormir com ele. Desde que chegou à fortaleza que se têm atirado a ele. A sua reputação é bem conhecida, e elas estão muito desiludidas.

Tentei com todas as células do meu corpo não sentir nada.

— Bem, não é essa a questão, Mar. Esquece o Kane. E o Halden?

A Mari revirou os olhos.

— Eu não disse que as táticas de guerra do rei não eram infalíveis? Agora a sua própria súbdita — apontou para si própria com um toque teatral — vai ajudar a cometer traição para salvar a vida de um rapaz. Nós tiramo-lo de lá. Não te preocupes com isso.

Levantei uma sobrancelha.

— Por favor, partilha.

Ela lançou-me um dos seus clássicos olhares, entre a autoconfiança e a excitação.

— Na verdade, andei o dia todo em pulgas para te contar isto, mas estavas de mau humor. Queria aceder a toda a gama de excitação da Arwen. Na noite anterior ao eclipse, o rei Eryx de Peridot vem cá com a sua filha. O rei Ravenwood está a organizar um banquete para a chegada deles. Haverá comida, vinho, licor... toda a gente será apanhada na folia, se não ficar completamente esmagada!

Alguna coisa me estaria a escapar. A Mari observava-me ansiosamente, à espera de que a minha «excitação total» se manifestasse. Quando isso não aconteceu, prosseguiu impaciente.

— Toda a gente, incluindo a maioria dos guardas da masmorra! Nunca temos festivais ou celebrações aqui no meio da floresta. Vão estar preocupados e o Halden pode fugir.

Lancei-lhe um olhar severo e olhei em volta para me certificar de que ninguém no salão nobre nos ouvira, mas a multidão barulhenta mantinha as longas mesas ali perto num alvoroço.

— Ups — exclamou ela, envergonhada.

— Agora, só tenho de descobrir como contar ao Halden.

— Acho que também te posso ajudar com isso.

— Mari, és uma salva-vidas.

— Literalmente, não é? — Ela riu-se, mas eu ainda não me sentia suficientemente esperançosa para me juntar.

Todo o castelo andava enervado ultimamente — os empregados a correr de um lado para o outro em sussurros, os soldados ainda mais brutos e desejosos de uma luta do que antes. Esperara que isso se devesse à pressão dos preparativos para a festividade iminente. Tentei não me preocupar com a possibilidade de algo mais ominoso estar em marcha.

Não é que pudesse perguntar ao Kane o que se estava a passar — decidira, encorajada pela Mari, libertar-me de todos os sentimentos complicados que nutria pelo rei. Era um homem encantador e poderoso, com um ótimo sentido de humor e um sorriso de matar, mas também era impetuoso, manipulador e mentiroso, sem qualquer noção de moralidade ou compaixão. Não me parecia nada um bom negócio.

Porém, o meu coração ainda não tinha concordado com o novo plano, pelo que o andava a evitar — a ponto de me ter escondido atrás de colunas sempre que ele passava pelos corredores. Não era a forma mais madura de agir, mas tinha problemas mais importantes com que lidar.

A única coisa que importava era ajudar o Halden.

Não julguei que pudesse arranjar maneira de entrar nas masmorras uma segunda vez, especialmente com os olhos do Kane em todos os cantos do castelo, tal como dissera, pelo que se passaram semanas sem que tivesse alguma pista quanto a como andaria o Halden. Ainda assim, estava apostada em ajudá-lo a fugir; não podia deixar-me ficar à espera de que o Kane o usasse como moeda de troca com o rei Gareth ou o matasse num novo acesso de raiva enciumada. Felizmente, ainda nenhum dos cenários acontecera.

A Mari garantira-me que tinha um plano, mas que precisava de um pouco mais de tempo para que funcionasse.

Para me distrair, treinava esgrima de manhã, curava soldados à tarde e passava a maior parte das noites com a Mari na biblioteca. O verão chegara em força e, com ele, a minha primeira alteração real de estação. A primavera de Onyx não havia sido muito distinta da frescura presente todo o ano em

Amber, mas o verão ali era como um banho de luz e calor. Com os ventos suaves e os dias que pareciam nunca escurecer chegara a abundância de campainhas e violetas, que me habituara a roubar e a dispor em jarras de vidro no quarto. Quando murchavam, sentia-me tão incapaz de me separar das flores que as enfiava em livros até serem tão-só memórias finas e delicadas da frescura que haviam sido. Não andavam muito longe de como me sentia ultimamente, enquanto deambulava da botica para a cama todos os dias aturdida.

Precisava desesperadamente da Arwen otimista. Para onde fugira ela?

Enquanto dobrava ligaduras na botica, a luz ténue do entardecer a esgueirar-se por detrás dos pinheiros lá fora, tentei jogar ao rosa e espinho, como se a minha mãe estivesse ali comigo.

Rosa: estava finalmente a usar uma espada de adulto, mesmo assim, muito distinta da que o Dagan empunhava.

Espinho...

O som de grunhidos e de botas a arrastar-se no chão da botica obrigou-me a erguer os olhos das ligaduras e a aterrar em dois soldados que envergavam armaduras e seguravam um homem a tremer e alagado em suor, mais pálido do que qualquer ser humano deveria estar.

— Aqui — gesticulei para a enfermaria. — Podem deitá-lo no divã.

— Obrigado. — A voz veio de trás dos homens, como a meia-noite. Serena, suave e negra como breu.

Malditas Pedras.

O Kane entrou na botica atrás deles. Trazia uma camisa branca, simples e desabotoada, os seus anéis de prata e calças pretas, a sedução a pingar dele como chuva numa janela. Mesmo depois de tudo, ficava afetadíssima com a sua presença.

— O que é que queres? Tenho um paciente para cuidar. — Esperava que a voz arquejante pudesse ser atribuída ao choque.

— Tens andado a evitar-me.

Juro que me estava a sair vapor dos ouvidos.

— Será que poderias ser um pouco menos autocentrado? Este homem está a *morrer*.

— Sim, e estou aqui para o ajudar — replicou ele. — O Lance é um dos meus melhores soldados.

Que mentiroso detestável.

— É muito desprezível usar a doença do teu próprio soldado como justificação para me vires incomodar — disse-lhe enquanto seguia os homens para a enfermaria.

Os dois soldados olhavam para todo o lado menos para nós. O Kane indignou-se, dirigindo-se a eles.

— Deixem-nos. *Imediatamente.*

Fugiram às pressas e sem hesitar, um deles chegando a embater contra as minhas ervas e espalhando salva e sementes de papoila por todo o chão.

Uma tosse seca desviou-me a atenção dos frascos entornados.

O Lance não estava bem.

Tremia, apesar do cobertor com que o tapara, e transpirava profusamente. Eu teria julgado tratar-se de uma gripe ou febre, não fosse ter reparado nos dois pequenos orifícios junto ao pulso, com sangue seco.

— O que é que aconteceu?

— Foi mordido. Julgo que é o veneno da criatura que o está a matar aos poucos. Bem, não aos poucos, como se pode constatar.

— Sempre tão compassivo. — Franzi-lhe o sobrolho. — O que é que o mordeu?

O Lance gemeu algo incoerente, e o Kane não tirou os olhos do homem que tremia.

— Não posso dizer ao certo. Precisas de o saber para o curar?

— Ajudar-me-ia. — Encaminhei-me para a botica para estudar as prateleiras com antivenenos. — Aranha da teia em funil, duende maligno da pedra, cobra cornuda das brasas... Algum destes?

O Kane seguiu-me, afastando-se do Lance.

— Não é nada que possa ser curado com os teus unguentos. Ele precisa de ti — pediu ele com uma sinceridade atípica. — Do teu dom.

— Está bem. — Passei por ele e de volta à enfermaria, antes de pousar as palmas das mãos no rosto viscoso do Lance, que começara a convulsionar. Abrindo uma janela, deixei que o ar perfumado a lilás pairasse na divisão. Precisava de ser veloz.

Desde que o Dagan me ensinara a colher a atmosfera em meu redor, começara a usá-la em pequenas doses em pacientes particularmente necessitados ou em dias muito concorridos. Um vento suave entrou como o vapor de uma panela a ferver e dirigi-o para as minhas mãos, o que, por seu turno, permitiu que o poder entrasse pela cabeça do Lance. Percorreu-o por inteiro, funcionando como um tónico potente para as dores. Arquejou enquanto o ar nele se infiltrava, retirando-lhe o veneno dos ossos, dos pulmões e da pele. Soltou então um suspiro e uma cor ténue regressou-lhe às bochechas.

Exalei, o ar saindo de mim como de uma bola rebentada. Estava a tornar-se cada vez mais fácil recorrer aos elementos em meu redor, pelo que já não ficava ansiosa por uma sesta como antes. Aconcheguei o cobertor em volta do corpo do Lance enquanto ele adormecia.

— Já deve estar bom, mas vou ficar com ele aqui mais umas horas, só para ter a certeza.

— Muito bem, passarinho — murmurou o Kane.

— Não pedi a tua aprovação.

Ele soltou uma gargalhada enquanto eu colocava uma compressa fria na cabeça do Lance e lhe servia um copo de água para quando acordasse.

— Tenho andado a trabalhar nisso — admiti, no momento em que ele saiu da enfermaria e se pôs a caminhar pela botica. — Se queres saber. —

Segui-o, torcendo a saia entre os dedos e entrelaçando de seguida as mãos inquietas atrás das costas.

Ele tinha de sair.

— Bem, estou impressionado — anunciou o Kane, os olhos reluzentes. — E orgulhoso de ter uma curandeira tão talentosa na minha fortaleza. — Continuou a sua análise minuciosa do espaço, que se encontrava agora inundado de uma luz de vela amarelada jorrando do corredor. Refulgia nos anéis e nos seus olhos cor de ardósia. Estava sempre a brilhar.

— Não tens nada melhor que fazer? — perguntei.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Vais ficar aqui toda a noite a velar o sono do pobre Lance. Estou só a oferecer-te um pouco de companhia.

Escarneci.

— Estou bem. Obrigada, de todo o modo.

Ele voltou-se para mim, os olhos a perfurarem os meus.

— Talvez me agrade ver-te sofrer na minha presença.

As sobrancelhas uniram-se-me. Já não sabia o que lhe responder.

— Porque é que és assim? — perguntei, a exasperação presente na minha voz.

O Kane lançou-me um sorriso de viés.

— Nem queiras ir por aí, passarinho.

Provavelmente, seria um excelente conselho.

— Sempre encontraste a minha família? — perguntei.

— Ainda não — disse ele, passeando pela botica, a abrir e fechar frascos e gavetas. — Mas encontrá-la-ei.

— Não acredito em ti — ripostei, irritada.

Ele girou sobre os calcanhares, encarando-me.

— É como procurar uma agulha num palheiro. Três agulhas, para ser exato... Dá-me algum tempo.

Rangi os dentes, prestes a atirar-me a ele, quando um gemido estranho me irrompeu do estômago. Levei a mão ao vestido para o acalmar, mas estivera na botica o dia inteiro e não comia desde que trincara um pêssago a caminho dali de manhã. O meu abdómen protestou novamente, e esbocei uma careta.

O Kane ergueu uma única sobrancelha curiosa e um ligeiro prurido de vergonha trepou-me o pescoço.

— O que é? — perguntei, fingindo não perceber.

Mas ele limitou-se a caminhar para a porta, a abri-la e a fazer oscilar a tabuleta de madeira.

— Barney — gritou para a galeria —, podes pedir para que o jantar da lady Arwen lhe seja trazido à botica?

Oh, Pedras.

O prurido de vergonha transformara-se num assalto total.

— Claro que sim, Vossa Majestade. — A voz familiar e doce do Barney

ecoou do corredor.

O Kane fez menção de fechar a porta, mas travou-a mesmo antes de isso acontecer e escancarou-a novamente.

— E um pão de trevo adicional — pediu. — Dois. Obrigado.

Quando fechou a porta e se aproximou de mim, parecia muito satisfeito consigo.

— Não era necessário — disse eu, apanhando as ervas que haviam caído e enfiando-as no caixote de lixo.

— Claro que era. Alguém tem de tomar conta de ti, já que não o fazes.

Lancei-lhe um olhar dardejante.

— É isso que pensas que estás a fazer? A tomar conta de mim? Mantendo-me aqui contra a minha vontade e ameaçando assassinar os meus amigos?

A expressão divertida no seu rosto esmoreceu, sendo substituída por algo bem mais frio. Bem mais assustador. Engoli em seco.

— Aquele rapaz não é teu amigo.

Abanei a cabeça. Não queria ter aquela conversa com ele.

Não nessa noite.

Preferencialmente, nunca.

Ele soltou um suspiro e passou uma mão atormentada pelo cabelo antes de se voltar e passear pela botica. O sol desaparecera finalmente e a divisão estava a começar a ficar coberta por uma escuridão sonolenta e noturna.

Procurei na gaveta mais perto de mim por um fósforo para acender as lanternas.

O Kane bateu na caixa de vidro diante de si e os meus olhos dardejaram.

— O que é isto? — perguntou.

Abri as narinas.

— Não tens nada que ver com isso.

— Vá lá, é tão fininho. Estou fascinado.

Suspirei.

— É uma medusa preservada. Têm enzimas curativas no tecido que as compõe e a membrana seca pode ser usada como uma segunda pele em cima de cortes e arranhões.

— Adoro ouvir-te a explicar as tuas práticas médicas — ronronou ele.

— E eu adoro ouvir-te a cair de um penhasco.

Ele tremeu, suprimindo uma gargalhada.

Aquele homem era exasperante. Vir ali, irritar-me, tentar subornar-me com comida.

Falar mal do Halden depois de tudo.

O Halden e os seus homens nunca teriam ido à caixa-forte, logo para começo de história, se ele não houvesse atacado o reino de Amber. Massajei as têmporas. Só queria obter algumas respostas.

— Porque é que atacaste Amber? — perguntei, contornando o balcão e aproximando-me dele. — Dá-me *alguma coisa*.

— Já te disse — replicou ele, os olhos ainda pousados na medusa. — O Gareth é um patife e não merece governar o seu próprio reino.

— Isso não é razão para assassinar milhares de pessoas numa guerra, e tu sabe-lo bem.

O seu olhar pôs-se mais severo, ainda assim, não se descolou da caixa de vidro.

— É tudo o que te posso contar.

O rugido nos meus ouvidos era tão ensurdecedor que mal me ouvi dizer as palavras que a seguir proferi:

— Então, sai da minha botica.

— Arwen — disse ele, por fim —, por muito encantado que esteja com essa tua fibra, um dia terás de me perdoar.

Rangi os dentes.

— Não, não tenho *mesmo*.

Ele acercou-se de mim e eu quase o podia sentir. Tocar-lhe. Cheirá-lo. O sobrolho franzido.

— Não tenho estômago para que me odeies para sempre. — O seu olhar era impassível.

Não consegui deixar de responder o que respondi.

— Bem, devias ter pensado nisso antes de teres sentenciado o Halden à morte.

Algo predatório lhe tremeluziu no olhar antes de cerrar o maxilar e enfiar as mãos nos bolsos.

— Tudo bem. Como quiseres.

— Isso é uma ameaça? — Não consegui evitar o medo que se me esgueirou na voz.

Ele olhou-me violentamente, após o que suspirou, resignado.

— Se fosse, saberias. Tem uma boa noite.

Apesar de adorar aquela brisa quente e fragrante de fim de tarde que aprendera a reconhecer como um vento estival, a verdade é que não estava a acalmar-me os nervos. Conseguira finalmente que a Mari partilhasse o seu «plano», o qual era afinal um feitiço complexo que ela precisava de aprender a dominar na perfeição.

Hoje, estava em condições de o experimentar.

— Muito bem. Mais uma vez, por favor — pedi, em voz baixa, torcendo as saias nas mãos suadas. Estávamos escondidas atrás de uma sebe junto das escadas das masmorras, onde havíamos combinado encontrar-nos.

— Calma. Pratiquei vezes sem conta. Já faço isto de olhos fechados. — A Mari parecia confiante, e eu queria acreditar nela. Andava a trabalhar no feitiço há semanas e ficou encantada quando o conseguiu utilizar com êxito num esquilo. Durante horas, não conseguira ver uma noz mesmo diante de si.

Agarrou-se ao amuleto violeta.

— É um feitiço de camuflagem simples. Vou usá-lo no guarda e ficarás invisível para ele durante algum tempo.

— Quanto tempo é algum?

A Mari olhou em frente, erguendo a cabeça.

— Não faço ideia.

— O quê?!

— Chiu! — sibilou. — Está tudo bem! Quanto tempo é que levarás a entrar e a sair? E eu vou estar aqui à tua espera.

— Mar — tentei. — Sabes que não faz mal se não te correr tudo de forma perfeita da primeira vez. Podemos sempre tentar outra coisa.

Ela lançou-me um olhar que dizia *Não te atrevas*, pelo que anuí com a cabeça, mas não conseguia parar de me mexer a seu lado.

— Fica quieta; caso contrário, deixar-me-ás demasiado distraída para fazer isto bem. — A Mari fechou os olhos e estendeu as mãos diante de si, como se pudesse tocar no guarda à distância. Cantorolou uma melodia

baixinho e sussurrou palavras numa língua primitiva que eu não conseguia entender. A erva alta a seus pés começou a rumorejar no vento repentino, um vento que cheirava a chuva e a terra, apesar do dia de sol. Alguns dos seus longos cabelos ergueram-se gradualmente à sua volta, envolvendo-a em madeixas vermelhas que imitavam chamas. Os nós dos dedos estendidos estalaram quando ela os cerrou.

E depois parou.

Abriu os olhos, parecendo um pouco desorientada. Estendeu a mão para me agarrar e eu segurei-a com firmeza.

— Estás bem?

Ela olhou para mim, atordoada.

— Quem és tu?

Fiquei sem chão.

Um sorriso rasgado surgiu-lhe no rosto.

— Estou a brincar!

Soltei um suspiro que era quase uma gargalhada. Quase.

— Tu és impossível

— Vai lá — disse ela.

Apressei-me a ir ter com o guarda barbudo, sem nunca correr, coisa que poderia parecer suspeita aos olhos de qualquer outra pessoa que pudesse ver-me.

O guarda tinha mais ou menos a minha idade. Bochechas cor-de-rosa, uma barba e sobrancelhas loiras mal-amanhadas. Quando me postei diante dele, uma sensação estranha lambeu-me o pescoço. Ele olhou-me nos olhos e, no entanto, não me viu. Acenei com uma mão hesitante diante da sua cara, mas ele limitou-se a coçar o nariz em sinal de aborrecimento e continuou de vigia. Não ia continuar ali a testar a sorte.

Esgueirando-me, desci novamente a escada escura em caracol. Passou-me pela cabeça a ideia fugaz de que, se tivesse mesmo sorte, aquela seria a última vez que teria de ir ali abaixo.

Bati nas grades da cela do Halden.

— Pst! Halden! — Ele estava a dormir debaixo da pele que eu lhe trouxera, enrolado num canto escuro qual animal ferido, o cabelo louro quase branco num tom de cinza, fruto da sujidade e fuligem.

— Conseguiste voltar — disse ele, a voz coberta de sono. Parecia quase reverente.

— Sim, mas tenho de ser rápida. — Passei-lhe mais alguma comida que roubara. — Daqui a uma semana, na véspera do eclipse, haverá um banquete ao pôr do sol. Essa será a melhor altura para tentares fugir.

O Halden acenou com a cabeça.

— Em honra de quem será o banquete?

— Em honra do rei Eryx de Peridot. Presumo que estejam a tentar formar uma aliança.

Ele mordeu a unha e cuspiu a borda para a esquerda. Era um hábito

desagradável que, a dada altura, eu julgara atraente.

— Já conhecestes algum ser mágico aqui em Shadowhold?

Franzi o sobrolho. Será que agora o Halden acreditava em Faeries? E nos seus descendentes?

— O quê? Que eu saiba, não. — Embora, agora que pensava nisso, alguns dos soldados que curara ou com quem me cruzara haviam-me parecido tão poderosos e tão ameaçadores... Mas não valia a pena partilhar isso com o Halden. — Nem sequer sei como distinguir um ser mágico de um mortal.

O Halden suspirou, sentando-se em cima nos calcanhares.

— De facto, não é possível. É difícil saber-se sem se pesquisar os antepassados de uma pessoa. Dizem que Onyx está cheio delas.

— Porque perguntas?

Ele esboçou um meio sorriso.

— Curiosidade mórbida, acho eu. O rei já te contou alguma coisa sobre algo de que anda à procura? Uma espécie de relíquia?

Um certo mal-estar infiltrou-se-me na barriga.

— Halden, porque me estás a chatear? Sabes que eu te diria qualquer coisa que te ajudasse a escapar.

— Claro que sim. Foi só mais uma história absurda que me contaram alguns soldados do meu batalhão. Demasiado tempo livre para pensar aqui em baixo, só isso.

A minha mente regressou à noite em que ouvira o Kane a falar com o Griffin acerca do vidente, acerca do que quer que ele andasse à procura. Parecia que fora há uma vida. Será que era disso que o Halden estava a falar?

— Desde quando é que te preocupas com Onyx e os seus segredos? Estavas mais relutante em servir do que qualquer outra pessoa em Abbington.

Recordei o desagrado que sentira, mais de dois anos antes, quando ele se preocupara tão pouco com a luta contra o reino maléfico do Norte. Até que ponto a sua apatia me fizera sentir irritada e sozinha.

Tanto que as coisas tinham mudado, em tão pouco tempo.

Ele abanou a cabeça.

— Nessa altura, era uma criança, Arwen. Fiquei a saber mais sobre o rei Gareth desde então, sobre tudo aquilo pelo qual ele luta. Há muita coisa que não compreenderias.

Estava tão, tão farta do facto de homens por quem me sentia romanticamente interessada me dizerem aquilo. Fiz uma careta.

— E tu? Já não te importas com o nosso reino?

— Não, claro que me preocupo — repliquei, a cara a ficar quente. — Preocupo-me com as pessoas que estão a morrer em nome da ganância sem sentido por terras e moedas.

— Não quero discutir. Na noite do banquete... onde é que te encontro? — perguntou o Halden.

Era a pergunta que eu temia. Seria a noite antes do eclipse. Momento em que precisava voltar à floresta para buscar a raiz de toca. E, para dizer a

verdade, não estava certa de ser mais provável reunir-me à minha família se fugisse com o Halden.

— O rei está a tentar encontrar a minha família. Se ele os encontrar e eu tiver desaparecido... — Não sabia bem como terminar aquele pensamento. O Kane far-lhes-ia mal, fruto da raiva?

— Eu posso proteger-vos, Arwen. Os espiões do rei Gareth são tão bons, se não melhores, do que os de Onyx. Podemos encontrar a tua família juntos.

Uma parte de mim ainda se enterneceu ante aquelas palavras reconfortantes. O seu sorriso confiante, mesmo atrás das grades.

— Como é que vais sair da cela? Mesmo que a maioria dos guardas tenha sido apanhada na folia, como é que vais atravessar a floresta?

O Halden resfolegou.

— A floresta não é tão perigosa como decerto te levaram a crer. Confia em mim. Na noite da festa, quando ouvires uma explosão, terás alguns minutos para chegar ao Portão Norte. Consegues fazer isso?

O choque, porém, deixou-me o coração descontrolado no peito, fazendo com que fosse difícil responder.

— Uma *explosão*? Mas que Pedras estão a planear?

— Quanto menos souberes, melhor — disse ele com sinceridade.

— Preciso de mais do que isso. Não podes magoar as pessoas deste castelo. São inocentes.

Ele abanou a cabeça.

— Claro que não. É isso que pensas de mim?

Não sabia como lhe responder. A culpa infiltrou-se em mim como vinho tinto num vestido branco — pegajosa, alastrando-se e impossível de ignorar.

O Halden exalou e mordeu a unha do polegar novamente.

— Um dos meus homens é feiticeiro. Consegue explodir as portas destas celas a qualquer altura. A explosão vai abrir-nos caminho para sairmos daqui e mal abalará o salão nobre acima de nós. — Apontou para cima. — Mas, ainda assim, nunca conseguiríamos passar pelos soldados que guardam o Portão Norte. Na noite do banquete, estarão mal preparados e sobrecarregados devido à enorme quantidade de gente. É a nossa melhor hipótese. Prometo que ninguém vai ficar ferido.

Parecia um bom plano. Não era infalível, mas o melhor que podiam fazer com tão pouco tempo de manobra.

— Tenho de ir. Não tenho muito tempo. — Levantei-me, mas o Halden agarrou-me a mão através das grades.

— Espera. — Puxou-me para si, pelo que fiquei colada às grades, e as suas mãos ásperas estreitaram as minhas.

— Lembra-te de quando vimos aquelas estrelas cadentes no telhado do Tipsy Boar?

Recordei a noite fria, vi-me enrolada nos seus braços no cimo da taberna local. Ele apercebera-se das estrelas cadentes e queria ter uma vista melhor. Não sei bem como, convencera-me a subir com ele. Eu tinha a certeza de que,

a qualquer momento, toda a estrutura se desmoronaria e que cairíamos num monte de cerveja e vidro.

— Claro — repliquei.

Os seus olhos castanhos haviam-se alterado, semicerrados e cheios de luxúria.

— E lembras-te do que fizemos quando a última estrela se apagou no céu? — A voz assumiu um tom mais rouco, e senti-me corar.

— Claro que sim — repeti.

— Penso constantemente nessa noite... Se algo correr mal, nunca me perdoaria por não te beijar uma última vez.

Antes que eu pudesse aperceber-me da sua intenção, o Halden puxou-me para si; senti o ferro frio tocar-me nas bochechas e os seus lábios quentes roçarem os meus. Foi um beijo hesitante. Confiável e familiar. Sentira tantas saudades dele logo após a sua partida e fantasiara com um momento assim — bem, sem a parte da masmorra. Mas agora... não conseguia explicar exatamente a sensação. Era reconfortante estar tão perto dele de novo. Ainda me sentia alterada com o seu toque. Mas faltava qualquer coisa.

Ele afastou-se, o olhar fixo no meu, e apertou-me as mãos com força.

— Encontras-te comigo lá, no Portão Norte?

Será?

O Halden poderia ajudar-me a encontrar a raiz de toca na floresta, seria mais provável que isso acontecesse do que eu encontrá-la sozinha. Preocupava-se comigo, e sempre se preocuparia. E eu não podia ficar ali nem mais um minuto com o Kane, não depois de ele ter revelado, uma e outra vez, ser quem era. Duvidava de que alguma vez tivesse planeado encontrar a minha família. Era um mentiroso, e sempre o fora, por isso, que futuro teria eu ali, em Shadowhold? Era mais seguro ficar com o homem que eu conhecia do que com o rei que eu não conhecia.

— Sim — respondi finalmente. — Boa sorte.

Subi os degraus dois a dois, e soltei uma exalação que nem sabia estar a suster quando o guarda de há pouco ainda estava de vigia. Passei por ele e não diminuí a velocidade até a Mari e eu estarmos de volta à botica.

*

O corte da espada a fender o ar junto da minha cabeça foi um pouco próximo de mais para que me sentisse confortável.

— Cuidado! — exclamei, esquivando-me mesmo a tempo.

O Dagan continuou o ataque, lançando-se a mim com uma ferocidade que nunca lhe vira. Mas eu não sentia medo. Desviei-me de cada golpe e usei o meu tamanho e agilidade em meu benefício. O Dagan era mais velho, mais alto e mais lento do que eu. O que significava que podia ser dinâmica e mover-me à volta dele com facilidade. Num segundo, recuperei o fôlego e

golpeei-o, beliscando-lhe a armadura de couro.

Ele parou para estudar o corte, limpando o suor da testa. Um sorriso surgiu-lhe nos lábios, mas ele nada disse. Sentia uma vontade terrível de me regozijar ou pular de alegria com aquela pequena vitória, no entanto, a exaustão obrigou-me a pousar as mãos nos joelhos e a recuperar o fôlego.

— Última lição do dia — disse ele.

Graças às Pedras. Ainda era de manhã, mas a semana passara a correr e eu ainda tinha demasiadas coisas para fazer antes do banquete daquela noite. O Dagan tirou a armadura exterior, deixando-a cair na relva sem cerimónias. Sentou-se e fez sinal para que me sentasse à sua frente. Senti a relva fresca nas palmas das mãos e inalei o aroma das gardénias em flor. Havia tanta coisa que mal notara nas manhãs ali. Agora que aquela era a minha última, percebi que iria sentir muito a falta delas.

— O que é que estamos a fazer? — perguntei.

— A usar um tipo de arma diferente. Fecha os olhos.

Fiz o que me pediu. Aprendera a não questionar o Dagan. No que tocava a autodefesa, o homem sabia do que estava a falar.

— Pensa na tua maior força. Diz-me o que sentes.

Franzi o sobrolho. A minha maior força? Não me veio nada à cabeça. Orgulhava-me da minha capacidade de curar pessoas, mas isso não era tanto uma força antes uma capacidade. Um dom, talvez. Sentia-me forte quando corria, mas será que poderia considerá-lo uma força? Nunca pensara na questão nesses moldes. Veio-me à cabeça a minha família — cuidar deles fazia-me sentir forte. Mas nunca o fizera tão bem como o Ryder.

— Não me consigo lembrar de nada — admiti. Era mais vergonhoso do que desejava confessar.

— Não foi isso que pedi. O que é que sentes?

Mantive-me teimosamente imóvel. Algo no facto de ter os olhos fechados trazia à superfície emoções de que não tinha consciência.

— Triste. E sozinha. O que me provoca medo.

— Agarra esse sentimento. O que é que o medo te faz sentir?

Suspirei.

— Presa. Às vezes é apenas difícil. Acordar todos os dias e saber até que ponto a minha vida será regida por isso, pelo medo.

— Aquela sensação que se tem quando o coração bate mais depressa, o peito está apertado, a boca parece seca. Sabes o que é isso?

Acenei com a cabeça.

— Terror.

— Não, Arwen. É poder.

Estava a tentar seguir as instruções dele, mas aquilo não me fazia sentido.

— Dagan, não me parece que isto esteja a funcionar. O que quer que seja, podemos parar por hoje? — Abri um olho.

As palavras dele foram instantâneas.

- Olhos fechados.
- Como...?
- Os olhos. Fechados.

O vento uivava por entre as árvores no campo de treino. Com os olhos fechados, os ruídos dos preparativos para aquela noite intensificavam-se — carrinhos de mão a serem carregados e mobília a ser transportada ao longe.

— Quando temos medo — prosseguiu o Dagan —, o nosso corpo fornece-nos energia para correr ou para lutar. Enchendo-nos de poder para nos protegermos, seja de uma forma ou de outra. És uma excelente corredora, Arwen. Agora, estás a tornar-te também numa excelente lutadora. Não te posso dizer que esses sentimentos de medo alguma vez se irão dissipar. Mas podes aproveitá-los. Pô-los a trabalhar para ti. Transformar esse medo em coragem. Afinal de contas, são a mesma coisa.

Havia alguma verdade nas palavras dele. Os ataques de pânico de que padecia, do ponto de vista médico, eram apenas um afluxo torrencial de adrenalina. Mas, quando me via enredada neles, era quase debilitante. Era muito difícil encará-lo como um poder inexplorado.

Mantive-me em silêncio como me havia sido instruído até as costas me doerem e o cóccix ficar dormente. Quando o que quer que o Dagan contava que acontecesse não aconteceu, ele parou-nos.

— Amanhã tentamos outra vez.

Levantei-me com um gemido.

— De alguma forma, acho que vou sentir falta da esgrima. — A deixa não teve o tom divertido com que eu contava.

O Dagan estudou-me.

— Quem achas que é mais corajoso quando entra em batalha? O cavaleiro que não tem nada a temer, rodeado por centenas de companheiros, com todas as armas do continente, ou o cavaleiro solitário, sem ninguém a seu lado, apenas com os punhos e com tudo a perder?

Por razões que não consigo compreender, a pergunta deu-me vontade de chorar.

— O último.

— Porquê? — perguntou ele.

— Porque sabe que não pode ganhar e escolhe lutar na mesma.

— Só há verdadeira coragem quando se enfrenta o que nos assusta. Aquilo a que chamas medo é de facto poder, e podes usá-lo para o bem.

Olhei para baixo, evitando o seu olhar perscrutador.

Sentia-me condenada a falhar. Tinha a certeza de que não existia dentro de mim o que quer que ele esperava encontrar.

— Fazes-me lembrar... Teria ficado muito orgulhoso de ver a minha filha crescer como tu, Arwen.

Por um momento, fiquei sem palavras. Foi a coisa mais gentil que já o ouvira dizer. Foi talvez a coisa mais gentil que alguém, além da minha própria mãe, alguma vez me dissera.

— O que é que lhe aconteceu? — perguntei timidamente. Não tinha a certeza de querer saber.

O Dagan curvou-se para pegar nas espadas e guardá-las nas bainhas.

— A minha mulher e a minha filha bebé foram mortas pelo homem contra o qual o Kane está em guerra. — Cambaleei para trás ante o horror das suas palavras. — Essa dor, essa raiva. Encontro uma maneira de a usar todas as manhãs para enfrentar o dia e todas as noites para dormir. Todos nós temos demónios. O que nos define é a forma como escolhemos enfrentá-los.

O meu coração torceu-se e rasgou-se.

— Lamento tanto. — Foi tudo o que consegui pronunciar.

— Obrigado. — Ele acenou-me com a cabeça, e voltámos para a fortaleza no silêncio habitual.

Sentia-me doente. Pelo Dagan, e pelo facto de estar a planear partir naquela noite, e possivelmente regressar ao reino responsável pela sua perda? De repente, tudo aquilo me pareceu muito errado.

O reflexo a olhar-me no espelho dourado quase nem se assemelhava ao meu rosto. Nunca vira tanto carvão na vida — a Mari pintara-me os olhos com uma mistura fuliginosa e os lábios de um vermelho-escuro.

— Já chega. Honestamente, Mar. Preço um pirata. Ou uma senhora da noite.

— Ou ambos! Uma belíssima prostituta pirata — disse a Mari, passando-me mais pó negro nas pálpebras.

O visual não era ajudado pelo vestido sem ombros de um negro escuro, no qual ela me conseguira enfiar.

— Isto é tão injusto. Porque é que não posso usar uma coisa como tu?

— Porque — disse a Mari, rodopiando no seu vestido de gola alta —, eu não vou ver um ex-namorado hoje à noite.

— Ele não é o meu ex-namorado, nem de longe nem de perto. É o rei e duvido de que sequer nos vejamos.

A Mari ignorou-me e escovou-me o cabelo, deixando que as madeixas cor de chocolate me caíssem pelas costas, em secções.

— Hoje à noite... — comecei, sem saber bem como terminar o pensamento.

— Eu sei. — Não conseguia ver-lhe a cara no espelho, pelo que me voltei para a encarar.

Mas não fui capaz de proferir as palavras. Sentia-me estrangulada por uma emoção com que não contara.

— Eu compreendo, Arwen — disse ela, pegando-me nas mãos. — Se o Halden conseguir fugir, vais com ele. Tenho a certeza de que faria o mesmo.

— Sim. Mas é um grande *se*.

— Não, não é. Ele não quer morrer. Há de encontrar maneira de fugir.

Senti as lágrimas marejarem-me os olhos.

— Oh, Arwen. Não chores. Ele vai ficar bem.

A culpa fluiu por mim — não era pelo Halden que chorava.

— Vou sentir saudades tuas.

Os olhos da Mari lembravam vidro molhado quando me estreitou contra si.

— Eu também.

Soltou-me e sequei as bochechas, limpando as faixas escuras que me desciam pelo rosto.

— Mas hás de arranjar maneira de me escrever. Sei que nos veremos novamente. Agora, deixa-me arranjar isto. Pirata prostituta *triste* não é definitivamente o visual que pretendes.

*

Naquela noite, o salão nobre estava elegante e comemorativo, iluminado com velas de todos os feitios e tamanhos e adornado com coroas de flores de Onyx. O calor das lanternas cheias de sombras, a comida muito quente e a multidão de corpos aqueciam-me a pele. Uma melodia impressionante, saída de quatro instrumentos de cordas distintos, reverberava no salão, convidando-me a dançar. Lá fora, os cavalos brancos e elegantes de Peridot encontravam-se hirtos ao lado dos de Onyx, que tinham um aspeto brutal e demoníaco, enquanto os dignitários bronzeados e louros, e os nobres de Peridot, vestidos com cores opressivamente quentes, entravam.

Perdera-me da Mari há já algum tempo. Ela e um bibliotecário de Peridot haviam-se escondido num canto, ébrios com vinho de bétula e a analisar uns textos antigos sobre as Fae. Mas não me importava de caminhar pela festa sozinha. Apesar dos meus queixumes pouco antes, sentia-me bonita no vestido de seda e agradava-me a forma como me realçava as curvas, derretendo-se de encontro ao meu corpo como cera de vela.

Peguei numa taça de vinho e beberriquei. O sabor amargo era-me desconhecido — o vinho de Amber era reconhecidamente doce e da cor do caramelo. Aquela bebida era da cor da groselha e senti-a de imediato nos ossos ao fim de apenas dois goles. Passei por um grupo de desconhecidos, alegres e transpirados, em direção à pista de dança. Normalmente, não era libertina, mas o grau de anonimato nas festividades daquela noite dera-me uma sensação de liberdade que nunca tinha sentido. Antes que pudesse lançar-me ao divertimento, algo me chamou a atenção. Não... alguém.

Uma mulher, tão bela que era de se ficar sem fôlego, esbelta e com um cabelo leitoso enfeitado com uma delicada coroa de folhas, estava a rir-se a bandeiras despregadas com um certo rei sombrio.

O Kane encostou-se à parede atrás dela com um braço esticado e sorriu para o copo de cerveja. O riso dela era como um repique de sinos, leve e melódico. Enquanto ele prosseguia a história que lhe estaria a contar, a mulher misteriosa escutava com atenção, os olhos a seguirem cada palavra que lhe saía dos lábios. Depois de um aparte particularmente hilariante, levou-lhe uma

mão delicada aos bíceps e dei comigo a caminhar antes que a minha mente pudesse fazer o que quer que fosse.

— Boa noite — disse, intrometendo-me entre os dois com um entusiasmo um pouco excessivo.

O Kane elogiou-me, os seus olhos a passearem-se pelo meu corpo de forma lânguida. Mas foi a expressão que arvorava quando os pousou no meu rosto que me deixou sem fôlego.

— Arwen. Estás... tão bonita.

Os nossos olhares cruzaram-se por uns segundos a mais do que o conveniente, um sorriso que era quase um arquejo crescendo-lhe nos lábios.

Porém, de súbito, ele lembrou-se de onde estava, aclarando a voz e gesticulando para a mulher a seu lado.

— Arwen, esta é a princesa Amelia. Princesa, esta é a lady Arwen. É a curandeira da nossa fortaleza.

Amelia. Era a princesa das Províncias de Peridot, a península luxuriosamente selvática que fazia fronteira com Onyx, e a filha do convidado de honra, o rei Eryx.

A vergonha tingiu-me o rosto.

— Vossa Alteza — cumprimentei com uma vénia.

A princesa nada disse, mas os seus olhos semicerrados revelaram-me que não apreciara a interrupção.

Permanecemos ali, os três, molemente até não conseguir aguentar mais a tensão. Claramente, interrompera um momento dos dois. De qualquer forma, porque é que me apressara a ir ali? Para estragar a noite do Kane? Não era eu quem queria que ele me deixasse em paz? Que planeara fugir naquela mesma noite? O vinho estava a dar-me a volta à cabeça.

— Bem. Desfrutem do banquete. O carneiro está excelente — informei, excessivamente animada. Estremeci quando girei sobre os calcanhares.

A mão quente do Kane envolveu-me o braço com à-vontade enquanto me puxava para si.

— Vossa Alteza — disse à princesa, ainda a segurar-me firmemente —, tenho de dar uma palavra à lady Arwen. Será que poderei vir ter consigo daqui a instantes?

— É bom que sim — disse ela, sem grande humor. Era tão inflexível quanto bela.

Encolhi os ombros, como quem diz *a culpa não é minha*, enquanto o Kane me arrastava para longe dali.

Atravessámos rapidamente o salão nobre. Quando percebi que me estava a afastar do banquete, debati-me.

— Para onde é que me estás a levar? Deixa-me. Não te chateio mais. Quero ficar e divertir-me.

O Kane ou estava a ignorar-me ou não conseguia ouvir os meus protestos devido à música e à pândega. Saímos do salão nobre por um corredor escondido, descemos umas escadas estreitas de pedra e esgueirámo-

nos para dentro de uma adega ali perto.

Ele fechou a pesada porta de pedra atrás de si, anulando o ruído do banquete e mergulhando-nos em silêncio. Parecia-me ter os ouvidos cheios de algodão.

O espaço confinado estava bafiento e seco, repleto até mais não de grades de vinho. Havia pouco espaço para ele e para mim. A altura impressionante do Kane não ajudava. Sentia-me pequena, quer em estatura quer na atitude.

— *Malditas Pedras*, Kane. Isto é ridículo.

— Falas mesmo como um marinheiro. — Ele soltou uma gargalhada, encostando-se à porta.

— Não penses no que quer que seja que envolva a minha boca.

Os olhos dele passaram de divertidos a mortais numa fração de segundo.

— Como eu gostava de o conseguir, passarinho.

Resfoleguei.

— És incorrigível.

— E tu és ciumenta. — O seu sorriso era malandro.

— Isso é ridículo. Metes-me nojo. Eu... — Fiz uma pausa, tentando acalmar-me. O que é que eu era? — Lamento ter-te interrompido a ti e à princesa. Foi mal-educado. — Cruzei os braços, descruzando-os logo de seguida, a fim de não parecer defensiva.

Os olhos dele não transmitiam qualquer emoção.

— Estamos em guerra. Estou a tentar solidificar uma aliança. Achas que estou na brincadeira? Pareço-te grande fã de banquetes?

Os meus lábios fizeram-se uma linha fina.

— Quem diria que a guerra política pareceria uma coisa tão íntima?

As comissuras dos lábios do Kane reviraram-se.

— Ah, passarinho, irritou-te pensar em mim com outra mulher?

— Não sejas parvo. Por favor, força nisso. Só a acho um pouco novinha de mais para ti, não te parece?

O Kane pareceu ofendido.

— Que idade julgas que tenho?

— Deixa lá. Não importa. — Tentei sair, mas ele bloqueou-me o caminho.

— Bem, assim seria de esperar. Tens um homem atrás das grades, no piso abaixo do nosso, que acredita que irás ser a sua mulher.

— Claro. O Halden. Obrigada por o teres poupado.

— Claro — imitou ele, um brilho no olhar. — Afinal de contas, não sou um rei assim tão cruel.

— Deveria mesmo voltar. A Mari vai...

Uma onda de choque espalhou-se-me pelo corpo, projetando-me a mim e ao Kane com uma força brutal. O meu queixo bateu-lho no esterno e uma dor lancinante assaltou-me o maxilar. O Kane passou os braços em volta de mim, encostando o meu corpo ao seu enquanto a força nos atirava ao chão.

Vinho jorrou pelo solo no momento em que as grades caíram umas em cima das outras, partindo-se. Um rugido ténue de gritos ecoou do salão nobre acima de nós, e eu fechei os olhos com força. O chão continuava a tremer.

— Não te preocupes — gemeu o Kane, enquanto as grades de vinho caíam e lhe aterravam nas costas. Todos os músculos do meu corpo se haviam posto tensos enquanto rezava para que os tremores acabassem.

Parem, parem, *parem*.

Enquanto os abalos secundários persistiam, o rosto do Kane estava a centímetros do meu, todo o seu corpo encostado a mim. Era avassalador senti-lo em todo o lado — o tronco musculado pressionado de encontro aos meus seios, as nossas coxas entrelaçadas, os seus braços grossos a proteger-me a cabeça. E uma mão forte ainda a aninhar-me o pescoço devagar — com toda a suavidade. De uma forma muito, demasiado suave. Ao primeiro sacão da minha respiração, afastou-se à velocidade da luz.

Com o coração ainda alterado devido ao choque, avalei os estragos.

A adega estava destruída.

Pó e detritos atravancavam as prateleiras e o chão, e estávamos ambos alagados num vermelho-escuro. Os olhos do Kane iluminaram-se horrorizados enquanto me estudava o corpo.

— Estás ferida?

— Não, é só o vinho — repliquei, mas levei a mão à boca e descobri que ferira o lábio na colisão.

Ele agarrou-me no maxilar com uma docilidade que quase me fez arquejar. Usando o polegar, baixou-me com cuidado o lábio inferior para inspecionar a ferida. Senti todo o corpo corar com a intimidade do toque.

— Autch! Desculpa, passarinho. Bebe um bocadinho disto, para manter o local limpo. — Soltou-me o lábio e pegou numa garrafa intacta, limpou-lhe o pó e passou-ma. Bebi um gole, olhando-o nos olhos.

Ele soltou um suspiro trémulo, vendo-me beber da garrafa e pousá-la ao meu lado.

— O que é que foi isto? — perguntei, massajando o maxilar.

Porém, recordei-me imediatamente a seguir. A explosão do Halden. Fora muito maior do que me dera a entender que iria ser.

Se alguém tivesse ficado ferido por causa daquilo, eu...

— Talvez um tremor de terra. — O Kane levantou-se e afastou os detritos a fim de alcançar a porta. — Fica aqui. Vou chamar o Barney.

Antes que pudesse contrapor o que quer que fosse, ele empurrou a porta, mas ela não se moveu. Num segundo, senti o estômago revirar-se.

— Kane.

O meu peito começou a estremecer. Ele voltou a empurrar, usando todo o corpo. Os músculos das costas ondularam-lhe por debaixo da camisa; os tendões no pescoço incharam.

— Kane.

Sentia as palmas a transpirar. O coração desabalado. O Kane parou,

afastou o cabelo da cara, estalou as articulações dos dedos. Voltou a fazer força, mas nada sucedeu.

— Kane!

— O que é? — perguntou, voltando-se. Eu estava de gatas, a tentar respirar. Ele aproximou-se rapidamente, pousando-me uma mão tranquilizadora nas costas. — Caraças. Tu estás bem, passarinho. Confia em mim. Não podes morrer só de medo. Há muito ar aqui dentro.

Estava a dizer as coisas certas. Todas as coisas que dissera de mim para comigo milhares de vezes. Que a Nora tentara dizer-me ou a minha mãe, quando eu era mais nova. Mas, agora, não fazia diferença. O meu peito parecia estar a aluir. Todo o corpo me tremia de adrenalina e os pensamentos submergiam-me. Tinha de sair dali.

Já, já, já.

— Não posso ficar aqui. — Engoli um novo hausto de ar.

— Tenta sentar-te — pediu ele. Fi-lo e encostei-me a uma parede, os olhos bem fechados.

— Boa. Agora, inspira lentamente. Pelo nariz. E expira pela boca.

Aquela divisão tinha bastante ar. Não ia ficar ali para sempre. Apertei a mão do Kane e lutei contra a tentação de respirar pela boca.

— Belo aperto. O treino com o Dagan deve andar a correr bem.

Anuí, os olhos ainda fechados.

— Sou tão forte que te conseguiria asfixiar.

O Kane soltou uma pequena gargalhada e o som relaxou-me um pouco.

— Tu és forte. Estás a ir lindamente. — As palavras de encorajamento marejaram-me os olhos de lágrimas. — Diz-me lá como é que me estrangularias.

— O quê? — perguntei, os olhos fixando-se nos dele.

— Ouviste-me bem. Quero saber... para me preparar para o ataque.

Sabia o que ele estava a fazer. Mas precisava da diversão.

— Faria com que o Griffin sorrisse. O mero choque seria suficiente para te distrair. Depois, espremer-te-ia a vida do pescoço grosso.

O Kane soltou uma gargalhada forte — a sua gargalhada viciante e calorosa.

Queria mordê-lo. Enfiá-lo na boca para que ninguém mais o pudesse ter.

— Continua. Este é o meu passatempo favorito. Morte às mãos do passarinho.

Fechei os olhos e recostei-me novamente.

Inspira, expira.

— Bem, estarias morto. Portanto, eu ficaria com o reino de Onyx e governaria com o Barney a meu lado.

Ante o seu arquejar, abri um olho. Lágrimas haviam-se-lhe juntado nos cantos dos olhos. Os meus lábios também se curvaram. A gargalhada dele era contagiosa.

Mais uma inspiração lenta e finalmente a adrenalina acalmou. Ainda me

sentia agitada, mas o ritmo cardíaco abrandara e eu conseguia engolir novamente. Expirei.

— Obrigada.

Ele esboçou aquele sorriso enviesado, limpando as lágrimas dos olhos.

— Não, eu é que te agradeço. — Com o polegar, desenhou círculos lentos na palma da minha mão. A ideia era acalmar-me, mas sentia um calor líquido correr-me pelas veias ao menor contacto. Afastei a mão da sua.

— Não te preocupes, passarinho. Não vamos ficar aqui muito tempo. Andarão à nossa procura. Alguém irá a dado momento notar que o rei está desaparecido.

Repousando a cabeça nos joelhos encostados um ao outro, soltei um suspiro. Ouvi-o levantar-se e espreitei, vendo o Kane a beber de um trago uma garrafa. A longa coluna do pescoço brilhava de suor à luz ténue da adega. Engoliu um trago final e apontou a garrafa na minha direção.

— Posso oferecer-te uma bebida?

— Não consegues mesmo abrir essa porta?

Ele sentou-se ao meu lado, passando-me o vinho. Um bruxulear de preocupação atravessou-lhe a expressão e desapareceu um segundo depois.

— Temo que não.

O líquido era amargo e pesado na língua. Bebi e bebi, esperando que o álcool me aliviasse um pouco a tensão no corpo. A culpa que voltara a imiscuir-se por me estar a divertir com ele. Mesmo apesar de tentar suprimir um pânico puro e implacável.

— Está bem, já chega. — O Kane gesticulou para a garrafa. Continuei a bebê-la até estar vazia. Ali, presa com ele, ia precisar de toda a ajuda possível.

— Vamos tentar outra forma de distração — disse o Kane, arrancando-me a garrafa das mãos.

O meu corpo rapidamente sentiu os efeitos do álcool, relaxando e latejando com um zumbido subtil. Olhei para o Kane pela primeira vez desde que ali estávamos presos. O seu cabelo negro estava puxado para trás, húmido do suor e possivelmente do vinho derramado, a coroa ligeiramente torta. Antes que pudesse perceber o que estava a fazer, posicionei-lha corretamente na cabeça. Os seus espantosos olhos imprevisíveis estudaram-me o rosto. Retirei as mãos e deixei-as cair sem vida no colo.

— Queres dar-me uma lição acerca de tudo o que não percebo sobre o continente e como sou patética?

— Não te tenhas em tão má conta, passarinho. Nunca tento insultar-te. Nem fazes ideias de quão excecional penso que és.

Resfoleguei.

— Que tirada. Confia em mim, não há nada de especial na minha pessoa.

Ele aclarou a voz e olhou para o teto, como se estivesse a pedir força a uma entidade desconhecida. Também se deveria estar a sentir infelicíssimo naquela situação.

— O que é que tinhas em mente? Como distração? — perguntei.

— Não tenho a certeza. O que é que tu e a tua amiga ruiva fazem para se divertir?

Uma gargalhada genuína irrompeu de mim, e nem tinha a certeza porquê. Peguei numa segunda garrafa, situada acima da minha cabeça e abri-a.

— O que é que tem tanta graça? — perguntou o Kane. — Além de estares a empanurrar-te do vinho mais caro do castelo como se fosse água?

Ri-me ainda mais e bebi outro grande gole.

— Não sei. — Soltei uma risadinha. — Acho piada que não saibas como te divertir.

O Kane olhou-me com uma expressão de ultraje fingido. Era dolorosamente adorável.

— Com que então a usar a confissão que te fiz no lago contra mim. Costumava divertir-me imenso. Era mais ou menos conhecido por isso, na verdade.

Resfoleguei.

— Pois, não é esse tipo de «diversão» que eu e a Mari temos.

— Isso é uma notícia terrível.

Por alguma razão, não conseguia manter-me séria. Dobrei-me a rir.

— Calminha, Kane. Não és o tipo dela.

— Sou o tipo de toda a gente.

Fingi um arranque e, dessa vez, foi o Kane quem riu. O som era um ribombar profundo que lhe nascia no peito e um sorriso brilhou-lhe no olhar.

— Eu sei. É o pior — disse eu.

— Ah. Mas meu pobre passarinho ciumento, eu já não estou interessado na princesa.

Abanei a cabeça. Ele percebera tudo mal... Não me estava a referir a ela. Estava a falar da...

Foi então que o meu cérebro deixou de funcionar.

— Já não? — perguntei, quase não conseguindo esconder o horror.

Ele esboçou um esgar.

— Passámos algum tempo juntos. Intimamente. Há muitos anos.

Arquejei como se estivesse numa má produção teatral, mas a imagem deles os dois juntos dava-me vontade de me imolar. O cabelo longo e branco dela enrolado nas mãos fortes dele. Os gemidos de prazer que ele soltava enquanto se enterrava entre as...

— Arwen... — Felizmente, ele interrompeu aquela revoltante linha de pensamento. — Não foi nada. Não sinto nada por ela.

— Ah, então usaste-a?

Ele lançou a cabeça para trás, embatendo contra as grades de vinho e estremecendo.

— Sempre tão difícil. Era mútuo. Um acordo entre velhos amigos. Foi... antes.

— Antes de quê? — perguntei, uma esperança entoando nas minhas

palavras.

Os olhos dele semicerraram-se a observar-me os lábios, mas não respondeu.

Por instantes, só ouvi o pingar ritmado de vinho no chão de pedra.

— Não tens grande direito de sentir ciúmes, aliás — acabou ele por dizer, pegando noutra garrafa. — Tendo em conta que ainda estás caidinha por aquele lixo humano nas celas abaixo de nós.

Pensar no Halden matou-me a alegria imediatamente.

Olhei para as mãos.

— Não me parece que ainda esteja abaixo de nós.

— Então, não foi um tremor de terra?

Abanei a cabeça.

— E tu sabias?

Não suportava olhar para cima e constatar a sua raiva ante a minha traição. Não proferi palavra.

— Bem, para o teu bem, espero que ele tenha escapado. Se os meus homens o apanharam, não permanecerá vivo para ver o dia nascer.

Afastei ainda mais o rosto do Kane, para que não me visse a expressão. Revelaria a dor que sentia com a ideia da morte do Halden.

— O que é que eles queriam? Na caixa-forte? — perguntei.

— Algo que já lá não está há muito tempo.

O Kane levantou-se e começou a andar no espaço pequeno. Lembrava-me um animal enjaulado, o pelo eriçado e força a transbordar dele. A adega bafienta com o seu teto baixo era demasiado pequena.

Praguejou entre dentes e voltou-se para mim.

— Tenho de partir amanhã. Voltarei mal consiga. Mas, Arwen, não vás atrás dele, depois de eu ter partido. — Ajoelhou-se. — Há mal a espreitar para lá destas muralhas, à espera de que faças um movimento errado.

Pensei no seu pedido. Já ouvira aqueles avisos, mas a voz do Halden ecoava-me nos ouvidos. *A floresta não é tão perigosa como decerto te fizeram crer.*

Ele percebeu que não acreditei nele. Conseguia ler-lho nos olhos. Parecia estar à beira de uma decisão muitíssimo difícil.

— Tenho de te explicar uma coisa.

Queria pedir-lhe que continuasse — mataria por respostas —, mas temi que mudasse de ideias de um momento para o outro.

— Arwen. — Fez uma pausa, passando as mãos pelo cabelo, exasperado. — Ele é um assassino.

Um arrepio asqueroso percorreu-me a espinha. Que estava ele a dizer?
Abanei a cabeça.

— Não, tu é que és um assassino.

O Kane olhou exasperado em redor.

— Se calhar sou, mas não tenho por hábito matar inocentes a sangue-frio.

O meu corpo pôs-se tenso.

— Nem o Halden.

— Ele era um assassino para o rei de Amber. Ele...

— É evidente que também tens assassinos. — Consequia ouvir a minha voz a subir de tom.

O rosto do Kane fechou-se.

Recordei-me do poder que ele possuía e senti-me encolher.

— Que obsessão é essa com comparares-nos? Eu não digo ser algo que não sou. — Quando não respondi, ficou mais calmo, mas o seu tom permaneceu amargo. — O teu precioso rei Gareth enviou a unidade de combate do Halden a Onyx com o objetivo de tentar matar Fae.

Todo o meu corpo paralisou. Não me conseguia mexer... não conseguia respirar. Pousei as mãos no chão frio de pedra de modo a acalmar-me.

— Não te contei porque é complexo compreender o que está verdadeiramente em jogo. Não queria magoar-te, mas ver-te suspirar por aquele idiota está... a enervar-me.

A adega não parava quieta. O meu coração quase me saltava para fora do peito.

— Então, elas são... — Engoli em seco. — Elas são reais?

— O que é que tu sabes sobre elas... as Fae?

— Não grande coisa — admiti, ainda hesitante. — Criaturas antigas e violentas. Muito assustadoras, muito velhas, muito mortas.

— Há séculos, existia todo um reino desses seres. De mortais, também.

Mas as Fae eram uma espécie em extinção, até que, por fim, o seu rei foi o último verdadeiro espécime da sua espécie a viver.

Ficara totalmente hirta. Tinha a sensação de que os meus olhos estavam tão esbugalhados como o oceano, e tentei controlar a respiração e o turbilhão de pensamentos. O vinho não me estava a ajudar no processo.

— O que é que isso significa? O último verdadeiro espécime da sua espécie a viver?

— Era um puro-sangue. Sem qualquer vestígio de ancestralidade mortal. Porém, era o último. Nem sequer os filhos eram puros-sangues, uma vez que a avó da rainha fora uma bruxa. A terra onde viviam, o Reino das Fae, estava a ficar sem recursos. As crianças Fae eram raras, mas os mortais férteis. Ora, quanto mais crianças mortais nasciam no reino, mais bocas havia para alimentar, mais casas para construir e guerras para lutar.

«O reino funcionava graças a um poder único das Fae, conhecido pelo nome de luz, com o qual todas as crianças Fae nasciam. Podia ser engarrafado e vendido, usado para abastecer qualquer coisa. Curava, construía e destruía. Porém, chegava-lhes das profundezas do reino e não era infinito. É por isso que as Faeries não nascem aqui em Evendell.

«Com a escassez de Fae, a luz tornou-se cada vez mais rara e, por conseguinte, mais valiosa. Em breve, o reino não conseguia lidar com o afluxo de pessoas que transformaram um mundo mágico numa terra deserta e árida. Chovia cinza; prados viçosos e verdes converteram-se em terras secas e estaladas. O reino foi atormentado por tremores de terra, chuva de fogo e o nascimento de demónios que prosperavam nessas condições. As pessoas passavam fome e sofriam. Imploraram ao rei das Fae, Lazarus, que tivesse compaixão para com o reino e racionasse a luz, tentando encontrar outros recursos, mas este recusou.

— Como é que é possível que eu não saiba nada disto? — Aquilo lembrava uma história exemplar. Ponderei melhor na pergunta. — Ou melhor, como é que estudiosos e leitores ávidos como a Mari não têm conhecimento de nada disto?

— Só a alta nobreza e a realeza de Onyx sabem a verdade. E agora tu também. — A ternura espalhou-se-lhe pela cara. O meu coração palpitou.

— Mas porquê só Onyx? — perguntei.

— Quando os refugiados do reino começaram a viajar para Evendell, Onyx era o reino mais próximo. Alguns viajavam de forma instantânea, usando a luz ou feitiçaria. Outros prepararam-se para uma viagem longa e traiçoeira por terras proibidas e oceanos. Poucos sobreviveram. Quando o Lazarus percebeu que os seus súbditos estavam a partir, construiu um grande muro, de maneira a manter a sua população dentro do reino. Convenceu-os de que aquilo os manteria a salvo de todos os que lhes queriam roubar a luz.

«Um vidente, um tipo de Fae cujos poderes lhe permitem ter visões do futuro, foi arrancado do seu sono certa noite para conceder uma profecia.

O vidente era uma fada... e a profecia que o Kane mencionara meses

antes tinha que ver com o rei das Fae. Mas como é que isso estava relacionado com ele? Ou com o Halden?

— Um grupo pequeno mas poderoso usou a tal profecia para liderar uma rebelião para salvar o reino; porém, falhou. — Cerrou o maxilar. — Milhares morreram. Na retirada, apenas algumas centenas de Fae conseguiram fugir do reino e vieram aqui, para Onyx, para começar do zero. Razão pela qual ainda existem Fae e Hobbits até hoje no reino.

O pavor ante as suas palavras fez com que o coração me batesse desabalado no peito.

— Como é que conseguiram escapar? — perguntei.

Os olhos haviam-lhe ficado pesados.

— Com enormes custos pessoais.

Tinha a cabeça às voltas. As Fae sempre haviam sido verdadeiras. E algumas até viviam ali, atualmente, em Onyx.

Abanei a cabeça, incapaz de encontrar as palavras certas para o choque.

— Tenho umas mil perguntas — declarei, olhando para as grades de vinho à minha frente. O sorriso malicioso do Kane dizia: *Que novidade*.

— Mas o que é que esta aula de história tem que ver com o Halden?

As pupilas dele dilataram.

— Há cerca de três anos, os meus espiões informaram-me de que o rei Gareth havia feito um acordo com o rei Lazarus.

Um pavor gelado percorreu-me a espinha.

— Ele continua vivo?

— Qualquer fada com pouca mistura de espécies consegue viver bastante tempo. O Lazarus está provavelmente a aproximar-se de um milénio. Prometeu ao Gareth e aos seus dignitários poderes inimagináveis, riquezas, e luz em troca de terras despovoadas.

— Como...? — Não sabia como terminar a frase. Uma vaga de pavor inimaginável percorreu-me. Procurei outra garrafa de vinho.

— O Lazarus não terá grande problema em reduzir um reino de mortais a cinzas, se isso significar um recomeço para as Fae que ainda habitam o seu reino — assegurou o Kane, contemplando um riacho de vinho rastear lentamente pelo chão poeirento da adega.

— Portanto, destruiu o seu mundo devido à ganância e agora que já não tem proveito dele quer apoderar-se do nosso?

Kane cerrou o maxilar.

— Exatamente. Tentei dizer ao Gareth que o Lazarus não é homem de confiança e que lhe daria todas as riquezas que desejasse. Mas o imbecil não se deixou demover. Agora, o Lazarus e o Gareth estão a arranjar mais aliados para declarar guerra a Evendell.

— Continuo a não perceber porque é que o Gareth e o Lazarus queriam as Fae mortas. Não são o povo do Lazarus? Os seus súbitos?

O Kane soltou um forte suspiro.

— São os seus desertores. Qualquer fada aqui em Onyx é a prova viva

dos que se escapuliram do seu reino. — O Kane coçou o queixo, pensativo. — É um rei vingativo. Muito provavelmente fará com que tudo o que pensaste sobre a minha pessoa pareça um passeio no parque.

A culpa borbulhou dentro de mim.

— Foi por isso que Onyx atacou Amber? Aqueles que possuem sangue de fada vivem no teu reino e o Gareth estava a matá-los?

Não chegara o Halden a mencionar algo sobre isto? A minha cabeça lembrava os lençóis desfeitos de uma cama. Não podia crer que o Halden me mentira. Só me apetecia esmurrá-lo.

— Em parte. É bastante mais complexo do que isso.

Era sempre.

— Então porque é que estás aqui? E não em Willowridge a proteger a tua população?

O Kane passou a mão pela cara, claramente arrependido da decisão de partilhar o que quer que fosse comigo.

— O rei das Fae quer-me. Ainda mais do que aos seus desertores. Estou a manter a minha cidade a salvo ao permanecer aqui, na fortaleza. Longe deles.

Um medo com que não contava esgueirou-se para dentro da minha alma. Medo do meu próprio rei Gareth, do que poderia acontecer se o seu exército conseguisse tomar o castelo.

— Estamos a salvo aqui?

— Por ora. A menos que aquele idiota diga ao Gareth que aqui estou.

Não era a resposta mais tranquilizadora.

— Excelente — declarei, o tom mais sarcástico possível. — Ajudei a libertar um assassino que tem estado a matar inocentes e, ainda por cima, tenho o prazer de ser prisioneira num castelo condenado a cair nas mãos de um rei das Fae cruel. Estou a dar-lhe bem.

O Kane zombou.

— Ambos sabemos que não és prisioneira deste castelo há bastante tempo. Ainda assim, permaneces cá.

O som demasiado familiar do golpe de culpa atingiu-me de novo no peito.

Não lhe devia contar.

Não precisava de lhe contar nada.

Mas ainda assim... as palavras pressionavam-me a língua, enquanto ele me encarava com uma certa curiosidade.

Não. Ele escondera tanto de mim, não lhe devia nada. Porque é que sentia necessidade de...

— Tencionava ir-me embora — desembuchei. — Hoje. — *Estúpido vinho.*

A expressão estampada no rosto do Kane era inescrutável.

— Mas acabei presa aqui. Portanto, é provável que o Halden tenha fugido sem mim. — Não teria noção da raiva do Kane, se não lhe tivesse

observado as mãos. As articulações estavam rígidas e brancas quando as fechou em punhos. — Não compreendo porque é que te importas. Não sou propriedade tua.

— Eu tenho noção disso. — Parecia exasperado.

— E estou-te grata por tentares encontrar a minha família. Não sou tão infeliz aqui como curandeira como esperava ser, mas tens de entender. O Halden era família para mim. Precisava de fugir com ele se me fosse dada a oportunidade.

— Eu sei.

— E se eu ao menos...

— Arwen. — Ele virou-se de modo a encarar-me, no rosto uma expressão de frustração, mais do que de raiva. — Não estou chateado por teres planeado fugir. Estou irritado com o facto de aquele parvo te ter deixado para trás.

Agora estava completamente confusa. E a culpa não era do vinho.

— O quê? Querias deixar-me com um assassino de Fae?

A boca do Kane arrebitou ligeiramente.

— Não — disse ele, tentando ser paciente. — Esquece.

Abanei a cabeça.

Ele estava chateado com... a minha honra.

Quase soltei uma gargalhada.

Depois de tudo, não fora um monstro. De todo.

— Portanto, todas as coisas que pensei sobre ti... que todo o continente pensava, a guerra que empreendes... é tudo para lutares contra este rei das Fae?

— Bem — replicou ele, lugubrememente, um ligeiro sorriso a esgueirar-se-lhe para a cara —, não atribuas tudo à virtude. Continuo a ser um pouco cretino.

Nem consegui esboçar um sorriso em resposta às suas palavras. Continuava a tentar montar as peças todas na minha mente.

As Fae, a guerra em curso, o rei ainda *mais* perverso. A profecia...

Lembrei-me das palavras que me haviam mantido acordada tantas noites ali, em Shadowhold.

«Conheces as palavras do vidente tão bem como eu. O tempo está a esgotar-se. Temos menos de um ano.»

— O que é que a profecia previa?

— Isso é uma conversa para termos noutro dia. — O seu olhar cansado desceu-me pelo pescoço. — Num dia mais sóbrio.

Anuí com um gesto da cabeça. Era informação suficiente... Não estava certa de aguentar mais.

Ele acabou a garrafa seguinte e recostou-se contra a parede ao meu lado, fechando os olhos. Depois de longos minutos terem passado como gotas de água a descer por um copo húmido, a mente a rodopiar-me com toda a informação que interpretara erradamente, não conseguia aguentar mais o

silêncio.

— Estamos aqui há cem anos? — perguntei, vendo-o descansar. O seu rosto era magnífico. Como se houvesse sido esculpido pelas próprias Pedras.

Perguntei-me se ele se sentiria aliviado por ter partilhado tanto comigo ou se aquela intimidade o teria assustado. Feito sentir fraco, como em tempos temera.

— Sim — respondeu ele, os olhos ainda fechados. — Porque é que estás a olhar-me espedada?

Desviei imediatamente o olhar.

— Não estou.

— É justo. Já te olhei espedado. A maior parte das vezes, parece que não consigo olhar para mais nada.

Virei a cara para o encarar novamente e dei com ele a fixar-me, tal como dissera. Daquela maneira, os nossos rostos estavam demasiado próximos. Precisava de me afastar, mas senti-me estranhamente atraída para o seu olhar. Os seus olhos inquietos estudavam os meus, um cinza-ardósia num verde-azeitona, e o coração martelou-me no peito.

A mão dele encontrou caminho para a minha cara, com cuidado, como quem não me quer assustar. Passou-me um polegar pela bochecha, e soltei um gemido involuntário.

A expressão do Kane alterou-se. Sabia que havia urgência nos seus olhos e que refletia a minha própria. Não conseguia negá-la nem mais um minuto. A atração que sentia por ele era como que uma dor surda que nunca me abandonava. Passei a língua pelo lábio inferior, na esperança de transmitir exatamente o que queria. Se tivesse sido um pouco mais corajosa — ou houvesse bebido mais um pouco de vinho — talvez tivesse dado eu o primeiro passo. Mas ainda havia algo nele de assustador, embora agora por razões diferentes.

Ele contemplou a minha língua a acariciar o lábio inferior, e a sua mão entrelaçou-se-me no cabelo, aninhando-me parte do rosto. Apertando o suficiente para me excitar. Devo ter gemido, porque ele se aproximou até sentir o calor do seu hálito na minha boca. Cheirava a vinho, couro e menta. Fechei os olhos e encostei-me.

— Oh, por amor da santa. — Uma voz exasperada de homem chegou da porta, que fora aberta.

Dei um salto e afastei-me do Kane, que se manteve perfeitamente imóvel no chão. O Griffin, acompanhado de um punhado de soldados e guardas, apinhava a entrada.

— Comandante — cumprimentou o Kane com naturalidade. — Até que enfim.

Depois de termos saído da adega, o Kane mandou-me para a enfermaria enquanto ele e o Griffin avaliavam os estragos. Felizmente, muito poucas pessoas haviam sido feridas na explosão. Tratei de alguns estroinas de Peridot e de Onyx, e de dois guardas prisionais que tinham suportado as queimaduras da explosão do Halden. Pode não ter sido o meu melhor trabalho, uma vez que ainda me encontrava um pouco ébria, mas felizmente as capacidades curativas eram-me inatas. Só tarde na madrugada consegui regressar aos meus aposentos.

Os pés doíam-me enquanto abria a porta do quarto.

Senti imediatamente a sua presença no espaço tenuemente iluminado. O Kane encontrava-se deitado na minha cama, uma mão atrás da cabeça — a imagem do conforto.

— Se ganhasse um saco de moedas de cada vez que te encontro num sítio onde não deverias estar, seria uma curandeira muito rica.

Ele soltou uma gargalhada.

— Como estava a enfermaria?

Descalcei os sapatos, os pés a doer, e subi para a cama, ao lado dele, totalmente vestida.

— Esgotante. Sou capaz de ter operado alguns soldados um bocado bêbeda. Mas eles eram fortes. Quem é que precisa dos cinco dedos, afinal de contas? — Ele olhou-me em choque, até que soltei uma gargalhada. — Estou a brincar. Toda a gente parece ótima, embora ligeiramente abalada.

Suspirando, estudei os nós no teto de madeira. Ele imitou-me.

— Fico feliz por sabê-lo.

Voltei-me para o encarar.

— E agora o que é que acontece?

— Os meus melhores espiões estão no rasto dos homens de Amber neste preciso momento. Amanhã, o Griffin e eu iremos perseguir quaisquer pistas que encontremos. Precisamos de os apanhar antes que deem ao Gareth e ao Lazarus informações sobre mim ou sobre Shadowhold. Toda a fortaleza e os nobres de Peridot de visita julgam que o que aconteceu foi um acidente na cozinha. Não há grande coisa que possamos fazer esta noite.

— E em que sarilhos estou eu? — preparei-me para o pior.

— Verdade seja dita, só me culpo a mim. Já devia saber que não poderia ameaçar alguém de quem tu gostavas. Amas de forma demasiado intensa.

Queria lembrar-lhe que não estava apaixonada pelo Halden, até me aperceber de que ele não se referia a um amor romântico. A sua tolerância para com a minha traição era chocante.

— Bem, lamento a minha parte nisto. Se eu tivesse sabido quem ele era... — Não fazia ideia de como terminar a frase.

O Kane limitou-se a anuir e fixou novamente as tábuas de madeira do teto acima de nós.

— Tenho tantas perguntas em relação ao assunto de há pouco. Acerca da história das Fae. A Mari iria provavelmente vibrar de curiosidade.

A boca de Kane arredondou, mas não disse mais nada e eu não perguntei. Talvez sentisse que, depois da ajuda que dera ao Halden na fuga, não tinha o direito de o massacrar.

Deixámo-nos estar num silêncio confortável por uns instantes. Não estava certa se ainda era o vinho a correr-me nas veias, o alívio de finalmente compreender o homem ao meu lado ou a hora tardia e estranha, mas não conseguia arranjar maneira de odiar o Kane nem mais um minuto.

Verdade seja dita: provavelmente já não o odiava desde o dia que havíamos passado na floresta.

— Fala-me de Abbington.

As palavras dele apanharam-me desprevenida e pus-me impetivelmente hirta.

— Já te falei. O que é que lhe chamaste? Uma «coleção de choupanas»?

Mas ele limitou-se a abanar a cabeça e a fixar o olhar em mim.

— Não, as coisas boas... conta-me do que gostaste enquanto crescias lá.

Era mais fácil do que esperava regressar à clareira junto de casa, às ruas de calçada, aos pequenos chalés e quintas. Consequia cheirar o ar fresco, o milho colhido todo o ano, o vapor que se libertava do meu chá de mirtilos e maçã, quente dentro da cozinha gelada.

— Não era glamoroso. Não tínhamos os ornamentos que vocês têm, mesmo aqui, no meio da floresta. Mas toda a gente era gentil e tentava ajudar-se mutuamente. As tabernas eram quentes e estavam cheias, os pores do sol eram sempre espetaculares nas montanhas. Não sei... Era a minha terra.

— E a tua família? Como é que eram?

— A Leigh, a minha irmã mais nova, é uma ameaça. É de longe demasiado esperta para a sua idade e diz sempre o que pensa. Mas é tão perspicaz e espirituosa. Faz-me mesmo rir. Ias adorá-la. O Ryder é o sedutor. Tem o tipo de confiança que até os charlatões seguiriam cegamente. Nunca conheci ninguém que não ficasse completamente enamorado dele. Até os nossos pais. E a minha mãe... — Voltei-me para olhar para o Kane, cuja expressão se tornara melancólica. Uma dor no coração obrigou-me a uma pausa.

— A tua mãe?

Aclarei a voz.

— Costumava cantar enquanto cozinhava, quando estava mais saudável. Inventava sempre umas canções que nunca pareciam soar lá muito bem. Tentava rimar «aipo» com «tipo», e coisas assim. — Sorri, embora sentisse a garganta apertada. — Fazia tudo melhor. Cada dia mau na escola, cada farpa, cada vez em que me sentia tão assustada que não conseguia respirar. Esteve doente toda a minha vida e nunca se queixou. Nem uma única vez.

— Lamento — disse o Kane, os olhos quase feridos. — O que esta guerra fez à tua casa e à tua família. Juro que os vou encontrar. — Anuí porque acreditava nele. — E um dia, quando o Lazarus for vencido, irei reconstruir todas as cidades e vilas, como a tua, que ficaram destruídas.

Refazer lares e curar os feridos.

— Posso ajudar-te nesta última coisa — disse eu, antes de perceber até que ponto parecia patético. Quase a suplicar-lhe para me manter por perto. Para me levar consigo.

Os olhos iluminaram-se-lhe com uma expressão nova. Algo que não conseguia bem situar e que desaparecera numa fração de segundo.

— Curar é a tua coisa preferida, passarinho? Ou fazê-lo simplesmente por causa do teu dom?

— Adoro. Adoro curar pessoas. E gosto de ser boa nisso. Será que é pretensioso?

A boca ergueu-se num sorriso.

— Claro que não.

— Mas a minha coisa favorita... Adoro correr. Se pudesse, corria todas as manhãs e todas as noites. Durmo que nem um bebé. Também gosto muito de flores. Acho que teria gostado de ser ervanária. E a Mari também me fez gostar muito de ler. Gosto das histórias de amor e dos épicos, contos fantásticos de piratas e conquistadores.

Ele arquejou divertido.

— Não gostas de ler? — perguntei.

— Gosto. — Aconchegou atrás da orelha uma malandra madeixa castanha que se espalhara na minha cara, e todo o corpo se me acendeu como um fósforo. Obriguei-me a manter-me calma, mas senti-me vibrar e tinha a certeza de que ele percebera. — Mas, como disseste esta noite, sou velho e bronco. Gosto de tomos políticos.

Fingi morrer de tédio, o que me granjeou um sorriso lindo.

— Muito bem. De que mais gostas? — Precisava de mais. Adorava ficar a saber do lado não-perverso do rei Kane. Imaginava-o numa outra vida, a barrar manteiga num pão de trevo e a ler um enorme livro chato num chalé junto ao mar, enquanto os bebés dormiam no quarto ao lado. Tentava não pensar muito em se eu estava ou não noutro lugar desse chalé, a tomar um banho de espuma.

— Bem, já sabes que adorava tocar alaúde em miúdo. Gosto de jogar xadrez com o Griffin. É o único que me consegue vencer.

— Que rei tão humilde — brinquei.

— Verdade seja dita, já não faço muitas coisas de que gosto hoje em dia. O pensamento deixou-me insuportavelmente triste.

— Bom, temos de mudar isso. Quando esta guerra terminar, e puderes afastar-te por momentos dos teus deveres reais, vou levar-te à minha colina relvada favorita, acima da minha casa em Amber. Não há nada que uma caneca de cidra e um pôr do sol com vista para a praça da aldeia, em Abbington, não cure.

— Tens um jeito imenso para isso.

— Jeito para o quê?

— Uma positividade implacável.

O humor contraiu-me os lábios.

— Isso não me parece uma coisa boa.

— Não há nada mais valioso num mundo tão sombrio como o nosso.

Estávamos agora ambos deitados de lado, olhando um para o outro. Havia muito pouco espaço entre os dois e em simultâneo demasiado. Era uma tortura. Dei voltas à cabeça em busca de mais uma pergunta para quebrar a tensão.

— Da última vez que me surpreendeste assim, ainda pensava que eras prisioneiro. Porque é que me foste visitar nessa noite?

— O que é que queres dizer?

— Da primeira vez que nos vimos, estavas nas masmorras para manipular alguém de forma a dar-te informação. Da segunda, precisavas de ajuda médica. Sou a única curandeira, pensaste que não te ajudaria se admitisses que eras o rei... tudo bem, faz sentido. Mas da terceira vez estavas no lado de fora da minha cela, à minha espera. Disseste-me que tinhas ido verificar se ainda planeava fugir. Mas não acreditei em ti nessa altura e muito menos agora. Portanto, porquê?

Ele passou a mão pelo maxilar, pensativo.

— O que te disse nessa noite é verdade. Tinha estado a lidar com algo desagradável. Depois, acho que só queria... estar perto de ti.

O meu pulso acelerou e aguardei por mais. Mais, mais, *mais*.

— Não na qualidade do rei que detestavas. Mas como o homem de quem tinhas começado a gostar. — Abanou a cabeça e suspirou. — E de quem eu começara a gostar.

Então, eu tivera razão depois do dia em que havíamos corrido até ao lago.

A atuação monstruosa era intencional, para ser para os outros aquilo que sentia dentro de si.

— Disseste há uns tempos que se calhar não me tinha em grande consideração. — Calor aqueceu-me as bochechas ante a admissão, mas prossegui. — Que achava que a minha vida valia menos do que a do meu irmão. Percebi não muito tempo depois que pouco me defendera ou sequer pensara em mim durante muitos anos. Será possível que também tu padeças do mesmo mal?

O Kane entrelaçou a minha mão na sua. A palma era áspera, quente e tinha o dobro do tamanho da minha.

— Que passarinho tão perspicaz. Temo que a minha situação seja bem pior. Tu tens estado rodeada por pessoas que te disseram essas coisas. Idiotas, todos eles.

Estava a debater-se com o que desejava dizer de seguida, conseguia senti-lo. Aguardei pacientemente.

— Mageiei muitas pessoas, Arwen. Trago dor para onde quer que vá. Muitas vezes, àqueles de quem mais gosto.

Sabia que aquilo era verdade, mas era pior ouvi-lo a admiti-lo.

— Há sempre um novo dia, Kane. Uma possibilidade de resolver as coisas.

— Não, não há.

Os olhos dele brilhavam à luz da vela, e exalei lentamente.

— Não será isso um pouco... definitivo? Todos são capazes de redenção.

— Estão mortos, Arwen. Por causa de mim. — Estremeci ante a dureza das suas palavras. A autodepreciação e dor entrelaçadas nelas... Não é admirar que se julgasse um monstro. — Não há redenção — continuou ele, afastando a mão da minha. — Apenas vingança.

— Parece-me uma maneira muito solitária de viver.

— Sim — disse ele, como se merecesse semelhante existência.

— É por isso que... — Era uma pergunta delicada de formular, mas ardia-me na mente há demasiado tempo — nunca casaste?

— Não tenho a certeza de que esse castigo seja adequado para ninguém — replicou ele, uma gargalhada amarga soltando-se-lhe dos lábios. — Mesmo para os meus padrões e «amor pela tortura», como gostas de dizer. Ninguém merece sofrer o destino eterno de ser minha mulher.

Um Kane que se censurava... esta era nova.

Ou talvez não. Só naquela noite começara a conhecê-lo melhor.

Ele soergueu-se um pouco.

— Só para que saibas, o Griffin é muito mais fã dessas táticas que dizes agradarem-me do que eu alguma vez fui. Uns pais militares muito rígidos. Uma vez sugeri inclusive que te puséssemos a falar usando de tais métodos. — Os olhos do Kane ficaram perigosamente negros ante alguma memória, e o meu coração acelerou.

— Pôr-me a falar? Para dizer o quê?

— Uma espada foi retirada da minha caixa-forte há uns anos. O Griffin achou que tu talvez soubesses alguma coisa, uma vez que a nossa última pista à época foi em Amber. Era disso que o teu *amante* com cabeça de pombo andava à procura. — Proferiu a palavra com uma careta.

Sentia-me maldisposta com a ideia de o Kane presumir que eu e o Halden havíamos estado juntos de uma forma que nunca acontecera. Especialmente agora que sabia aquilo de que o Halden era capaz.

— Ele nunca foi meu amante. Nós não... — Inspirei de forma estranha.

— Ah.

— Nunca fiz. Com ninguém. — Ele acertara, naquele dia, na sala do trono. E algo naquela estranha hora da noite, como uma bolsa privada só nossa, associada à proximidade dos nossos corpos na cama, levava-me a admissões íntimas como aquela. Talvez ainda estivesse bêbeda.

A expressão dele era impenetrável, mas teve a decência de passar por cima daquela confissão desnecessária.

— Mas sentias alguma coisa por ele.

— Não tenho a certeza. Acho que ele era o que se esperava para mim, e

eu queria desesperadamente ser o que a minha família pretendia. Não senti nada quando ele me beijou nas masmorras. — *Merda*. Definitivamente, ainda bêbeda.

Os olhos do Kane eram como lâminas sobre mim. O maxilar ficara rígido.

Encolhi-me.

— O que é?

— *Merda*. — Suspirou, passando a mão pela cara tensa. — Quero que ele nunca mais te possa tocar, quanto mais beijar. Está a deixar-me fisicamente doente. — Pousou a cara na mão. — Desde quando é que sou um rapazinho ciumento?

O meu coração teve um baque e contrariei um sorriso. Estava a ficar viciada nas suas confissões.

— Mas, se bem me lembro, não faço propriamente o teu género, não é?

O rosto dele contorceu-se, as sobrancelhas unindo-se.

— Não sei bem o que me levou a dizer isso.

— Julgo que te tinha insultado.

— Oh, uma das muitas coisas atraentes que fazes tão bem.

A palavra «atraentes» saída da boca dele ficou-me gravada no cérebro como um selo em lacre, e corei, desejando subitamente que o quarto estivesse ainda mais escuro. Não havia maneira de esconder o rosto, assim tão perto dele. A sua pele dourada brilhava à suave luz da vela. A beleza dele era quase alarmante àquela distância.

Olhou-me com seriedade.

— Foi uma coisa muito indelicada de se dizer e provavelmente proferida em jeito de... autopreservação. Desculpa-me, Arwen. Nada estive mais longe da verdade.

Talvez lhe devesse ter dito como me sentia. Mas era demasiado para sequer começar a partilhar. Maior do que eu. Maior do que ele.

Para ser franca, assustava-me.

Só tinha como certo que confiava mais nele agora do que alguma vez esperara e que deveria partilhar com ele os planos de ir colher a raiz de toca na noite seguinte, durante o eclipse. Talvez pudesse ajudar-me a chegar lá em segurança e a sair do bosque incólume.

Mas já não tinha energia para argumentar com ele, caso achasse pouco seguro. Depois de tudo o que me contara sobre o rei das Fae e das florestas para lá do castelo, duvidava de que quisesse arriscar a vida de qualquer um dos guardas, e menos ainda a sua, para ir buscar uma única flor para a minha mãe — que eu poderia nunca mais vir a ver — para uma poção que poderia nunca funcionar.

As pálpebras tinham começado a parecer chumbo e a puxar-me as pestanas para baixo. Toda a cabeça estava pesada do vinho e da informação devastadora que ficara a conhecer nessa noite.

O Kane passou-me uns dedos preguiçosos pelo cabelo, fechando-me os

olhos e acalmando-me a mente rodopiante.

Perguntar-lhe-ia pela raiz de toca no dia seguinte.

O martelar que sentia no crânio era uma ultrajante cacofonia de dor. Era como se o meu cérebro fosse uma cave debaixo de um salão de baile de gigantes.

Gemi enquanto me levantava da cama e borrifava a cara com a água morna da casa de banho. O verão chegara em força, e eu transpirava em bica apesar da hora. Dormira pela tarde fora e depois deitara-me até ao pôr do sol, incapaz de me mexer, pensando em tudo o que o Kane me contara na véspera à noite, tanto na adega quanto depois.

As perguntas do Halden nas masmorras pareciam-me tão óbvias agora. Perguntei-me até que ponto o Gareth lhe teria contado que planeava vender toda a Evendell ao Lazarus. Uma pequena parte de mim dizia-me que o Halden provavelmente saberia de tudo e ainda assim lutava por ele.

A culpa por o ter ajudado a escapar era esmagadora e, no entanto, o Kane não ridicularizara as minhas escolhas nem me ameaçara com qualquer castigo. Eu cometera literalmente traição, e tudo o que ele sentira fora raiva em meu nome. Raiva por alguém me ter deixado para trás.

Verdade seja dita, ficou mais furioso do que eu ficaria. Mesmo antes de o Kane me ter revelado a verdade acerca do Halden ou das Fae, sabia que nunca sentira nada pelo Halden como o que nutria pelo Kane após uns meros meses. É verdade que uma parte do que sentira fora um ódio puro e fervoroso, mas ainda assim. Era espantoso como um curto espaço de tempo longe de Amber me alterara os sentimentos de quase uma vida pelo rapaz de cabelo claro. O que em tempos me parecera ardente e tenso não passava agora de uma memória difusa, da mesma forma que alguém poderia olhar para o primeiro romance que lera ou a primeira vez que comera chocolate e pensar que se tratara do melhor que o continente tinha para lhe oferecer. Não sabia quantas mais facetas da minha vida anterior sofreriam com uma percepção similar.

Quando me levantei com o sol poente, o Kane já ali não estava, como

sabia que iria acontecer, e sentia-me grata por isso. Precisava de falar com a Mari. Ela ainda não estava a par de que eu continuava ali. Tanto quanto imaginava, partira com o Halden e os restantes. Precisava de lhe contar tudo o que o Kane me revelara e também que quase o beijara. Conhecendo a Mari, isso iria interessá-la ainda mais.

A Leigh teria sido quem ficaria mais encantada. A sua paixoneta em Abbington poderia afinal ter razão. Exceto pela questão das asas, provavelmente haveria Fae por todo aquele reino. Ao pensar na Leigh, fiquei gelada.

A minha mãe, o eclipse. Merda, dormira demais.

Merda, merda, merda.

O eclipse era nessa noite. Agarrei na mochila e vesti a roupa de treino freneticamente. Como é que fora tão estúpida? Ficara tão maldispоста do vinho e enredada no meu ridículo quase romance com um rei sombrio que quase perdera a oportunidade de salvar a minha própria mãe.

Tinha de me focar.

Se falhasse nessa noite, teria muito tempo para me culpar ao longo do ano seguinte enquanto esperava para que a lua se escondesse novamente.

Precisava de encontrar o Kane, e depressa. Fora honesto comigo na noite anterior e agora eu iria ser honesta com ele. Suplicar-lhe-ia para me levar de novo ao local onde a raiz de toca nascia. Não era suficientemente corajosa para enfrentar a floresta sozinha à noite e ele era a única pessoa em quem confiava para me conduzir até lá em segurança.

Quando me acerquei da sala do trono, as sentinelas contemplaram-me com os seus olhos glaciares. Não as culpava: três prisioneiros haviam fugido na noite anterior. Também eu estaria tensa.

— Boa noite, gostaria de ter uma audiência com o rei. Pode dizer-lhe que se trata da Arwen Valondale?

— Ele não está, lady Arwen.

— Onde o posso encontrar? Ou ao comandante Griffin?

O guarda mais alto olhou para o de bigode. O de bigode abanou a cabeça.

— Não estão em Shadowhold, miss — disse o Alto.

Senti que me caía tudo ao chão.

— Bem, onde estão eles? Quando voltarão?

Foi então que me lembrei. O Kane dissera que iria seguir o Halden.

Merda.

O vinho em excesso revelava-se de novo o meu inimigo.

O homem do bigode firmou a posição, levando as mãos à cintura como se pretendesse intimidar um animal.

— Julgo que é melhor ir andando.

Poderia ter discutido com eles, suplicado por mais informação, mas o tempo escasseava. Girei sobre os calcanhares e corri na direção da botica.

As lanternas estavam todas apagadas na pequena sala.

— Dagan! — gritei, mas o ressaltado da minha voz contra as paredes de madeira informou-me de que estava sozinha. Ele teria sido, de todo o modo, difícil de convencer.

Espreitei pelas janelas jaspeadas para a lua deformada no céu. Tinha uma hora, no máximo. O luar prateado brilhou sobre qualquer coisa que apanhei pelo canto do olho, e girei sobre mim, deparando-me com a espada e a bainha do Dagan num armário. Devia tê-la deixado ali quando faltei à aula nessa manhã. Tomei nota mentalmente de que lhe deveria pedir desculpa por isso e pelo que estava prestes a fazer. Peguei na arma pesada, atirei-a sobre as costas e lancei-me velozmente rumo aos estábulos.

Uma vez lá chegando, retirei um animal da sua divisória e esperei que o som dos cascos no trilho de terra não fosse tão alto para outros quanto para mim. Semicerrei os olhos na noite clara, mas só consegui discernir dois guardas. O Portão Norte era muito mais pequeno do que a entrada do castelo, uma vez que se encontrava voltado para uma extensão mais densa de floresta. Depois dos bosques, havia umas quantas montanhas, o que significava que seria muito mais difícil para os inimigos entrarem por ali.

Precisava de pensar rapidamente. A lua estava alta no céu e eu não fazia ideia de como me passar, a mim e ao cavalo, por cinco ou seis guardas ao portão. Conseguiria escapular-me sozinha, mas o cavalo era uma impossibilidade.

Talvez a solução residisse aí — era impossível esconder o cavalo, que serviria de engodo. Teria de correr para alcançar a clareira a tempo, mas tinha uma aberta. Sem pensar duas vezes, sussurrei um pedido de desculpas ao animal e bati-lhe nos quadris traseiros.

Ele lançou-se em frente como uma criatura possuída. Os guardas seguiram-no, tentando agarrá-lo pelas rédeas, mas o desgraçado estava assustado e incapaz de ser apanhado. Esperava que fossem amáveis com ele, mal regressasse aos estábulos.

Quando já só havia um guarda junto do portão — os outros tentavam encurralar a égua —, corri disparada. Se conseguisse transpor a entrada de metal antes que me apanhassem, sabia que seria capaz de ser mais veloz do que o guarda. No tempo necessário para que os soldados de Onyx pegassem nos seus corcéis e me apanhassem, já teria a raiz de toca. Enfrentaria as consequências depois.

Movi-me depressa, mantendo-me nos cantos escuros da orla exterior do castelo. Estava quase junto do portão, quando me desequilibrei e voei em frente. Aterrei em cima do pulso, sentindo uma imediata dor lancinante.

Mas isso teria de ser um problema para mais tarde.

Olhando para trás, vi uma armadilha de metal coberta de relva. Estavam espalhadas por todo o pátio que rodeava o Portão Norte. Portanto, tinha menos homens, mas não se encontrava menos protegido. Deveria ter adivinhado.

Levantei-me de um salto.

E o meu coração aterrou-me no estômago com um baque.

Estava a olhar diretamente para o guarda. E era o mesmo jovem de faces rosadas e barba loira que vira no dia em que a Mari me ajudara a visitar o Halden na sua cela.

Preparei-me para ser conduzida rudemente de volta ao castelo. Possivelmente, para as masmorras.

Abri a boca, um argumento preparado na ponta da língua. Mas hesitei.

A sua expressão. Estava... vazia.

Ele nada disse enquanto olhava para mim. Nem sequer era *para* mim, na verdade. Era mais quase... *através* de mim.

Como se eu não me encontrasse diante dele, coberta de terra e agarrada ao pulso, o guarda franziu o sobrolho a algo atrás da minha cabeça e caminhou até ao ponto onde eu caíra. Desferiu um pontapé à armadilha de metal, confuso. Não fazia ideia de como conseguira aquela sorte, mas não ia ficar para o descobrir. Sai disparada pelo portão, direita à clareira.

Enquanto corria, lembrei-me — o feitiço da Mari não perdera o efeito. Precisava de lhe dizer que o seu «feitiço simples de encobrimento» era capaz de ter funcionado um bocadinho bem de mais. Seria o amuleto da Briar? Talvez tivesse chegado o momento de devolver o objeto encantado ao escritório do Kane.

O Bosque das Sombras era muito mais sinistro à noite. Os troncos torcidos criavam sombras monstruosas e os arbustos espinhosos feriam-me a roupa. Também era de longe mais frio. Apesar de estarmos no pico de um verão abrasador, o Bosque das Sombras, antigo e encantado, era gelado à noite e um nevoeiro fresco flutuava-me em volta dos tornozelos. Quem me dera ter trazido a pele de raposa — para me aquecer e confortar. Parecia uma criança, com medo das coisas que não conseguia ver no escuro. Tentei relembrar-me de que já ali havia estado durante o dia e me sentira a salvo, mas de nada ajudou. Estivera a salvo porque me encontrava rodeada de guardas e cavalos. Homens que me podiam proteger. E o Kane.

Corri velozmente, o ar saindo-me dos pulmões. Não havia nada melhor para o medo do que uma corrida de velocidade.

Ainda assim, os meus pensamentos voltaram a recair sobre o rei. Fizera exatamente o que ele me pedira para não fazer. Esgueirara-me para a floresta à noite, enquanto ele ali não estava. Apesar de já não planear uma fuga, ele ficaria furioso.

O sentimento de fraqueza regressou enquanto contornava um tronco caído e me lembrei de quão próxima estava da clareira. Tinha a sensação de que uma grande porção da minha vida havia sido passada a sentir-me fraca e culpada. Uma pequena parte de mim perguntava-se se acabar em Shadowhold não seria a minha única hipótese de mudar isso. A pancada pesada da espada do Dagan nas minhas costas a cada passo que dava dizia-me que possivelmente esse instinto estava certo.

Apesar de tudo, continuava com esperança de não ter de a usar. Seria a minha primeira vez a lutar com alguém que não o Dagan, o qual, embora não

fosse a pessoa mais calorosa do mundo, não queria, na verdade, ver-me morta. Além disso, trazia a espada do Dagan, não a minha. Era, pelo menos, duas vezes mais pesada do que aquela a que estava acostumada e precisava de a agarrar com ambas as mãos, ao passo que com a minha fazia-o com uma só. Não queria pensar em quão difícil seria empunhá-la com o pulso aberto.

Os meus pulmões já não estavam habituados a corridas assim e, quando cheguei à clareira, arquejava. Ao luar aguado, a relva molhada brilhava em tons de prateado e as árvores pareciam uma teia de aranha emaranhada. Tivera a sorte de me nortear no labirinto escuro, apesar de ter saído pelo Portão Norte. Agora, precisava de encontrar um carvalho — mas tudo me parecia igual e o eclipse ocorreria a qualquer momento. Estava a ficar sem tempo.

— Malditas Pedras — exalei. Não me podia acontecer ter conseguido chegar ali a tempo e depois nada.

Bem de dentro dos arbustos espinhosos atrás de mim, um som molhado de chape fendeu a quietude ensurdecadora da noite. Fiquei hirta como se fora um cadáver e virei a cabeça para escutar com mais atenção — todo o meu corpo a encolher-se ante o som inegável de uma criatura a banquetear-se com algo (ou alguém) que não sobrevivera àquela noite.

Deixei-me cair no chão e rastejei na direção dos arbustos apoiada nos joelhos e nos cotovelos. Através de galhos que me arranhavam e da relva esponjosa, esgueirei-me até conseguir ver por entre os espinhos dos arbustos e quase nem consegui discernir a carcaça de um veado.

Um grito alojou-se-me na garganta ante a imagem diante de mim.

A devorar o corpo dúctil do animal encontravam-se duas criaturas semelhantes a leões. Reconheci-as como quimeras, e particularmente malvadas. Nunca antes vira as criaturas noturnas, mas lera acerca delas num dos livros prediletos da Mari: *Os seres mais sórdidos de Onyx*.

Olhos pequenos e brilhantes sem pupilas. Focinhos horríveis e a rosnar. Dentes longos e afiados saindo-lhes da boca, repletos de baba e carne. Os seus rostos eram tão lustrosos e ameaçadores, as suas patas deformadas tão cobertas de sujidade e sangue, que o meu estômago se revirou de medo puro e julguei que iria vomitar.

Antes que conseguisse recuar e deitar fora o vinho da véspera, reparei onde se estavam eles a banquetear. O pobre veado encontrava-se deitado sobre as raízes de um carvalho que me era familiar.

Merda.

Dei voltas à cabeça. O que é que, *Malditas Pedras*, dizia o livro sobre quimeras?

A Mari falara sem parar nesse dia na biblioteca, pelo que eu só conseguira ler umas quantas frases do capítulo das quimeras. Ao invés de conhecimento sobre as criaturas, sabia cada pormenor da piscina natural favorita da Mari no Bosque das Sombras, aonde o pai a costumava levar quando o calor estival se tornava demasiado insuportável. Não sabia nada acerca das feras diante de mim, mas sabia, *isso sim*, que o Owen garantia

sempre que um ou dois soldados altruístas os acompanhassem, porque o bosque era demasiado perigoso. Que o guarda de que ela mais gostava era um homem mais velho que a costumava tratar por «tranças espertas», porque andava sempre com umas tranças que...

Oh, Pedras.

Era isso.

A água. Era seguro... as quimeras não sabiam nadar.

Os meus olhos descobriram o trilho coberto de árvores pelo qual o Kane me encaminhara uns meses antes. Aquele era um plano incrivelmente estúpido — até para mim —, mas não tinha opções. Precisava de afastar as criaturas do carvalho para aceder à raiz quando florescesse. Não ia voltar para trás e passar o resto da vida ciente de que, se nunca mais visse a minha mãe, tivera uma hipótese de a ajudar e não a aproveitara por medo.

Libertei-me da espada e enfiei-a por debaixo de um arbusto diante de mim. Não conseguiria correr suficientemente depressa com aquilo atado às costas e funcionaria como uma boa sinalização da raiz de toca quando voltasse atrás. Se, conseguisse voltar atrás. Para ser honesta, de qualquer das formas, não seria capaz de a usar com o pulso naquele estado. Deixá-la-ia no bosque, não fosse ser do Dagan. Seria medonho vencer não uma, mas duas criaturas terríveis, só para depois ser morta pelo Dagan.

Alcancei o caminho escavado nas árvores que o Kane me mostrara, inspirei fundo para me acalmar e assobiei às quimeras. A melodia aguda fendeu o bosque silencioso e pôs os animais mais pequenos a fugir precipitadamente. As duas criaturas sórdidas voltaram-se para me encarar, a confusão e a fome espelhando-se-lhes nos olhos.

A mais pequena das duas, com orelhinhas pontiagudas, uma juba selvagem e cornos de bode rígidos, caminhou na minha direção, aparentemente mais curiosa do que outra coisa qualquer. Mas foi o que bastou. Peguei em duas pedrinhas e acertei-lhe na cabeça uma e outra vez. Ela levou a pata à testa saliente e lançou-se numa corrida, rosnando.

E foi então que corri.

Corri pelo trilho pejado de folhas por onde eu e o Kane havíamos caminhado em tempos. Avancei por entre teias de aranha cobertas de orvalho e galhos finos a um ritmo tal que sentia a cabeça pulsar, ouvindo o baque pesado dos passos da quimera atrás de mim.

Bastava-me que ela entrasse na água e depois conseguiria voltar atrás para apanhar a raiz de toca.

Finalmente, alcancei a lagoa.

Girei sobre os calcanhares e esperei que a criatura se atirasse a mim.

Não demorou muito — a quimera rosnou, o luar brilhando-lhe nas presas brancas como osso. Senti todo o ar sair-me dos pulmões e, quando ela se atirou a mim, agarrei-lhe o pelo e lancei-nos aos dois ao lago.

A água gelada paralisou-me e, por um momento, não consegui mexer nenhum membro. Só sentia um gelo tão frio que parecia fogo, e a minha mente e o meu corpo paralisaram numa quietude total, demasiado chocados para respirar, mover-se ou até pensar. Mas eu tinha de...

Obriguei a minha cabeça a sair de baixo do manto sufocante de frio e respirei fundo. Uma onda voltou a submergir-me, enchendo-me a boca, os pulmões e o nariz, enquanto a quimera se debatia e agitava metade da água do lago. A corrente gelada lançou-me em voo na direção do afloramento rochoso. Embati contra ele, perdi o fôlego e voltei à superfície, qual traça na chuva, lutando contra as ondas escuras e procurando qualquer coisa a que me pudesse agarrar.

Porque é que a água estava tão fria? Estivera ali há uns meses, na primavera, e fora maravilhoso. Sabia que a floresta era encantada, mas agora ficara claro que a Mari e o Kane tinham razão — o Bosque das Sombras não era lugar para se estar à noite.

Alancei um galho e balancei-me para cima saindo da água, o que me provocou espasmos terríveis no pulso. A água gelada gorgolejava-me da boca. Ofeguei para respirar.

Um grito horrível de agonia arrancou-me do meu alívio.

Olhei para a lagoa, mas a quimera estava inconsciente, possivelmente morta. Uma já estava, faltava outra — e depressa, caso quisesse evitar o que quer que estivesse a soltar aqueles ruídos. Ou a infligi-los.

Água e algas escorriam-me das roupas. Corri de volta à clareira e rezei para que isso me aquecesse os ossos a tremer. À luz da lua, mal conseguia distinguir a silhueta grande e esguia que avançava na minha direção.

O som fendeu novamente a noite, soltando-se-lhe das mandíbulas num rugido estrangulado. A outra quimera. A chorar de dor pela companheira.

Corri na direção de onde viera, regressando à lagoa.

Mas o animal estava demasiado perto. Não iria conseguir alcançar a água antes de ele me apanhar. Preparei-me para o impacto.

Que nunca aconteceu.

A segunda criatura passou por mim e aterrou na água com um chape. Gemeu de aflição e tentou acordar o companheiro inconsciente, mas a água gelada dominou-a, derrotando-a.

Podia ir-me embora nesse momento. Regressar ao carvalho. Contra todas as probabilidades, o meu plano funcionara, e ser-me-ia possível colher a raiz de toca antes do eclipse. Olhei para a lua. Ainda tinha tempo. Talvez alguns minutos.

Um último lamento assombroso soltou-se da criatura, ainda a tentar lastimosamente manter-se à tona e salvar a companheira. Largou um grito estrangulado que reverberou pelas árvores, gorgolejando enquanto a água a puxava para baixo.

Malditas Pedras.

Não conseguia acreditar que ia fazer aquilo.

Voltei a mergulhar.

Um sofrimento atroz arranhava-me a pele uma vez mais. Aquele mergulho era mil vezes pior, agora que sabia até que ponto a água estava fria. Nadei na direção da primeira quimera, ainda inconsciente. Felizmente, a criatura estava a flutuar, sendo-me possível transportá-la para terra. Arrastei-lhe o corpo maciço em direção à margem do lago e rebolei-a até à relva.

A segunda ia ser mais difícil. Nadei na direção da quimera a chapinhar e tentei alojar-me por baixo das suas enormes patas dianteiras, mas em vez disso levei com uma garra na cara, uma dor ardente rasgando-me o malar. Inspirei fundo e mergulhei nas profundezas geladas.

O silêncio envolveu-me.

Avançando, tentei empurrar a fera para águas mais rasas. Fiz força e gemi, os pés a raspar no fundo coberto de algas da lagoa, até que a criatura finalmente conseguiu sair e libertou água e o veado meio digerido. O fedor era nauseabundo, mas não havia tempo para vomitar.

A primeira quimera não respirava.

Aproximei-me dela rapidamente e comecei a fazer-lhe compressões torácicas. Porém, mal as minhas mãos lhe tocaram no pelo, apercebi-me.

Não, não, *não*.

Era demasiado tarde.

Engolindo um soluço, pousei as mãos sobre o pelo no peito da criatura e murmurei. As palavras do Dagan haviam sido claras: tinha de me focar no que sentia, não no que pensava. Ou no que temia.

Sentia remorsos. Profundos, dolorosos e específicos, como uma agulha a perfurar-me as entranhas. Remorsos por quase ter matado duas criaturas inocentes, fruto do terror.

Uma luz dourada resplandeceu-me das mãos, e arranquei a água fria dos pulmões da quimera que lembravam um labirinto. Animada, movi as mãos ao longo do seu esófago. À medida que trabalhava, a luz que delas emanava foi ficando mais brilhante sobre a garganta da quimera. Empurrando-a, expulsei a água com uma concentração cuidadosa.

A segunda criatura aproximara-se. Ameaçava-me com um rugido que abanava as árvores por cima de nós.

Mas eu não tinha tempo para sentir medo.

— Ela vai viver — anunciei, os dentes a chocalharem uns nos outros em volta das palavras. Sabia que o animal não me conseguia entender. — Posso salvá-la, se não me maltratares. — Empurrei o poder das pontas dos meus dedos para o torso do animal, enquanto a água alojada nos seus pulmões se esforçava por sair.

A outra quimera estudou-me, olhando de seguida para baixo. Lentamente, deitou-se ao lado da companheira, enfiando o focinho entre as costas e o chão da floresta, e choramingando baixinho.

Com um último empurrão, um jato água pútrida saiu da boca da quimera e eu baixei-me. Ela pôs-se de pé e engoliu ar. Já eu exalei. O alívio era como um peso sólido nas minhas palmas. Tangível e fixador.

Graças às Pedras.

A quimera que eu salvara equilibrou-se nas quatro patas e sacudiu o pelo molhado. A companheira encostou-lhe o focinho ao pelo e lambeu-a antes de voltar para o bosque. Encarei o gesto como a minha deixa para sair dali e lancei um último olhar às duas criaturas, mas elas já seguiam na outra direção. A quimera maior olhou-me uma vez, e os seus olhos brancos e melancólicos detiveram-se nos meus por um único momento.

Mas eu estava definitivamente em contrarrelógio. O eclipse erguera-se no céu, pintando toda a floresta de um azul enervante. Sentia os membros pesados porque usara o meu poder, mas corri para a clareira e virei à direita mal vi a prata brilhante da espada do Dagan. Afastei a carcaça do veado e constatei que cada folha de raiz de toca desabrochara num lótus deslumbrante sob a ponta dos meus dedos. Arranquei os que consegui, enfiando-os na mochila. Num instante, o eclipse terminou e as flores desapareceram. A madeira retorcida encontrava-se novamente envolta num luar pálido e sombrio.

Quase sentia vontade de chorar de alívio.

Conseguira.

Sentia-me gelada e iria provavelmente precisar de seis ou sete banheiras de água quente para descongelar. Estava encharcada, coberta de terra, com sangue na cara e torcera a merda do pulso. Ainda me acometiam náuseas e dores devido às terríveis escolhas da noite da véspera relacionadas com o vinho, mas estava viva.

E tinha a raiz de toca.

A ideia de poder dar algum tipo de esperança à minha mãe, pela primeira vez em anos, submergiu-me. Um soluço percorreu-me e eu curvei-me, apoiando as mãos nos joelhos. Chegara a altura de regressar.

Peguei na espada do Dagan, levantei-me e foi então que a vi.

Uma criatura mais horrível do que eu pensava ser possível.

Olhos amarelos e lembrando fendas. Uma boca raivosa e rosnadora repleta de dentes pontiagudos. Um focinho lustroso e molhado. E pior ainda — a estatura larga e a constituição de um homem violento e possuído. Fiquei rígida, a pele arrepiada e as entranhas frias. Apesar de as mãos e o coração me tremerem, virei-me e corri de volta para o castelo o mais depressa que as pernas conseguiam.

Aquela fera que lembrava um lobo perseguiu-me de gatas, os joelhos e os cotovelos em ângulos estranhos. Uma imagem bizarra que provavelmente nunca apagaria da mente. Sabia que aquele animal era mais rápido do que eu. Engasguei-me num soluço e as lágrimas marejaram-me os olhos. Corri, corri e corri — o terror pulsando-me nas articulações, nas pernas, nos pulmões. Não podia morrer assim.

Virei abruptamente à direita na esperança de despistar a fera, mas os seus rosnados seguiram-me na curva e pelo labirinto de carvalhos e pinheiros. Virei novamente à direita, mas o animal ganhou terreno com facilidade. Tropeçando e escorregando nos galhos retorcidos, virei-me para trás e juro que vi um prazer primitivo naqueles olhos. Um predador que gostava da caça.

Nunca conseguiria fugir-lhe.

Só havia uma maneira de sair daquela floresta com vida.

Estaquei, peguei na espada do Dagan e apontei-a à fera.

Os pulmões ardiam-me.

A criatura derrapou até parar e fez um movimento, falhando-lhe largamente o pescoço e cortando-lhe os bíceps. A criatura gemeu, rugindo de seguida. Eu não tinha fôlego para chorar, soluçar ou implorar.

— Sua criança insípida! — Aquela voz era como uma lâmina a embater em metal, desumana e repulsiva. Chocada com o facto de a criatura poder falar, soltei um grito, cambaleando para trás, a espada ainda em riste.

De cada vez que pensava compreender as profundezas dos perigos daquele mundo, algo novo e ainda mais horrível do que o anterior se me mostrava.

A fera atacou e, desta vez, atirou-me ao chão, deixando-me sem fôlego e esmagando-me a coluna contra as rochas. Um soluço saiu-me da garganta —

furioso, selvagem e a pingar de dor.

Mas reprimi-o com toda a força de que dispunha e voltei a levantar-me antes que ele pudesse cravar-me as garras no corpo. Ergui novamente a espada — o Dagan não teria ficado satisfeito com aquela atuação. Entre a exaustão e o pulso torcido, empunhava-a mais como se fosse um taco.

O rosto da criatura lobo contorceu-se. Estava a divertir-se.

— Não estavas à espera de que o lobo falasse?

Tentei responder, mas não encontrava a minha voz enquanto ele se aproximava de mim. Queria gritar, mas só me saiu um gemido. As palmas das minhas mãos trémulas transpiravam de encontro ao punho de couro da espada.

— És mais dura do que me disseram que serias, mas nada que eu não consiga aguentar. Já te sinto o sabor daqui. — O lobo lambeu o ar com a sua língua longa e canina.

Estremeci só de pensar na textura áspera a deslizar sobre os meus ossos.

A fera atacou-me de novo e desta vez houve contacto físico, as suas garras arrancaram-me um pedaço de cabelo. Gritei de dor, o que só pareceu excitar o monstro. Voltou a lançar-se sobre mim, atirando-me o corpo contra o solo musgoso. Uma dor brotou-me no ombro e no cotovelo, o pulso já em profundo sofrimento. O hálito do lobo invadiu-me e cheirava a algo mais poderoso do que magia — metálico e adstringente.

Dei-me conta de que não iria sobreviver àquilo.

Como se a fera houvesse escutado os meus pensamentos, recuou com um uivo violento e avançou para cravar-me os dentes de lâmina no abdómen. Fechei os olhos com força.

Só esperava que fosse rápido.

Por favor, por favor, por favor, *por favor...*

Mas a dor nunca chegou.

Ao invés disso, ouvi o gemido ensurdecedor de uma criatura a uivar em agonia.

Mal conseguia entender a imagem diante de mim. Uma pelagem cinzenta e dourada rebojava num monte no chão da floresta, uma confusão de rosnados, sangue e gemidos — a quimera. Atacara o lobo, salvando-me a vida. E, agora, estava presa nas garras do monstro. Como numa luta de cães, moviam-se tão rapidamente que eu não conseguia intercetá-los. Esperei pelo momento certo e avancei, cravando a lâmina no pelo cinzento e atirando o lobo contra uma árvore.

A quimera caiu, um chifre cortado e uma ferida a jorrar-lhe sangue do pescoço.

Não! Um grito ficou-me preso na garganta.

O lobo cacarejou, expondo fileiras de dentes pontiagudos, e parou diante de mim. Olhei para o animal ofegante a meus pés, que dera a vida pela minha.

Em nome da quimera, iria fingir ser uma pessoa corajosa até o conseguir ser mesmo. Pus-me em posição, levei a espada até ao nível do ombro e desferi um golpe. A fera esquिवou-se, atacando-me de seguida, mas o meu corpo

assumiu o controlo. Semanas de treino — de suor, bolhas, braços doridos e pura determinação — de repente fizeram sentido, como uma chave a entrar numa fechadura. Desferi diversos golpes, mordendo-o no ombro, no pescoço, no braço. Os seus uivos transformaram-se no combustível de que necessitava e, de cada vez que a minha lâmina acertava o alvo, eu ficava mais audaz. Mais forte. A espada parecia-me mais leve nas mãos. Mais do que isso — era uma extensão de mim.

Da minha raiva.

Movi-me como o Dagan, um passo após outro passo cuidadoso, circundando a criatura. Quando ela me atacou, aproximei a espada dela e cortei-lhe uma das patas. Ela uivou e eu senti-o nos ossos.

Não conseguia parar.

A clareira brilhava. Via-a melhor com a luz suave e amarela que nos rodeava. O suor escorria-me da testa, mas uma brisa que não conseguia identificar aquecia-me e arrefecia-me em simultâneo.

Senti-me mais alta. Mais forte. Mais completa.

Podia jurar que vi medo surgir nos olhos da criatura lupina. Atacou-me mais uma vez e, com toda a energia que me restava, apunhalei-o, enterrando-lhe a espada até ao cabo no peito.

Ele soltou um gorgolejar que parecia imbuído de um poder antigo e, com um suspiro agonizante, estendeu a pata que lhe restava na minha direção. Se me chegou a tocar, não percebi. Virei-me e corri para a quimera, a espada ensanguentada ainda nas mãos. A criatura dourada gemia, sangrando sobre as folhas húmidas da floresta.

— Não, não, não — implorei. — Tu estás bem.

Era a quimera maior. Regressara para me ajudar. Uma gentileza demonstrada por lhe ter salvado a vida da companheira, quando fora eu a causar-lhe a quase morte. Não podia deixá-la morrer por mim. As lágrimas escorreram-me pelas faces e pousaram-lhe no pelo.

Os olhos estavam a perder a luz — não havia tempo.

Fiz força com a mão sobre a ferida do pescoço e fechei os olhos, concentrando-me na dor da quimera. Mas sentia-me tão cansada, tão fraca — usara todos os meus poderes e mais alguns na companheira. Nada saiu, nem sequer senti um ligeiro formigueiro nos dedos.

— Por favor, por favor, por favor. — Não sabia bem a quem ou ao que estava a rezar.

Pensei naquele dia com o Dagan. Na forma como retirara calor e luz da atmosfera. Imaginei que colhia o pouco luar que ainda brilhava, sugando-o para a ponta dos meus dedos e redireccionando-o através de mim para a criatura que gemia suavemente.

Algo abaixo de mim brilhou como um nascer do sol. Encorajada, esforcei-me contra a fraqueza e concentrei-me mais no éter — no próprio céu. Poderia colhê-lo. Faz com que funcione. O brilho intensificou-se. Quase conseguia ouvir os pulmões da quimera a encherem-se de ar novamente.

Mas o bosque estava a começar a ficar muito quente.

O que não fazia sentido.

Era verão, mas o Bosque das Sombras estivera gelado toda a noite. As mãos tremiam-me, e o chão parecia-me desnivelado. Estaria a terra a mover-se? Não, as árvores estavam a mexer-se. A quimera encontrava-se de pé e olhava-me com curiosidade. O pescoço...

Estava melhor. Curado. Como?

Um alívio físico percorreu-me os ossos. Tentei ver melhor, mas o pelo grosso e melado da criatura perdia nitidez na noite de luar.

Uma vaga de náusea atravessou-me. Algo pegajoso me escorria pelo corpo. A quimera tentou dar-me uma turra com o focinho peludo, mas eu caí para trás e aterrei na terra com um baque.

Algo estava muito errado.

Uma voz trovejou o meu nome a um milhão de quilómetros de distância.

A quimera fugiu ante o som a ecoar nas árvores. Tentei dizer-lhe adeus.

A figura desfocada de um homem, com um odor familiar a cedro e couro, acercou-se velozmente de mim, as mãos pressionando-me o peito como um peso.

— Não, não é um adeus — assegurou-me a figura, mas a voz era de pânico. — Vais ficar bem.

Lentamente, consegui focar-lhe os olhos de prata movediça perturbados e a mandíbula cerrada.

Era o Kane.

Ele soltou-me a espada dos dedos rígidos, desenrolando cada um deles cuidadosamente até que o metal embateu na terra com um tinido ressoante. Olhei para ele, perplexa. De onde é que viera?

Atrás do rei encontravam-se pelo menos sete homens a cavalo, todos com espadas desembainhadas. Os olhos do Kane estavam arregalados e o seu maxilar cerrado. Envolveu-me o peito com os braços, segurando-me por trás.

— Fica comigo, Arwen. Consegues ouvir-me?

Quando me ri, algo húmido e catarroso me estremeceu no peito, o que me fez tossir. Limpei a boca.

— Tão dramático, meu r... — A mancha brilhante de vermelho na mão transformou-me as palavras num estrangulamento.

Olhei para baixo. O meu peito jorrava sangue entre os dedos do Kane. Levantei-lhe ligeiramente a mão e consegui ver a minha própria clavícula por baixo da carne rasgada.

Tudo se esbateu e senti a escuridão assaltar-me, súbita e inflexível.

Uma dor implacável e excruciante atravessou-me o corpo, deixando-me novamente consciente. Inspirei uma golfada de ar e engoli em seco. Sal pingava-me nas pestanas. A boca sabia-me a moedas.

Quase não conseguia discernir as silhuetas movendo-se como uma tempestade de areia em meu redor. Mulheres com panos húmidos e um homem a envolver-me a cintura em gaze. Alguém me estava a coser a cara. A agulha a perfurar-me a pele era uma dor surda quando comparada com a aguda que sentia no peito e a ribombante atrás dos olhos.

Num qualquer cantinho racional e repleto de teias de aranha da minha mente, perguntei-me quem me estaria a tratar, se eu era a curandeira do castelo. Ri alto e os homens e mulheres que focara trocaram olhares furtivos, dando a sensação de que aquilo os acicatara a trabalhar mais depressa.

Tentei levar a palma da mão ao peito, mas as mulheres ao meu lado não paravam de me afastar. Não importava. Já não me restava qualquer poder. Usara todas as minhas capacidades curativas na quimera. Quando é que isso fora?

Mal conseguia manter os olhos abertos e debatia-me para espreitar por entre todo o tecido que me rodeava.

Tratava-se de uma divisão onde nunca entrara, envolta em cortinas azuis e repleta de mobília em couro. Uma mão-cheia de velas pretas com pavios enrolados ardia na luz ténue. Algo ali libertava um odor que me era familiar, me dava a sensação de estar em casa, mas não conseguia discernir o quê.

Lírios em jarras de pedra salpicavam o espaço. De onde haviam vindo? As delicadas flores brancas contrastavam com a suave luz das velas.

Lindo.

Também, asfixiante.

Estariam cerca de mil graus e sentia-me a sufocar. Tentei sentar-me. Precisava mesmo de ar fresco.

Umas mãos quentes e grandes ajudaram-me.

— Tenta ficar quieta — murmurou o Kane, a voz tão dura como aço. — Já está quase no fim.

Gemi e voltei o rosto para o outro lado, a cabeça toldada e uma náusea a cobrir-me o estômago. Sentia-me zozza, quente e gelada. *Preciso de água.*

— Vou buscar-ta. — O seu odor familiar desapareceu, e a garganta fechou-se-me ante a perda. Ele regressou momentos depois e encostou-me suavemente o copo aos lábios secos e rachados.

Uma explosão aguda de dor ecoou-me no peito e sufoquei de aflição.

— Estás a torturá-la! — rugiu o Kane a alguém, mas não conseguia ver nada por entre a angústia ofuscante.

— O veneno tem de ser purgado, meu rei. É a única coisa que podemos fazer.

— Por favor — suplicou ele. *Suplicou* mesmo. — Então, por favor, sejam mais rápidos.

— Estamos a tentar, mas... — A voz de uma mulher. O medo nas suas palavras era contagioso e infundiu-se-me nos ossos já trementes.

— Não — exalou ele. Era quase um soluço.

— É possível que não haja...

A dor mais verdadeira, mais aguda que alguma vez sentira perfurou-me o peito, direita ao coração e descendo-me aos pés, atravessando-me a alma...

Soltei um grito sangrento e gargarejado na sala demasiado quente.

Não estava a aguentar. Não conseguia, não conseguia, não conseguia...

— Não! — rugiu ele e desta vez fiapos de uma sombra preta encheram o tecido em volta da cama, apagando toda a luz e mergulhando o quarto numa escuridão de meia-noite.

Os espectros abafaram o meu sofrimento num instante. O que antes era uma dor lancinante — pura angústia — era agora... nada. Um nada frio e dormente. Tentei alcançar o Kane, aliviada, confusa... mas descobri apenas o conforto veloz e pesado do sono à medida que os meus olhos se fecharam.

*

Uma guinada de dor explodiu-me nas costas. Abri os olhos e encontrava-me num local desconhecido.

Ou pior: num lugar demasiado familiar — um lugar aonde não ia há anos.

Estava a olhar para o chão de madeira escura da oficina do Powell. Nem valia a pena olhar para a porta ou para as janelas. Sabia que estavam trancadas, que estava presa ali dentro. Preparei-me para outra guinada de dor, mas não veio. Espreitei e logo me arrependi. O Powell encontrava-se diante de mim, o rosto de um vermelho brilhante e rosnando, de cinto erguido.

— Rapariga fraca — disse ele, cuspiendo-se. Lágrimas derramaram-se-

me pelo rosto e ranho borbulhou-me no nariz.

— Pedi-te três vezes esta semana para não brincarees na cozinha — disse ele, a voz fazendo ricochete nas paredes da oficina vazia e fria. Não me queria acovardar, mas não o conseguia impedir. Encolhi-me, na esperança de que as costas parassem de pulsar de dor. Sabia bem que não valia a pena falar.

— És exasperante. Obrigas-me a ensinar-te desta maneira. — Ele tinha razão. Só me magoava porque era péssima. Porque é que não conseguia ser mais forte? Mais inteligente? Detestava que tudo o que ele dizia fosse verdade.

— És um veneno nesta família, Arwen. Estás a matar a tua mãe.

Quando ergueu a mão para me bater de novo, gritei, suplicando-lhe que parasse, mas ninguém me ouviu.

*

— Chiu, Arwen. Ninguém te está a magoar. Vais ficar bem.

Solucei e soluicei, os gritos a mover-se por dentro de mim em resposta à dor.

— Parar com o quê? Arwen? — Parecia agitado. Assustado.

Mas também eu o estava.

*

A cama era como um banho de seda, mergulhando-me em lençóis e deixando-me sem peso. Camadas de tecido revestiam os quatro postes e luzes tremeluzentes espreitavam pelas aberturas. Ainda não havia reparado numa lareira, mas as chamas volúveis que dançavam pelo dossel eram confortáveis. Uma suave melodia de embalar saía de um instrumento algures. Encantadas e encantadoras, as notas ziguezagueavam pelo quarto como fiapos de luar. Davam-me vontade de cantar. Ou talvez chorar.

— Estás acordada — disse o Kane de um canto do quarto que eu não conseguia ver.

Os olhos marejaram-se-me de lágrimas quando ouvi o som da sua voz.

A cantiga melancólica parou, e ouvi-o pousar algo no chão.

O que é que eu vira antes de ficar inconsciente? Imagens de um fumo negro como uma névoa a rodear-me, conjurando-me o sono, eram difusas, mas sabia que as vira. A sensação — não se assemelhara a nada que tivesse sentido antes. Não lembrava magia, tão-pouco uma poção. Era como se algo se houvesse imiscuído na minha alma e me tivesse acalmado a dor. Era uma bênção negra de algum tipo.

O Kane aproximou-se de mim devagar e levou a palma fresca da mão à minha testa. Sabia maravilhosamente bem. Inclinei-me como um animal, esfregando a cara quente na sua mão.

— Tenho algo ainda melhor para ti.

Gemi ante a ausência de contacto. A cama moveu-se e o Kane estava ao meu lado, encostando o corpo ao meu e pousando-me uma compressa fria na testa. Parecia celestial, e voltei a cara para o outro lado, para que ele me pudesse passar pelo pescoço, ombros e braços...

Abri subitamente os olhos.

— O que é que estou a usar? — Conseguia ouvir as palavras arrastadas.

O Kane corou. *É tão giro.*

— Obrigado, passarinho. Estás com uma das minhas camisas. Era tudo o que tinha.

Encostei a cara ao seu corpo, aninhando o pulso ferido no peito dele.

— Estás quente — disse eu.

— Não tão quente como tu. A tua febre ainda não cedeu.

Murmurei.

— Arwen — prosseguiu ele —, porque é que estavas no bosque esta noite? — Fez uma pausa. Tinha os olhos angustiados. — Podia ter-te perdido.

Pegou-me no pulso encostando-o a si como se fosse muito delicado. O meu coração acelerou.

— Tentei encontrar-te. — Espreitei-lhe o rosto angustiado. Levei a mão boa às suas sobranceiras enrugadas e toquei-lhe na têmpora. — Está tudo bem. Consegui o que pretendia.

— E o que é que pretendias?

— Para a minha mãe. Para a curar.

O Kane anuiu, mas eu conseguia perceber que ele não fazia ideia do que eu estava a falar.

— Dorme, passarinho. Eu estou aqui.

Assim fiz.

*

Acordei com o som de tremores e arquejos. Olhei em volta em busca da fonte, percebendo só então que os sons grotescos provinham de mim. Era meio-dia e sentia-me como um porco a assar no espeto. Libertei-me dos lençóis e voltei-me, procurando algum alívio das montanhas de cobertores que me engoliam por inteiro. Bati num corpo duro e percebi pelo odor familiar que era o Kane. Cheirava a cedro húmido. *Se tivesse sido encharcado em uísque e o houvessem ateado.*

— Claramente, preciso de tomar banho — anunciou ele, a voz envolta em sono.

Precisava de deixar de fazer aquilo — a febre estava a impedir-me de

distinguir pensamentos de falas. Estava numa confusão delirante, tudo se mesclava e julgava que ainda por cima teria andado a tagarelar. *Maldita febre.*

A gargalhada sonora do Kane em resposta agitou o colchão debaixo de nós. *Argh.* Será que também dissera aquilo em voz alta?

— Porque é que estás na minha cama? — perguntei. Tentara um tom desagradável, mas saiu-me como se fosse uma criança perdida.

— Na verdade, tu é que estás na minha cama.

Mantive-me firme.

— Porque é que estou na tua cama?

O Kane riu-se de novo, um som alegre e caloroso que me trouxe um esgar torto ao rosto atordoado.

— É tão bom ter-te de volta, mesmo que só um bocadinho.

Não tinha a certeza de para onde havia eu ido, mas sorri ainda assim.

— Não tens de quê.

— Consegues comer? — Fez menção de se levantar da cama para ir buscar comida, mas envolvi os braços e as pernas em volta dele como uma videira.

— Não vás. — Era patética. Não tinha importância *Pacificara-me com isso na morte.*

— Não estás morta, Arwen.

É claro que estava. *Ele conseguia ler-me a mente e eu não tinha calças vestidas.*

— Não te estou a ler a mente; tu estás a falar comigo. E só estás sem calças porque passavas a vida a tirá-las. — Apontou para o chão e espreitei para ver as roupas num monte. Murmurei uma prece silenciosa em agradecimento às Pedras por não haver roupa interior ali também. Voltei a aninhar-me nele.

— Não posso continuar a agarrar-te assim — disse ele. O corpo pusera-se-lhe tenso. Não conseguia perceber se o sonhara. — Mas também não consigo afastar-me de ti.

— O que é que foi aquilo? — perguntei. — A... — Não sabia como explicar. A escuridão enroscada que enchera aquele quarto como sombras vivas.

Mas ele sabia.

— Quero partilhar tudo, Arwen... mas só te traria mais sofrimento.

Abri um olho para o estudar; no entanto, ele estava a olhar pela janela para o sol que escorregava por detrás do bosque abaixo de nós.

— Sou mais forte do que pensas.

— Não, passarinho. És mais forte do que qualquer um de nós. Só tu é que não o achas.

Os gigantes trapalhões haviam voltado, mas desta vez tinham trazido amigos, também eles sem qualquer sentido de ritmo. Esfreguei as têmporas e tentei engolir em seco, a boca a saber-me a algodão. No entanto, a visão e os pensamentos estavam nítidos — a febre cedera finalmente.

Sentei-me e espreguicei-me. Cada articulação no meu corpo, desde os dedos ao pescoço, estalou em sinal de alívio.

E sentia-me esfaimada.

Saí da cama, os pés descalços no chão fresco de madeira, e estudei o quarto que cheirava imenso a lírios. Com que então, aqueles eram os aposentos privados do Kane. Eram mais coloridos do que imaginava. Panos de um azul excêntrico e cortinas de um roxo abafado contrastavam com o chão escuro, as paredes de pedra e as prateleiras atravancadas. Pilhas de livros históricos de que ele me falara emolduravam-lhe a cabeceira.

As portas da varanda estavam abertas e dirigi-me lá para fora, deixando-me banhar no ar fresco e no sol estival como uma flor murcha depois de uma tempestade. Estiquei os braços acima da cabeça e a brisa roçou-me as ancas e o rabo.

Ah, certo. Estava sem calças.

Voltei para dentro a fim de as buscar, mas estavam tão rígidas e cobertas de sujidade, sangue e água do lago que não suportava vesti-las novamente.

Por detrás da cama de dossel encontrava-se um armário repleto de vestimentas quase todas pretas e de aspeto majestoso. No canto oposto, repousava um espelho de corpo inteiro. Preparei-me para o pior e aproximei-me.

De certa forma, não estava tão mal quanto o que esperava. As pernas estavam bem, tirando alguns arranhões e nódoas negras. Senti-me grata por ter roupa interior que me cobria o rabo e grande parte do estômago. A túnica larga do Kane lembrava um vestido e soltei um suspiro de alívio. Um ponto para a modéstia.

De outros prismas, era mesmo muito mau.

O meu rosto parecia horrível. Como uma bruxa louca do pântano. Os olhos não arvoravam a usual cor de azeitona, estava demasiado pálida e tinha os lábios rachados. Os pontos na bochecha atravessavam-me como uma linha férrea, e o meu lábio inferior ainda continuava ferido da noite da explosão. Até o pulso, apesar das ligaduras, estava roxo e inchado.

Levei a palma da mão à bochecha e inspirei fundo, sentindo o bem-vindo ferrão da pele a unir-se novamente e a arrancar-me os pontos da cara. Continuava tão fraca — mas ainda tinha alguma energia para deixar uma pequena marca no processo de cura. Dentro de dias, mal se notaria. Porém, essa não era a parte pior.

Chegara a hora de ver os verdadeiros danos.

Os botões da túnica do Kane eram fáceis de desapertar, mas sentia-me aterrorizada com ver o meu reflexo. Não era uma pessoa necessariamente vaidosa, mas sabia que qualquer que fosse a lesão que a fera semelhante a um

lobo me fizera ficaria comigo para a vida.

Retirando as ligaduras, expus um golpe que me rasgava desde a clavícula até ao topo do peito. Os curandeiros haviam-na cosido lindamente. Ter-lhes-ia de agradecer de alguma forma.

Pela primeira vez, tivera alguém a tratar de mim na sequência de um ferimento. Tratava-se de um estranho conforto não ter de estar sozinha a curar as minhas feridas.

No entanto, ao olhar para os pontos, uma imagem do branco da minha clavícula surgiu-me na mente e agarrei-me ao armário ornamentado para me equilibrar. Não era impressionável; o meu parecer profissional era que a tontura se deveria mais provavelmente a desidratação. Voltei a aproximar-me da cama e dei com o Kane a pousar um tabuleiro com comida para mim.

— Estás a pé — disse ele, os olhos seguindo-me as pernas despidas. Um sorriso aninhou-se nos meus lábios. O olhar desavergonhado parecia-me um sinal de que já não era sua paciente. Ajeitei o cabelo selvagem num gesto de insegurança.

— É verdade — repliquei. — O que é isto?

Subi para a cama e ajeitei uma madeixa rebelde atrás da orelha. Está bem, queria estar bonita para ele. Talvez horas de uma Arwen febril, transpirada e sangrenta pudessem ser apagadas com uma escovadela decente.

— Isto é o pequeno-almoço. Como está a ferida?

— Desconfortável — admiti. — Mas melhor do que esperava, tendo em conta a febre. Não quero saber que tipo de veneno se encontrava nas garras da fera. Obrigada, Kane. Por tudo.

Ele limitou-se a anuir.

A comida diante de mim era de fazer crescer água na boca. Três ovos cozidos, duas fatias de pão de trevo com um pedaço de manteiga com mel, uma maçã fatiada e porco grelhado. Quase me babei.

E, candidamente, não foi a única parte do pequeno-almoco a deixar água na boca. O Kane parecia uma verdadeira delícia. Trazia a camisa desabotoada, expondo uma penugem negra e encaracolada. As madeixas pretas estavam afastadas da cara, uma barba de dois dias polvilhava-lhe o queixo. Nunca o vira com pelos faciais. Resisti ao desejo devorador de lhe pousar a mão no queixo.

— Tens barba — disse, a boca cheia de maçã.

Ele inclinou a cabeça e sentou-se na cama a meu lado, pousando-me a mão na testa.

Ri-me e tapei a boca.

— Não é a febre a falar. Apenas a falta de filtro. — Ocorreu-me um pensamento terrível ao imaginar as coisas humilhantes que deveria ter proferido enquanto estava doente. Como se me pudesse ler os pensamentos, os lábios do Kane curvaram-se num sorriso malandro. Ergui uma sobrancelha dubitativa.

— Oh, nem queiras saber — ronronou ele.

— Para com isso. Estás a mentir. — Tencionava mostrar-me ultrajada, mas o charme dele transformou-me a admoestação em sedução. *Maldito*.

— Nunca saberás.

— Acrescenta isso à lista — murmurei, dando uma enorme dentada no pão doce.

Quando não respondeu, voltei-me para o encarar, mas dei com ele perdido em pensamentos.

— Não é minha intenção esconder-te coisas, Arwen. — Não gostava quando ele me tratava pelo nome. Não é que compreendesse completamente a alcunha, mas começara a descobrir que «Arwen» estava sempre associado a más notícias. — Há certos conhecimentos que só te trariam mais dor.

As suas palavras devolveram-me uma memória singular de um poder estranho que se soltara dele quando eu estava a morrer e me provocara um estado semelhante ao de um sono. Mais forte do que qualquer medicamento, mas não propriamente inconsciência.

Comecei a respirar com dificuldade.

Afastei-me dele na cama.

— Tu...

— Então, lembras-te disso — replicou, o rosto solene, resignado.

— O que é que foi aquilo? És... uma espécie de feiticeiro? — Mas eu sabia... que aquilo não fora magia.

Ele franziu o sobrolho.

— Talvez se to tivesse contado há semanas, não tivesses quase morrido.

Queria perguntar-lhe como é que as duas coisas se relacionavam sequer.

— Acaba de comer — pediu, ao cabo de um instante. — Depois, vamos passear.

Os jardins de Shadowhold eram uma visão bem-vinda para os meus olhos enfraquecidos. As treliças das já esperadas gardénias e lilases rodeavam as fontes negras como breu com flores flutuantes. Rosas de um púrpura aveludado floresciam ao lado de lírios negros e retorcidos, e violetas e glicínias etéreas pendiam acima de nós. Floresciam em abundância flores que eu agora sabia chamarem-se flor de morcego, jarro de dragão e orquídea-aranha. Tratava-se de uma exibição gótica de beleza, algo que eu acabara por adorar. Perguntei-me se uma parte de mim sempre soubera que havia mais naquele lugar para lá do horror.

O Kane passeava ao meu lado, mas manteve-me reservada. Sabia que ele não me faria mal, acabara de me salvar a vida.

Mas sentia-me inquieta, no mínimo. Confusa, com medo — sentia-me à beira de algo que não tinha a certeza se queria saber. Mas agora era demasiado tarde para isso. A Arwen que preferia manter-se no desconhecimento, esperando ingenuamente que todos tomassem conta de si, que tomassem decisões por ela...

A mera ideia dessa versão de mim deixava-me nauseada.

Caminhámos lentamente, apreciando a quietude e o chilrear dos pássaros. Depois de um banho rápido e de ter posto um vestido limpo, encontrara-me com ele ao ar livre no início da noite.

E ele ainda não havia proferido palavra

— Preciso de respostas, Kane — anunciei, sem indelicadeza. Mas era verdade. Já bastava.

— Eu sei — respondeu ele, a determinação desaparecendo-lhe dos olhos. — Só preciso de... pensar.

Tudo bem. Consequia ser paciente.

Passeámos pelo jardim em silêncio até termos passado pelas mesmas flores sombrias, o que me lembrou algo.

— Os lírios brancos. No teu quarto.

Não era bem uma pergunta, mas ele respondeu-me, ainda assim.

— Pensei que talvez te lembrassem de casa.

O meu coração duplicou de tamanho.

— E lembraram. Obrigada.

Ele hesitou.

— Memórias felizes, espero?

Ponderei no que me perguntara.

— A maior parte delas.

Quando ele não respondeu, fixei-o. Estava a observar-me com uma intensidade estranha.

— O que é que se passa?

— Enquanto dormias, pediste aos gritos a alguém que parasse. Pensei que talvez estivesse a sonhar com a fera que te atacou, mas depois continuaste a repetir o nome desse homem. — Percebi que ele estava a tentar com todas as suas forças ser gentil, mas os olhos haviam-se-lhe tornado todos eles pupila. — Nunca deixei de pensar naquelas cicatrizes que vi nas tuas costas na casa de banho. Arwen, alguém te magoou?

Algo na bondade da sua voz me deu a volta ao estômago. Já não queria que me salvassem. Que sentissem pena de mim.

— Não. Quero dizer, sim. Há muito tempo, quando eu era miúda. Estou ótima, agora. — Observei-o a observar-me. — Obviamente — acrescentei, estupidamente.

O Kane parecia capaz de deitar abaixo montanhas.

— Quem? — Rangeu a palavra.

Há muito tempo que não contava aquilo a ninguém. Só o fizera ao Ryder, na verdade. Uma vez quando já tinha idade suficiente para que as memórias me parecessem a vida de outra pessoa. Obrigara-o a prometer que nunca contaria à Leigh ou à nossa mãe.

Uma verdade por uma verdade, talvez.

Preparei-me.

— O meu padrasto, o Powell, batia-me. Não sei bem porquê. Acho que me odiava por não ser filha dele. Não é uma razão muito boa. Mas, por vezes, as pessoas só querem legar o seu sofrimento a outra e usam qualquer desculpa que encontrem. A minha família nunca soube.

— Como? — perguntou ele.

— A minha mãe estava sempre doente; eu sabia que ela não conseguiria viver sem ele. Não podia carregá-la com essa escolha. A Leigh era demasiado nova para esse fardo. O Ryder e o Powell eram tão próximos. Eu conseguia curar os ossos partidos e os vergões muito rapidamente.

— E onde está essa criatura patética agora? Com a tua família?

Abanei a cabeça.

— Morreu há anos. Uma apoplexia.

— Que pena. — Os olhos do Kane dardejavam.

Lancei-lhe um olhar dubitativo.

— O sacana safou-se com demasiada facilidade — explicou, baixando o olhar, o maxilar cerrado. Quando não respondi, acrescentou: — Lamento que tenhas tido de passar por isso sozinha. Tenho pena que tenhas sofrido de todo. — Mais uma vez, toda aquela delicadeza dorida.

— Obrigada — respondi. E estava a falar a sério. — Mas agora é a tua vez. Chega de empatar. — Preparei-me. — O que é que eu vi?

Ele cruzou os braços sobre o peito, um gesto que nunca o vira fazer, e depois descruzou-os com a mesma rapidez. Passou uma mão pelo cabelo cor de corvo.

Refreei a vontade de lhe arrancar as respostas à força.

— Em minha defesa — disse ele finalmente —, tinhas estado a beber.

Esperei que aquilo fizesse sentido.

— Não me pareceu a altura certa para te contar, na adega. E... — O Kane suspirou. — Não te queria assustar.

As suas palavras tiveram o efeito contrário, visto que o medo se enroscou nas minhas entranhas, mas mantive o olhar neutro.

— Lembras-te da rebelião, liderada contra o rei das Fae — disse ele, e eu acenei com a cabeça. — Foi orquestrada por um pequeno grupo que desejava salvar o reino. Derrubar as muralhas impenetráveis e libertar os que estavam dentro delas. A tentativa... foi liderada pelo filho do Lazarus.

— O filho do rei das Fae tentou derrubar o próprio pai?

— Ambos os filhos o fizeram, na verdade. Mas, sim, a rebelião foi liderada pelo mais novo.

Uma pequena garra de pavor raspou-me suavemente a espinha.

— E como é que isso se relaciona com o que eu vi?

O Kane cerrou o maxilar, um brilho de vergonha nos olhos.

— Fui eu. Sou o filho do Lazarus, Arwen.

Mas eu não conseguia ouvi-lo em cima do bramir que se passava nos meus ouvidos.

— Arwen? — disse o Kane, estudando-me.

O Kane era uma fada?

Os seres que eu temia em criança. As histórias destinadas a assustar e chocar, contadas em volta da fogueira. A coisa que eu tinha a certeza — tanta certeza — de que não existia até há duas noites estava agora precisamente diante de mim?

As palavras saíram-me da boca.

— Lutaste contra o teu próprio pai?

Os olhos do Kane observavam-me ferozmente, à procura de algo.

— Tentei. Mas falhei.

A sua expressão era ilegível. Entrelacei as mãos trémulas na saia solta.

— Foi o pior erro da minha vida. Custou-me, a mim e aos que me eram mais próximos, tudo aquilo que amavam. Custou a vida à maior parte deles.

A sua amargura, a sua raiva escorriam como tinta na água.

Dissera-me já que magoava aqueles que amava, mas isto... Isto era...

— Odeio o Lazarus mais do que podes imaginar. Vou vingar os que perdemos e salvar este continente mortal, Arwen. Tenho de o fazer. Não é uma questão de *se*, mas de *quando*.

Baixei a cabeça num aceno. Acreditava nele — como poderia não acreditar? Nunca vira ninguém mais firme em relação a fosse o que fosse.

Mas também me sentia totalmente hesitante.

— Os teus homens sabem quem és? O teu reino sabe-o?

Ele respirou fundo, como que para se acalmar, antes de abanar a cabeça.

— Então o que eu vi quando estava... — engoli a palavra «a morrer» — foi a luz.

— Sim. Cada fada tem uma variação diferente, pelo que nem sempre terá aquele aspeto. Há algo... escuro entrelaçado na minha. Algo que herdei da ascendência feiticeira da minha mãe. Tento usar o poder o menos possível. — O rosto do Kane escondia mal a aversão que sentia.

— Mas usaste-o ontem à noite. Em mim — disse eu.

— Para te silenciar a dor, o sofrimento. Sim. — Olhou-me, os olhos límpidos. — E fá-lo-ia de novo. Cem vezes, se fosse preciso.

— Obrigada — sussurrei.

Ele limitou-se a anuir com um gesto da cabeça.

Massajei as têmporas e olhei em frente, para as sebes que se estendiam diante de nós. Um ligeiro vento estival enfunava-me as saias em volta dos tornozelos.

Percebia agora que o Kane teria provavelmente mais de cem anos. A arremetida de informação dos últimos dias, mesclada com o meu frágil estado físico, estava a levar-me a um colapso mental.

— Estás a reagir surpreendentemente bem a tudo isto — lançou ele.

Encarei-o, inspecionando-lhe o rosto jovem, a pele lisa, o maxilar vincado.

— Que idade tens?

Ele cobriu um sorriso com a mão, esfregando a barba por fazer.

— Cerca de duzentos e quinze. — Fiquei boquiaberta. — Para ser sincero, perdi a noção ao longo dos anos.

Abanei a cabeça, tentando agitar os pensamentos.

— Quando é que foi a rebelião? Há quanto tempo estás a governar o reino de Onyx?

— Deixei o Reino das Fae com os poucos que trouxe comigo há cinquenta anos. Fiquei com o trono de Onyx, sucedendo ao rei de então, um monarca mais velho sem nenhum herdeiro vivo. Criei parte da «persona», como lhe chamaste (o mistério, os agoiros) com os meus conselheiros mais próximos por essa mesma razão.

— Para que ninguém saiba como és ou repare que não envelheces.

— Correto — disse ele.

— E os teus aliados? O rei Eryx e a princesa Amelia?

— Estão a par. Quer da minha linhagem quer da intenção do Lazarus.

Planeiam lutar contra ele. Por Evendell.

A lembrança da desgraça iminente sobre todo o continente era como água gelada a correr-me pelas veias. Não havia mesmo para onde fugir. Não havia maneira de salvar toda a gente.

Independentemente do que acontecesse, de quem ganhasse, muitos estavam fadados a morrer.

Ele esboçou uma careta, como se estivesse a seguir-me a linha de pensamento.

— Não nos resta muito tempo. Os mercenários do reino das Faes andam atrás de mim enquanto o Lazarus se prepara para a guerra. — O Kane engoliu em seco. — Foi um deles que te atacou na floresta.

Estaquei de súbito.

— O lobo era um... mercenário das Faes? — A ideia de eu ter matado um ser daqueles parecia-me uma piada de mau gosto. — Isso não é possível.

— As Faeries muito poderosas têm a capacidade de se transformar noutra criatura. É um dom incrivelmente raro e necessita de uma enorme quantidade de luz. Imagino que o Lazarus esteja devastado por ter perdido semelhante poder. Já não lhe restarão mais de cem indivíduos assim no seu exército. — Perguntei-me se seria orgulho aquilo que via brilhar nos olhos do Kane.

— Foi ele que matou o teu homem no Bosque das Sombras? Quando me levaste contigo?

— Sim. Também foi ele que me arrancou um pedaço à dentada, como disseste naquele dia na enfermaria. — Sorriu ante a lembrança. — Há meses que os mercenários do meu pai andam atrás de mim. — Todos os ferimentos misteriosos que ninguém me explicava... a dentada do Lance, a ferida do Barney naquela primeira noite... — Matámos todos os que pudemos para evitar que denunciassem o meu paradeiro, mas só conseguimos mantê-los à distância durante algum tempo.

A ideia de estarem a perseguir o Kane deixou-me sem cor no rosto.

— Temo que haja ainda pior.

Preparei-me.

— Como é que eu sabia que isso ia acontecer?

— O Reino de Amber anexou Garnet.

Todo o jardim se imobilizou, juntamente com o meu coração. A minha família... eles estavam lá.

— A minha família navegou para Garnet. Pelo menos, era para lá que planeavam ir. Tens de me levar. Para os encontrar.

A expressão do Kane suavizou-se.

— Os meus espões estão perto. Mal encontre a tua família, levo-te até eles. Mas receio que o Lazarus se sinta confiante o suficiente para atacar agora. Tem dois exércitos mortais. — O Kane agarrou-me os braços. Não vacilei ante o seu toque, e os seus olhos pareceram perceber isso, tornando-se calorosos. As suas mãos largas irradiaram-me esse calor por todo o corpo. —

Não podes ficar aqui nem mais um dia, Arwen. A fortaleza já não é segura para ti, nem para ninguém. Ele vem buscar-me. A qualquer momento, tenho a certeza disso.

Engoli em seco. O Lazarus não podia ficar com o Kane — todos os outros pensamentos me haviam desaparecido da mente, exceto esse. *Não podia* ficar com ele.

— Mas, como sabes, Peridot e Onyx fizeram uma aliança. Tens de partir esta noite para a capital de Peridot, a Enseada da Sereia, onde estarás a salvo. O Griffin vai levar-te.

— O Griffin? — Senti-me deprimida. — Então e tu?

— Irei ter convosco quando puder.

Nesse momento, largou-me, e eu senti falta do seu toque como se fosse calor no inverno.

— Para onde é que vais?

— Acho que já chega de honestidade por hoje. — Tentou sorrir, mas não lhe chegou aos olhos.

— Mas agora já me contaste tudo? Acabaram-se os segredos? Não consigo continuar a viver assim, Kane. Especialmente agora. Preciso de saber que isto é tudo.

Ele deu-me um beijo suave na testa. Madeira de cedro e menta fresca inundaram-me os sentidos.

— Sim.

Um peso de que não me apercebera saiu-me do peito. Ele dissera-me semanas antes que não gostava de confiar nos outros e que não podia confiar em mim. No entanto, devagar, de uma forma tortuosamente lenta, deixara-me entrar. Saber que ele mudara de ideias, só por mim — que permitira que partilhasse aqueles fardos com ele — derrubou-me todas as defesas.

Suspirei tão profundamente que me doeram os pulmões.

Quando contornámos a mesma sebe de antes, reparei que um punhado de soldados se alinhara para nos receber. O Griffin chefiava-os, o rosto estoico.

— Agora? — A vaga familiar de pânico revirou-me o estômago. Sentia-me aterrorizada com a ideia de o deixar. A enormidade dos meus sentimentos pelo Kane encharcou-me como uma torrente. Quase caí ao chão... Durante todo aquele tempo, pensara que não era capaz de tais sentimentos. Pensava que o Powell me estragara de tal forma que eu nunca sentiria nada parecido com aquilo. E no entanto...

As sobranceiras do Kane uniram-se dolorosamente diante da minha súplica.

— Sim, agora.

— Espera. — Tive de controlar o coração que me batia desabalado no peito. — Será que, por favor, a Mari poderia vir comigo? — Não poderia deixá-la ali, agora que o castelo estava na iminência de cair.

— Vou pedir ao Griffin que a mande buscar.

Ele observava-me atentamente, o sobrolho franzido, algo em conflito na

sua expressão.

Já não me importava com o quão patética, fraca, assustada pudesse parecer. Com o quão ridículo era ter-me apaixonado por um rei das Fae letal e deslumbrante.

— Voltarei a ver-te? — perguntei.

Sentia-me prestes a chorar.

O Kane parecia ouvir o meu coração a partir-se.

— Espero que sim, passarinho.

Ergui o braço para lhe tocar na penugem escura que lhe crescera no maxilar e no pescoço. As ligeiras olheiras. Apercebi-me, tardiamente, de que ele estava de rastos.

Com cuidado, como se eu fosse um animal selvagem, ele passou-me a mão pela face. Eu estava vagamente ciente do punhado de soldados que de repente achara os seus sapatos extremamente interessantes.

— Tenho de te dizer uma última coisa. — Os seus olhos não se afastaram do meu rosto. — Enganei-me, naquele dia, quando te disse que achavas que valias menos do que o teu irmão. Fizeste uma escolha heroica na noite em que vieste. Foi preciso uma coragem tremenda. Sou rei há muito tempo e raramente, se é que alguma vez, vejo isso, mesmo nos meus melhores guerreiros.

Os meus olhos encontraram os dele por entre uma nuvem de lágrimas.

— Mostraste uma coragem extraordinária quando não tinhas esperança de que isso te salvasse. Quer o saibas quer não, Arwen, há uma força selvagem dentro de ti. Não precisas do Ryder, do Dagan, de mim ou de qualquer outra pessoa para cuidar de ti. Lembra-te disso. Tu és suficiente.

As suas palavras eram uma oração, devastadora e capaz de fortalecer ao mesmo tempo. Estávamos a uns meros centímetros de distância, e conseguia sentir o formigueiro da sua respiração nos meus lábios, os dedos dele a entrelaçarem-se-me no cabelo ainda húmido. O Kane estudou-me atentamente, o sobrolho franzido, e pousou a outra mão em volta da minha cintura. Os seus olhos procuraram os meus uma vez mais, como se quisesse ter a certeza, sem sombra de dúvida, de que eu também desejava aquilo. Esperava que ele pudesse ver que nunca desejara tanto algo na vida.

Soltou um suspiro trémulo e, com uma ternura inesperada, aproximou a boca da minha.

No momento em que os meus lábios roçaram nos seus, soltou um suspiro gutural para dentro da minha boca, como se houvesse estado a sustentar a respiração durante dias. Anos, talvez. À espera daquele momento. Percebia-o bem — sentir a boca dele a envolver a minha, ser abraçada por ele, saber que ele sentia o mesmo — era melhor do que qualquer coisa com que eu pudesse ter sonhado.

Os seus lábios eram suaves, húmidos e penetrantes. Não se apressou, saboreando e acariciando-me suavemente os lábios com os seus, causando-me arrepios em todas as terminações nervosas do corpo. Quando me apertou o

cabelo o suficiente para me puxar mais para si, excitei-me e gemi. Os meus dedos deslizaram-lhe delicada, suave e dolorosamente pelo pescoço, e um gemido saiu-lhe da boca direito à minha. Mordi-lhe o lábio inferior e chupei — queria outro daqueles sons masculinos, baixos e ribombantes. Queria-o mais do que o ar nos pulmões.

Como se pudesse sentir a minha necessidade, ele aprofundou o beijo, a sua contenção deixando de ser gentil para se transformar em algo mais faminto, algo muito mais desesperado. Levou a mão da minha cintura ao meu rosto, aproximando-me o maxilar e varrendo-me a boca com a língua até eu não conseguir evitar um suspiro, e podia jurar que senti um riso perverso a ribombar-lhe no peito contra o meu.

E depois acabou.

Ele recuou, os lábios feridos e abertos, o peito a arfar, e olhou-me apenas uma vez com desejo suficiente para me enfraquecer os joelhos já a tremer. Senti a ausência dele como uma cadeira a ser puxada de baixo de mim. Oscilei com a perda de contacto e vi-o afastar-se demasiado depressa.

Estava a ser cozinhada viva. O verão de Onyx era implacável e o calor intensificava-se dentro da nossa carruagem apinhada. Griffin e os quatro outros soldados que nos acompanhavam haviam-nos assegurado, à Mari e a mim, que Peridot ficava a apenas uma semana de viagem, mas, chegado o segundo dia, esta já parecia nunca mais acabar.

Quando perguntei ao Griffin porque é que não estávamos a viajar de novo de dragão, ele explicou naquele seu tom seco usual que o dragão era «mais um símbolo do poder de Onyx do que um meio de transporte».

Ainda assim, de dragão teria sido menos quente.

Contemplei a paisagem de Onyx passar pela janela da carruagem enquanto a Mari dormia. Fiquei chocada ao dar por mim a sentir saudades de Shadowhold. Talvez fosse o aroma constante de lilases no ar ou a biblioteca gótica e os seus candelabros em ferro forjado. As gardénias contra a pedra. As cadeiras de veludo e o sorriso do Kane.

Sentia falta do meu trabalho na botica e de todas as caras que provavelmente não voltaria a ver. Do sobrolho franzido do Dagan. Não conseguia deixar de pensar no facto de ter combatido com a criatura e vencido graças a tudo o que ele me ensinara. Perguntava-me se alguma vez teria oportunidade de lhe contar a minha batalha. Ele ficaria tão orgulhoso. Nem sequer me despedira.

Os momentos depois de o Kane ter partido eram uma névoa. O Griffin pedira a alguns soldados que me acompanhassem enquanto eu atirava os meus poucos pertences para uma mochila, girando pelo quarto qual tornado. A raiz de toca permanecia guardada em segurança na sacola e retirei os restantes ingredientes para a mistela da botica antes de sairmos de vez e apressadamente da fortaleza.

Na primeira noite na carruagem, confessei tudo à Mari, que desempenhou um papel magistral no que tocava a informar-se. Cobrimos a perdição iminente do continente, a lição de história acerca das Fae, a ferida

provocada pelo lobo, a imortalidade do Kane e o facto de não ser humano e os recantos profundamente inapropriados da minha mente, que, apesar de tudo o que fora anteriormente exposto, o queria despir e lamber da cabeça aos pés.

É claro que a Mari não estava no seu estado de alegria habitual. Ouvindo as notícias dos avanços da guerra — os pormenores relacionados com as Fae eram mantidos secretos —, o pai dirigira-se para uma pequena cidade junto da capital para buscar a irmã dela e os respetivos seis filhos. A Mari não sabia se ele conseguiria juntar-se-lhe em Peridot e tentava nem pensar no assunto.

No entanto, acima de tudo, eu sentia falta do Kane. Só haviam passado dois dias e sabia que não eram saudades reais dele, antes, isso, sim, uma preparação para elas. Parecia-me muito improvável que ele se viesse esconder em Peridot comigo em breve, tendo em conta a guerra com o pai no horizonte. Abrira-se-me um abismo no coração e sentia-me a afogar dentro dele.

A carruagem abrandou até estacar, arrancando-me da saudade e à Mari do sono. O sol já se pusera e saímos diante de uma estalagem estranha e torta com um telhado de colmo.

— Onde é que estamos? — perguntei da janela.

— Nascente da Serpente e falem baixo — disse o Griffin antes de atar o cavalo e entrar.

— É tão autoritário — comentou a Mari, abanando os caracóis ruivos. O sono desfizera-os todos e ela lembrava uma bainha desfiada. — Passas-me os livros? E esse manto? Anda, despacha-te — acrescentou, enquanto saía para o calor pesado do fim da tarde.

Revirei os olhos.

*

A estalagem estava sufocante e desconcertantemente vazia. O Griffin, a Mari e eu comemos um jantar tardio numa mesa de madeira vacilante. Estávamos sozinhos, exceto um senhor de idade com um bigode de pontas reviradas, a rressonar, e dois rapazes locais barulhentos já na quinta bebida da noite.

— Neste aqui encontrei algumas menções à sociedade das Fae, mas nada sobre a sua fonte de poder — continuou a Mari, olhando para o tomo com encadernação de pele que repousava na mesa ao lado do guisado. Estava satisfeitíssima com a nova visão da história das Fae e passara todas as subsequentes horas em que estivera acordada na viagem a fazer pesquisa.

— Mais baixo, por favor. — O maxilar do Griffin cerrou-se enquanto massajava a têmpora. Ao que parecia, não era fã da Mari. Menos ainda quando, depois de precisarmos do seu conhecimento acerca de questões relacionadas com Fae, lhe havíamos admitido que ela sabia do Lazarus e do reino das Fae. Perguntei-me se ele não estaria ressentido por se ver na posição de tomar conta do objeto de afeto do rei e da sua amiga quando estava a ser

preparada uma batalha naqueles moldes.

— Eu sei, eu sei, toda a ideia de um livro é demasiado complexa para ti — disse a Mari. — Isto são *palavras* — articulou devagar antes de se voltar para mim. Escondi um sorriso com um pedaço de batata.

— Peço apenas descrição. Não era suposto que soubessem nada disto. — O Griffin lançou-me um olhar penetrante. — E nunca se sabe quem poderá estar à escuta.

A Mari anuiu numa falsa demonstração de sinceridade, os olhos castanhos arregalados e inocentes.

— Tens razão. Acho que o Dorminhoco atrás de nós está a trabalhar para o inimigo. Belo olho, comandante.

O Griffin contemplou o guisado diante de si, possivelmente a ponderar todas as suas opções de vida. Lancei-lhe o meu melhor sorriso de *Obrigada por a ter trazido*. Ele levantou-se, deixando o jantar para trás.

— Mar, porque é que o contrarias?

A Mari voltou a olhar para o livro enquanto levava uma colherada à boca.

— Não é minha intenção.

Lancei-lhe um olhar furioso.

— Enfim — prosseguiu ela, baixando a voz —, não sei porque é que a luza é o que mais te interessa de tudo o que o Kane te contou. Não há nada aqui sobre o assunto.

Raios.

— É essa a questão. Mesmo que contra todas as expectativas derrotemos o rei...

— O que não me parece que aconteça.

Lancei-lhe um novo olhar irado.

— Desculpa — acrescentou ela.

— Mesmo que o conseguíssemos, há dezenas de milhares de mortais e de Fae a viver num reino infernal. Não é justo. E não podemos salvar-lhes as terras, nem trazê-los para aqui, se não soubermos mais sobre a luza.

Afastei o prato. Sentia uma certa azia e de repente nada me parecia pior do que uma papa feculenta e granulosa.

A Mari olhou-me desconfiada.

— Desde quando é que te preocupas tanto? Com um reino de cuja existência só ficaste a saber há cinco dias?

Não lhe podia responder. Não tinha a certeza. A sensação de impotência era-me demasiado familiar. Experimentara-a todos os dias da minha vida até chegar a Onyx. Mas aprendera a viver sem a minha família. A fazer esgrima, a ser audaz. Sobrevivera a um ataque de um mercenário das Fae. E agora o Kane contava comigo — chamara-lhe uma positividade implacável, mas, apesar de toda a impotência, um outro sentimento florescia dentro de mim.

E talvez fosse esperança.

O cobertor de *patchwork* parecia-me áspero contra a pele e a cama cheirava a bolas de naftalina e a roupa acre. Virei-me para o outro lado para ver se dessa forma estaria mais confortável.

Não aconteceu.

A almofada estava quente de encontro à minha face, independentemente das voltas que lhe desse, e o ar estagnado da estalagem sufocava-me. Vesti as minhas únicas botas e desci as escadas antes de saber sequer para onde ia.

Lá fora, o ar fresco era como uma carícia no rosto. Inspirei fundo o trigo de obsidiana e a relva cortada. Apaixonara-me ligeiramente pela terra áspera de Onyx. Erva-príncipe, lilás, lavanda. As fragrâncias doces e pegajosas da minha terra natal pareciam-me enjoativas por comparação.

Com as palmas das mãos em concha, servi-me da água do poço da estalagem para salpicar a cara. O som de metal a embater em metal surpreendeu-me e voltei-me, vendo dois homens a lutar na distância. Quando um deles gritou por misericórdia, as minhas pernas começaram a mover-se com vontade própria.

Ainda não era manhã, pelo que esfreguei os olhos e semicerrei-os à luz ténue, procurando algum tipo de arma para os travar. Só vi um longo pedaço de madeira.

Teria de bastar.

Corri na direção dos homens, preparada para acabar com a luta usando um ramo, quando ouvi um estrondo profundo de risos masculinos.

O suspiro que soltei foi quase cómico.

O Griffin estava sem camisa e a transpirar em bica. Tinha o cabelo loiro colado à testa. Diante dele, um jovem soldado de cabelo todo desalinhado com quem viajáramos fez uma estocada. O Griffin esquivou-se ao golpe acima da cabeça com facilidade, após o que lhe acertou na cabeça com o botão do punho da espada.

— Au!

— Menos conversa e mais atenção à tua distância. Estamos a aproximar-nos demasiado — disse o Griffin. As sobranceiras arregalaram-se-lhe quando me viu.

— Bom dia, curandeira. — O Griffin baixou-se sob o ataque seguinte e acertou no estômago do rapaz com a outra mão. — Se tivesse a minha adaga, Rolph, estarias morto.

O Rolph deixou cair a espada e afundou-se num fardo de feno ali perto.

— Está bem. Estou morto.

— Que raio de atitude é essa? — perguntou o Griffin, mas o Rolph já se encaminhara na direção do poço, decerto para ir buscar água para tratar do seu ego ferido.

— Podias ser um pouco mais brando com ele — disse eu, pegando na

arma descartada.

— E nesse caso o que aprenderia?

Girei a espada nas mãos.

— Também podias ser um pouco mais brando com a Mari.

A energia divertida do Griffin alterou-se.

— Foi ela quem to disse? Que eu tinha sido duro?

Abanei a cabeça.

— Não, sou eu quem o está a dizer.

O Griffin murmurou algo impercetível.

Sentira saudades do peso do aço nas mãos. Do poder que me assaltava quando empunhava uma espada.

— Que tal uma aposta?

O Griffin ergueu uma sobranceira transpirada.

— Tens passado demasiado tempo com o nosso rei — disse ele. Depois, ao cabo de algum tempo: — Vamos a isso.

— Se eu conseguir acertar-te uma única vez, tens de dizer algo amável à Mari. Um elogio genuíno.

O Griffin revirou os olhos.

— Achas que somos o quê, miúdos de escola?

Sorri.

— Está bem. Mas, se não conseguires, o que é que eu obtenho?

Pensei por uns instantes.

— Griffin, não sei nada sobre ti. O que é que quererias?

— Um jantar em silêncio hoje à noite. Se tenho de tomar conta de vocês as duas até chegarmos à Enseada da Sereia, pelo menos, façam com que isso seja suportável.

— És terrível. E aborrecido.

Agora foi a vez de o Griffin sorrir.

— São as pequenas coisas.

Antes que pudesse responder-lhe, lançou-se a mim, a espada no ar. Desviei-me de uns quantos golpes, mas alguns acertaram-me nos braços, no abdómen e nas costas. O Griffin tinha experiência a ensinar, parecia, visto que cada golpe era dominado com uma perícia tal que se precipitava para mim com velocidade, mas aterrava com uma ligeira ferroadada. O seu estilo era muito mais veloz e desconexo do que o do Dagan; atirava a espada da mão direita para a esquerda e saltava sobre as minhas tentativas de golpe baixo.

Dez minutos depois, as pernas mal conseguiam manter-me de pé.

— Está bem, está bem — arquejei. — Já chega.

O Griffin lançou-me um sorriso enfurecedor. Com um sopro, afastei o cabelo da cara como um cavalo enervado. O Griffin soltou uma gargalhada.

— Não fiques demasiado deprimida. És muito melhor do que o que esperava. O velho ensinou-te bem.

— Foi o Kane quem te contou?

O Griffin anuiu, mas por detrás dos seus olhos havia algo que não

conseguia precisar.

— Vai limpar-te. Saímos dentro de uma hora.

Arquejei. Lá se ia a forte e poderosa exterminadora de Fae.

— Poderias vir a ser razoável, com um pouco mais de prática. Avisa-me, caso queiras continuar a treinar.

Fiz uma pausa.

— Pensei que me detestasses.

A expressão do Griffin mal se alterou, mas os olhos haviam-se tornado solenes.

— Não, curandeira. Não te detesto. — Soltou um suspiro e sentou-se no fardo de feno ao meu lado. O sol começara a nascer e a luz vacilante reverberava-lhe nas madeixas douradas do cabelo.

Apercebi-me de uma coisa, algo em que andava a pensar havia meses.

— Porque é que perseguiu o Kane naquele dia na enfermaria? Ele não era um prisioneiro evadido.

Um sorriso pesaroso aninhou-se no rosto do comandante. Ainda era estranho vê-lo sorrir.

— Ele precisava que o curassem, mas ainda não te queria dizer quem era. Discutimos por causa disso. — O Griffin cerrou os dentes ao lembrar-se. — Fugiu de mim.

Soltei uma gargalhada.

— *Perseguiu-o?*

O sorriso do Griffin desaparecera.

— É minha função proteger o rei. Tu és... — Coçou o queixo, tentando encontrar as palavras. — Perigosa para ele.

Zombeei.

— Certo. O grande rei Kane Ravenwood derrubado pela Arwen de Abbington. Assustador.

O Griffin levantou-se.

— Não é um assunto risível. Ele não pode ter uma só fraqueza quando está a fazer frente ao Lazarus e, contudo, tu és a fraqueza dele. Nada pode ser mais perigoso para Evendell.

*

Nessa noite, depois de outra viagem sufocante na carruagem, sentámo-nos numa estalagem diferente. Aquela era propriedade de uma família amorosa e róiça, e cheirava muitíssimo a porco.

O jantar foi uma situação estranha. Enquanto os restantes guardas com que viajáramos se sentaram em volta da lareira apagada da estalagem — estava de longe demasiado quente para uma única chama — a beber cerveja e a contar histórias, nós os três encontrávamo-nos num silêncio agressivo a debicar a comida. A Mari estava, no mínimo, descontente com o meu acordo.

Tive de lhe prometer três livros novos quando chegássemos a Peridot.

O silêncio era ensurdecedor, mas os olhares entre os meus dois companheiros de refeição eram ainda piores. A Mari fitava o Griffin com a raiva de um gato encharcado. O Griffin era a imagem de uma calma presunçosa, o que só enfurecia ainda mais a Mari.

Os minutos passavam tortuosamente. Comi o mais depressa que consegui. A Mari estudou o Griffin até que a raiva pareceu transformar-se em algo completamente diferente. Os olhos dela mudaram, e a paz dele tornou-se suspeita.

Não ousei perguntar o que se estava ali a passar.

De repente, ela pôs-se vermelha como um tomate e olhou para a comida. Parecia que o porco malcozinhado se tornara de súbito fascinante. Olhei para o meu prato e depois para o dela, mas não vi nada digno de nota.

Voltei a espreitar o Griffin. Contemplava os olhos cor de chocolate da Mari com o que me pareceu remorso.

Aclarou a voz.

— O teu cabelo é radiante. Como o sol depois de uma tempestade.

A Mari ficou boquiaberta, e o Griffin levantou-se abruptamente, as duas pernas altas a bater na mesa e a fazer os talheres saltarem. Saiu mais cedo pela segunda vez seguida.

— O que... o que é que se passou? — perguntei-lhe. Ela pareceu ainda mais chocada do que eu.

— Não faço ideia — respondeu pela primeira vez desde que a conhecia. Quem sabe se na sua vida. Passou um dedo ocioso pelos caracóis e continuou a jantar.

Soube que havíamos chegado à costa ainda antes de abrir os olhos. A brisa do mar entrou vogando pela janela da carruagem e a temperatura baixou uns vinte graus.

— Oh, graças às Pedras — murmurei, a boca ainda pastosa do sono.

— Arwen, levanta-te! — A voz da Mari parecia vir de muito longe. Abri um olho, vendo-a encostada à lateral da carruagem, a cabeça fora da janela, os olhos a semicerrarem-se ao sol.

— É tão bonito — disse ela.

Não consegui deixar de sorrir antes de me estreitar contra a minha amiga.

O coração brilhou-me no peito perante a vista, em consonância com o sol lá fora.

Peridot era luxuriante e mais assombrosa do que qualquer outra coisa que pudesse ter imaginado. Uma vez mais, a ideia de quão pouco conhecera de Evendell acertou-me como um murro no estômago.

O castelo que se estendia diante de nós, no topo da colina mais alta, lembrava um rancho. Vigas de bambu, um grande portão coberto de colmo e milhas de uma terra exótica e texturada espalhavam-se em todas as direções. O odor a água salgada e frangipani entravam pouco a pouco enquanto espiava vacas, cavalos e cabras. Colinas luminosas e verdes estendiam-se para lá dos portões do castelo como ondas num mar, todas pontilhadas de flores tropicais. Agora, teria de lhes descobrir o nome também.

A cidade em si estendia-se para lá do forte, mesclando-se com as árvores e colinas e tornando-se mais densa até termos de semicerrar os olhos para a discernir. Como se a Enseada da Sereia fosse protegida pelo posto avançado do rei e não o contrário. Pelo que conseguia ver, a cidade era mais parecida com a minha vila de Abbington do que aquilo que imaginei que uma capital movimentada fosse. O fumo saía de telhados de palha, galinhas e cavalos cacarejavam e relinchavam. Famílias, crianças e mulheres a equilibrar baldes

e cestos agitavam-se de um lado para o outro.

Porém, a vista de se ficar com o queixo caído encontrava-se muito mais perto, mesmo fora da carruagem e à direita. A poucos quilômetros da casa real, estendia-se a praia.

As docas em Abbington eram, na melhor das hipóteses, um abrigo lúgubre e suspeito para madeira flutuante e pelicanos. Barcos e navios de todas as formas e feitios apinhavam o porto, e pescadores com poucos dentes ocupavam o ínfimo espaço que restava. Os meus irmãos e eu descíamos a andar quarenta minutos para dar um mergulho gelado, subindo de novo ao anoitecer, o sol tremeluzente a fundir-se na marina, as nossas pernas doridas, bronzeadas e a tresandar a água salgada e a truta.

Aquilo era uma coisa completamente diferente. A enseada em forma de meia-lua, abrigada por penhascos baixos de pedra, encontrava-se repleta de ondas da cor da esmeralda, desfazendo-se numa praia de areia suave e cor-de-rosa. Uma densa floresta tropical crescia atrás dos penhascos, cheia de árvores com espigas que eu nunca vira. Uma brisa fresca mesclada com o ar húmido fazia-me cócegas na pele. Apetecia-me comer a atmosfera.

— Anda — disse a Mari, arrastando-me da carruagem, mal esta parou. Seguimos os soldados até ao portão do castelo.

Senti-me menos agradada por ver a princesa Amelia do que imaginara. O seu cabelo de um loiro esbranquiçado caía-lhe por cima das vestes largas. Uma única tira de tecido bege cobria-lhe o peito, mas expunha a pele bronzada da barriga. Uma saia do mesmo material arejado pendia-lhe bem abaixo da cintura até ao chão.

Ela tinha um corpo incrível e o material translúcido certificava-se de que todos num raio de cinco milhas o ficassem a saber. Algures entre vê-la a abrir caminho para uma aliança namoriscando com um velho amor e sentir a língua do Kane na minha boca, decidira que ela seria minha inimiga. Ou talvez algo ligeiramente menos dramático. Mas só ligeiramente.

Ao lado dela, encontrava-se o pai, o rei Eryx. Tinha o mesmo cabelo pálido e olhos de um tom amber luminoso e quente. Como girassóis — tal qual a filha.

— Bem-vindo, comandante Griffin — exultou o Eryx.

O Griffin esboçou uma vénia e todos o imitámos.

— Comandante. — A Amelia cumprimentou o Griffin calorosamente. Ele fez uma nova vénia, pegando-lhe na mão e beijando-a.

O Eryx parecia bastante agradado com aquela interação.

— Ainda à espera de arranjar mulher, meu querido comandante?

A Amelia revirou os olhos com veneno suficiente para até eu me encolher de medo. Mas o Griffin, calmo como sempre, nem sequer corou.

— Ando um pouco ocupado com a atual circunstância, Vossa Majestade.

O Eryx esboçou um sorriso caloroso e soltou uma gargalhada matreira.

— Compreendido. Julgo que falo por todos quando digo que nos sentimos gratos pela sua dedicação. Quando tivermos vencido os sacanas de

Amber, garanto-lhe que a minha querida Amelia ainda aqui estará, à espera. Como sempre.

Quase fiquei vesga tal era a minha vontade de revirar os olhos. Não gostava particularmente da Amelia, mas também não me agradava que o pai a estivesse a oferecer como se fosse gado.

— Ela pode ser traiçoeira, mas aposto que o título de príncipe de Peridot ajuda a repensar o assunto? — A sua casquinada transformou-se numa tosse, e o sorriso suave do Griffin nunca lhe chegou aos olhos.

Reparei, pelo canto do olho, que a Mari arvorava uma expressão incomodada. Sem mais gracejos — se é que poderíamos assim chamar à proposta sem tato do Eryx —, fomos acompanhados até ao interior do palácio arejado e o Griffin seguiu o rei por outro corredor.

A princesa não nos prestou a menor atenção antes de desaparecer.

— Ela é irritante, não é? — declarou a Mari entre dentes.

— Nem imaginas quanto.

*

Foi-nos mostrado o quarto com que cada uma ficaria no decurso da nossa estada por tempo indeterminado. Não consegui evitar ficar boquiaberta ao entrar e me deparar com a vastidão quente de chão de madeira de teca e a cama de dossel. A aragem vinda das enormes janelas com vista para a baía turquesa bruxuleante filtrou-se-me pelo cabelo. Uma única ave exótica com asas de um tom vermelho-claro empoleirou-se no peitoril.

Deitei-me em cima dos lençóis de algodão branco e cantarolei aliviada. Nada de estalagens, nada de calor asfixiante. Talvez conseguisse finalmente dormir uma boa noite de sono.

Mas ainda não podia descansar. Prometera três livros à Mari e tencionava cumprir a promessa. Além disso, sentia-me entusiasmada por conhecer a biblioteca de Peridot. A de Shadowhold era encantadora e encontrava-se num mero posto avançado do exército. Aquele era um palácio na capital de Peridot, a Enseada da Sereia. Talvez a biblioteca deles se situasse numa lagoa.

Caminhei pelo castelo. Cada centímetro se encontrava adornado ou com videiras ou com almofadas ou com missangas delicadas. Perguntei indicações para a biblioteca a um dos empregados que estava a limpar o pó a uma cadeira de lona. Era estranho ter vivido numa aldeia toda a vida e depois sido prisioneira apenas uns meses antes e agora convidada da realeza.

O som das ondas a desfazer-se na Baía da Sereia seguia-me para todo o lado, como uma melodia bem-vinda. Abri as portas de bambu da biblioteca e passei por alguns soldados de Peridot, em tronco nu, vestidos com calças couraçadas e elmos. Tinham os troncos e braços cobertos de tatuagens com padrões intrincados que condiziam com as suas longas lanças.

A biblioteca era simples, repleta de livros coloridos e pergaminhos, uma lareira quente no centro da divisão, rodeada de almofadas brancas. Porém, a lareira aconchegante e os seus poucos leitores amontoados não eram o ponto alto do espaço — antes a grande varanda com vista para a belíssima baía. Águas calmas e cristalinas banhavam a costa. À esquerda, encontravam-se, pelo menos, quinze enormes navios com a insígnia de Peridot nas velas. O sol estava baixo no céu, refletindo-se nas ondas em longos raios.

Não sabia como passara vinte anos sem ver um oceano assim ou como iria passar mais um único dia sem ele de novo. As cores brilhantes do sol, as texturas e as ondas — mal conseguia acreditar que eram reais. Algo acerca de estar na orla do continente me parecia em simultâneo libertador e completamente assustador. Assustador e, no entanto, o pânico que me era habitual desaparecera por completo.

Afastar-me da vista era como arrancar uma videira de um poste. Acerquei-me finalmente da secção onde se lia «Sabedoria Popular» e peguei em três livros: um sobre mitologia das Fae, um de feitiços e um sobre vários tipos de criaturas híbridas e as suas dietas. Conhecia bem a minha amiga.

Além disso, depois de tudo o que o Kane me contara, também eu queria saber mais acerca das Faeries. Para conseguir vencer, de alguma maneira, o pai, ele precisava de toda a informação a que pudesse deitar mão. Tentei não pensar nas probabilidades de ele vencer o último espécime vivo com sangue-puro da sua raça, tendo em conta que perdera com terríveis danos apenas cinquenta anos antes.

A caminho da saída, virei para a secção marcada «Horticultura» e peguei num livro intitulado *A Flora de Evendell por Reinos*. Aquele era só para mim.

Deixei os livros do lado de fora do quarto da Mari, lembrando-me de que ela ia dormir uma sesta antes do jantar, e regressei aos meus aposentos. Um toque na porta obrigou-me a levantar antes de sequer ter entrado completamente para baixo dos lençóis sedosos para a minha própria sesta.

— Entre.

A princesa Amelia entrou e sentou-se na cama. Levantei-me para me postar educadamente a seu lado, após o que tentei fazer uma vénia. Não foi bonito de se ver.

Ela lançou-me um olhar de pena.

— Não há necessidade... do que quer que isso seja. Trouxe-te roupas para o jantar de hoje. — Passou-me um vestido similar ao que estava a usar. Um tecido azul muito fino e claro. Dava a sensação de que não iria tapar grande coisa. — As roupas tragicamente pretas e pesadas de Onyx não te serão de grande utilidade aqui.

— Obrigada, Vossa Alteza — disse eu. — Tenho de perguntar. A princesa entrega sempre em mão a roupa para os seus convidados? — Não tenho a certeza do que me deixara tão desagradável. Não confiava naquela mulher. Confiava ainda menos quando estava a ser tão amável comigo.

Ela esboçou um sorriso afetado que não lhe chegou aos olhos.

— Sei que me julgas tua inimiga, Arwen. Achas que estou a tentar dormir com o teu rei, roubar-to ou quaisquer problemazinhos com que te preocupes. Não poderias estar mais longe da verdade. De facto, quero dar-te um conselho. De mulher para mulher.

Como uma criança a quem estivessem a fazer um ralhete, olhei para os meus dedos entrelaçados. Não ousei mencionar que sabia que ela já se deitara com o rei muitas vezes. Não tinha a certeza para quem tal discussão seria mais desagradável, se para ela ou para mim. Ela pousou um dedo comprido adornado com joias sob o meu queixo e inclinou-me a cabeça.

— O Kane Ravenwood não foi totalmente honesto contigo.

Pisquei os olhos duas vezes.

— Peço-te que ajas não com o teu coração — continuou ela —, mas com a tua mente e o teu espírito. Parece uma jovem inteligente. Não te deixes enganar facilmente pelo encanto dele.

Antes que lhe pudesse dizer que lhe conhecia melhor os segredos do que aquilo que ela pensava, a princesa levantou-se e saiu do quarto, fechando suavemente a porta atrás de si.

Franzi os lábios numa linha fina enquanto a irritação tremeluzia dentro de mim.

Ela não poderia estar mais enganada. Até há uns dias, teria concordado incondicionalmente. Mas ele deixara-me finalmente entrar — partilhara os seus segredos mais obscuros comigo, tal como eu fizera com ele. Talvez a Amelia sentisse ciúmes ou talvez estivesse genuinamente a tentar ajudar-me. Não fazia ideia quando ou se o veria novamente, mas, enquanto estívéssemos separados, não deixaria que a minha fé nele vacilasse.

Contemplei os pedaços de tecido a que a princesa se referira como sendo *roupas*. Não era tão magra quanto ela e não me sentia ansiosa por revelar tanto do meu corpo. Despi-me completamente e vesti o tecido azul. Os pedaços de translucidez tremeluzente envolveram-me o pescoço e a cintura num ângulo baixo, deixando-me a barriga exposta, antes de caírem pelo chão como creme derretido. Era menos tecido do que alguma vez usara fora do quarto.

Contemplei-me no espelho antecipando vergonha, mas senti uma vaga de poder varrer-me ao invés; afinal, até estava bastante bonita.

Aninhei o cabelo no topo da cabeça e prendi-o com um laço preto. Podia tirar-se uma rapariga de Onyx, mas não se tirava Onyx de uma...

A porta abriu com um gemido e girei, esperando a Mari ou a Amelia, de novo.

Em vez disso, fiquei cara a cara com um Kane aturdido.

— Foda-se — gemeu ele.

Fiquei tão chocada ao vê-lo que fui ainda menos eloquente.

— Ein?

O Kane pigarreou.

— Olá — disse ele, corando. — Parece tão... quero dizer, muito... olá.

— Franziu o sobrolho, como se nem ele soubesse o que lhe estava a sair da boca.

Ei-lo, ali.

Em Peridot.

Vivo e feliz por me ver. Senti as bochechas aquecerem.

— Um belo olá para ti também. — Arrastei-o para dentro do quarto, pondo-me em bicos dos pés para o beijar no rosto. Ele barbeara-se e o seu maxilar suave pareceu-me quente debaixo dos lábios.

— Quando é que chegaste? — perguntei, não reconhecendo a rouquidão na minha voz.

As suas mãos agarraram-me as ancas com firmeza, mas manteve-me um pouco distante de si.

— Ainda agora. Preciso de te mostrar uma coisa.

Fiquei desapontada.

— Agora?

O Kane parecia capaz de partir pedras com os dentes.

— Acredita que sim.

Pegou-me na mão e levou-me pela escada de madeira abaixo até ao salão nobre. A divisão cheirava a peixe acabado de grelhar e a fruta citrina. O meu estômago gemeu. Estávamos rodeados pelos nobres e comandantes de Peridot, e pensei distraidamente que se calhar seria melhor largar a mão do rei.

Porém, foi então que os vi e todos os restantes pensamentos me desapareceram da mente.

Apenas ligeiramente cansados e em roupas de Garnet que eu não poderia ter imaginado que qualquer um deles usasse, eis que ali estava a minha família. A minha mãe, a Leigh e o Ryder encontravam-se sentados a uma mesa de madeira com o Griffin e a Mari, a rir e a comer. A minha cara contorceu-se e não consegui dominar as lágrimas que me tombaram.

Corri para eles, lançando-me nos braços da Leigh em primeiro lugar.

— O que... — Mas, quando percebeu que era eu, lançou um gritinho. Os seus braços em volta de mim só me fizeram chorar ainda mais. Posteriormente, inspecionar-lhe-ia com tempo cada dedo das mãos e dos pés, provando a mim mesma que ela estava mesmo bem. — Senti tantas saudades tuas. E adoro-te, mas não consigo respirar.

Soltei-a, mas só para a olhar bem. Estava mais magra do que quando a vira pela última vez, mas sorria-me e a expressão iluminava-lhe as faces cavadas.

De seguida, olhei para o Ryder enquanto ele se apressava para me abraçar.

Quando me largou, elogiou-me o vestido translúcido com uma careta.

— Pareces desarranjada.

Ri-me, os olhos turvos, e estreitei-o nos braços.

— Obrigada. — Afastei-me, mas mantive o tom de voz baixo. — Mantiveste-as a salvo.

— Claro que sim. O que é que *tu* fizeste?

— É uma muito longa história.

Depois, acerquei-me da minha mãe. Não estava com tão bom ar quanto a Leigh e o Ryder. Os meses haviam-na envelhecido e ela parecia frágil e cansada. Agachei-me e abracei-a.

— Não acredito. Pensei que nunca mais te voltaria a ver — exalou.

O coração ergueu-se-me no peito como o sol depois de uma tempestade. Alegre, luminoso e límpido. Estreitei-a ainda mais contra mim.

— Eu sei — disse-lhe. — Lamento tanto.

Deixámo-nos assim ficar não sei por quanto tempo. Quando as costas me começaram a doer, soltei-a e sentei-me à mesa.

Procurei o Kane, encontrando-o a caminhar pelo corredor com a Amelia e o Eryx. Corri até eles, a alegria e a descrença a tornarem-me ousada.

— Ei! Espera! — alcancei-o e agarrei-o pela camisa, limpando os olhos com a outra mão. — Aonde vais?

A Amelia, ao lado do pai, olhou-me com uma curiosidade cínica, mas nada me incomodava. Não naquela noite. Não quando o Kane me contemplava com tamanho afeto que as bochechas me começaram a doer de tanto sorrir.

— Pensei que quisesses ficar a sós com eles. Tenho algumas coisas para fazer aqui antes de partir.

— Temos uma guerra para planejar, lady Arwen — disse a Amelia, a condescendência a pingar-lhe da voz e dos traços de pedra e regulares.

— Oh, é claro. — Voltei-me para o Kane. — Obrigada... Nunca te poderei dizer até que ponto te estou grata... por nos juntares de novo.

— Eu disse-te que o faria — replicou ele, os olhos a brilhar.

— Como é que chegaste aqui tão depressa? De Garnet?

Ele inclinou a cabeça, como quem se prepara para responder à minha pergunta com outra pergunta.

— Dragão? — inquiri, como se fosse perfeitamente normal.

Ele sorriu ligeiramente.

— Sim. — Depois, afastando-se dos nossos anfitriões: — Não sei quem ficou mais encantado, se a tua mãe se a pequena.

— E o Ryder?

— Acho que vomitou.

Soltei uma gargalhada demasiado sonora, e os olhos do Kane enrugaram-se ante a minha alegria.

— Quando é que te vais embora? — perguntei.

Ele encaminhou-se de volta para junto do Eryx.

— Amanhã de manhã.

— Certo — repliquei. — Bem, até mesmo reis atarefados, que têm de combater em guerras, precisam de comer. Queres juntar-te a nós? Seria provavelmente o choque da vida da minha mãe. — Sorri-lhe.

O seu charme matreiro desaparecera naquela noite, mas também não parecia triste. Talvez resignado, o que fazia sentido. Compreendia a gravidade da situação. Mas nada poderia ensombrar a alegria que sentia por ter a minha família ali, naquele momento.

Ele olhou de relance para a Amelia e o Eryx, os seus rostos igualmente irritados. De seguida, os olhos pousaram-lhe na mesa iluminada pelas velas em volta da qual se encontrava a minha família, a Mari e o seu comandante.

— Claro — disse.

O jantar foi fascinante.

Dera à minha mãe a mistela com a raiz de toca que preparara durante a viagem até ali e, embora o sabor não a tenha encantado, o seu rosto iluminara-se logo durante o jantar.

Apesar do mal-estar inicial da minha família ante a presença do rei sombrio, o Kane portara-se muitíssimo bem e eles começaram, um por um, a baixar a guarda. A Leigh fora a primeira, é claro — a rapariga era audaz. Depois, a minha mãe, que tinha muitas perguntas para o Kane. «*Qual a sensação de carregar o fardo de um reino sobre os seus ombros solitários?*» «*As mortes que causou pesam-lhe todos os dias?*» Não era bem uma conversa agradável para um jantar. Tentei mostrar-lhe o meu desgosto através de um contacto ocular implacável.

Pelo menos, a abordagem dela sempre fora melhor do que a do Ryder, que nos observara a regressar à mesa com uma expressão estranha no olhar e não parara desde que nos havíamos sentado. Interrompeu a pergunta seguinte da minha mãe com uma da sua lavra.

— Muito bem, rei Ravenwood — perguntou, um pão na mão —, como é que acabou amigo da minha irmã?

Lancei-lhe um olhar fulminante. Não me agradou a ênfase que colocou na palavra «amigo».

O Kane esboçou-lhe o sorriso malandro que era a sua imagem de marca. Fiquei coradíssima na expectativa.

— Ela ofereceu-se para ser curandeira na minha fortaleza como forma de pagamento pelas moedas que roubaste. Deves-lhe um agradecimento.

Agora, fora o Ryder quem corara.

— Vossa Majestade, tratou-se de uma situação simples de vida ou morte. Teria feito o mesmo pela sua família, não teria?

— Não tenho família, pelo que não posso saber — replicou o Kane bruscamente. Uma pontada de tristeza ecoou-me no coração. Ele deve ter-se apercebido da minha expressão porque acrescentou: — Mas acredito em ti.

— *Malditas Pedras* — murmurou o Ryder entre dentes, encolhendo-se.

— Tento na língua! — sibilou a minha mãe.

Não consegui deixar de sorrir. Sentira até saudades do seu puritanismo ridículo.

Também a Mari tinha uma série de perguntas. Acima de tudo, acerca de Abbington e das ideias erradas que as pessoas faziam de Onyx. A Leigh adorou-a imediatamente. As duas lembravam um número de comédia — acabando as frases uma da outra e rindo que nem loucas de coisas a que mais ninguém à mesa achava piada.

— Isto, na verdade, leva-me a uma outra ideia — disse a Mari à minha mãe. — O que é que era...

— Estás a fazer com que a senhora se engasgue com o espadarte. Deixa-a comer em paz. — O tom do Griffin era agradável, mas a Mari lançou-lhe um olhar fulminante.

— Peço imensa desculpa, comandante. Esqueci-me do jeito que tem para fazer conversa. Quer elogiar-lhe o cabelo? — perguntou a Mari.

Uma gargalhada saiu-me do peito qual espasmo e quase cuspi a papaia por toda a mesa. Entre ataques de riso, agarrei no braço do Kane, a meu lado, que controlou uma risada em resposta à minha histeria. Pelo canto do olho, vi o Ryder franzir o sobrolho. Rapidamente, retirei a mão da manga do rei.

— Não te preocupes, Ruiva. Acho que ela gosta de ser entrevistada. Não é, mãe? — replicou o Ryder.

A minha mãe sorriu e começou a falar, mas o Griffin interrompeu-a.

— Não sei, Ruiva. Acho que o miúdo só está a ser simpático.

A Mari troçou, e o Ryder sorriu ao Griffin, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos.

— Se eu sou um miúdo, o que é que o comandante é?

— Um homem — replicou o Griffin, comendo, já aborrecido com a troca de palavras.

— Olhe que me enganava — chilreou o Ryder, provocando-me, a mim e à Mari um novo ataque de riso.

Olhei para a minha esquerda e vi o Kane e a Leigh em amena conversa. Ela estava a explicar-lhe algo com uma expressão animada e gestos complexos. O Kane, diga-se em seu abono, seguia atentamente, o queixo pousado no punho e anuindo.

Contemplei aquele estranho grupo como se o coração me estivesse prestes a explodir. Tê-los todos juntos era melhor do que poderia ter imaginado.

Quando o jantar terminou e estávamos todos cheios, rum e carboidratos a forrar-nos o estômago, acerquei-me da cadeira da minha mãe para a ajudar a levantar-se. Para meu espanto, ela ergueu-se facilmente.

— Mãe! — exclamei, sem sequer tentar esconder o choque.

Ela caminhou, de início, devagar, mas depois equilibrou-se e andou como antigamente. Lenta e cautelosa. Elegante, até. A Leigh e o Ryder contemplavam-na com pasmo. Senti mais lágrimas marejarem-me os olhos. Naquela noite teria de bater o meu recorde no que tocava a chorar de felicidade.

— Arwen... Não tenho palavras.

— Nem eu. Como é que te sentes?

— Melhor. Tenho a mente menos toldada.

— Então, não era a febre — disse o Kane.

Lancei-lhe um olhar castigador, os seus olhos pareciam estrelas.

— Não — sussurrei. O que fizera na floresta naquela noite fora incrivelmente estúpido, mas nada valeria tanto a pena quanto aquele olhar da minha mãe.

— Do que é que ele está a falar? — perguntou ela, o sobrolho franzido.

— De nada. Deixa-me acompanhar-te até ao teu quarto. — Voltei-me para o Kane, mas ele lera-me os pensamentos.

— Vou ver-te antes de me ir embora. Aproveita a tua família.

Anuí em agradecimento.

A meio das escadas, a minha mãe encarou-me.

— Com que então, andas a dormir com um rei. Essa é nova!

— Mãe! — arquejei, mas não consegui esconder um sorriso.

Ela soltou uma gargalhada.

— Estou só a brincar. Mas ele claramente gosta muito, muito de ti.

Senti um calor no peito.

— Não andamos a fazer nada desse tipo. — Entrelacei o braço no dela enquanto virávamos para o corredor iluminado pelos archotes. — Mas também gosto muito dele. Tem sido bondoso comigo desde que cheguei a Onyx. Apesar de tudo o que está a acontecer, de tudo o que está em jogo. Bem... — Ponderei melhor na formulação. — A sua versão de rei.

A minha mãe soltou uma risada, dando-me pancadinhas na mão.

— Ele parece muito atencioso, sob todas essas camadas de melancolia.

Agora era a minha vez de me rir. O Kane adoraria aquela deixa.

— Não foram uns meses fáceis, mas houve alguns aspetos positivos. Irias adorar as flores nos jardins de Shadowhold. Têm as cores mais estranhas que viste.

Ela esboçou um meio-sorriso, antes de estacar a alguns passos do quarto.

— Arwen, quando o Ryder voltou atrás para te buscar e viu o sangue, pensámos o pior. Mal conseguia dormir, sabendo que te havíamos deixado regressar a casa. — Pegou-me na mão. — Mas estou tão, tão orgulhosa de ti, Arwen.

Apertei-lhe a mão, o sobrolho franzido.

— Porquê?

— Quando o rei nos encontrou, em Garnet, contou-nos o que tinhas feito pelo Ryder. Por todos nós. Quantas pessoas havias curado no posto avançado de Onyx. Não fazia ideia de para onde tinhas ido. Se ainda estavas viva. Mas uma parte de mim sabia desde o início que ficarias bem sozinha. Que talvez fosse necessário. Temo ter-te protegido demasiado. Sei quão tenebroso este mundo pode ser.

Pensei imediatamente no Bert, na fera, nas mentiras do Halden.

— Estou grata. Caso soubesse o que anda pelo mundo, talvez nunca tivesse dado a mim mesma a oportunidade de ser corajosa.

A minha mãe abanou a cabeça e estreitou-me contra si.

— Tenho tanta sorte em ter-te como filha. O mundo é um sítio melhor, visto pelos teus olhos.

Sentia-me em casa, a descansar a cabeça contra o ombro dela e a sentir-lhe as mãos tranquilizadoras nas costas.

— Herdei isso de ti — murmurei-lhe.

— A minha menina bondosa. Não deixes que ninguém te roube isso. A luz brilhante que tens dentro de ti.

Anuí, aninhada na cova entre o pescoço e o ombro dela, o som dos grilos e das cigarras como um casulo para o nosso abraço. Com tudo o que estava a acontecer — perceber que provavelmente não voltaria a ver o Kane em meses, senão anos, o conflito com o rei das Fae —, não me apercebera de até que ponto precisava da minha mãe. Nunca mais a queria largar.

Ela apertou-me mais e disse:

— Acho que amanhã vou nadar na baía. Que achas disso?

Uma lágrima correu-me pela face, pingando-lhe o vestido.

— Acho que me parece maravilhoso. Vou contigo.

Esperiei até não conseguir manter os olhos abertos nem mais um segundo. As velas que acendera para a visita do Kane há muito que haviam ardido, devorando os pavios por inteiro e afogando o quarto em tons de azul e preto. Contara que o Kane viesse ver-me antes de partir pela manhã, mas ele ainda não o fizera, e eu acerei-me para resistir à dor enervante. Eu não era uma criança. Ele era um rei que se dirigia para uma guerra maior do que eu alguma vez concebera, e o pior ainda estava por vir.

Tinha coisas mais importantes a fazer do que despedir-se da sua... de mim.

Não tinha a certeza do que seria para ele.

Definitivamente, não éramos amantes, mas éramos mais do que amigos.

Vesti a camisa de noite e enfiei-me debaixo dos cobertores. O sono era uma droga bem-vinda, arrastando-me para uma névoa de descanso e para longe de pensamentos emocionalmente complicados.

Acordei com a fragrância familiar de abeto amadeirado, e a surpresa cedeu lugar ao calor que desabrochava dentro de mim enquanto enterrava o rosto no peito do Kane.

Ele estava ali — na minha cama.

Aproximei-me ainda mais.

Nunca havíamos ficado assim, aninhados um no outro, exceto talvez quando eu estava a morrer — o que, pelo que me lembrava, não fora assim tão romântico. Aproveitei para lhe apreciar as mãos fortes em volta das minhas costas, estreitando-me de encontro a ele.

— Sabes bem — sussurrei.

Ele murmurou-me uma resposta ao ouvido e passou-me uma mão suavemente pelas costas. Os mamilos intumesceram-me em resposta ao seu toque, os meus seios contraindo-se de encontro ao tecido sedoso da camisa de noite.

Quando o dedo dele me roçou o cóccix, estremeci, e uma risada sombria

ribombou-lhe do peito. Afastei-me ligeiramente e estudei-o. O seu corpo parecia lânguido, mas o Kane respirava tão pesadamente como eu, o desejo enchendo-lhe os olhos como piscinas intermináveis.

— Pensei que não vinhas — disse eu.

— Não teria perdido isto por nada. — Afastou-me alguns cabelos do rosto e passou-me a mão pela coxa despida, o seu toque áspero e quente incendiava-me. Queria devorá-lo, senti-lo em todo o lado. Queria aquilo há tanto, tanto tempo, que cada minuto que ainda estávamos os dois completamente vestidos era uma tragédia.

E a sua delicadeza extraordinária estava a matar-me.

Os meus olhos focaram-se nos seus lábios cheios e entreabri os meus, arquejante.

Ele inclinou-se, a sua mão a correr indolentemente para cima e para baixo na minha coxa, subindo-me muito ao de leve a camisa de noite. A sua boca estava perto...

Tão perto...

Porém, quando os dedos me tocaram no osso da anca, ele recuou, o maxilar rígido e as pupilas dilatadas.

— O que é que se passa? — exalei.

— Não estás... a usar nada por baixo da camisa de noite.

Corei, o rosto de alguma forma a ficar mais quente do que aquilo que já estava.

— Não.

— Porque não?

Uma risada escapou-me ante a confusão dele.

— Normalmente, não durmo com roupa interior. Não sei. Queres que vista?

Ele soltou uma gargalhada sombria e cruel, e depois deitou-se de costas com um suspiro profundo e doloroso, o antebraço sobre os olhos.

— Estás bem? — perguntei-lhe, arquejante e confusa com a mudança de atitude.

— Nem por sombras. Na verdade, estou a perder um pouco a cabeça.

Aproximei-me dele, a respiração ainda irregular, e pousei-lhe um único e suave beijo no pescoço quente. Bálsamo e couro encheram-me os sentidos, e eu soltei um murmúrio suave contra a sua pele.

Um gemido, gutural e bruto, tombou dele, e o Kane levantou-se, saindo da cama.

Sentei-me, erguendo uma sobranceira numa pergunta silenciosa.

— Não queres mesmo isto? — inquiri, ligeiramente envergonhada.

— Sabes que quero — disse ele por entre os dentes cerrados. — Mais do que alguma vez quis qualquer outra coisa.

— Então, não preferes que eu durma com outra pessoa?

Estava só a brincar, mas ele aproximou-se, os olhos em chamas. Parecia querer esmagar montanhas.

Mordi a língua.

— Arwen, tu não és — tentou encontrar as palavras, embora parecesse que lhe doía fisicamente proferi-las. — Tu não és *minha*. Não me pertences. Podes passar o teu tempo com quem quiseses. A única coisa que espero é que te tratem com o respeito que mereces, e todos os dias tentarei não pensar em arrancar-lhes os corações ainda a bater.

Tentei esconder um sorriso. Adorava imaginar o Kane com ciúmes. Era perverso, mas a sua raiva mal contida fazia-me vibrar.

Que rei tolo — como se pudesse haver mais alguém.

— Já alguma vez pensaste nisso?

Ele levantou uma sobrancelha.

— Em ti com outro homem? Preferia arrancar os olhos.

Soltei uma gargalhada.

— Não, em como seria. Entre nós...

— Ah, é claro. — A voz tornara-se-lhe um rosnado baixo.

Tratava-se do som mais profundamente erótico que eu alguma vez ouvira.

Ele aproximou-se mais de mim.

— Desde aquele dia em que cavalgámos juntos no bosque, não penso noutra coisa. Todas as noites me esfrego a pensar nas tuas pernas compridas, nos teus seios perfeitos e no teu riso lindíssimo. — Pegou-me numa madeixa do cabelo e passou-a entre os dedos. — Imagino-te em cima de mim e desmorono-me mais depressa do que gostaria de admitir.

Eu estava ofegante, a resistir à vontade de enfiar a mão entre as pernas e libertar a tensão que se acumulava dentro de mim. Ele deve ter-me lido o desejo nos olhos, porque suspirou, de forma espessa e pesada, soltou o cabelo de entre as pontas dos dedos e encaminhou-se até à cadeira do outro lado da sala.

Parecia infeliz. E tão cansado.

— Arwen, vim despedir-me. — Proferiu-o como se estivesse a convencer-se a si próprio, não a mim.

— Eu sei.

— E isso — gesticulou para a cama — não seria uma despedida muito justa.

Bufei, cruzando os braços.

— Não sejas tão condescendente. Sou uma mulher adulta. Posso tomar essas decisões por mim.

Ele fez uma pausa, passando uma mão pelo cabelo.

— Estava a falar de mim. Sou um sacana egoísta, lembras-te? Ter-te, e depois... deixar-te. Matar-me-ia.

— Oh — exclamei, um pouco idiotamente. — Talvez não tenha de ser uma despedida?

— Já fizemos um acordo. Agora estás a salvo, tens a tua família. A tua mãe está a curar-se. É tudo o que eu podia esperar para ti. Posso dar-te

dinheiro suficiente para viveres uma vida longa e saudável com eles aqui. A única coisa que faria seria colocar-te em perigo.

Sabia que ele tinha razão. A minha família e eu podíamos ter uma vida a sério ali, na Enseada da Sereia — uma vida feliz. Conseguia imaginá-la com toda a clareza — as galinhas e as vacas da Leigh; a mãe, finalmente saudável, a cozinhar e a dançar pela cozinha como costumava fazer. O Ryder continuaria a trabalhar com madeira. Eu continuaria a curar, mas talvez também abrisse um dia uma loja de flores tropicais. Talvez o Kane viesse visitar-me de vez em quando. Podíamos partilhar noites assim, aninhados sob o luar clandestino até que ele partisse antes do nascer do sol, o seu reino a chamá-lo de volta. Até que um dia eu construísse uma vida com alguém novo. Outra pessoa...

Como é que podia querer mais do que isso? Mais do que segurança para mim e para a minha família?

Mas queria.

Queria-o a ele. Por inteiro. Constantemente. De preferência para sempre. A realidade dos meus sentimentos atingiu-me com a força de um maremoto, deixando-me quase sem fôlego.

— O nosso acordo. — Repeti-lhe as palavras. — Porque é que quiseste que ficasse? Não foi só para te curar os soldados ou pagar uma dívida. Foi só para me maneres por perto?

O Kane esfregou os olhos.

— Agora já não importa. — Levantou-se, fazendo menção de sair. Senti uma onda de pânico implacável. Seria aquele o último momento que iria passar com ele? Não podia acabar assim.

Levantei-me da cama e corri para me postar à sua frente, antes que alcançasse a porta, o coração a pulsar-me nos ouvidos.

— Não te vás embora — sussurrei.

Os olhos deles revelaram-se implacáveis.

— Arwen, não podemos.

Mas não fez qualquer movimento para me contornar, pelo que me mantive em bicos dos pés e lhe peguei no rosto com ambas as mãos, suavemente.

— Eu sei que disseste que eu não sou tua. Mas... quero ser. — Engoli em seco. — *Eu quero ser tua*, Kane.

Os olhos fervilharam-lhe de calor e angústia.

Antes que eu pudesse continuar a protestar, ele tomou-me os lábios surpreendidos nos seus.

Gemendo-me na boca, tropeçou na minha direção, como se o alívio daquele beijo lhe tivesse enfraquecido as pernas. Abafei um gemido e envolvi-lhe os ombros largos, sentindo-lhe o cabelo macio da nuca. A sua respiração era áspera e irregular, enquanto me sugava o lábio inferior, selvagem, inquieto e faminto.

Finalmente, finalmente, *finalmente*...

As suas mãos, que haviam sido tão suaves, a brincar-me ao longo da coxa na cama, agarravam-me agora todo o corpo. Aquilo estava a deixar-me excitada e carente, saber que os dedos dele estavam tão perto de todos os sítios onde eu os queria.

E o seu sabor, a sua boca — como uísque doce e menta da terra — era mais do que avassalador. Consumia-me por completo. Aquilo em nada se assemelhava ao beijo suave e casto nos jardins. Esse fora um beijo de procura, cuidadoso, cauteloso. Este era...

Passou-me um dedo pelo mamilo intumescido, arrancando-me um sibilo suave que se transformou num estremecimento quando o dedo desceu, roçando a minha cintura, mas não abaixo.

Mais, por favor...

Puxei-lhe a camisa. Precisava de lhe sentir a pele, de a saborear. Quebrando o beijo, ele passou a roupa por cima da cabeça num movimento rápido. Olhei-o sem vergonha, arquejante. Mesmo ao luar, a sua pele bronzeada e esculpida brilhava.

— És lindo — murmurei. Nem sequer tinha vergonha. Era verdade.

— Olha quem fala. — Olhou-me com reverência antes de os olhos se tornarem totalmente ferozes. Agarrando-me pelo rabo, içou-me, capturando-me a boca num beijo selvagem e atirando-nos contra a parede ao lado da cama, com o cuidado de me proteger a nuca com a mão. Senti imediatamente o seu comprimento contra a minha barriga, duro como rocha e pressionando-lhe com raiva as calças. Arranhei-lhe as costas, o pescoço, o maxilar, os dedos a vaguearem com vontade própria.

Mas, precisava de mais.

Queria ser estreitada entre o seu corpo e o papel de parede frio atrás de mim. Prensada como uma das flores nos meus livros sob o seu peso delicioso. Sentia-me carente e desejosa, a esfregar-me contra ele como uma gata com cio.

Ele soltou-me os lábios e desenhou-me uma linha de beijos suaves como penas pelo pescoço junto da garganta, os meus dedos enredando-se-lhe no cabelo sedoso, arrancando-lhe um grunhido agradável. O barulho fez com que os meus seios se intumescessem e doessem, e eu pressionei as ancas contra o seu comprimento impressionante, envolvendo as pernas em volta dele ainda com mais força. Ele baixou-me uma das alças da camisa de noite e mordeu-me no ombro.

— Mais — supliquei.

— Não me tentes — ronronou ele, de encontro à minha clavícula, mordiscando-me e mordendo até me chegar ao peito por cima do tecido sedoso. Recuou e passeou um dedo reverente pela cicatriz.

— Está a sarar muito depressa.

— Isso acontece comigo por vezes — exalei, mas o Kane estava perdido nos seus próprios pensamentos.

— Pensei... — A voz quebrou-se-lhe, e o meu coração saltou uma

batida. — Que te tinha perdido. Não conseguia comer. Dormir. Andar. — Um sorriso triste aflorou-lhe aos lábios. — Fazer a barba. — Olhou com algo similar a admiração. — Não queria viver num mundo sem ti.

Senti a energia na sala mudar com as suas palavras. Tínhamos contornado a química e a emoção entre nós durante tanto tempo que admitir o que sentíamos parecia impensável. Os olhos brilharam-lhe como estrelas e, por um momento, só conseguia ouvir a nossa respiração irregular.

Mas ele poupou-me as palavras que se me alojavam na garganta, pousando-me um único beijo ao longo da nova cicatriz, com tanto cuidado que tive vontade de chorar. Os lábios percorreram-me o peito, ao longo da seda da camisa de noite, até que a sua boca me rondou o mamilo intumescido sobre o tecido sedoso. Os seus dentes eram afiados, mas suaves em volta do botão sensível, e eu emiti um som selvagem.

— É isso — disse ele, agarrando-me o outro seio e massajando-o suavemente. Inclinei a cabeça para trás, quase estrábica com a sensação, e mordi o lábio, tentando não fazer mais ruídos tolos. A pulsação entre as minhas pernas roçava a dor.

Ele aproximou novamente a boca da minha e levou-nos para a cama, deitando-me e colocando-se em cima de mim. Tentou abrandar os nossos beijos, adorando cada ângulo do meu maxilar, do meu pescoço, mas eu beijei-o com um desejo mais feroz do que alguma vez sentira, carente e desesperada, provavelmente magoando-lhe os lábios.

Encorajada pelo desejo abrasador, passei-lhe uma perna por cima da cintura e rolei-nos até ficar em cima dele. Ele suspirou-me para a boca e passou-me as duas mãos grandes em volta da cintura. Eram tão grandes que os polegares quase me tocavam no umbigo. Uma mão subiu para me aninhar o peito e brincar levemente com o mamilo; gemi.

Sentia-me acesa como uma chama a arder.

— Não me estás a facilitar muito a tarefa de te saborear, passarinho — brincou ele, a voz rouca e os olhos selvagens.

Ignorando-o, fui-lhe beijando o peito despido, banquetecendo-me na sua pele salgada e doce.

Sabia a luar — sombrio, sensual e demasiado tentador.

Quando lhe alcancei a cintura, e as minhas mãos lhe agarraram os atilhos das calças, o Kane gemeu. O barulho fez-me apertar as coxas.

Mas as suas mãos agarraram as minhas, travando-as.

— Ótimo. Nada de saborear.

Antes que eu pudesse argumentar, trouxe-me de volta para junto de si com um sorriso malicioso, aninhando-me no seu peito, as minhas costas pressionadas contra o peito dele. Deslizou uma mão por baixo de mim, em volta da minha barriga, prendendo-me a si. Quando a outra deslizou por baixo do tecido sedoso e encontrou a pele macia do meu peito, ambos nos inclinámos um para o outro.

O Kane praguejou e encostou a boca ao meu pescoço.

— És ainda melhor do que eu poderia ter pensado. Todos aqueles meses, a pensar que nunca iria estar contigo... foi a pior tortura que podia imaginar. Quero enterrar a boca entre as tuas coxas lindas.

As palavras dele estavam a excitar-me. Sentia-me encharcada e oscilava-me contra ele ritmicamente. Precisava que ele levasse a mão mais abaixo.

Passou-me pela cabeça uma ideia imunda.

— Sabes — consegui exalar —, não és o único com pensamentos indecentes daquele passeio a cavalo que fizemos.

O Kane parou antes de soltar um suspiro trémulo. A sua mão ainda me aninhava o peito por baixo da camisa de noite, e eu movi-me contra ele, gemendo de desejo.

— Estás proibida de não terminar esse pensamento.

O humor brincou-me nos lábios e oscilei de novo contra ele, que grunhiu — um ruído brutal e depravado — e moveu a mão para me levantar a camisa de noite.

— Lembras-te de quando entraste de rompante e eu estava na banheira?

Ele riu-se ligeiramente.

— Nunca me poderia esquecer. Estavas tão gira a empunhar aquele castiçal. — Traçou-me círculos ociosos na anca enquanto me lambia e chupava o pescoço. — Estar tão perto de ti, sabendo que o teu corpo brilhava nu... era uma agonia — sussurrou ele, subindo-me o tecido da camisa até à barriga.

— Bem — disse eu, arquejante —, tinha estado a tocar-me antes de entrares. Na verdade, estava quase a vir-me.

Ele rosnou de satisfação com as minhas palavras e enfiou as ancas no meu rabo.

Adorei sentir-me poderosa nos seus braços.

— Por favor, não pares. — A sua voz era um sussurro. — Abriu-me as pernas e demorou-se a percorrer a parte interna das minhas coxas, parando quando senti a humidade que se acumulara ali. — Oh, foda-se. Tão molhada para mim. Em que estavas a pensar naquele dia, passarinho?

— Em ti — exalei.

Aquilo pareceu bastar para o levar ao limite. Virou-me para si e beijou-me com força, a língua explorando-me a boca devagar e com força. Como se, se não me beijasse mais profundamente, se fosse afogar. Como se eu fosse oxigénio. Finalmente, passou os dedos ao de leve pelo único ponto por que eu tanto ansiara, e estrelas nublaram-me a visão. Os seus movimentos leves faziam-me estremecer e prendê-lo com firmeza.

Ele exalou durante o nosso beijo, e o som lembrou um sufoco. Mas os seus dedos eram implacáveis — provocando e massajando, tocando-me como um instrumento e fazendo-me cantar. Eu estava tão perto, e ele nem sequer...

Finalmente, deixou que um dedo entrasse em mim, e eu gritei ao de leve quando o polegar continuou a fazer círculos. Ambos suspirámos com a sensação, e eu beijei-o com mais força, as mãos percorrendo-lhe o peito

enquanto ele enfiava e tirava o dedo de dentro de mim.

Lentamente, com movimentos controlados, tão apertados, tão cheios...

— Consegues aguentar mais? — perguntou, e eu soltei um murmúrio de desejo.

Sim, sim, por favor, sim. Mais.

Quando ele enfiou um segundo dedo dentro de mim, contorci-me e estremeci com um gemido enquanto ele me enchia ainda mais — mergulhava os dedos dentro de mim, arrancando-me cada suspiro dos lábios.

— Arwen — rosnou. Quase me desmoronei. Com ímpeto e a oscilar, entreguei-me a ele, esperando impacientemente que me desse a libertação que desejava.

O estrondo de canhões sacudiu-nos violentamente da nossa intimidade. Olhei para o Kane, que saltou da cama para a janela com a rapidez de um relâmpago.

— Veste-te — ordenou, sufocado.

Afogueada e com os joelhos ainda a tremer, levantei-me. Tinha a sensação de que ele não estava a falar em vestir o traje azul de Peridot, por isso, peguei nas minhas roupas e tirei a camisa, a seda caindo-me aos pés. As fitas voaram-me entre os dedos quando outro canhão abanou a fortaleza.

Ele atravessou o quarto e vestiu a camisa, a expressão mais cortante e negra que alguma vez lhe vira.

Sabia antes mesmo de perguntar.

— O que é que está a acontecer?

— O castelo está a ser atacado.

Depois vieram os gritos.

Explosões abalavam o quarto como um navio num mar atormentado. Gritos de medo ecoavam do corredor enquanto poeira e detritos choviam do teto.

— Anda — disse o Kane. — Fica perto de mim.

Segui-o até ao corredor escuro, quase sem ar nos pulmões. Os guardas de Onyx aguardavam o seu rei à minha porta e arrastaram-nos através dos destroços.

Eu mal conseguia respirar, quanto mais mexer-me. Precisava de ir ter com a minha família.

— Temos de...

— Eu sei — gritou ele por cima dos guinchos de pânico que nos rodeavam. — Estão mesmo ao virar da esquina.

As luzes tremeluzentes oscilavam com as explosões, lançando sombras grotescas no corredor. Só conseguia vislumbrar ao de leve os criados e os nobres a correr de sala em sala. A fragrância calmante a coco e maresia contrastava com o medo que me corria nas veias.

Aquilo nunca deveria ter acontecido ali.

Um horror tardio atingiu-me, arrancando-me a mão da do Kane e levando-a à boca. Os guardas atrás de nós estacaram abruptamente, embatendo uns nos outros.

— Estás ferida? — O Kane agarrou-me na cara, procurando a origem do meu arquejo.

— Fui eu que fiz isto — declarei, incapaz de me mexer.

— De que é que estás a falar?

— Eu disse ao Halden que o teu banquete era com o rei Eryx. Que contavas fazer uma aliança.

Essencialmente, condenara todas aquelas pessoas à morte. A enormidade do meu erro...

O Kane abanou a cabeça.

— Escuta. A culpa não é tua. A culpa é dos homens por detrás dos

canhões. Temos de continuar.

Sabia que estava certo. Tínhamos de encontrar a minha família. Mas a culpa era devoradora. Enquanto olhava para os rostos aterrorizados, afundou-se-me ainda mais nos ossos. O cheiro a cinza do fumo vogou na nossa direção. Através das janelas, as árvores pontiagudas iluminavam-se com chamas. Um grito ao meu lado quase me furou o tímpano.

— Temos de ajudar estas pessoas — constatei enquanto corríamos pelo corredor trémulo.

— Vamos fazê-lo.

— Como é que Amber tem tanta capacidade bélica? Para incendiar o castelo inteiro? Não é possível.

— Eles não têm. Garnet é que tem.

— Podemos parar os canhões?

O Kane parecia um assassino.

— Não é com os canhões que estou preocupado. São as salamandras.

Estaquei, após o que me dirigi para a janela mais próxima, olhando pela primeira vez para o que estava a incendiar a floresta. Lagartos enormes com presas rastejavam pela praia. Com os seus longos pescoços pareciam serpentes, mas as pernas pesadas faziam-nos avançar como lagartos, cada um com garras que podiam rasgar uma pessoa em pedaços como se fora papel molhado. Tripuladas por soldados de Garnet e de Amber, avançavam para o castelo. A cada expiração, uma corda de fogo espalhava-se pelo chão à sua frente, queimando tudo no caminho.

Os inabaláveis soldados de Peridot encontravam-se postados em volta do perímetro, mas as suas lanças não estavam à altura das criaturas que se arrastavam e cuspiam fogo. Mais bolas quentes e dançantes voaram para lá deles e na direção do exterior do castelo.

Era isso que abalava as estruturas — as explosões das salamandras. Estávamos a ser encurralados e assados. Queimados vivos.

— Malditas Pedras — sussurrei. O Kane agarrou-me a mão e puxou-me.

Corremos o mais depressa que conseguimos na direção das outras divisões. Chegámos primeiro ao quarto do Ryder. O Kane bateu à porta.

— Abram, somos nós!

Quando não ouvimos nada, todos os meus sentidos se alarmaram.

— Abram. Agora! — insisti.

O Kane embateu com o corpo contra a porta de madeira com mais força do que eu alguma vez vira alguém exercer. Força de fada. A porta saltou das dobradiças e caiu no chão com um baque.

Lá dentro, a minha mãe e o Ryder estavam aninhados atrás do armário.

— Graças às Pedras — exclamei, correndo. — Porque é que não respondeste? — Quando olhei bem para o rosto da minha mãe, cheio de lágrimas, o pânico cresceu-me no peito. — O que é que se passa?

— A Leigh não está no quarto dela — explicou-me.

Virei-me para o Ryder.

— Vamos encontrá-la, mas não está neste andar. — Ele parecia calmo, mas eu conhecia o meu irmão. Os olhos demasiado arregalados denunciavam-lhe o pavor.

O Kane pousou-me a mão no ombro e apertou ligeiramente.

— Temos de levar toda a gente para a sala do trono. É onde estarão mais seguros. Não sairemos daqui sem a pequenina. — Olhou para a minha mãe. — Juro.

Chegámos lá numa velocidade vertiginosa. Pasmei com a facilidade com que a minha mãe se conseguia mexer. Ao cabo de todos aqueles anos, encontrara uma cura.

A sala do trono estava fortemente guardada por soldados de Peridot. Mal nos aproximámos, abriram as portas a Kane. Lá dentro encontrámos o rei Eryx, a princesa Amelia e todos os outros dignitários, tanto de Peridot como de Onyx. Comandantes, generais e tenentes moviam-se pela sala numa dança frenética, dando ordens aos soldados e guardas. Todos gritavam. A minha cabeça estava às voltas.

Onde diabo estaria a Leigh?

A Mari encontrava-se sentada num canto, os joelhos contra o peito, enquanto o Griffin falava com um comandante de Peridot a alguns metros dali.

Corri até ela e deixei-me cair no chão.

— Oh, Santas Pedras, estás bem! — Ela abraçou-me. Inalei-lhe o odor a canela e tentei não chorar. Se começasse agora, nunca mais conseguiria parar.

Ao lado do Griffin postava-se uma silhueta larga que reconheci imediatamente — o Barney, o uniforme ainda um pouco apertado, um pilar de quietude. Acenei-lhe com a cabeça e ele devolveu-me o gesto, a preocupação a ensombrar-lhe o rosto.

Só precisava de uma espada para partir à procura da minha irmã. Uma espada longa brilhava na mesa improvisada que fora claramente ali colocada há minutos e se encontrava cheia de mapas, lanternas e armas.

Antes que pudesse levantar-me e acercar-me dela, a voz do rei Eryx ecoou pela sala até ao Kane.

— É como temíamos. Garnet e Amber juntaram-se ao Lazarus. Vão conquistar o reino antes do nascer do dia.

Vira o ataque com os meus próprios olhos apenas alguns momentos antes. E o medo genuíno — puro e devorador — ainda me toldava a visão.

O seu general enrugado falou imediatamente a seguir:

— A única saída é pelas cavernas lá em baixo. É assim que conseguimos alcançar a praia. — Voltou-se para o Kane e para os homens de Onyx. — A fortaleza na Enseada da Sereia está construída em cima de uma elaborada extensão de cavernas que orlam a baía. Os nossos navios encontram-se atracados no local onde os penhascos se unem à areia, e as cavernas são a saída mais rápida.

— Saída? Não vamos ficar e lutar? — perguntou a princesa Amelia.

O rei Eryx lançou-lhe um olhar brutal.

— Nós não temos a espada. Não vale a pena lutar contra o Lazarus sem ela. Não podemos vencer.

— Não podemos ir para a praia, eles estão lá estacionados — explicou um soldado magro de Peridot.

— Bem, é lá que se encontram os nossos navios. Nunca conseguiremos evacuar toda a gente a cavalo ou a pé. As palmeiras que rodeiam o castelo estão a arder — informou o general.

— Como é que eles passaram pela baía? — enfureceu-se a Amelia. — Onde é que estavam os nossos guardas?

— Vossa Alteza — tentou o homem magro —, afundaram todos os nossos navios de guarda. Atearam fogo a todas as torres de vigia. Era mais poder de fogo do que alguma vez poderíamos ter previsto.

Haviam usado a luza das Fae — fora assim. E a Amelia sabia-o.

Mesmo que Peridot houvesse tido meses para se preparar em vez de minutos, nunca estariam à altura de Garnet, Amber e o Lazarus.

A Amelia olhou para o Eryx com desdém.

— Este é o nosso povo, pai. O nosso único objetivo neste continente é mantê-lo a salvo.

O Eryx limitou-se a encarar o Kane.

— Façam o que for preciso, mas a Amelia e eu estaremos no nosso navio dentro de uma hora. Não vou ficar a assistir à única família que me resta ser queimada viva.

— Pai!

— Silêncio, Amelia! — rugiu ele, saliva a voar-lhe do rosto afogado. — Não há mais discussão.

Não podia continuar a ouvir aquilo nem mais um minuto; precisava de encontrar a Leigh.

Levantei-me, o coração na garganta, ignorando as objeções da Mari.

Os olhos prateados e irritados do Kane encontraram logo os meus.

— Griffin — interveio ele, antes que a Amelia pudesse continuar a protestar. — Vai com o Eryx, a Amelia e os seus homens. Leva contigo todos os que puderes. Mete-os nos navios. Eu vou procurar a Leigh e encontramo-nos lá.

— És o meu rei. Não te vou deixar para trás. — Os olhos verdes-claros do Griffin endureceram. Por um breve momento, contemplaram a Mari antes de voltarem a olhar para o Kane.

— Vais fazer o que eu te pedir — insistiu o Kane antes de se voltar para o resto dos seus guardas na sala do trono. — Todos vocês farão. Ninguém virá comigo. Agora, vão-se embora.

— Bem, eu vou contigo — anunciei, seguindo-o e pegando na espada longa que repousava na mesa ao meu lado.

Ele soltou uma gargalhada sombria.

— De maneira nenhuma.

— Nunca a encontrarás sem mim. Eu conheço-a melhor do que ninguém.

A minha mãe agarrou-se firmemente ao Ryder, que assistiu ao desenrolar da discussão em silêncio.

O Kane estudou-me, os olhos ardiam-lhe como os fogos que nos rodeavam.

— Não, Arwen. Se alguma coisa te acontecesse...

— Tu não deixarás. — Olhei para a espada na minha mão. — E eu também não.

Sem lhe dar um momento para argumentar, abracei rapidamente a minha mãe, o Ryder e a Mari.

— Fiquem com o Griffin. Vão para os navios. Nós estaremos mesmo atrás de vocês.

De seguida, abri caminho para fora da sala do trono, o Kane seguindo-me de perto.

— Por onde devemos começar? — perguntou ele, desviando-se de uma estátua tombada.

Não podia acreditar que alguém a tivesse levado, ou pior. Afastei o pensamento da mente.

— Se tiver fugido, terá optado por terreno alto. É uma alpinista nata.

Subimos velozmente uma fina escada em espiral em direção ao telhado de colmo da fortaleza.

— Leigh! — gritei. O Kane ecoou os meus gritos. Procurámos por todos os andares, em cada sala, em cada recanto. Longos minutos se passaram sem nenhum sinal dela, apenas destruição, desespero e morte.

O castelo começara a encher-se de fumo. Tossi e esfreguei os olhos enquanto vasculhávamos uma sala de estar que se desintegrava lentamente.

Sentia o Kane a observar-me.

— Nem sequer o digas.

— Devias ir para os navios. Eu levo-te lá e volto para a buscar.

— Não...

Uma tábua de madeira carbonizada soltou-se acima de nós e caiu com uma velocidade chocante. Saltei para me afastar e agarrei o coração, querendo que o ar me entrasse nos pulmões, tossindo com força. Não era ar o que entrava, mas fumo.

— Arwen! — rugiu ele. — Não podes salvá-la, nem a ninguém, se estiveres morta.

Fechei os olhos e tentei não permitir que a cara se me desfigurasse de dor. Não podia ir-me abaixo agora. Só queria segurá-la nos braços e saber que estava bem. *Por favor*, implorei às Pedras. *Por favor, não a Leigh*.

— Vamos tentar os estábulos. Ela adora animais. Talvez tenha tentado fugir a cavalo — propus-lhe.

— Não — rosnou ele. — Não podes sair das muralhas do castelo. O exterior está pejado de soldados e salamandras.

— Eu vou, quer venhas comigo quer não. Acho que estou muito mais segura com alguém como tu do que sozinha. Não achas?

Ele passou uma mão atormentada pelo cabelo. As cinzas haviam-nos coberto a cabeça e caíam no chão por baixo de nós. Deve ter concordado comigo, porque esboçou um aceno brusco, pegou-me na mão e corremos para as traseiras do castelo.

A noite amena foi preenchida por uma cacofonia de angústia e danos. Soldados de Amber, Peridot, Onyx e Garnet apinhavam-se no pátio como formigas em mel derramado. Corremos para as colinas onde se situavam os estábulos, e eu tentei não pensar em todas as outras pessoas que andavam à procura — e a perder — as suas famílias também. E em como a culpa era minha.

Mal avistámos a estrutura, corri.

— Arwen! — A voz do Kane soou no ar noturno, mas movi-me o mais depressa que os meus pés me permitiam. A área estava livre de soldados, de pessoas em geral. Demasiado silenciosa.

Procurei em cada divisória, debaixo de cada portão.

Os estábulos estavam vazios.

— Onde estão todos os cavalos? — exalei. O Kane alcançou-me, recuperando o fôlego, e olhou em volta.

— Talvez o rapaz da estrebaria os tenha libertado quando viu o fogo.

— Não, fui eu que os libertei — proferiu uma vozinha no canto.

O alívio foi tão intenso que quase me deixou sem ar.

Engoli um soluço. A Leigh levantou a cabeça por cima de um fardo de palha e correu para os meus braços, a tremer de emoção. Tentei conter-me por ela, mas as lágrimas escorriam-me de ambos os lados da cara.

— O que estavas a fazer aqui fora? — Limpei as lágrimas e afaguei-lhe o cabelo cor de mel.

— Não conseguia dormir. Estava à procura do dragão.

O som de passos provocou-me arrepios pela espinha e pelo pescoço.

— Anda — sussurrei, puxando a Leigh para trás de uma divisória de madeira. O Kane escondeu-se atrás da que estava à nossa frente.

Um soldado solitário, com a armadura de Amber, passeava por ali. Fechei os olhos com força e apertei a Leigh contra o peito, acalmando a respiração.

— Halden! — arquejou a Leigh, saltando-me dos braços e atirando-se a ele.

Malditas Pedras.

O Halden segurava a Leigh à distância de um braço, a descrença a brilhar-lhe nos olhos.

— Leigh? O que é que estás a fazer aqui?

Ela gaguejou, a voz afogada pelo som da carnificina que nos chegava do castelo. Ele juntou os pedaços demasiado depressa e estudou o estábulo em busca do meu rosto. Não havia como me esconder. Saí da divisória.

— Arwen. — A face endureceu-lhe. A Leigh passeou o olhar, voltando-o ora para ele ora para mim, e ficou subitamente desconcertada. Sempre fora demasiado perspicaz.

Afastando-se aos poucos, postou-se atrás de mim.

Sabia que tinha de lhe suplicar.

— Por favor. Deixa-nos ir embora.

Ele abanou a cabeça, como se temesse tanto aquilo quanto eu.

— Porque é que não foste ter comigo? Foi por causa dele...

— Halden...

— Está aqui, não está?

— Não — menti. Soube, mal me saiu da boca, que a palavra não havia sido convincente. Melhorara, mas não ficara boa a ponto de enganar alguém que me conhecera toda a vida.

Os olhos do Halden estavam quase desamparados.

— Ele nunca te deixaria.

O estômago revirou-se-me, ameaçando subir-me à boca. O Halden inspirou fundo e caminhou na minha direção. Peguei na espada. A Leigh abafou um arquejo.

— Tens razão. — Ouvi a voz fria e aveludada do Kane proferir, vinda da escuridão. — Miúdo esperto. — O Kane avançou devagar, as palmas para cima e abertas, na direção do Halden.

Não, não, *não*.

Não podia deixar que o Halden o levasse até ao Lazarus. O meu antigo amigo fez menção de agarrar na espada, mas o Kane abanou a cabeça.

— Não quero lutar contigo.

Estreitei a arma na mão.

— Estou a suplicar-te, Halden. Ninguém ficaria a saber. Deixa-nos ir.

— Não posso fazer isso.

Nas sombras, não conseguia perceber se ele sentiria algum remorso.

— Então, leva-me — disse o Kane. — Deixa-as ir. Vou de bom grado até ao meu pai.

Todo o meu corpo estremeceu, mas mantive-me em silêncio. Tentei dizer de mim para comigo que o Kane ficaria bem — era uma fada.

O Halden mudou o pé de apoio — uma pausa excruciante e depois replicou:

— Também não posso fazer isso.

O Kane anuiu, uma determinação terrível a atravessar-lhe o rosto.

— Então, ele sabe.

— Sabe o quê? — perguntei. A voz soava-me esganiçada e não me parecia minha. A Leigh moveu-se atrás de mim.

Antes que qualquer um deles pudesse responder-me, o Kane lançou-se sobre o Halden com um rosnado. Voaram violentamente até aos fardos de feno atrás de nós. A Leigh guinchou e saiu dali a correr, arrastando-me consigo. Mas, enquanto contornávamos os estábulos, estaquei, fazendo com que a Leigh me embatesse na anca.

Um grupo de soldados estavam a passar por ali, rumo ao castelo, agora uma imensa fogueira entre as palmeiras. A Leigh espreitou, mais medo do que alguma vez lhe vira a brilhar nos olhos.

— Chiu — pedi, os lábios já a rachar do ar seco. Mantivemo-nos imóveis enquanto passavam por nós, sem sequer ousar respirar.

A Leigh fechou os olhos com força.

Quando nos encontrávamos já fora de vista, voltámos lentamente a aproximar-nos dos estábulos.

Lá dentro, estava ainda pior.

O batalhão do Halden encontrara-o, e o Kane encontrava-se de joelhos, agarrado por seis soldados de Amber.

Conseguia ouvir o coração a pulsar-me nos ouvidos enquanto lhe contemplei o rosto abatido. Antes que conseguisse sequer pensar, já o Halden se encontrava atrás de mim, obrigando-me a largar a espada no chão. A Leigh soltou um guincho enquanto dois soldados a afastavam de mim.

— Não! — gritei.

— Nunca pensei que o nosso último abraço viesse a ser assim — disse o Halden de encontro ao meu pescoço. Senti uma vaga de ácido agitar-me o estômago.

— Como é que podes fazer isto? O que é que te aconteceu?

— Não sei, acho que nunca...

Estimulada pela raiva pura e sem qualquer interesse em ouvir o resto da frase, lancei a cabeça contra o nariz dele com toda a força que tinha.

Um som satisfatório reverberou-me pelo crânio e enfiei-lhe o calcanhar em cima do pé. O Halden soltou um guincho abafado, largando-me, e eu agarrei a espada.

Ele gemeu e agarrou a cara enquanto um esguicho de sangue se libertava, jorrando-lhe entre os dedos.

E eu saboreei o momento. Até à última gota.

Ergui a espada do chão e encaminhei-me até ao guarda que segurava o braço direito do Kane, desviando-me do outro indivíduo que avançou, tentando apanhar-me. Desferi um golpe na direção do único homem que lutava com o braço do Kane, obrigando-o ou a soltá-lo e baixar-se ou a perder a cabeça.

Com os olhos esbugalhados, ele escolheu a primeira e libertou a mão do Kane por meros segundos para se desviar do meu golpe.

Dois outros guardas encontraram-me, agarrando-me o cabelo, os braços e a cintura e atirando-me ao chão do estábulo coberto de feno e poeira.

Mas era só disso que o Kane precisava.

Gemi, um joelho nas costas a esmagar-me a traqueia, enquanto via o Kane, com uma só mão livre, vencer facilmente e com um deleite feroz os outros homens que o prendiam. Sons de algo a partir-se, esmagar-se e esborrachar-se ecoavam pelo celeiro de madeira, e, quando me debati para me libertar por um brevíssimo momento, só consegui ver um monte de corpos de homens de Amber inconscientes.

O Kane afastou os dois homens de mim sem qualquer esforço e atirou-os às paredes atrás de nós com um baque de dar a volta à barriga. Mergulhei a espada na anca do terceiro soldado e corri na direção do Halden.

— Arwen — suplicou ele, no chão.

Desferi-lhe um pontapé na têmpora com a bota coberta de cinza com força suficiente para o deixar inconsciente. Sentia o sangue pulsar-me nos ouvidos. Nunca mais queria ouvi-lo proferir o meu nome.

O Kane alcançou a Leigh antes de mim, e os dois homens que a seguravam soltaram-na imediatamente, recuando da sua silhueta enorme e aterrorizadora.

— Inteligentes — exclamou, fervendo, e pegou na Leigh ao colo. — Muito inteligentes. — Depois, para mim: — Vamos.

Lancei um último olhar ao corpo inconsciente do Halden e segui o Kane. Corremos na direção do castelo, mas...

Ele... desaparecera.

Senti a garganta apertar-se enquanto inalava cinza pura e tossia. Toda a fortaleza ardia e se desmoronava. Só se via um imenso nevoeiro negro de fumo e cinza lembrando uma nuvem de trovoadas entre as colinas encapeladas. O crepitar da madeira ecoava na noite.

Mas não tínhamos tempo para observar.

Duas salamandras gatinhavam na nossa direção ameaçadoramente, soldados de Garnet montados nelas e a guiá-las.

— Por aqui — soltou o Kane.

Transpirando, tossindo... olhei de fugida para trás.

Um erro.

Mais um grupo de soldados, esses trajando o uniforme de Amber, encaminhavam-se para nós por detrás dos estábulos, marchando com afinco e flanqueados por, pelo menos, mais cinquenta. Devem ter-nos visto enquanto deixávamos o Halden e os seus homens. Não havia saída.

Soltei um soluço abafado.

Sabia que precisávamos de continuar a andar, mas não havia para onde ir.

Merda, merda, merda.

O Kane olhou para cima, para o céu noturno, com um sentimento de aceitação. Soltou um suspiro profundo.

— Desculpa — foi tudo o que disse.

Com uma mão ainda a segurar a Leigh e outra esticada para a frente na direção dos soldados, fechou os olhos.

Era difícil ver no escuro, e as nuvens de fumo haviam apagado o luar que poderia ter-me iluminado a cena. Ainda assim, contemplei um fiapo de sombra entretecer-se, como se tivesse vontade própria, por entre o exército que marchava na nossa direção. Dividiu-se silenciosamente em duas fitas negras, e cada um dos soldados diante dele foi abafado pelos espectros negros e torcidos. Gritos dolorosos por misericórdia fenderam a noite, mas o Kane não cedeu. Focou-se com mais força, conjurando escuridão, espinhos, sombra e pó. Sufocando, cuspiendo, os homens caíram um por um. O Kane não mexeu um único músculo, mas o maxilar estava cerrado, os olhos implacáveis e violentos.

Fiquei gelada, a garganta a fechar-se com um arquejo estrangulado. Sabia o que ele era. Sabia do que seria capaz.

Ainda assim, nada me poderia ter preparado para a monstruosidade do seu poder predatório e fatal — a morte instantânea de tantos homens.

Recuei instintivamente.

— Corre — soltou ele, largando a Leigh, para poder usar ambas as mãos. — Vai para a praia.

Sabia o que ele era. Aceitara-o.

Porém, os fiapos espinhosos haviam brotado da própria terra e destruído — não, dizimado e desintegrado — cada homem. Num momento, estavam vivos, enraivecidos e dispostos a matar... no seguinte, eram uma pilha de cinza arrastada pelo vento.

Foi o suficiente para me arrancar o ar dos pulmões e deixar-me o estômago em água.

— Vão! — rugiu ele para nós.

Tinha de me mexer. Tínhamos de nos mexer.

Girei sobre os calcanhares, pegando na mão da Leigh, e fiz o que me ordenava — correndo para o mais longe dele e na direção da esperança de segurança. As salamandras continuavam a bloquear-nos o caminho para o castelo e, por conseguinte, para as cavernas que iam dar à praia, mas uma segunda onda de tinta escura desceu sobre elas, afogando-as num maremoto de sombra. As criaturas cuspiram fogo em jeito de retaliação e eu baixei-me, protegendo a Leigh nos braços, mas o calor não nos chegou a atingir. O invés disso, transformou-se em cinza em pleno ar e choveu sobre as colinas relvadas como uma neve doentia, iluminada pelo luar, a escuridão e a morte.

Continuámos a fugir, para lá do fumo que se soltava do castelo ardido e em direção à praia.

Os soldados de Amber e Garnet encontravam-se por todo o lado, divertindo-se com os gritos enquanto arrastavam almas suplicantes do armeiro e da oficina de ferrador. O sangue fazia poças na poeira e relva, os nossos pés chapinhando nele como se fosse um dia de chuva.

Esquivámo-nos de pessoas que guinchavam e de estruturas a arder, passámos por soldados em combate, lutas de espada e sangue que nunca conseguiria apagar da mente, quanto mais a Leigh.

Ao cruzarmos com um corpo desmembrado, sussurrei-lhe que fechasse os olhos. Mas sabia que ela não o faria.

O rei das Fae fizera aquilo. Destruíra aquela capital pacífica de terra, flores e maresia. Reduzira-a a uma casca sangrenta e carbonizada.

Tinha de morrer.

Tinha, pelo que fizera.

O Kane certificar-se-ia disso.

Finalmente, chegámos ao afloramento rochoso que abrigava a praia.

— Segue-me — murmurei à Leigh, o coração na garganta, enquanto percorríamos as cavernas em volta da enseada. Tínhamos os pés frios, os tornozelos a arder-nos da água salgada e da areia áspera. Apenas o som das ondas a desfazer-se e ténues gritos de batalha entravam nas cavernas tranquilas. Isso, e a nossa respiração enraivecida e ofegante.

No fim de uma caverna, consegui discernir a praia. Os soldados guerreavam na areia, o som abrasivo de metal contra metal a lembrar um coro violento a chocalhar-me no crânio. No outro extremo da enseada, o inimigo construíra uma espécie de acampamento, rodeado de canhões e feras que soltavam fogo pela boca.

Se conseguíssemos passar por ali, ser-nos-ia possível alcançar os navios totalmente aparelhados, no local onde estavam ancorados, nas águas mais rasas, junto dos penhascos. Mas... só navios com a insígnia de Amber ocupavam a Baía da Sereia. Onde estavam os de Peridot?

— Devem ter afundado os outros — disse o Kane. Quase bati com a cabeça na pedra atrás de mim, fruto do choque.

De onde viera ele?

O instinto de o abraçar e alegrar-me com a sua segurança foi moderado

pela lembrança do seu estranho poder. Dei um passo atrás. A Leigh parecia sentir o mesmo, escondendo-se ligeiramente atrás de mim.

— Estás com medo de mim — disse ele, o rosto sombrio. Não era uma pergunta, mas continuava sem conseguir aprofundar uma resposta. Ele engoliu em seco. — Vamos ter de ficar com um navio deles.

— E todos os outros?

— Tenho a certeza de que é isso que eles também estão a pensar. — *Se chegaram até ali.* Ele não precisou de o dizer.

Semicerrei os olhos na escuridão. A lua era um reflexo pálido e vacilante nas ondas do oceano e um contraste estranho com o sangue derramado na areia diante de nós. Pelo canto do olho, reparei num movimento perto do mar.

Não era o caos da batalha, mas uma âncora a flutuar no oceano, movendo-se como que por vontade própria.

— Ali. — Gesticulei para o Kane. — Tem de ser a Mari.

Ele franziu uma sobrancelha.

— A ruiva é bruxa?

Ups. Agora, não era altura para aquela conversa.

— Sim, e o amuleto da Briar Creighton já não se encontra no teu escritório. Também tenho a dizer-te que quase matámos a tua estrige.

O choque no rosto do Kane ter-me-ia agradado muitíssimo numa outra altura.

— Vocês o quê? — Abanou a cabeça. — O *Acorn*? Nunca magoou ninguém.

Queria muitíssimo dizer-lhe uma coisa ou outra acerca de guardar segredos, mas ficar em segurança era a prioridade. As aulas de hipocrisia teriam de ficar para mais tarde.

Ele passou uma mão pelo rosto.

— O amuleto da Briar não contém a magia dela. Isso é só um mito.

— Então o que é?

— Uma belíssima e bastante cara peça de joalharia.

Esbugalhei os olhos.

— Então, toda a magia que a Mari fez...

— Provém inteiramente dela. — A voz ecoou-lhe contra as paredes da caverna quando se baixou para pegar na Leigh ao colo. — Muito bem, vamos.

Mas ela afastou-se.

Pus-me diante dela.

— Eu faço isso.

O Kane cerrou o maxilar, mas tinha os olhos focados.

— Está bem. Ficarei atrás de vocês.

Inspirei fundo, um hausto que me soube a oceano, e senti a areia molhada sob as botas.

— Mais uma coisa — disse ele, a voz suave. — Mantenham a cabeça limpa. As duas. Nada de pensamentos a entrar e a sair.

Uma desagradável suspeita instalou-se-me no estômago.

— Porquê?

— Não tenho a certeza se ele está aqui, mas, se estiver, o Lazarus pode entrar na vossa mente. Não lhe forneçam munições para vos encontrar.

Maravilha. Tremi de pânico, medo e raiva.

Só precisávamos de chegar ao navio.

Carreguei a Leigh nos braços e movi-me devagar, escondendo-me atrás das rochas, penhascos e ramos. Acercámo-nos do aquartelamento de homens munidos de uma armadura metálica que nunca antes vira. O pavor aninhou-se-me no estômago.

Limpei a cabeça.

Nuvens, espaços vazios. Nada. Ninguém. Silêncio.

Estávamos tão perto. Uns metros adiante, um clarão de cabelo ruivo escondido atrás de uma palmeira encheu-me o coração de esperança. Só mais uns passos...

— Vão a algum lado? — Uma voz que lembrava seda entrelaçada com algo de longe mais perigoso dirigiu-se-nos com uma calma peculiar.

No escuro, os soldados prateados que nos rodeavam pareciam gigantes míticos, ameaçando-nos montados a cavalo. Aproximei a Leigh de mim e tentei ignorar que os seus membros trémulos me estavam a partir o coração em pedacinhos.

Antes que pudesse desembainhar a espada, um homem vestido de prateado agarrou-me os braços por detrás. Lutei, debatendo-me violentamente na noite roxa e na areia regular, tentando manter-me agarrada à Leigh.

— Não lhe ponham um único dedo em cima — cuspiu o Kane aos soldados atrás de mim, mas eles obrigaram-no a ajoelhar-se com uma saraivada de murros e eu estremeci e engasguei-me ante os sons.

A Leigh foi-me arrancada dos braços, contorcendo-se e gritando, e ambas fomos seguradas por mais e mais soldados de armadura de um prateado glacial. Estávamos desesperada e irremediavelmente em menor número.

Um homem mais velho e chocantemente bonito aproximou-se na areia e olhou-nos. O mesmo maxilar esculpido, malares que poderiam cortar vidro e olhos de um cinzento-ardósia — a semelhança era impossível de negar. Bem fundo na alma, eu sabia. Sabia exatamente quem ele era.

A visão toldou-se-me.

O homem encarou o Kane, que cuspiu sangue para a areia.

— Nada de cartas? Nenhuma visita? Se eu não soubesse, pensaria que não sentias saudades minhas.

Terror correu-me pela espinha como o sangue no queixo do Kane.

Lazarus Ravenwood. O rei das Fae.

Destruidor de todos nós.

O Kane olhou fixamente para o pai, mas nada disse.

Raiva floresceu-me no coração, no estômago, substituindo a camada gelada de choque e medo. Uma raiva derretida e implacável que me aqueceu o sangue enquanto me debatia contra o soldado das Fae que me segurava.

Se o Kane não matasse aquele homem, matá-lo-ia eu.

Um sol irado espelhou o meu ódio nascente à medida que começava a subir sobre o mar escuro atrás de nós. Os raios iluminaram os olhos do Kane e, pela primeira vez, vi neles um medo genuíno. As mãos tremiam-lhe, e fechou-as em punhos de cada lado. Uma névoa de pavor tão esmagadora que mal conseguia pensar noutra coisa encheu-me a mente.

O Lazarus voltou a atenção para mim. Tinha o cabelo grisalho e rente, a pele suave e bronzada, roupas que ondulavam e brilhavam com tecidos que não eram daquele reino. Era alto, como o filho, mas mais velho, mais magro. Claramente antigo, mas o rosto só revelava uma beleza refinada e madura. Cinzelado, encantador e envelhecido como um bom vinho. Porém, os olhos... não tinham profundidade. Ocos.

Caminhando na minha direção, levou-me um único dedo à cara e passou-mo pela bochecha. O meu estômago resmungou e a Leigh gemeu ao meu lado.

— Ia *arrancar* a pele dos ossos àquele homem.

— Refilona, não é? Nem sequer me conheces.

— Não lhe toques — ordenou o Kane, cada palavra mais incisiva do que a anterior.

— Sempre tão temperamental — replicou o Lazarus ao filho, repreendendo-o. — Não tenho culpa de que te tenhas apaixonado pela minha assassina.

A sua quê?

Obriguei o sobrolho a alisar-se, mas não suficientemente depressa.

— Não foste assim tão honesto com a tua amiga, meu rapaz?

Fiquei imóvel.

Assassina? Como é que havia *mais* mentiras? *Mais coisas* que eu não entendia?

Não. Não podia ser. Ele estava a mentir — a tentar separar-nos.

Ainda assim, não consegui reunir a coragem para olhar para o Kane.

— Bem pensado, amiga. O teu primeiro instinto estava correto.

Eu precisava de silenciar a mente.

— Para com isso — sibilei.

O rei das Fae voltou-se novamente para o Kane.

— Percebo o que te atraiu, filho. Ela é magnífica. Depois de tantos anos de procura, é exatamente como sempre imaginei que fosse.

O meu estômago afundou-se como uma pedra num mar profundo. *O que é que aquilo significava?*

O Kane avançou para ele com uma resolução letal, mas os soldados do pai obrigaram-no a ajoelhar-se novamente.

— Parem! — Avancei para eles, mas mais soldados me cercaram, fixando-me as mãos e os braços nas costas e segurando-me a cabeça.

Eu debatia-me e consumia-me, tentando com todas as forças mover nem que fosse um único músculo, mas eles eram mais fortes do que o que quer que eu tivesse alguma vez sentido. Os seus braços e mãos eram como faixas de

ação à minha volta. O Lazarus limitou-se a sorrir e avaliou-me a silhueta encurralada.

Os seus olhos percorreram-me, predatórios e repletos de curiosidade.

— Se lhe tocares nem que seja num só fio de cabelo — rosnou o Kane —, reduzo-te cinzas. Poupei-te a vida uma vez. Não voltarei a fazê-lo.

O Lazarus não poderia estar menos interessado na ameaça do Kane.

— É assim que te lembras, filho? — perguntou, virando-se para um dos seus homens, que lhe entregou algo que não consegui discernir.

Esforcei-me para ver o que segurava e foi então que todo o ar me saiu dos pulmões num arquejo estrangulado.

Um punhal de prata brilhava-lhe nas mãos.

O Kane debateu-se — *debateu-se* contra os homens atrás de si. Uma vaga de terror atravessou-me. Não lhe queria olhar para os olhos. Não queria ver-lhe o medo. Não...

— O meu filho nunca te falou da profecia do vidente? Não me digas?! — exclamou o rei, aproximando-se lentamente, como se eu fosse um animal raivoso. — Deves saber que era a única utilidade que ele tinha para ti. Um instrumento para derrotar o seu velho, de uma vez por todas.

Abanei a cabeça, tentando libertar-me do soldado e voltei-me para o Kane.

— De que é que ele está a falar? O que mais não me contaste? — Um medo puro atravessava-me a voz. Era um lamento. Um grito. Uma súplica.

Abanei a cabeça como se pudesse arrumar aquela informação nos devidos sítios. Nada do que diziam fazia sentido. Soluços e pânico brotavam de dentro de mim, a traição queimando-me as bochechas. O rei das Fae fechou os olhos e recitou a profecia de cor.

*«Um mundo de luzabençoado através das Pedras,
Um rei condenado a cair às mãos do seu segundo filho.
Uma cidade transformada em cinzas e despojada de vedras,
A estrela cadente que significará que a guerra entrou num novo trilho.
A última fada de sangue puro, nascida enfim,
encontrará a Espada do Sol dentro do seu coração.
Pai e filho reencontrar-se-ão numa guerra há cinquenta anos assim,
E com a ascensão da Fénix, começará a batalha final então.
Um rei que só pode conhecer o seu fim nas mãos dela,
Uma rapariga que sabe o que tem de escolher,
Um sacrifício feito para salvar ambas as terras da mazela;
Sem ele, todo um reino será deitado a perder.
Uma tragédia para ambas as Fae de puro-sangue, porque as duas cairão,
Infelizmente, é o preço a pagar para todos salvar de um fim que seria em vão.»*

O humor dançava-lhe nos olhos.

— É um bocado infeliz, não é? As duas cairão? Que pena. Acho que poderíamos ter sido grandes amigos.

Mal conseguia formular um pensamento. A minha mente andava às voltas, o estômago revirando-se. Eu...

Ele mentira-me. Depois de tudo.

A profecia...

Uma calma fria cobriu-me as veias quando finalmente, *finalmente* compreendi com perfeita clareza. A única coisa que o Kane nunca me contara, que continuara a cobrir de mistério, a descartar, a esconder.

A única razão pela qual o Bert me levava para Shadowhold. O motivo pelo qual o Kane me mantivera lá.

Os poderes que eu nunca compreendera...

Mas o Kane sim.

Estava destinada a pôr cobro à vida daquele homem diante de mim. O rei das Fae.

Porque *eu* era a última fada puro-sangue.

E estava destinada a morrer.

O Lazarus ergueu a adaga de prata na minha direção.

— Acabará em breve, Arwen. Tenta não lutar.

Debatia-me contra os homens que me seguravam, a mim e à Leigh. Os soluços dela desfaziam-me de dentro para fora.

— Não! — rugiu o Kane.

Uma explosão de poder escuro irrompeu do chão e lançou os soldados para longe do Kane com a força de uma tempestade. Os homens com armadura de prata tentaram lutar com ele, mas nenhum dos seus poderes — nem rios de fogo, nem luz violeta, nem espelhos cintilantes — estava à altura das sombras venenosas e negras dele. O Kane escapou-lhes das garras e lançou-se sobre o pai com um veneno puro e interminável.

Um fumo negro mortal soltou-se-lhe das mãos, ondulou-lhe das costas como asas, e quase alcançou o rei das Fae.

Quase.

Mas o Lazarus girou, e com um gesto da mão uma estaca de gelo sólido surgiu no ar e cravou-se no peito do Kane, forçando-lhe as pernas a vergar e atirando-o para a areia com um gemido hediondo.

— Kane! — gritei, numa voz que não era minha.

Ele gemeu de dor, um sangue escuro e pegajoso a escorrer-lhe das mãos enquanto tentava sem sucesso retirar o gelo do esterno. Rastejei e debati-me contra os meus captores, soluçando demasiado para gritar. O meu poder contorcia-se-me nos dedos; podia curá-lo, podia salvá-lo, podia...

Mas não conseguia mexer-me nem um centímetro. Nem sequer olhar para ele quando o soldado atrás de mim me virou a cabeça, posicionando-a de frente para o Lazarus.

Não queria que a Leigh visse aquilo. Abanei a cabeça, incapaz de pensar, incapaz de respirar...

— Por favor — implorei.

— Arwen... — O Kane gemeu da escuridão, banhado no seu próprio

sangue, os soldados atacando-o de novo. Tinha os olhos repletos de uma raiva infinda e absoluta. E de dor.

E de tristeza.

Tanta dor que me estava a rasgar em dois.

Estendeu-me as mãos, mas eram demasiados a prendê-lo, e estava a sangrar. *A esvair-se*, fitas de sangue...

O Lazarus encontrava-se agora diante de mim empunhando a adaga de prata cintilante. Preparei-me para a dor inevitável e abrasadora.

Uma forte rajada de vento e o som de faíscas no metal atiraram-me ao chão e caí para trás, em cima da Leigh e dos soldados que nos seguravam.

Sustive o alívio...

Livre. Estávamos livres.

Quando me sentei, com a visão ainda turva da força, o Kane desaparecera.

No seu lugar, na areia, ao lado de três soldados eviscerados que momentos antes o seguravam...

Encontrava-se o dragão da noite em que fui levada para Onyx.

O meu coração parou.

Todo ele era elegantes linhas pretas e escamas brilhantes — parecia ridículo que eu não o houvesse percebido desde o início. O Kane, quando assumia a forma de dragão, era igual: uma criatura de uma beleza alucinante e aterradora, de um poder perverso.

Depois, sem qualquer aviso prévio, o Lazarus também se transformou.

O poder da sua transfiguração lançou-me areia para os olhos, e tossi em resposta ao sabor picante da luza na minha língua, protegendo a Leigh nos braços.

O Lazarus transfigurado era uma serpe horrível, de escamas cinzentas. Duas vezes maior do que o Kane na versão dragão e duplamente assustador. Ao passo que o eu transformado do Kane ainda mantinha alguma cordialidade, alguma humanidade, o Lazarus era só monstro. Nada mais do que violência fria e insensível.

As cristas pontiagudas ao longo das costas e de uma cauda deslizante brilhavam ao sol branco, e uma cicatriz cor-de-rosa percorria-lhe a caixa torácica escamada. As fileiras de dentes brilhavam-lhe como estalagmites numa caverna lotada e traiçoeira. Olhos vermelhos brilhantes como sangue fresco dardejaram na minha direção uma única vez antes de ele se lançar sobre o Kane. As suas garras fenderam o ar enquanto atacava a silhueta de dragão do Kane pelo pescoço e disparava rumo ao céu.

Semicerrei os olhos na luz matutina sobre a praia devastada pela batalha. Como um horrível efeito dominó, um punhado de soldados à nossa volta também se metamorfoseou e seguiu-os aos dois.

Esfínges, hidras, harpias.

Todos mercenários, como o Kane me dissera, a voar atrás do seu rei.

O Kane não tinha hipótese.

Uma batalha celestial hedionda e desconcertante travava-se acima de nós, entre as estrelas que se mesclavam com a luz pálida, mas não esperei para ver o que aconteceria a seguir.

Agarrei na espada e tentei golpear os soldados que me rodeavam, a mim e à Leigh. Sabia que eram muito mais do que nós. Porém, ainda assim, tinha de tentar.

— Fica comigo — gritei à Leigh, enquanto enfiava a lâmina no pescoço de um soldado.

Esquivei-me e bloqueei, movendo-me por entre soldados.

Mas algo não batia certo.

Porque é que ninguém me tocara sequer?

Não era assim tão boa. Aqueles eram soldados do reino das Fae, supostamente os homens mais letais que alguma vez existiram, treinados para a batalha.

— O que é que estás a fazer? — perguntou a Leigh, num tom tímido.

— Ensinaaram-me esgrima. É uma longa história.

— Não estou a falar sobre isso.

Foi então que vi.

A areia sob os nossos pés, fazia covas à medida que nos movíamos. Cada soldado que tentava tocar-nos era afastado por uma explosão de luz protetora, tão fina como vidro.

— Não posso ser eu — declarei, mas saiu-me num fio de voz. *A última fada de sangue puro, nascida enfim.* Imagens do brilho quente e da força que sentira quando lutara contra a fera que lembrava um lobo inundaram-me a mente. — Mas é melhor não ficar por aqui para descobrir.

Embainhei a espada e corri para o navio, carregando a Leigh ao colo. O arco dourado em nosso redor era um segundo sol na crua luz azul da praia que dava lugar à manhã.

— E o rei? — gritava a Leigh, enquanto nós nos debatíamos contra soldados de todos os credos e reinos.

— Qual deles?

— O teu rei! — gritou ela.

— Deixa-o. — Ao pensar no Kane, uma nuvem de trovoadas abateu-se sobre mim. Mentira-me desde o primeiro momento em que nos havíamos conhecido.

Usara-me.

Caso sobrevivesse, eu própria o esganaria.

Ao chegar ao navio, a Leigh correu para a prancha.

Lá estavam eles.

A minha mãe e o Ryder, os rostos banhados em alívio.

A Leigh caiu-lhes nos braços e uma pequena parte do meu coração partido sarou.

— Graças às Pedras — exclamou a minha mãe, abraçando a Leigh.

O convés estava juncado de corpos de Amber caídos — o Griffin e o

Eryx devem ter-lhes conquistado o navio enquanto estávamos cativas do Lazarus. Um sussurro de triunfo inundou-me ante o seu sucesso.

Porém, os soldados de Peridot e Onyx mal conseguiam impedir que os homens do Lazarus entrassem no navio. A Amelia e a Mari ajudavam a desatar as cordas e a desfraldar as velas, enquanto espadas tiniam e vozes gritavam. Os rugidos fogosos nos meus ouvidos indicavam que as salamandras estavam a chegar.

O nosso aço não iria conseguir fazer face à força do fogo.

— Tens de partir, agora! — ordenei ao soldado de Onyx que capitaneava o navio. O sol começara a nascer sobre o mar e estávamos a perder a cobertura da escuridão de que precisávamos para navegar sem sermos seguidos. Ajudei um jovem de Peridot com calças blindadas e tatuagens a içar a âncora. O Griffin deu o sinal ao capitão, o navio pôs-se em movimento e eu corri de volta para a prancha, ignorando as súplicas da minha família.

Pouco importava quanto as suas vozes me esmagavam o coração.

O rasgavam em dois.

Precisava de ajudar, de fazer alguma coisa. Desci até à água pouco profunda, firmei os pés na areia, ao lado dos restantes guerreiros de Onyx, e ergui a espada.

Dois pés com garras pousaram a meu lado.

Oscilei o metal que tinha nas mãos, prestes a atacar, mas reconheci imediatamente aqueles olhos da cor do mar.

— Um grifo? A sério?

A gigantesca fera com penas acenou com a cabeça.

— Os meus pais não eram muito criativos.

Griffin avançou primeiro, eliminando filas de soldados com a sua envergadura mortal e arrancando cabeças com os dentes semelhantes aos de um leão. O sangue salpicava-me a cara, mas não me importava. Aliás, até me gozizava olhar para a carnificina, os corpos, as carcaças caídas de feras com escamas — o que haviam feito à pacífica cidade da Enseada da Sereia.

la matá-los *a todos, um por um*.

Esquivei-me e golpeei, mas mover-me na água rasa deixava-me mais lenta e arquejava devido à força que me era exigida para desferir golpes contra adversários mais fortes. Acima de nós, ouvi o rugido da forma de dragão do Kane enquanto ateava fogo aos soldados com que lutávamos, a serpe cinzenta seguindo-o de perto. O odor a carne carbonizada ameaçava expor-me o conteúdo do estômago no banco de areia por baixo de nós. Não havia tempo passado numa enfermaria capaz de me dessensibilizar no que respeitava a ver restos mortais humanos carbonizados.

Mesmo assim, as hordas continuavam a chegar.

Feria com estocadas e grunhia, esquivando-me por pouco de lâminas, chamas e punhos. Sentia-me grata pela luz ténue. Não queria ver até que ponto a água do oceano que atravessávamos se tingia de vermelho. Um soldado de Garnet aproximou-se de mim e lançou a sua lâmina contra a

minha. Bloqueei-o e girei, mas ele escapou-me. Pelo canto do olho, vi o Barney desferir-lhe um golpe no peito antes que o indivíduo me empalasse.

— Obrigada — exalei.

Em resposta, ele atirou-me para a água pouco profunda, cobrindo-me o corpo com o seu.

— Ei!

— Tem de entrar no navio, lady Arwen.

— Não podemos deixar estas pessoas entregues a si — grunhi sob o seu peso.

— Não temos escolha.

Sabia que o Barney tinha razão.

Eram demasiados homens. E feras. E Fae. Nem sequer estavam a usar luza — as suas espadas, flechas e canhões bastavam para dizimar metade da Enseada da Sereia. O Barney saiu de cima de mim e assobiou para o céu. Nem um minuto depois, garras retorcidas apanharam-me, a mim e a ele da areia, e transportaram-nos sobre o mar até ao navio em movimento. O vento bateu-me na cara, e aterrámos com um baque, a força das asas do Griffin fazendo com que alguns dos soldados de Peridot a bordo corressem para as galés.

Olhei para trás, para a costa. Alguns soldados ainda se defrontavam na baía, mas a maioria dos nossos inimigos parecia estar a retirar. Por instantes, perguntei-me com um otimismo infantil se nos deixariam simplesmente partir. Será que ter sido arrancada de casa, depois da fortaleza e agora daquele palácio, perdendo de caminho o meu amigo mais antigo e destruindo o que quer que tivesse com o Kane, poderia ser perda suficiente para uma vida inteira?

Ao invés disso, contemplei em silêncio e horrorizada as salamandras incendiarem as setas inimigas e uma chuva ardente de metal perfurante cair sobre o nosso navio. Toda a gente correu em busca de abrigo. Eu e o Ryder agarrámos na Leigh e na mãe e tentámos esconder-nos por baixo do convés.

Caímos nos aposentos do capitão com um baque.

Inspirei uma grande lufada de ar bafiento da cabina.

— Graças a tudo — exclamou o Ryder, certificando-se de que estava inteiro. Assim que teve a certeza de que não perdera nenhum membro, deitou-se no chão para inspirar.

— *Malditas Pedras* — exalou a Leigh, soltando-se de mim.

Aguardei pela admoestação da minha mãe relativamente ao uso de linguagem obscena.

Decerto, nem sequer a morte iminente lhe impediria a repreensão automática...

Mas ela não veio.

O frio mais sombrio — puro pavor — mal me fazia cócegas no pescoço.

Virei-me, levantando-me da madeira gasta por baixo de mim.

A minha mãe continuava deitada no chão, uma seta cravada no coração.

— Não — guinchei.

Não, não, não, não, não...

Abracei-a, a tremer e a gritar, o coração a pulsar-me demasiado nos ouvidos, a tremer...

— Arwen, tu consegues resolver isto, certo? — O Ryderistou-se do outro lado da minha mãe. — Mãe, mãe! Fica connosco.

— Mãe? — A Leigh agarrou-a com força, e o meu coração parou de bater.

Soube assim que a abracei. O estômago revirou-se-me e fiquei com a visão turva; não conseguia respirar. Não conseguia *respirar*.

O meu dom nunca funcionara na minha mãe.

Tentei ainda assim, pressionando as palmas das mãos contra a blusa encharcada de sangue. Verti toda a energia que tinha. Tal qual o Dagan me ensinara, pensei no céu, no ar e na atmosfera. Tentei absorver tudo à minha volta, como se estivesse a aspirar um último fôlego. O coração batia-me desabalado no peito, o corpo doía-me, a cabeça latejava-me, e aguardei. Esperei que os tendões, os músculos e a carne dela, sob o impulso do meu poder, se costurassem de novo em volta da seta. Os nervos vibravam-me e cerrei o maxilar com o esforço, mas o sangue continuou a jorrar em riachos e nada aconteceu.

— Sinto tanto, tanto mesmo. Não consigo... eu nunca... — soluzei.

— Arwen — disse ela, num fio de voz. — Eu sei.

Chorei mais, incapaz de encontrar força, coragem ou esperança. A ferida era demasiado extensa. O rosto do Ryder desmoronava. Segurava a Leigh com força, mas ela pusera-se mortalmente pálida e imóvel; as lágrimas marejando-lhe os olhos eram o único sinal do seu horror.

— Fui eu que fiz isto. É tudo culpa minha — chorei.

— Não. Não, Arwen. — Ela engoliu uma tosse húmida. — Sempre soube quem tu eras e amei-te de igual forma.

Confusão e choque guerreavam dentro da minha mente num turbilhão.

Como é que ela poderia saber? A pergunta morreu-me na garganta quando ela voltou a tossir.

Tinha tão pouco tempo de vida.

— Sinto tanto orgulho em ti, Arwen. Sempre senti, e sempre sentirei. Onde quer que esteja. — Enterrei o rosto no seu pescoço. Não havia dor, não havia sofrimento maior do que os olhares nos rostos da Leigh e do Ryder.

— Meus bebés lindos — sussurrou ela. — Tomem conta uns dos outros. Não vai haver...

Ficou mole antes de conseguir proferir as últimas palavras.

Depois, restou tão-só o nosso choro.

A minha mãe estava morta.

Eu falhara-lhe completamente.

O sol espreitava através de um céu pastel e nublado. A água agitada oscilava debaixo de nós, numa melodia calma e rítmica.

E a minha mãe estava morta.

Não era capaz de suportar aquilo. Não tinha força suficiente.

O rosto dorido do Ryder pairava-lhe sobre o corpo imóvel, enquanto a Leigh se limitava a contemplar em choque. As lágrimas e arquejos irregulares eram os únicos sinais de que estava consciente. Queria abraçá-los a ambos. Estreitá-los nos braços. Dizer-lhes que ia ficar tudo bem. Mas mal conseguia pensar, quanto mais falar.

E muito menos mentir.

Sem sentir as pernas dobrarem-se debaixo de mim, ergui-me. O coração batia-me descompassadamente, a minha mente estava limpa. Talvez tenha ouvido o Ryder atrás de mim. A chamar-me. Mas não havia como ter a certeza.

Saí dos aposentos do capitão atordoada e postei-me na popa do navio, de frente para a costa. As flechas ainda choviam sobre o convés, falhando aqueles que se estavam a abrigar, mas nenhuma me perfurou a pele. Os navios de Garnet e de Amber seguiram-nos nas águas irregulares. As salamandras estavam a retirar-se da praia, deixando os restos da carnificina para trás. Pedacos de armadura, armas descartadas, areia manchada de sangue. O céu escuro acima estava repleto de nuvens púrpuras numa manhã que prometia chuva. Criaturas aladas lutavam, as garras e as escamas colidindo entre a névoa.

Uma raiva pura e branca consumia-me. Enchia-me dos pés às palmas das mãos. Vibrei de raiva e dor.

Mas não de medo.

Uma torrente de poder cru e brutal libertou-se-me da alma, derramando-se dos meus olhos, das palmas das mãos e do coração. Conseguia senti-lo a fluir de mim como de uma barragem que se abre. Gritei, incapaz de o controlar, os pulmões ardendo-me com o esforço.

Uma luz branca e uma rajada de vento tão afiada como lâminas atravessaram o mar e dizimaram os soldados de Amber e Garnet. Batalhões na costa e navios no mar iluminaram-se numa luz dourada e quente. Os seus gritos eram o meu combustível. O sofrimento deles o meu espírito. E bebi, bebi e bebi.

Erguendo os braços para o céu, absorvi o ar à minha volta. O éter tingido de chuva, o relâmpago, as nuvens. Encheram-me as veias, os pulmões e os olhos. Arrastei para o mar as restantes criaturas aladas e horripilantes que me sobrevoavam, até a água salgada ficar vermelha e as ondas se agitarem com o seu sangue. Senti o horror irradiar dos que me rodeavam no convés. Ouvi gritos, mesmo daqueles que eu amava.

Mas não conseguia impedir-me.

Pensei em todos os cidadãos inocentes da Enseada da Sereia. Mortos, feridos, sem casa. A injustiça de tudo aquilo.

Pensei na Leigh e no Ryder, sem mãe. Nos horrores que tiveram de testemunhar, tudo pela ganância do rei. Nas noites de pesadelos e nos dias de choro que se estendiam à sua frente.

Pensei no Powell. No cheiro pegajoso das suas roupas. No espaço apertado e confinado da sua oficina. Na dor de cada chicotada, desferida tanto com o cinto como com palavras. Tudo o que os seus maus-tratos me haviam custado. Uma vida pequenina e miserável.

Pensei na minha mãe. Nos filhos adorados que criara quase sozinha. Na vidinha que levara. Na sua dor e sofrimento. Na única oportunidade de saúde desperdiçada. Em como a sua própria filha, abençoada com o dom da cura, nunca fora capaz de a curar. E no modo indigno, excruciante e arbitrário como morrera.

E depois pensei em mim. Em cada exploração, manipulação, golpe, insulto. Tudo o que me moldara a infância e estes últimos anos. Uma vida desperdiçada pelo medo, escondendo-me do que estava lá fora, aterrorizada por estar sozinha e sentindo-me sempre só. A traição da única pessoa que me havia mostrado que poderia ser outra coisa. Uma profecia que prometia a minha morte.

Por fim, compreendia profundamente o meu objetivo naquele mundo, e era morrer.

Lamentei-me e purguei...

Expulsando a dor à medida que esta me sangrava dos dedos, do coração, da boca...

O poder estremeceu através de mim, dizimando, destruindo, sem fim. Gritei o meu sofrimento aos céus e fiz cair uma saraivada de fogo impiedoso sobre os soldados inimigos.

O mundo era demasiado cruel.

Ninguém merecia viver para ver outro dia.

Aniquilá-los-ia a todos.

Eu faria...

«Mostraste uma coragem extraordinária quando não tinhas esperança de que isso te salvasse.»

«Aquilo a que chamas medo é de facto poder, e podes usá-lo para o bem.»

«Não queria viver num mundo sem ti.»

«És uma luz brilhante, Arwen.»

«Sempre soube quem tu eras e amei-te de igual forma.»

Desabei no convés, vergada sobre mim, a soluçar e com falta de ar.

Uma compressa fria repousava-me na testa. O sol irado da manhã batia-me nos ombros e formigava-me na pele.

— Ei-la de volta — disse uma voz suave e familiar. Sentia os olhos pesados de sono e mágoa. Pisquei-os, vendo o rosto bondoso e melancólico da Mari, a massa de caracóis ruivos espreitando acima de mim. Sentei-me devagar, a cabeça latejando, e apercebi-me de que ainda estávamos no convés do navio. De acordo com a posição do sol no céu, julgo que terei estado desmaiada várias horas.

Voltei-me para contemplar o mar, deixando que os salpicos de maresia se me espraiassem pela cara. Peridot ficara há muito para trás. Não se avistava terra.

Tinha de...

Nem sequer conseguia pensar nisso. No que havia feito.

No que perdera.

— Ninguém nos está a seguir — optei por dizer.

— Depois do teu... episódio — Mari fez uma pausa, como quem quer encontrar a melhor forma de se expressar — não restava ninguém para nos seguir. Nenhum dos feiticeiros do rei Ravenwood se encontra aqui, pelo que descobri um feitiço para ocultar o navio. Quando voltarem a reunir os exércitos, pelo menos estaremos indetetáveis.

Anuí, entorpecida.

Não iria perguntar pelo Kane. Quer estivesse naquele navio quer...

— Portanto — disse ela, retirando a compressa fria e encharcando-a de novo —, és uma fada. Podias ter-me dito, sabias. — Sentia-lhe a dor na voz.

— Ela não sabia.

Olhei para cima, semicerrando os olhos na luz direta do sol. A voz era do Ryder, que trazia a Leigh pela mão. O rosto da minha irmã era uma máscara de pedra.

Nunca lhe vira uma expressão tão fria.

— Como é que és uma fada, quando nenhum de nós o é? Temos a mesma mãe — perguntou ele, também mais sério do que alguma vez o vira. Aquela luz indefetível, que o iluminava apesar das circunstâncias, desaparecera.

— Não sei — repliquei. Saiu-me como uma súplica.

Levantei-me com a ajuda da Mari e aproximei-me dele com segurança. Quando percebi que nenhum dos meus irmãos se esquivaria, abracei-os.

Deixámo-nos assim ficar por um longo momento.

Embora tivéssemos pais diferentes, nunca os sentira como meus meios-irmãos.

Nunca conhecera o meu pai e a minha mãe nunca me falara dele ao longo da minha infância. Por fim, acabara por lhe arrancar a informação só dois anos antes. Contara-me que conhecera um homem de outro reino, não se lembrava de qual, numa taberna nos arredores de Abbington.

Estava a afogar as suas mágoas pela perda recente da mãe e ele animara-a e levara-a a dançar. Na manhã seguinte, acordara no chalé dele, mas ele desaparecera.

Nunca mais o vira.

Detestava pensar no meu pai assim, pelo que não pensava grandemente nele.

Mesmo dando voltas à cabeça, sabia que não era possível que o homem fosse responsável pelo que eu era.

Era a última fada puro-sangue. Ambos os meus progenitores teriam de ser Fae de puro-sangue. O que queria dizer que ou a minha mãe nos escondera a sua natureza durante toda a vida ou então não era mesmo minha mãe.

Os meus irmãos eram agora a minha única família viva, as pessoas mais próximas que me restavam e havia grande probabilidade de não estar biologicamente a eles ligada. Isso, em adição ao vazio que sentia ante a perda da minha mãe e a percepção de que não era a mulher que me dera à luz, bastava para me vergar o pouco ânimo que me restava.

Apesar do abraço, nunca me sentira mais distante deles, e havíamos passado meses separados. Detestava o que sabia agora ser, tão estranho e distante que mal me sentia eu.

Porém, acima de tudo, detestava o Kane. Não tinha a certeza de onde ele se encontrava — dizia de mim para comigo que não me importava se sobrevivera ou não à batalha com o pai.

Porque deveria preocupar-me?

Afastei-me dos meus irmãos e olhei para o convés demasiado brilhante. Alguns soldados tratavam dos feridos, mas parecia que quase toda a gente fora para baixo.

Os sons de passinhos nos aposentos do capitão ecoaram pela coberta, afastando-me de pensamentos sombrios.

— Cobardes monstruosos, eis o que são!

Girei, dando de caras com a Amelia, o Eryx, o Griffin e o Barney a

subirem para o convés em fila.

Nada do Kane.

Não consegui perceber se foi dor, medo ou alívio que me revirou o estômago.

Os olhares deles pousaram em mim: o da Amelia frio como gelo, o do rei Eryx manifestando um vago interesse, o do Barney empático e o do Griffin indecifrável, como sempre. Uma centelha de vergonha brilhou-me fundo no peito ante os seus olhos perscrutadores, mas sentia-me demasiado dormente, demasiado exausta para que isso fosse mais do que uma leve sensação.

— Amelia, não tínhamos escolha. — O rei Eryx voltou-se para a filha.
— Tínhamos de *sobreviver*.

A Amelia girou para o encarar.

— Deixámos o nosso povo entregue ao sofrimento. — Quase cuspiu as palavras.

— Conseguimos salvar alguns nos outros navios, eles...

— *Eu* salvei-os. Tu limitaste-te a correr como...

— Mais importante do que isso — articulou acima dela —, vivemos para lutar mais um dia.

— E para onde vamos nós agora? Continuaremos a fugir? — perguntou ela, a amargura a cobrir-lhe a voz.

O rei Eryx olhou para o Griffin, mas este não respondeu. Ao invés disso, voltou-se para a proa do navio.

Como um demónio vingativo, o Kane saiu das sombras.

— Navegamos para o reino de Citrine.

Estava vivo.

Pareceu-me ouvir o meu coração rachar.

Ele estava um farrapo. Vergões cobriam-lhe os braços e o pescoço, um olho encontrava-se negro e fechado, e tinha os lábios rasgados. Arvorava uma ferida no peito enfaixada às três pancadas sob a camisa aberta e enfunada, mas um sangue vermelho-vivo tingia-lhe as ligaduras improvisadas.

A atenção do Kane recaiu imediatamente sobre mim. Os olhos tremeluziram-lhe com preocupação.

Afastei o olhar do dele e pousei-o no mar sem fundo.

— Não temos forma de enviar-lhes corvos para os informar de que estamos a caminho, rei Ravenwood — disse o Eryx.

— Temos de esperar que nos recebam de braços abertos.

Griffin soltou uma gargalhada sombria.

— Não vão fazê-lo.

— Eu sei — disse o Kane com uma calma letal.

Passou pelo grupo e aproximou-se a medo de mim. Quando já não conseguia evitar-lhe os olhos, encarou-me.

— Como estás, passarinho? — O seu rosto era uma máscara de arrependimento, mas a voz parecia um álcool, aliviando-me, por um instante, chegando inclusive a ser agradável antes de se tornar amarga na língua.

— Não me fales — disse. Mesmo que aquilo não fosse tudo culpa sua, sentia-me tão emocionalmente destruída que precisava que ela recaísse sobre alguém. Ele parecia merecê-lo mais do que qualquer outro.

O Ryder postou-se diante de mim, numa atitude protetora, os braços cruzados.

— Dá-nos um momento, Ryder. — O Kane não parecia mesmo brutal.

O Ryder estudou-me, e eu abanei a cabeça com veemência. Não queria estar perto do homem.

— Não me parece, Vossa Majestade — replicou o Ryder com toda a cortesia que conseguia dominar. O Kane fez uma pausa, após o que anuiu em sinal de compreensão.

— Sinto tanto pela vossa perda — expressou aos três. A Leigh nem o olhava nos olhos.

Caminhou para a esquerda do convés. Olhei para o Ryder e depois para a Mari. Nenhum me fixou nos olhos. Sabia o que estavam a pensar. Precisava de falar com ele, mais cedo ou mais tarde. O navio não era assim tão grande.

— Vamos para dentro. Preciso de comer — disse a Mari. O Ryder seguiu-a, voltando-se uma vez para trás para me estudar.

Beije a cabeça da Leigh e reuni a pouca força que me restava.

— Estou já a ir.

O Griffin, o Eryx, a Amelia e o resto dos guardas e soldados no convés encaminharam-se para a proa, a fim de prosseguirem a discussão.

Talvez tenham sentido a tensão devastadora entre mim e o Kane, e não lhes apetecesse estar perto de nós. Não os culpava. Além de alguns retardatários, o Kane e eu éramos os únicos naquele lado. Aproximei-me dele, o vento fustigando-lhe o cabelo. Estava a semicerrar os olhos ao sol.

Sentindo a minha presença, ele voltou-se, mas eu só conseguia fixar o oceano abaixo de nós. A fragrância a maresia e a cinzas adequava-se ao meu estado de espírito tempestuoso. Permanecemos em silêncio, ouvindo durante demasiado tempo as ondas estalar contra o navio.

— Sou a última fada puro-sangue — constatei.

Ele permaneceu imóvel, mas respondeu-me.

— Sim.

O coração batia-me desabalado. Sabia que era verdade, mas ainda me agitava até aos ossos ouvi-lo dizê-lo.

— O Griffin também é da nossa espécie.

— Pois é.

As bochechas ardiam-me. O Griffin, o Dagan, a Amelia — quantos haviam sabido antes que eu própria o soubesse?

— E vocês os dois conseguem metamorfosear-se — anunciei. — Tu és o dragão que me trouxe para Shadowhold naquela primeira noite?

— Sim — replicou ele, encarando o mar agitado.

— E a Espada do Sol? Da profecia?

Ele voltou-se para mim. Os seus olhos encontravam-se inundados de...

seria tristeza? Arrependimento? Mas escondeu-o, mal notou que eu reparara, e cerrou o maxilar.

— É o que o Halden queria e que já tinha sido roubado da caixa-forte há anos... a única arma que pode matar o Lazarus, quando empunhada por ti. — Engoliu em seco. — É provável que tenha vindo a Shadowhold para matar desertores, mas ouviu falar da espada que se encontrava na minha posse. A verdade é que pode estar em qualquer lado.

O coração pulsava-me nos ouvidos.

— Pensei que estava «no meu coração». Era isso que a profecia dizia.

— A maior parte dos académicos que consultei acha que ela não deve ser interpretada literalmente. Mas é melhor não discutirmos o assunto com a Amelia. Está demasiado disposta a abrir-te e verificar. — O seu olhar era assassino, e eu conseguia ver que não estava a brincar.

— Então, eu sou uma Fae verdadeira, como tu disseste. — As palavras ainda me pareciam uma loucura. — Como é que alguém como tu tem luz?

— Não sou um *halfling*. Esses são apenas mortais com traços ancestrais de linhagem das Fae. É quase impercetível, se não souberes o que procurar. Muitas vezes, são incrivelmente bonitos, muito fortes ou vivem vidas anormalmente longas. Existem apenas dois tipos de Faeries. As que são como o Griffin, eu, todos os soldados e todos os que se encontram encurralados no reino das Fae. Todos temos alguma linhagem mortal fruto de milénios de cruzamento. O outro tipo de Fae são as conhecidas como verdadeiras ou de sangue puro: só tu e o Lazarus.

— Mas como? Nasci em Abbington, a minha mãe era mortal. — Balbuciava. — Os meus irmãos são todos...

— Não temos a certeza.

Uma vaga de horror atingiu-me.

— Será que tu e eu somos... parentes?

Um sorriso sombrio atravessou-lhe o rosto.

— Não, passarinho. Tu nasceste muito depois de a última mulher fada de sangue puro ter morrido. O teu nascimento é... bem, é um milagre. Que nem o meu pai entende.

— Então, o Halden... a sua missão não era apenas caçar qualquer fada. Ele andava à procura de...

— De ti, sim. Da fada da profecia.

Aquilo atingiu-me como uma bofetada.

O Halden.

O Halden.

Ter-me-ia matado naqueles estábulos.

O Kane aproximou-se e eu preparei-me.

— Arwen, sinto muito, muito mesmo. Por tudo. Tudo o que te ocultei. Por ter deixado que ele te encontrasse.

O esgar de dor no seu rosto informou-me do que ele sabia que poderia ter acontecido na praia, não se houvesse ele transfigurado a tempo.

Os pulmões estreitaram-se-me. O ar preso dentro deles ardia-me. Obriguei-me a exalar.

— Talvez devesse ter sabido desde o início — declarei eu. — Nunca percebi as minhas capacidades ou porque é que desapareciam depois de eu as usar demasiado. — Pensei na noite em que não me consegui curar depois de ajudar a quimera.

— O Dagan. Pediste-lhe para me treinar?

— Quando eu era jovem, ele foi o meu guarda real durante muitos anos no Reino das Fae até à rebelião. Quando chegámos a Onyx, ele reformou-se. Mas não há ninguém melhor no continente para te treinar, tanto com a espada quanto com a luza.

A forma como o Dagan soubera das minhas capacidades e de onde eu podia retirar poder. Também ele me mentira. Raiva, humilhação e desespero guerream dentro de mim. Como é que fora tão cega aquele tempo todo? A Amelia tinha razão. Fora tão tola.

— Disseste-me que nunca me tinhas mentido. Prometeste-me que me tinhas contado *tudo*. — Não pude deixar de me virar para o encarar. Estudei-lhe os olhos cinzentos como ardósia enquanto se marejavam de angústia. — Eu merecia saber, Kane.

Ele parecia a instantes de vergar. Tentou tocar-me, mas pensou melhor e voltou a enfiar a mão no bolso.

— Não podia correr o risco de mais alguém saber. De alguém ter mais uma razão para te magoar. Há quase um século que o exército inteiro do Lazarus tem andado à procura da última fada de sangue puro capaz de lhe conjurar a morte.

— *Tretas*. Precisavas de me usar como arma. Sabias que, se me contasses tudo isto, o que derrotar o Lazarus significava para mim, para o meu... — engoli — para o meu destino, que eu nunca te ajudaria a obteres a tua vingança.

A palavra era amarga na minha língua. O Kane teve a audácia de parecer abalado, mas nada proferiu.

O ódio vertia através de mim. Não me veria chorar.

Enrolei as mãos trémulas em punhos e girei sobre os calcanhares.

— Quanto tempo soubeste o que eu era antes de eu o saber? — perguntei, a voz áspera e baixa.

Ele passou uma mão pelo cabelo.

— O Bert percebeu que eras quem procurávamos na noite em que curaste o Barney. Quando te trouxe para a minha fortaleza, havia uma luz em ti que só podia ser de fada. — Lembrei-me da viagem. Da estranha ligação que sentira com ele na sua forma de dragão.

— Durante quase cem anos, acordei todas as manhãs com um único pensamento. Um só. Encontrar o último puro-sangue. Cumprir a profecia. Matar o meu pai. Perdi as pessoas de quem mais gostava às mãos dele. O mesmo aconteceu com o Dagan e o Griffin. No dia em que nos juntámos

contra ele, não estive à altura, e todos sofreram em virtude disso.

Senti o coração falhar-me. A família do Dagan? Fora o Lazarus quem os matara?

— Se não acabar o que comecei, nenhum dos sacrifícios deles terá valido nada. Até ao dia de hoje, milhões vivem escravizados numa terra desolada por causa dele. Pensavas que sabias o que é um rei cruel, mas não fazes ideia, Arwen. Nenhuma. Todos os mortais deste continente morrerão uma morte sem sentido, caso ele não seja travado.

«E, no entanto, sabendo tudo isso, naquele dia em que fizemos a corrida — um sorriso pesaroso atravessou-lhe o rosto —, fiquei tão encantado contigo. Nunca conheci ninguém como tu. Na noite em que fomos atacados — encarei-o, incapaz de não o fitar —, sabia que não poderia avançar com o plano. Nem sequer para o bem de toda a Evendell. Trouxe-te a ti e à tua família para aqui, a fim de que vivessem o resto das vossas vidas em segurança.

Sentia o coração despedaçar-se.

— Estás a ouvir-me? — Incapaz de se conter por mais um minuto sequer, o Kane esticou uma mão desesperada na minha direção. — Estava disposto a sacrificar todo o mundo para te manter viva!

— Não me toques. — Afastei-me e voltei-me para o oceano implacável abaixo de nós. Apesar da minha promessa, uma lágrima correu-me pelo rosto.

— Tentei que não tivesses de escolher, e lamento por isso. Mas morrerei antes de o deixar ter-te. Tens de saber isso.

O poder ondulava por ele em ondas enquanto me fazia o juramento. Mas eu não sentia medo dele. Tinha medo de mim. Medo de morrer. Medo de viver. Medo do poder que se turvava dentro de mim. Uma névoa espessa de desespero invadiu-me todos os sentidos — sufocando-me. Armadilhando-me naquela nova realidade.

Por causa *dele*.

Podia ter vivido toda a minha vida sem saber o meu destino. Não teria de morrer.

Mas agora estava ciente de que era a única que podia matar o Lazarus e que, se ele morresse, também eu morreria. Eram tudo informações que poderia ter dispensado toda a vida.

E agora não havia outra escolha.

— Vou ajudar-te a acabar esta guerra. Vamos encontrar a Espada do Sol e eu enterrá-la-ei no coração dele. Vamos salvar toda a gente que o Lazarus pretende matar, salvar o Reino das Fae, vingar os que tu, o Dagan, o Griffin e todos perderam. Vamos acabar o que começaste, Kane.

— Não — disse ele, a voz falhando-lhe. — Recuso-me a perder-te. Eu...

— A escolha não é tua.

— Arwen...

— Já fizeste escolhas suficientes por mim.

Uma rajada de vento afastou-lhe o cabelo do rosto esculpido —

vulnerável em moldes que nunca vira. Quase me acerquei dele. *Quase.*

Porém, ao invés disso, dei um passo atrás.

E inspirei fundo a maresia — e o ar carregado de chuva.

— Talvez antes me tivesse preocupado. Te tivesse perdoado com medo de estar sozinha. Feito o que quer que me dissesse que deveria fazer. Teria sentido que precisava de ti, especialmente ao saber os horrores que me esperavam. Mas agora... mentiste-me, usaste-me. Tu... — Acalmei-me. — Não posso estar contigo assim, Kane. Já não.

— Por favor — pediu ele. Era quase um sussurro.

Abanei a cabeça. Estava a ceder, a partir-me em dois. A minha mãe morrerá, o homem que eu...

Não importava agora.

Ele enxugou os olhos.

— Como queiras — disse, e atravessou o convés, descendo para a galé.

Voltei a atenção para as ondas diante de mim. A água azul e irregular era um ritmo que não conseguia seguir, caótico e irregular— oscilando numa estranha dança sob a proa do navio. A imagem era mais bela do que me apercebera.

Já errara antes. Não era um mundo cruel.

Ou era, mas também era maravilhoso.

Vira mais beleza, alegria e esperança naqueles últimos meses do que o que julgara existir. E havia tantas mais coisas por aí. Tanta gente, tanto amor e tantas possibilidades. Não podia permitir que isso fosse abafado por um homem, fosse ele fada ou outra coisa qualquer.

Conseguia fazer aquilo, por Evendell. Pela minha família. Pela Mari, por todas as Fae inocentes e também pelos mortais. Conseguia encontrar a espada. Combater aquela batalha ao lado do homem que me partira o coração. Conseguia ser forte.

Era o mundo que precisava de ser salvo, mesmo que não estivesse viva para o testemunhar.

*Vire a página para uma espreitadela
exclusiva ao primeiro encontro do
Kane e da Arwen visto da perspectiva
dele.*

Kane

Cinco meses antes

Detestava aquele reino. Cada centímetro dele.

Uma noz-moscada sacarina cobria-me a língua e a parte de trás da garganta sempre que inspirava. Havia demasiado milho, demasiadas folhas cor de cobre caídas e esmagando-se sob os meus pés. As tabernas ali só serviam um tipo de cerveja, fabricado com maçã e canela, tão doce que fazia os dentes doerem.

As presas formigavam-me no maxilar só de pensar nisso.

Queria deixar o reino de Amber horas antes, mas o Bert insistira em obter ajuda médica para o Barney numa aldeia ali perto, Abbington, e, uma vez que ele acabara de perder o seu general, dei-lhe uma hora.

Era culpa minha que os homens estivessem a ser perseguidos, logo para começo de história.

Quando o rosto do meu pai se materializou na minha mente, mergulhei, aproximando-me das árvores de outono em baixo, as asas esticadas no ar do início da noite, e tentei que o vento a assobiar contra as escamas me acalmasse o sangue a ferver.

Sabia que era um desperdício de luz a transformar-me assim. Só iria transportar o batalhão de volta para o meu reino dali a uma hora, talvez mais, se o Bert encontrasse uma enfermaria para o Barney. Porém, ver outro membro do meu exército assassinado incitava mais raiva, mais inquietação acumulada dentro de mim do que aquilo com que sabia lidar.

Já não falta muito. Só preciso da rapariga...

O mantra não me estava a ajudar grande coisa nos últimos tempos. Talvez por andar a repeti-lo há vinte anos.

Desde a noite da estrela cadente.

O momento passava-me repetidas vezes na mente, tão nítido como se o tivesse visto através de um espelho. Duas décadas antes, acordara de um sono profundo como um homem possuído, a suar e a arquejar, agarrado ao peito como se o meu coração houvesse sido partido em dois. Avançara trôpego até à varanda, o ar frio ferindo-me o rosto, mesmo a tempo de a ver — uma estrela brilhante, acetinada e branca a descer por detrás das montanhas, como uma queda de tinta iridescente numa tela de um preto-escuro.

As palavras da profecia haviam-me soado na mente ainda confusa do sono — *a estrela cadente que significará que a guerra entrou num novo trilho.*

Ficara como uma criança impaciente, crédula enquanto esperava pela promessa de sangue e batalha. Pela última fada puro-sangue, desejando que me aparecesse ao portão do castelo a qualquer minuto. *Aqui estou eu! Sacrifica-me!*

Mas nada aconteceu.

Apenas um sentimento inexplicável que me sobrecarregou e que me levava a crer que algo infinitesimal se alterara no tecido do nosso mundo.

E enquanto esperávamos vinte anos por uma rapariga fada predestinada, fui obrigado a investigar as mortes de cada vez mais oficiais meus de alta patente. Cada um deles assassinado por um mercenário enviado pelo meu pai. Para me matar, atormentar, distrair. Não tinha a certeza.

O carrasco daquela noite fora particularmente monstruoso. O filho da mãe deve ter-se transfigurado em algo com cornos, tendo em conta os buracos atrozes que perfuravam os pulmões e a garganta do general assassinado. Talvez com garras também. As tripas do Barney estavam praticamente em farrapos.

A carne das suas entranhas a derramar-se no solo húmido de Amber deu-me a volta ao estômago.

O Barney era um homem bom. Quase me preocupava.

E por falar nisso...

Vendo o meu batalhão a caminhar pela erva abaixo, mergulhei. O ar frio da noite feriu-me o focinho enquanto vogava antes de aterrar com facilidade. O baque do meu peso no solo espalhou pó e detritos em tufos em meu redor como fumo.

E quando a poeira assentou...

Ali estava ela.

Como uma brasa iridescente no escuro, acenando-me.

O luar ténue pingava-lhe do queixo e do nariz delicado, dos lábios carnudos e redondos. Do sobrolho preocupado e do cabelo cor de avelã, emaranhado. Uns olhos grandes e cor de azeitona pousaram nos meus, brilhantes e inescrutáveis. Atraindo-me para si como se...

— O idiota está curado — disse o tenente Bert, baixo mas não num sussurro. O hálito embriagado ardeu-me nas narinas e desviou-me a atenção do rosto pesaroso da rapariga. Ao nosso lado, soldados elevaram um Barney

semiconsciente para as minhas costas. A barriga havia sido envolvida em ligaduras, tingidas de vermelho como vinho tinto numa toalha de mesa.

— Acho que vai ficar bem.

Os meus lábios enrolaram-se num rosnado.

O tenente era um líder razoável e um espadachim dotado, mas, Deuses, como detestava o tipo. Era um graxista hipócrita.

— Mas tenho algo ainda melhor para si, meu rei. Nunca vi semelhante forma de curar. O que ela fez pelo Barney... não era magia de feiticeira. Saía-lhe dos dedos como néctar. Julgo que ela pode ser aquilo de que anda à procura.

Enquanto os restantes homens me trepavam para as asas abertas, estudei novamente a rapariga.

Um rosto gracioso. Clavícula e ombros delicados. Faces coradas...

Na verdade, após uma inspeção mais minuciosa, parecia... horrível.

Ainda assim, tão bonita, é claro. Uma beleza como a sua não conseguia ser maculada pelo medo, sujidade ou sangue. Mas ela encontrava-se coberta dos três, da cabeça aos pés.

E não trazia grande coisa vestida. Talvez fosse cortesã? Não ficaria surpreendido. Tinha a certeza de que os homens de Amber pagariam belas quantias para poderem desfrutar dela.

Independentemente do estado em que se encontrava, a verdade era dolorosamente óbvia. Tão óbvia que quase me arrancara o ar dos pulmões. A maior parte das pessoas não conseguiria identificar uma fada pura a partir da mera aparência, mas, tendo crescido com um pai que era um puro-sangue, para mim, era como ver uma rosa entre ervas daninhas. A luza dentro dela quase brilhava. Poderia ter acendido toda uma clareira, se assim o desejasse.

Quase chorei de alívio.

Ao cabo de todo aquele tempo.

E era real.

E estava ali.

E estava... a enterrar os pés no chão, a choramingar contra as amarras e a tremer de medo.

Oh, *de mim*.

Estava com medo de *mim*.

— Está tudo bem, o monstro não te vai magoar — disse o Barney nas minhas costas, ainda agarrado à ferida enfaixada.

As palavras não pareceram acalmar a rapariga. Quando ela se aproximou de mim, ainda a choramingar e a resistir como um animal, tentei parecer ligeiramente menos ameaçador. Não sei bem porquê — agradava-me ser ameaçador. Era uma das muitas vantagens da minha forma de dragão. As expressões nas caras das pessoas, a forma como corriam e se escondiam — pelo menos, era melhor do que as vénias. Mais digno de um monstro, como o Barney dizia.

Finalmente, os seus olhos inchados e raiados focaram-se nos meus.

E neles havia mais dor do que o que vira em anos. Olhos de cordeiro brilhantes, como piscinas de melancolia. Lembravam-me as florestas em volta do palácio onde eu crescera. Tanto que quase sentia o perfume da minha mãe que enchia os salões. O sentimento era estranho.

E acabou num instante quando ela me trepou para as costas.

— Nada de ideias, rapariga.

Revirei os olhos ao soldado. Não é que ela conseguisse fugir para as nuvens.

— Não tenho para onde ir — ripostou ela.

Abafei uma gargalhada.

E então toda a gente se encontrava a bordo e eu levantei voo, saltando para o céu noturno, pronto para ir para casa. Fora uma longa noite, e eu sabia...

O toque dela quase me fez cair a pique milhares de pés. Apesar da enorme silhueta de dragão, e de ter quase doze homens em cima de mim, conseguia sentir o toque peculiar dos dedos dela na minha espinha, qual ferro quente. As pontas dos seus dedos delicadas ao longo das minhas costas — a sensação alcançou-me as garras.

E o seu pulso — conseguia ouvir-lhe o coração a bater nas minhas escamas. Como um pardal capturado nas mãos transpiradas de uma criança, o coração a bater tão veloz que todo o corpo lhe tremia com o esforço de permanecer direita. Tentei em vão libertar-me do seu toque. Era demasiado pessoal — senti-la, ouvir-lhe a respiração e ficar a conhecer-lhe o ritmo do medo.

Era sem dúvida alguma a fada puro-sangue da profecia. Não podia ser outra coisa. Tratava-se da única forma de explicar a bizarra reação física que eu estava a ter à sua proximidade.

Precisava de uma bebida.

*

— Estás a brincar.

— Não estou. Ela está aqui. No castelo.

— Depois de todo este tempo. — O Griffin abanou a cabeça e lançou a pequena bola de couro ao *Acorn*, que correu pelo escritório, furando-a entre os dentes antes que ela rolasse para baixo da estante de mogno. Enquanto o ar se esvaía da bola, os ombros encolheram-se-lhe de remorso, as asas semelhantes às de uma coruja a embater atabalhoadamente contra as prateleiras.

Tentei não me rir. Não era o típico animal de estimação, e certamente não seria adequado a um rei mortal, mas a estrige ossuda e assustadora era minha desde miúdo e nem sequer os Deuses conseguiriam separar-me dela.

O *Acorn* passou a bola vazia a Griffin com um grito rouco.

— O que é que ela estava a fazer em Amber? — perguntou ele, lançando

a bola flácida mais alto desta vez.

— Não faço ideia — refleti, bebendo o que me restava no copo e recostando-me nas almofadas da minha cadeira de veludo. O uísque ardia-me na garganta e tranquilizou-me a mente acelerada.

— Entretanto, acabámos de capturar um homem que esconde dinheiro para um dos maiores círculos de crime de Rose Quartz. São ladrões e vendedores de armas... se a Espada do Sol estiver a ser vendida em algum lado deste lado do continente, ele sabê-lo-á.

A Espada do Sol continha um poder inimaginável quando manejada por uma fada, mas não passava de um pedaço de metal nas mãos dos mortais. Até de alguém com cruzamentos de sangue. E, no entanto, homens tolos e gananciosos haviam-na procurado durante séculos, inscientes de que nunca poderiam dominar a coisa.

E um desses loucos encontrava-se naquele preciso momento nas minhas masmorras. Sentia uma vaga de esperança desabrochar dentro de mim — estava a ter uma noite e tanto.

— Excelente. Vamos levá-lo para a roda.

O Griffin franziu o sobrolho enquanto se recostava no sofá cor de carvão, ignorando o *Acorn*, que empurrava suavemente a bola.

— Vai morrer antes que consigamos pô-lo a falar. O homem liderou a capital do crime do continente durante quinze anos. Está treinado para resistir a tudo menos à morte.

Pousei o copo gelado e passei uma mão pelo rosto, pensando. Não era ideal, mas conseguia trabalhar com aquilo. Só precisava de conseguir que o tipo se abrisse de alguma maneira. Talvez a um companheiro...

A um parceiro de cárcere.

Alguém de quem se pudesse compadecer. Alguém a quem se gabar. Queriam sempre gabar-se. Talvez pudéssemos subornar mais algum idiota encarcerado na nossa masmorra para fazer as perguntas certas e relatar-nos.

Mas a rapariga. Estaria lá em baixo.

— Eu mesmo irei falar com ele.

O Griffin inclinou a cabeça para um lado, enquanto eu transpunha a porta do escritório na direção dos meus aposentos, retirando os anéis de prata e pegando numa pele velha nas profundezas do guarda-roupa.

— Bem, não propriamente eu — gritei na direção dele. — Volto daqui a nada.

Saíra antes que ele pudesse objetar. Seguindo em passo estugado para o corredor, passando pelos guardas e descendo os degraus de pedra da fortaleza. Era tarde, e o castelo encontrava-se silencioso, excetuando alguns guardas, que me faziam a vénia a cada porta que me abriam.

Uma pista real relativamente à espada, a última fada puro-sangue na minha posse, e a única coisa em que conseguia pensar era vê-la de novo. Só olhar uma vez mais para ela. Era a excitação de finalmente a encontrar ao cabo de todos aqueles anos. E saber que iria finalmente pôr fim à vida do meu

pai e libertar toda a Lumera.

Tinha de ser.

— Meu rei. — O jovem guarda de serviço do lado de fora das portas da masmorra cumprimentou-me com uma vénia reverente.

— Hoje à noite, não, Toole. Esta noite sou só mais um prisioneiro, entendido?

— Claro, Vossa Majestade, compreendo, naturalmente. — O aceno firme do Toole desfez-se num estremecimento. — Mas... na verdade, não compreendo.

Abafei um suspiro. Precisava de ir lá para baixo. Ela estaria a minutos dali, se não já lá dentro.

— Que cela guarda o homem que o Griffin trouxe de Rose Quartz?

— A dezassete, meu rei.

— E a cela dezasseis está desocupada?

— Sim, mas...

— Boa, agora leva-me à força lá para baixo e atira-me para dentro. — Não tinha tempo a perder com a confusão do Toole.

— Meu rei...

— Agora. — Quando o veneno se me esgueirou para a voz, o Toole fez o que lhe dizia e descemos pelas escadas em caracol.

O ar das masmorras era tão espesso que conseguia saborear o mofo e o bolor.

— Apodrece aí, seu pedaço de merda! — O Toole atirou-me para a cela com um toque teatral. Agradou-me o empenho, apesar da atuação desajeitada. Esboçou-me um sorriso impaciente enquanto seguia pelo corredor e tentei não responder com um esgar.

A cela não era terrível. Francamente, a pedra cinzenta, a luz ténue da lanterna e o pingar da água opaca assentavam que nem uma luva na minha alma sombria e húmida. O Griffin teria gozado com a minha autocomiseração, mas era verdade. Eu pertencia a um lugar assim. Até gostava do trabalho das aranhas no canto, a sua teia a lembrar uma decoração requintada e macabra.

Estudei o corredor de passagem. Nenhuma rapariga fada. Não por ora, pelo menos. Porém, na cela ao lado da minha, encontrava-se o homem de Rose Quartz, a ressonar num monte a um canto. Talvez conseguisse encontrar uma pedrinha para lhe arremessar.

— Não, espera! Não posso entrar aí.

Ah. Mesmo a tempo...

Inclinei-me para espreitar o corredor repleto de sombras.

— Não te vou magoar. É só um sítio onde podes descansar até que o tenente decida o que fazer contigo. — A voz do Barney.

— Só não posso ficar trancada. Por favor. Onde é que ficam os curandeiros?

Soltei uma gargalhada. A fada encantadora tinha alguns direitos.

Vaias vulgares e berros encheram a masmorra, fazendo ricochete nas

paredes e no chão enquanto o Barney avançava com ela e lançava a rapariga sem cerimónias na cela ao meu lado.

«Mostra-me as tuas mamas, querida! Estou aqui em baixo há imenso tempo.»

«Abre as pernas para mim, rapariga!»

Uma satisfação doentia foi-me assaltando por saber que prendera aqueles animais e que não voltariam a ver a luz do dia.

— Espera! — gritou a rapariga ao Barney, a soluçar e arquejar.

Era um pouco dramática. Que idade teria? Vinte, se a estrela cadente me houvesse indicado o seu nascimento. Deixou-se cair a um canto e encostou os joelhos ao peito, tremendo, a respiração em haustos irregulares. Que se passava com ela? Decerto, teria algum poder que conseguisse usar. Na verdade, surpreendia-me que ainda não houvesse usado a sua luza. Para alguém que era o último espécime puro da sua espécie não estava a dar grande luta.

Talvez não soubesse do seu poder. Da profecia, das suas origens de fada — não é que o reino de Amber tivesse uma população robusta da sua espécie para a educar. A raça quase nem existia ali, em Evendell.

Deixei a cabeça cair de novo contra a pedra atrás de mim.

Se esse fosse o caso, como é que iria conseguir que ela lutasse por nós? Como lhe contaria que estava predestinada a morrer?

Os arquejos estrangulados da rapariga ecoavam pela minha cela. Agora, não estava mesmo a respirar. Espreitei-a mais de perto.

Parecia que estava a entrar em pânico. Como costumava acontecer ao meu irmão mais novo, o Yale.

O Dagan costumava acalmá-lo através de respirações, mas eu preferia fazê-lo de outra forma. Aquilo de que o Yale precisava mesmo era de uma distração. Para lhe afastar a mente do corpo e focá-la em algo diferente.

Mas isso não tinha nada que ver.

Eu não ia ajudá-la.

Estava só ansiosa. Ficaria bem.

Não era o momento oportuno.

Só tinha uma oportunidade de a convencer a lutar contra o Lazarus. Tinha de me posicionar, a mim, e ao nosso plano de forma infalível. E precisava de obter informação do idiota na outra cela. Isso era mais importante. Só quisera observar a rapariga; não ia falar com ela, independentemente de quão infeliz parecesse. De quão difícil lhe era respirar. Da quantidade de lágrimas que caíam no chão a seus pés. De quão acelerada a sua respiração me soava, de quão assustada, de quão aterrorizada estava.

Não fales com ela, não fales com ela, não...

— *Malditas pedras* — praguejou ela entredentes.

— Que língua essa — murmurei.

Caramba.

A rapariga levantou a cabeça, um cabelo de um castanho-chocolate a

cair-lhe sobre o rosto e a colar-se-lhe às bochechas pegajosas das lágrimas. Ainda estava a inalar ar como se pagasse por cada respiração. Mas agora também parecia envergonhada.

— Desculpa — murmurou.

— É só... um pouco dramático, não achas?

O que é que estás a fazer? Deixa-a em paz.

As sobranceiras dela uniram-se-lhe e deixou cair uma mão que se encontrava firmemente pressionada de encontro ao peito como que para lhe acalmar a batida cardíaca.

— Já disse que lamentava. Que mais queres?

Uma gargalhada que era mais de surpresa do que de outra coisa qualquer tropeçou de mim e inclinei-me, intrigado. Com que então o pequeno beija-flor tinha garras.

— Seria bom descansar um bocadinho do teu choro.

— Já acabei — concedeu ela, inspirando profunda e lentamente e deixando cair a cabeça contra a pedra húmida.

— Não são todos os dias que se é feito prisioneiro. Ou... talvez para ti seja, mas... não para mim.

A distração estava a funcionar. Boa. Era uma boa ação, ajudar a rapariga fada. Uma paga por todos aqueles que ela iria ajudar com o seu sacrifício. Era o mínimo que podia fazer, na verdade.

— Só queria dizer que há quem esteja a tentar dormir aqui. O teu teatro e peito palpitante não vão mudar a situação. — Fiz uma pausa, ponderando nas palavras que me afloravam aos lábios. — Embora o segundo seja agradável à vista.

— És nojento — exalei.

— Alguém se sente corajoso quando há grades entre nós.

— Nem por isso. Apenas honesta.

O pânico dela parecia ter desaparecido. Limpou as lágrimas com as costas da mão; o ar fluía-lhe lentamente pelo nariz. Só precisava de a ver melhor para me certificar.

Levantei-me e senti os ossos rijos ranger, esticando as mãos acima da cabeça e quando tocava no bolor no teto. A percepção inicial acerca do conforto das celas estivera incorreta. Agora, sentia-me como uma galinha numa capoeira.

Caminhando na direção das grades de ferro que separavam as nossas celas, espreitei a rapariga fada. Daquele ângulo, era muito pequena. Frágil. Ossuda. Como é que uma rapariga assim iria vencer o meu pai? Não me parecia possível.

Encostei um braço às grades e examinei-lhe as canelas feridas e os pés descalços.

— Estás a tentar assustar-me? — perguntou-me ela, baixinho.

Era o oposto.

— Algo parecido.

— Mas não conseguiste. Assustar-me, quero dizer.

— Que passarinho corajoso — murmurei. E acreditei nela. A coragem talvez fosse a única arma que ela poderia brandir contra ele. — É bom saber. Talvez agora possa ir dormir.

Esse seria um problema para mais tarde. Esta noite, a rapariga ficaria bem e eu estava livre para me fazer passar por um aliado junto do bandido de Rose Quartz. Estaria fora daquela cela em...

— A tua crueldade é um bocado *cliché*.

Porque é que ela seria tão ousada? Agora estava praticamente a estudar-me. Incapaz de me controlar, pus-me de cócoras para também eu a ver melhor. Os seus grandes olhos cor de azeitona, emoldurados por longas pestanas, escrutinavam os meus. Os meus lábios, o meu queixo. Uma vaga de calor assaltou-me o sangue.

— Porquê? Porque estou preso?

— Como?

Controlei um sorriso ao ver que ela corava.

— O *cliché*, conforme referiste.

— Sim. Prisioneiro cruel e sinistro. — Encolheu os ombros. — Já foi repetido à exaustão.

Ele levou a mão ao peito, fingindo-se insultado.

— Feres-me — gozei. Mas ela estava ali, também, não estava? — Não poderia dizer o mesmo de ti?

Uma ruga adorável, minúscula, frustrada marcou-lhe o sobrolho, mas ela permaneceu em silêncio. Talvez não tivesse gostado do facto de, apesar das suas presunções acerca de mim, estarmos os dois encarcerados nas mesmas masmorras. Era um pouco inocente, aquela rapariga. Tendo em conta o que a esperava — e ponha-se de lado a coragem —, precisava de ser mais entendida.

— Tens de ter ânimo, passarinho. Estás em Onyx agora. Não é só gente de cabelo cor de lama, bochechas rosadas e agricultores de abóboras. Filhos da mãe como eu são o que menos te preocupará.

— Como é que sabes que sou de Amber?

Merda. Talvez as roupas pudessem ser sinal disso. Estudei-lhe o corpo e lembrei-me de que estava quase despida. Uma camisa branca toda tingida do sangue do Barney. Uma saia comprida de lã. A rapariga cruzou os braços diante do peito em sinal de modéstia, a vergonha cobrindo-lhe as faces.

Vergonha?

Estaria a sentir-se modesta?

Talvez não fosse uma cortesã. Nesse caso...

Cerrei o maxilar, sentindo uma raiva irracional.

— Como é que sabes que sou de Amber?

— O que é que aconteceu ao resto da roupa?

Ela engoliu em seco.

— É uma longa história.

A ideia de alguém abusar daquela rapariga era de súbito muito perturbadora. *Muito*.

— Tenho tempo.

— Tive de usar a camisola para ajudar uma pessoa. Só isso.

Quando ela tremeu e lhe vi a pele arrepiada dos braços, não consegui impedir-me.

— Tens frio?

Mas quem é que eu era, a mãe dela?

— Sim — disse ela, honestamente. — Tu não?

— Já devo estar habituado. Toma. — Tirei o manto de caça e passei-o por entre as grades. Os olhos esbugalharam-se-lhe, e acrescentei à pressa: — Não te consigo ouvir a tiritar nem mais um minuto. Está a mexer-me com os nervos.

Ela pegou na pele sem qualquer comentário desagradável e passou-a em volta de si como se fosse a melhor coisa que tinha. Quase revirou os olhos com o calor, murmurando:

— Obrigada.

A peça era dois tamanhos acima do dela, mas aninhou-se como se lhe estivesse perfeita.

Parecia... confortável. Aconchegada.

Como se todos os horrores que a houvessem conduzido, com sangue e ferida, às mãos do Bert naquela noite, e todos os horrores que se seguiriam, das costas de um monstro com espinhos ao confinamento naquela cela, fossem suportáveis desde que pudesse estar *quente*.

Segura.

E o sentimento que me nascia no peito ante tal visão...

Oh, Deuses.

Estava tramado.

Agradecimentos

Não há outra forma de começar isto que não agradecendo ao meu parceiro brilhante, que me apoia e é infinitamente paciente, o Jack. Na nossa viagem de celebração do décimo aniversário, entre queimaduras solares e gelados junto da piscina, ajudaste-me a descobrir a história da Arwen e do Kane. Acordaste todas as manhãs e, em vez de irmos para o *buffet* do pequeno-almoço de que ambos tanto gostamos, deixaste-me sentar na varanda e teclar no computador portátil, perdida no Reino de Onyx, até o calor do meio-dia me obrigar a ir para a piscina. E, depois da viagem, deixaste-me lançar-te ideias, remendaste-me os buracos no enredo, inventaste nomes significativamente menos estúpidos para todas as minhas cidades e até leste a primeira versão em tempo recorde. E depois perguntaste-me: «Quando é que posso ler o segundo livro?» Nesse ínterim, nunca te queixaste, não disseste que não era isto que tinhas em mente, que esta não era de todo a carreira que eu passara os últimos sete anos a construir ou que, aos vinte e oito, era um pouco tarde para decidir que queria escrever romances de fantasia. Estou-te tão grata; não há maneira de o transpor para palavras. Atravessaria cem Bosques das Sombras por ti.

No caminho da publicação deste meu primeiro romance há tantas outras pessoas maravilhosas e prestáveis a quem também quero agradecer. À minha mãe criativa e imaginativa, que me ensinou tudo o que sei sobre contar histórias (e sobre o ser humano, em geral). Aos meus atentos leitores beta, que me convenceram de que esta narrativa poderia valer a pena ser partilhada com outros. À minha brilhante editora, Natalie, que me lembrou de que deveria levar o meu tempo e construir, construir e *construir* a tensão. Aos meus encantadores revisores, Naomi e Danni, que elevaram todo o romance, graças aos seus olhos atentos. Aos meus incríveis agentes, Taylor, Sam e Olivia, que levaram esta história ao imenso mundo da publicação que eu nunca consegui encarar sozinha. Ao meu génio criativo, a minha editora em Berkeley, Kristine, que conheci e que em três minutos compreendeu esta série, estas personagens e este mundo tão profundamente e com tanto entusiasmo quanto

eu. À leal (e hilariante) comunidade do TikTok, que seguiu tão de perto esta obra e a sua publicação — nada disto seria possível sem a vossa paixão. E, por fim, ao meu querido *Milo*, o melhor cão que se poderia querer. Obrigada por te sentares ao meu lado durante fins de semana a fio enquanto eu escrevia, sem nunca te queixares quando eu me punha a gritar para o computador sem qualquer razão para isso. És fantástico.

Vire a página para ter acesso a um
excerto de

A PROMESSA DE PERIDOT

O próximo volume da Trilogia das Pedras Sagradas.

ARWEN

— Vou vomitar outra vez — advertiu Ryder, debruçando-se sobre a amurada de aço do navio. Gotículas de chuva bombardeavam-nos enquanto eu desenhava círculos calmantes no tecido molhado que se colava às suas costas.

— Estou aqui — disse, tentando direcionar alguma luz até ao seu estômago descomposto. Esperei e esperei mais um pouco, até que não pude evitar premir os meus dedos contra o vazio que sentia, onde o meu poder deveria estar, e ranger os dentes...

Ainda nada.

Ryder vomitou para o mar revoltoso debaixo de nós.

Durante os dez dias que se seguiram à batalha na Baía da Sereia, curei as mazelas do navio inteiro mesmo sem os meus poderes. As feridas infligidas pelo exército de Lazarus, queimaduras e cortes profundos provocados por luz e por armamento Fae, fizeram mais estragos aos soldados de Onyx e de Peridot do que qualquer aço mortal. Foi o trabalho mais extenuante que alguma vez tive.

E, ao mesmo tempo, afundada em compressas e suores febris, tentei fazer o meu luto.

Celebrámos um pequeno funeral improvisado para ela — para a mulher que sempre acreditei ser a minha mãe. Os soldados a bordo, que haviam saído ilesos do combate, desceram o seu corpo até ao mar turbulento sob nós, e eu proferi umas quantas palavras, que pareceram ocas e estranhas ao saírem dos meus lábios. A Mari entoou uma melodia. O Ryder chorou. E a Leigh não olhou para nenhum de nós, esquivando-se para as cabines do convés inferior antes sequer de terminarmos.

Foi horrível.

O Kane perguntou se podia juntar-se. Creio que as suas palavras foram «Gostaria de lá estar para ti, se assim mo permitires». Como se a sua presença tivesse qualquer capacidade de me fazer sentir melhor, em vez de infinitamente, *infinitamente* pior. Não o queria por perto da minha família. Ou do que restava dela.

Então, veio a tempestade.

Uma rajada de chuva trovejante, com ondas que explodiam contra a embarcação como pancadas de aríetes. Rugiu e rugiu sem cessar durante toda a nossa viagem. A cada dia, meros minutos após pisar o convés para ter uma pausa merecida das cabines abafadas, acabava por ficar encharcada na água gélida e salgada do mar.

Ontem, o capitão tinha começado a racionar o carvão do navio, portanto, agora já não havia mais água quente. E o meu estômago já não conseguia aguentar mais papas de aveia mornas. Prestei atenção aos meus dedos, colados às costas de Ryder. Estavam sempre enrugados, como pequenas passas secas ao sol.

Ele arquejou de novo, e lá em baixo, na proa, uma mulher oriunda de Peridot, enrolada num espesso mantel de lã, imitou-o. Embora eu tivesse a sorte de não enjoar, o mesmo não se podia dizer dos demais tripulantes. Os sons dos estômagos descompostos, dos vômitos e arquejos, ecoavam dia e noite. Oferecia ajuda a quem podia, mas com a luza reduzida, não havia muito que pudesse fazer.

Apesar disso, não ofereci qualquer ajuda ao Kane.

Vi-o trepar um lança de escadas instável com facilidade um dia após ser perfurado no peito por uma lança de gelo. Ele subia os degraus de dois em dois — ágil, forte, até animado.

No entanto, precisara que eu o curasse naquele dia crítico, na enfermaria de Shadowhold?

Tudo mentiras. Mais e mais mentiras. A minha cabeça enredada nelas.

Esperei que uma onda de medo instintiva me invadissem se pensasse no destino que ele me tinha escondido durante todos aqueles meses. A profecia que previa a minha morte às mãos do seu próprio pai. Ainda assim, não senti nada.

Não sentia nada havia dias.

Após toda uma vida de medo, de lágrimas e de preocupação, agora, era incapaz de invocar qualquer sentimento.

Com uma última golfada, Ryder tombou contra a amurada, a testa vincada pelo metal, e arquejou.

— Acho que foi o resto. Não há mais nada no meu estômago para vomitar. — Quando se reergueu, os seus olhos estavam empapados quer pelo esforço, quer pela chuva.

Franzi o sobrolho.

— Uma bela imagem mental.

O sorriso com o qual me respondeu foi débil.

Mas eu já me tinha afastado para outra época da minha vida. Para a memória de uma lenta noite de outono — silenciosa, a não ser pelo restolhar do vento nas ervas lá fora. Eu estava doente porque tinha comido qualquer coisa estragada — uma consequência da regra do Powell de *não deixar sobras para trás* — e tal como tinha acontecido comigo e com o Ryder naquele convés, a minha mãe afagava-me as costas com movimentos constantes,

acalmando-me enquanto eu me purgava. Podia ter-me curado a mim mesma, contudo, optara por não o fazer. Gostava de tê-la ali, a confortar-me, e de como isso me fazia sentir. Gostava de ter a sua mão no meu ombro, das palavras macias que usava. A Leigh tinha nascido há pouco tempo, e acho que tanto o Ryder como eu sentíamos a falta da atenção da mãe.

Foi algo tão egoísta e infantil de se fazer. Vomitar durante uma hora em vez de curar a minha própria doença, não usar o poder que tinha a sorte de ter só para a manter ao meu lado naquele ar frio da noite, longe do seu novo bebê, do seu marido, e do seu filho — só para a ter ao meu lado.

Mas sabia tão bem ter alguém a cuidar de mim.

E agora...

Agora, adormecia todas as noites a indagar quem tinha sido, na realidade, aquela mulher.

Ter-me-ia encontrado nas ruas?

Teria sido forçada por alguém a criar-me?

E se assim fosse, onde estariam os meus verdadeiros pais? Se fossem Fae, viveriam noutros domínios. Num mundo de terra ressequida e cinzas, governado por um tirano...

— Sentes-te melhor?

Os meus olhos pousaram na Mari, que deambulava numa espessa capa felpuda. Ela revirara o navio na nossa primeira noite e, de alguma forma, conseguira encontrar as peças mais estilizadas. Contudo, nem a pele elegante conseguia esconder a forma como os canudos de cabelo acobreado se colavam à sua face encharcada, ou as gotas geladas que caíam sobre o seu nariz e perto dos seus lábios azulados.

Ao notar a presença da Mari, Ryder endireitou-se e pareceu crescer uns centímetros, descolando as mãos da amurada para as dobrar com confiança à frente do peito.

— Novinho em folha. Mal me sinto doente. — Ele apontou na direção da mulher que ainda continuava dobrada no convés lá em baixo. — Tenho pena é desta gente.

— Ele vomitou tudo o que tinha no estômago — revelei à Mari.

O Ryder olhou para mim, e a Mari dedicou-lhe uma expressão piedosa.

— Lamento ouvir isso. Esta tempestade é impiedosa.

— Sim, bom...

Navegámos por cima de outra onda e o Ryder ficou pálido, agarrando-se à barriga.

— Eu... Eu vou falar com alguém sobre isso. Agora mesmo. — E esquivou-se para a outra ponta do navio e fora da nossa vista.

A Mari arqueou uma sobrancelha na minha direção.

— Falar com alguém... sobre a tempestade?

Abanei a cabeça.

—Ele é demasiado orgulhoso.

— Acho adorável ele se sentir envergonhado. Toma. — Ela tirou um

frasquinho de bronze das saias. — Dá-lhe isto. É Aço do Estômago.

— Outra poção? Isso não é usado para trabalhar nas mortuárias? — Depois de ter lido duas vezes o livro sobre a flora de Evendell da biblioteca de Peridot, comecei a trabalhar nos grimórios de Mari para passar o tempo. Ela já não tinha grande uso para lhes dar, de qualquer das formas. Não agora, que tinha o amuleto.

Apesar da mãe de a Mari ter sido uma bruxa, acabara por falecer durante o parto, o que levava a que a filha não aprendesse a usar a magia de uma forma apropriada. Só quando ela roubou um colar que pertencera a Briar Creighton, supostamente, a bruxa mais poderosa de todos os tempos, é que conseguiu tirar o devido proveito do poder que detinha — e uma boa quantidade dele. Agora, ela fazia magia como e quando lhe apetecia. E o amuleto nunca abandonava o seu pescoço.

Mari deu de ombros, acariciando distraidamente o amuleto violeta que pendia abaixo da sua clavícula.

— Achei que lhe poderia ser útil. Foi fácil de fazer.

O Kane tinha-me dito na Enseada da Sereia que o amuleto não passava de uma mera bugiganga. A Mari não estava a absorver qualquer poder da Briar ou da linhagem dela. Toda a magia que utilizava com tanta facilidade era só sua.

Mas todas as vezes nas quais lhe tentava contar a verdade, encontrava um fosso de apatia no lugar onde a minha ética costumava estar. Não lhe queria mentir, no entanto...

No entanto, pura e simplesmente, não tinha a energia necessária.

Para o que quer que fosse.

— Falaste alguma vez com o Kane durante o dia de hoje? — perguntou-me, agarrando-se com força à amurada quando o navio atravessou outra onda difícil.

Suspirei, um som longo e profundo. Outra coisa que não me via capaz de fazer.

— Não.

— E se houver outra forma? Não foi isso que ele disse?

Ela referia-se à última vez na qual eu e ele tínhamos falado, após a batalha. Após a morte da minha mãe. Após a minha explosão de poder e da carnificina.

Kane havia dito que estava disposto a deixar que todo o continente sucumbisse nas mãos de Lazarus para me salvar da minha sentença de morte. Para ajudar-me a viver a minha vida em paz.

Mas eu não quis que ele o fizesse.

Que tipo de «paz» poderia eu encontrar sabendo quantos sofreriam às mãos de Lazarus se eu me escondesse num lugar qualquer para fugir ao meu destino?

Não o faria. Nunca mais voltaria a acovardar-me.

— Não há nada no qual ele me possa ajudar, a não ser fugir.

Mari franziu os lábios.

— Ele sabe mais acerca desta profecia do que qualquer outro. Podes estar enganada. — Ela franziu o sobrolho, acercando uma mão ao meu ombro, antes de pensar melhor e enrolá-la no pelo da sua capa. — Sei que é inacreditavelmente difícil, e não consigo imaginar como é estar na tua posição, mas podes tentar ter um pouco de esperança?

— Só preciso de sair deste navio — declarei, observando as nuvens densas e obscuras sobre nós.

— Eu sei — ela suspirou. — Esta viagem tem sido miserável.

Mas eu não estava a pensar nem na chuva, nem no frio, nem no vômito. Só em levar a Leigh e o Ryder, sãos e salvos, até Citrine, e a mim mesma para o mais longe possível de Kane. Para um lugar onde pudesse estar sozinha até ser necessária. O cordeiro do sacrifício à espera do momento do abate.

Então, permaneci em silêncio enquanto a chuva chicoteava a minha face, procurando no meu coração por alguma dor perante a empatia de Mari, por esperança, por um mero rasto de medo face ao que o futuro me podia reservar.

Mas não encontrei nada.

Tinha saudades da minha mãe.

Queria ir para casa.

Queria dormir durante muito, muito tempo.

Contents

1.	Ficha Técnica
2.	1
3.	2
4.	3
5.	4
6.	5
7.	6
8.	7
9.	8
10.	9
11.	10
12.	11
13.	12
14.	13
15.	14
16.	15
17.	16
18.	17
19.	18
20.	19
21.	20
22.	21
23.	22
24.	23
25.	24
26.	25
27.	26
28.	27
29.	28
30.	29
31.	30
32.	31
33.	Kane
34.	Agradecimentos
1.	ARWEN

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Acknowledgments](#)